



Berenice Germano

*pelo espírito Irmã Vitória*

ROMANCE MEDIÚNICO

# Sombras de um SEGREDO

Somente o amor a libertaria  
daquelas marcas

VIVALUZ EDITORA

# SOMBRAS DE UM SEGREDO

**Somente o amor a libertaria  
daquelas marcas**

**BERENICE GERMANO**

**PELO ESPÍRITO IRMÃ VITÓRIA**

Uma história de coragem, amor e lealdade.

Neste romance, repleto de ação e mistério, irmã Vitória abre a porta do tempo e nos convida a penetrar a Espanha do século 14. Na região de Castela, ao sul de Madri, em meio a chamas criminosas, a linda e jovem Raquel é arrancada de seu lar e começa uma fuga alucinada para salvar a própria vida. Dom Fernão - um nobre poderoso e enigmático - empreende feroz perseguição, enquanto controla os senhores daquelas terras com ardilosas manipulações, realizando uma verdadeira caça às bruxas.

Fugindo sem descanso, Raquel não entende o que aquele homem tem contra ela. Qual o motivo de tanta hostilidade? O ódio e a violência deixam suas marcas. Contudo, a misericórdia divina é mais forte: no alto de uma colina, ela encontra um milagre, uma porta para a luz.

Através das páginas deste livro, somos convidados a refletir sobre os efeitos nefastos do rancor e do desejo de vingança, que adoecem almas e destroem existências, acarretando dolorosas conseqüências para aqueles que os nutrem.

Diante da vida, a fé firme em Deus sempre será fonte segura de esperança e forças para o espírito.

Somente o amor a libertaria daquelas marcas

\* \* \*

Depois de nos oferecer os romances *Grilhões do Passado*, *Minha Vida pelo seu Perdão* e *Quando É Preciso Partir*, Irmã Vitória nos apresenta ***Sombras de um Segredo***.

Em meio à disputa entre cristãos e muçulmanos pelo domínio da Península Ibérica medieval, encontramos os personagens deste romance travando relações de ódio, lealdade e amor, numa narrativa que emociona.

Hoje, como espíritos encarnados, os seus protagonistas ainda trabalham pelo resgate de suas faltas. Humildes servidores de Jesus, tentam reconstruir e seguir pela vida rumo ao Pai celeste. Aprenderam à custa de muito sofrimento que o perdão é o único caminho para a paz interior.

O livro trata ainda de questões espíritas como a necessidade das reencarnações, a importância da compreensão das leis divinas e da fé para sermos vitoriosos nas provas da vida, o amparo espiritual que chega ao ser em todos os momentos da existência.

*"Fomos criados para evoluir, caminhando para a perfeição rumo ao Criador. Que o façamos agradecendo a misericórdia de Deus e do Mestre Jesus, que desceu dos planos superiores para ensinar o caminho do bem e da verdade a toda a humanidade."*

Depois de nos oferecer os romances *Grilhões do Passado*, *Minha Vida pelo seu Perdão* e *Quando É Preciso Partir*, Irmã Vitória nos apresenta ***Sombras de um Segredo***.

Em meio à disputa entre cristãos e muçulmanos pelo domínio da Península Ibérica medieval, encontramos os personagens deste romance travando relações de ódio, lealdade e amor, numa narrativa que emociona.

Hoje, como espíritos encarnados, os seus protagonistas ainda trabalham pelo resgate de suas faltas. Humildes servidores de Jesus, tentam reconstruir e seguir pela vida rumo ao Pai celeste. Aprenderam à custa de muito sofrimento que o perdão é o único caminho para a paz interior.

O livro trata ainda de questões espíritas como a necessidade das reencarnações, a importância da compreensão das leis divinas e da fé para sermos vitoriosos nas provas da vida, o amparo espiritual que chega ao ser em todos os momentos da existência.

*"Fomos criados para evoluir, caminhando para a perfeição rumo ao Criador. Que o façamos agradecendo a misericórdia de Deus e do Mestre Jesus, que desceu dos planos superiores para ensinar o caminho do bem e da verdade a toda a humanidade."*



Berenice Germano nasceu em São Paulo, em 6 de junho de 1952. Suas aptidões mediúnicas de clarividência e audição afloraram aos dezoito anos, quando viu um espírito no quarto de seus pais, sendo que até aquele momento desconhecia o Espiritismo. Essas visões se tornaram constantes e despertaram o seu interesse em saber mais sobre os princípios espíritas.

Há alguns anos se dedicando ao estudo da Doutrina Espírita, vem agora nos brindar com mais este belo romance mediúnico de autoria de Irmã Vitória, com quem também escreveu os romances espíritas já publicados: *Grilhões do Passado*, *Minha Vida pelo seu Perdão* e *Quando É Preciso Partir*. Com Bento José, psicografou a coleção *As Aventuras da Gotinha Dourada*, composta de dez livros destinados ao público infantil.

Desde 1978 Berenice frequenta o Grupo Espírita Casa do Caminho, na cidade de São Paulo, para o qual são cedidos os direitos autorais dos romances que psicografou.



**ROMANCE MEDIÚNICO**

**Sombras de um**

**SEGREDO**

**Berenice Germano**

**pelo espírito Irmã Vitória**



# APRESENTAÇÃO

IRMÃ VITÓRIA ABRE A porta do tempo e nos convida a penetrar a Espanha do século XIV, numa história de amor e ódio, marcada por guerras, credices e fanatismo religioso.

Para nos situarmos melhor na época em que se desenrola a trama, algumas informações se fazem necessárias.

Os árabes invadiram a Península Ibérica em 711. A tomada foi rápida, audaciosa e teve certa facilidade devido ao estado de decadência em que se encontrava o reino visigodo. A Espanha nasceu da reconquista a partir do século XI. Como aquela área da ocupação islâmica logo entrou em crise, os cristãos aproveitaram e intensificaram a luta - que não cessara desde o século VIII com a invasão árabe.

Pbi ao longo dos avanços e recuos desse período conturbado que se formaram reinos ibéricos como Astúrias, Leão, Castela, Portugal e outros. Até a metade do século XV, foram frequentes os choques pela delimitação das fronteiras entre Portugal e Castela, ou entre Castela e Aragão.

Em 1469, Fernando, herdeiro do trono de Aragão, casou-se com Isabel, que herdaria o reino de Castela. Essa união permitiu a centralização do poder na Espanha e finalmente, em 1492, foi conquistado o reino de Granada, último baluarte muçulmano na Península Ibérica.

Nossa história se passa na primeira metade do século XIV, na região de Castela, que tinha como principal centro a cidade de Toledo, 73 quilômetros ao sul de Madri. Mesmo após a recuperação definitiva pelos cristãos, que expulsaram os árabes em 1085, persistiram traços da arquitetura muçulmana espalhados por toda a cidade.

O castelo da Mota, onde transcorrem os episódios essenciais do romance, é o maior da Espanha e o mais expressivo dos muitos edifícios históricos da cidade de Medina do Campo, localizada 160 qui-

lômetros a noroeste de Madri. A cidade foi repovoada entre os anos de 1070 e 1080, com a formação da vila então conhecida como "A Mota", que significa pequeno monte. No começo do século XIV era ainda uma vila inexpressiva, apenas uma encruzilhada de vários caminhos onde vendedores mostravam suas mercadorias aos viajantes.

É nesse cenário medieval que os nossos personagens travam relações de ódio, vingança e amor, numa mistura de sentimentos que emociona. Uma narrativa envolvente, cheia de ação e mistério, prende a atenção do leitor do princípio ao fim do romance.

## ÍNDICE

1. A FUGA
2. SEM TRÉGUA
3. ENTRE AMIGOS
4. MISTÉRIO E CRUELDADE
5. OS CASTELÕES
6. PREMONIÇÕES
7. PRESENÇA INDESEJÁVEL
8. OS DISFARCES
9. VOLTA AO LAR
10. A ESPIÃ
11. CALÚNIAS
12. UM AMOR IMPOSSÍVEL
13. UNIÃO FAMILIAR
14. PROBLEMA AFASTADO
15. NOVOS PLANOS
16. SEGREDOS

17. O SOCORRO
18. ABRIGO SEGURO
19. NOTÍCIAS
20. SOB TORTURA
21. MISSÃO DE CARIDADE
22. DECISÕES NECESSÁRIAS
23. REVELAÇÕES
24. SACRIFÍCIO
25. O VALE
26. PROVA DE FIDELIDADE
27. REENCONTRO
28. NO CAMPO DE BATALHA
29. UMA CÚMPLICE
30. O CERCO SE FECHA
31. A CAPTURA
32. A VINGANÇA
33. RESGATE PELO AMOR
34. UMA RAZÃO DE VIDA
35. PROMESSA CUMPRIDA
36. RECUPERAÇÃO
37. APRENDIZADO QUE SEGUE
38. A DOR DO REMORSO
39. TEMPO DE REFLEXÃO



# 1. A FUGA

CORRIA O FINAL DO verão do ano de 1336 da era cristã. Na imensa planície a centro- oeste do que hoje é a Espanha se erguiam as majestosas torres do castelo da Mota. Do alto dos muros, um homem observava atentamente a movimentação da vila vizinha, que um grande incêndio deixara praticamente destruída. Densa fumaça subia, escurecendo ainda mais a visão dos que tentavam locomover-se entre as ruínas das casas que restavam de Medina do Campo. No meio da tarde, dom Fernão resolvera sair do castelo e certificar-se pessoalmente da dimensão do desastre.

Na vila devastada, choro e lamentos eram ouvidos por toda parte. Corpos jaziam queimados em algumas habitações. Por motivos inexplicáveis, o incêndio tivera vários focos ao mesmo tempo e com rapidez alcançara quase tudo, pegando a todos de surpresa enquanto dormiam.

Fernão, homem de meia-idade e braço direito do castelão dono das terras, andava lentamente para inteirar-se dos fatos com detalhes. De maneira sutil, opinava solene sobre tudo, mostrando muito interesse. Caminhou até a morada do judeu Jacó e de sua filha Raquel, a única que não fora atingida pelo fogo. O velho judeu estava assustado e exausto, pois passara a noite procurando auxiliar os vizinhos.

- Boa tarde - disse o recém-chegado com ar irônico. - Parece que sua casa foi a única a salvar-se do incêndio!

- Senhor, estou muito cansado - o homem respondeu humildemente. - Estive a noite inteira ajudando a apagar o fogo, que se propagou muito depressa, e sou agradecido a Deus por ter poupado a mim e minha filha de tal desgraça.

Fernão soltou uma gargalhada, enquanto passava a mão na barba grisalha.

- Meu caro amigo, foram você e sua filha que atearam fogo na vila! E quando esta notícia se espalhar, certamente não terão a misericórdia desses ignorantes.

O suor corria abundante pelo rosto abatido de Jacó. O pobre homem ajoelhou-se, pedindo com as mãos postas:

- Por favor, dom Fernão, não diga essa mentira aos aldeões. Este pobre velho nunca faria isso.

A resposta veio cheia de desprezo:

- Ora, judeu, eu avisei para não se meter em minha vida; quem se recusa a cooperar comigo e sabe demais é meu inimigo, e é assim que o trato. Quero que vocês tenham o que merecem, por não estarem do meu lado. Quem me atrapalha, deve morrer.

Jacó tentava beijar-lhe os pés, implorando piedade.

- Senhor, não posso fazer o que me pede, mas juro em nome de Deus que nunca vou prejudicá-lo. Só o que quero é viver em paz com minha filha.

A sagacidade aumentava no rosto de dom Fernão, a cada palavra pronunciada pelo outro.

- Há muito tempo os aldeões desconfiam que você é um bruxo, e agora, depois desse sacrilégio, terão certeza. Os meus homens de confiança já estão espalhando os boatos. A vila vai queimar mais uma vez, com os seus corpos na fogueira.

Sem mais palavras, ele saiu a gargalhar.

Os aldeões continuavam muito ocupados tentando salvar alguma coisa ou atendendo os seus feridos. Jacó aproveitou o aturdimento geral para atrelar seu cavalo à carroça, apanhar o indispensável e sair com a filha o mais discretamente possível. Sabia muito bem o que fatalmente aconteceria se ficasse na região, apesar de todos os benefícios que trouxera para aquela gente.

Indizível tristeza lhe dominou o coração. Lembrou-se da companheira que deixara ali enterrada, de seus amigos e de tudo de bom e de ruim de seus 25 anos vividos naquele pedaço de chão. Muitas crianças tinham vindo ao mundo graças a ele e a sua esposa

- inclusive os filhos da condessa, dona do castelo. E incontáveis haviam sido as noites em que tivera de socorrer pessoas que batiam na sua pobre casa, pedindo remédio para diferentes males. Suas poções eram tão conhecidas que atraíam habitantes de regiões distantes. Agora teria de começar tudo de novo numa terra estranha. Estava velho, não tinha mais idade para passar por aventuras.

A chuva grossa que caía sem cessar o impedia de conduzir o animal com agilidade. Era sobre-humano andar na estrada com aquele tempo, mas guiado pela intuição Jacó afastava-se cada vez mais da vila. Chegada a noite os dois se acomodaram na carroça, esperando o alvorecer.

Finalmente amanheceu, e o sol atravessou as últimas nuvens que ainda o encobriam. Tão logo raiou o novo dia, Jacó e a filha se puseram a caminho. O medo dominava aquelas criaturas que seguiam mudas, sem sequer se alimentar; ignoravam o cansaço, exigindo muito do cavalo. Após um percurso de longas horas, a exaustão os venceu e Jacó decidiu parar. Raquel foi a primeira a quebrar o silêncio:

- Pai, não deveríamos parar; precisamos ir em frente, andamos muito pouco por causa da chuva. Logo perceberão a nossa ausência e, com cavalos velozes, facilmente nos alcançarão.

Sua voz era doce e pausada. A jovem de dezesseis anos tinha admirável beleza e temperamento suave e gentil. Seus cabelos castanhos quase loiros emolduravam o rosto levemente arredondado, de tez clara e macia, com olhos de um azul límpido e boca bem feita de lábios carmim. Raquel era uma flor, delicada e suave. Jacó olhou-a com imenso carinho.

- Minha filha, nosso cavalo não vai suportar mais, está esgotado. Devemos descansar. Vamos confiar em Deus, ele nos protegerá.

Na vila, superado o primeiro impacto, os aldeões enterraram seus mortos. Dom Fernão estivera muito ocupado e não mais procurara Jacó. No entanto, encarregara seus homens de espalhar boatos de

que o velho era um bruxo e queimar suas pobres casas fazia parte de um ritual, deixando todos perplexos e mais revoltados.

No meio da tarde, Tadeu, homem de sua confiança, conseguiu juntar um grupo para ir até a casa do judeu. Depois de examinarem a pequena habitação, constataram a fuga e assim puderam comprovar sua culpa. Houve então novo alvoroço, e dom Fernão reuniu alguns homens para capturar os dois. A ordem era trazê-los vivos ou mortos.

Uma vez escolhidos os melhores homens e cavalos, não seria difícil seguir a trilha da carroça. Enfurecidos e ignorantes, imaginavam que todas as desgraças sucedidas teriam por culpado o velho e bom Jacó. Como já estava escurecendo, resolveram dar início às buscas no dia seguinte, logo cedo.

Desse modo, Raquel e o pai tomaram larga distância. Ele divisou uma luz prateada no horizonte e pensou estar diante de um sinal divino, o que o levou a mudar de rumo.

- Por que estamos mudando o caminho? - a moça indagou. -Esta estrada é muito pior e a próxima vila deve ficar muito longe.

- Tenho a intuição de que devemos ir por aqui. Deus está nos guiando.

Por sua bondade e generosidade para com todos, Jacó atraiu espíritos bons que o orientavam através de seus dons mediúnicos. Lidava com a mediunidade dentro dos conceitos e instruções religiosas que pudera receber na época em que vivia; assim, muitas vezes interpretava fenômenos da natureza como sinais de Deus e acreditava que todos os espíritos protetores eram anjos enviados dos céus. Não obstante, numerosas curas que conseguia vinham de seus conhecimentos sobre ervas e da inspiração dos amigos espirituais. Por ser um homem místico, e contemporâneo de criaturas extremamente supersticiosas, não raro suas intuições e as curas que obtinha eram encaradas como bruxaria.

Aquelas duas almas aflitas ficaram em silêncio. Não tardaria a escurecer e era necessário achar um abrigo para passarem a noite.

Jacó dispunha de poucos recursos, porém ao avistar uma taberna à beira da estrada para lá se dirigiu.

O lugar era sujo e malcheiroso; o dono, baixo e gordo, exibia uma enorme cicatriz no rosto, que deixava um dos olhos praticamente fechado. Alguns homens sentados a uma mesa rústica bebiam e cantarolavam cantigas com palavras obscenas. O velho deteve o cavalo e entrou, enquanto Raquel permanecia na carroça.

- Boa tarde, senhor. Estou viajando com minha filha. Nós e meu cavalo precisamos de repouso. Gostaríamos de pernoitar aqui.

O homem levantou a cabeça e voltou para ele os olhos e o rosto esfogueados pelo vinho consumido:

- Tenho um quarto lá nos fundos, e o pagamento é adiantado. São três moedas.

Jacó carregava um saquinho amarrado à cintura; tirou o dinheiro e pagou pela hospedagem. Foi até a carroça, desatrelou o animal e tentaram, ele e a filha, acomodar-se no quartinho escuro e sujo.

Raquel tratou de melhorar como pôde a limpeza do ambiente. Quando chegou a noite, os dois estavam tão cansados que adormeceram quase imediatamente.

Um dos homens do grupo sentado à mesa não estava tão bêbado quanto os outros e, ao observá-los desacordados, levantou-se, esgueirou-se pela lateral e foi até a cocheira; voltando com o cavalo de Jacó, entrou sorrateiro no pequeno cômodo, pegou a bolsa de moedas e saiu a galopar velozmente.

O dia nascera bonito. O sol e os pássaros brindavam a manhã com raios e cantos já às seis horas. Jacó levantou-se e chamou a filha; tinham de retornar à estrada. Foi até a cocheira buscar o cavalo, e não o encontrando procurou nas imediações. Sem sorte, foi até o proprietário, que ocupava um quarto acoplado à taberna. O homem, ainda sob o efeito do vinho, não conseguiu acordar.

Raquel, ao arrumar seus poucos pertences, notou a falta da bolsa de moedas. Quando o pai entrou e contou sobre o sumiço do cavalo, os dois se sentaram na cama suja e caíram num choro convulsivo.

Vencido o desespero dos primeiros instantes, Jacó se pôs a andar pelo quarto, repetindo um canto que mais parecia um lamento.

A jovem foi falar com o taberneiro, que, depois de algumas horas, acabara por libertar-se da bebedeira afundando o rosto em nova caneca de vinho. Ele a olhava com cobiça; não se recordava de ter visto moça tão linda.

- Minha menina, não sou responsável por seus pertences; não tenho culpa se seu cavalo e seu dinheiro desapareceram. Seu pai apenas pagou pela estada da noite.

Raquel tirou da cintura um anel de ouro cravejado de pequenos brilhantes e estendeu a mão.

- Senhor, este anel pertenceu à minha mãe e dela o recebi na hora de sua morte; é a única lembrança de minha querida. Estamos viajando para Sevilha, no sul, onde vivem parentes que nos darão abrigo, e necessitamos de um cavalo. Perdemos tudo em um incêndio e este anel é só o que me resta. Tem muito valor, por isso o animal e algum mantimento ficarão bem pagos.

O homem, sem afastar dela os olhos miúdos, pegou o anel para examinar.

- Não entendo nada de jóias, mas me parece de muito valor. Como você é uma jovem de formosura sem igual, eu lhe darei o cavalo.

- O anel vale muito mais, senhor; precisamos de provisões para chegar ao nosso destino.

O belo rosto, emoldurado de candura, e a doçura da voz tocaram aquele coração embrutecido.

- Está bem, menina, arrumo meu melhor cavalo e uns mantimentos para que completem a viagem.

Raquel abriu um sorriso encantador, que pôs à mostra uma carreira de dentes alinhados e alvos, fazendo o taberneiro pensar: "Se acreditasse em anjos, diria que essa jovem caiu do céu". Foi até o celeiro, escolheu seu melhor cavalo, que atrelou à carroça, pegou alguns mantimentos e também algumas mantas e voltou para junto dela.

- As noites são frias e não encontrarão mais nenhum abrigo. Procurem lugares longe da estrada para pernoitar, pois os ladrões estão sempre espreitando.

A seguir baixou a cabeça, fitou o anel no dedo e, num gesto rápido, tirou-o e o devolveu.

- Acho que não fica bonito em minha mão. Combina muito melhor na sua. E, pensando bem, talvez ainda venha a precisar de mais dele, menina! Vá andando, antes que eu me arrependa!

Jacó prosseguia com sua oração em forma de lamento. Raquel ajeitou-o na carroça e virou-se para o homem da taberna.

- Senhor, não tenho como agradecer-lhe. Que Deus o proteja e lhe dê em dobro o que nos deu.

Num gesto de humildade, desceu da carroça e lhe beijou as mãos. Subiu de novo, decidida, e saiu com rapidez.

O taberneiro sentia-se enfeitiçado. Jamais tivera, em toda a vida, um gesto de caridade com ninguém. Confuso, perguntava-se por que tinha feito tal coisa. Depois de algum tempo teria raiva de si mesmo. Afinal, dispusera de um bom animal e de mantimentos por um belo sorriso e um gesto de agradecimento.

Raquel e o pai ganharam boa distância sem demora. Jacó permanecia em prece, enquanto a jovem dirigia a carroça com presteza.

## **2. SEM TRÉGUA**

Os PERSEGUIDORES CONTINUAVAM NO encalço dos dois, com fúria crescente. Sabiam que eram mais velozes e estavam convencidos de que em poucas horas capturariam os bruxos, como os consideravam.

Em certo ponto, Fernão optara por dividir o grupo, pois havia dois caminhos e ele logo imaginou que para despistá-los talvez o velho tivesse escolhido o mais difícil. Os homens que o acompanhavam apearam das montarias defronte à taberna. O chefe entrou com ar de superioridade e desconfiança.

- Boa tarde, senhor. Queremos o que tem de melhor para beber e alguma coisa para matar a fome.

Ruivo, o proprietário, trouxe canecos e uma jarra de vinho, alguns pães e aves assadas. Os homens comeram e beberam com voracidade. Terminada a refeição, o chefe aproximou-se do taberneiro.

- Senhor, estamos à procura de um velho judeu de pouca estatura, barbas e cabelos brancos, fala carregada e olhos brilhantes, e de sua filha de nome Raquel, moça de dezesseis anos, cabelos compridos alourados e muito bonita; é impossível passar sem ser notada.

A princípio Ruivo se fez de rogado; tentou sair do assunto, dizendo não se lembrar de pessoas com tais características. O outro, homem sagaz, logo notou que havia algum fato a ser contado. Com um gesto de ironia, exclamou:

- Talvez umas moedas possam aguçar sua memória!

O interpelado coçou a barba e recordou o cavalo, os mantimentos e a manta que tinha perdido.

- Estou pensando, senhor. Mas, afinal, o que fizeram tais criaturas para serem procuradas com tanto empenho?

Dom Fernão o olhou com ar de mistério, querendo dar maior impacto às palavras:

- Ora, meu caro, são bruxos, tanto ela como o velho pai. Embora pareçam inofensivos, provocaram um grande incêndio na nossa vila, Medina do Campo, vizinha ao castelo do conde dom Felipe, levando à morte vários de nossos aldeões. E necessário apanhá-los e queimá-los vivos para pôr fim às suas bruxarias.

O taberneiro, muito supersticioso, sentiu toda a sua estrutura emocional abalada. Ficou arrepiado, enorme calafrio o percorreu dos pés à cabeça. Admitiu que Raquel o enfeitiçara: só uma bruxa

poderia tê-lo induzido a dar algo de seu, sem nenhuma recompensa. Fernão percebeu o reflexo de suas palavras no homem, além de saber da sua fama de ganancioso. Enfiou a mão na bolsa de moedas, fazendo barulho.

- Ouça, posso oferecer-lhe um bom punhado de moedas se soltar a língua.

Ruivo tornou a pensar no valor do cavalo e de tudo o mais que Raquel levava.

- Senhor, eu acho que vi essa gente, só não tenho certeza.

O inquiridor tirou da bolsa dez moedas, que colocou sobre a mesa.

Ruivo olhou, ainda se fazendo de rogado:

- Parece que minha memória está voltando, porém me faltam alguns detalhes.

Mais cinco moedas foram tiradas da bolsa.

- Minha memória voltou - disse o cínico com um sorriso. -Eles estiveram aqui ontem à noite; contaram ter parentes no sul, na cidade de Sevilha, e é para lá que estão rumando. Saíram perto das nove da manhã. Os mantimentos mal davam para chegarem ao meio do caminho. Estão sem dinheiro, o pouco que traziam foi roubado.

Os olhos de Fernão brilharam. Na verdade ele não tinha dúvida de que faltavam poucas horas para alcançar aquele velho e sua filha.

- Senhor Ruivo, agradeço por suas informações; foram de muita valia. Saiba que é autor de um grande feito. Prenderemos aqueles dois bruxos perigosos.

O homem arregalou os olhos.

- Eu tremo só de pensar que tais criaturas estiveram aqui, alojados em minha humilde taberna.

O perseguidor e seus comandados pegaram os cavalos e voltaram para a estrada, em busca frenética.

Enquanto isso, Raquel forçava a velocidade, nos lugares melhores do trajeto. O velho semita, no canto da carroça, seguia com suas orações e, mesmo aparentando estar alheio a tudo que ocorria ao redor, em dado momento alertou:

- Filha, ouço o galope. Eles estão logo atrás de nós; são cinco homens, além de dom Fernão. Se nos alcançarem, não teremos nenhuma chance.

A jovem chicoteou o animal, na tentativa de fazê-lo correr mais. Jacó veio acomodar-se junto dela, para orientá-la.

- Não adianta, temos de achar algum lugar para nos esconder. Contudo, Raquel continuava a exigir o máximo do cavalo.

- Como, pai? Onde poderemos nos esconder? Estamos perdidos!

Ele apontou para a esquerda.

- Vamos, filha, eu conheço uma trilha após aquelas árvores; vamos encontrar uma espécie de gruta que nos abrigará durante a noite, que não tarda. O Senhor vai ouvir as minhas preces. Estou certo de que não nos desampará em hora tão difícil.

- Graças a Deus que pelo menos um de nós tem muita fé - disse ela, sorrindo. - Se dependesse de mim, seríamos inevitavelmente apanhados.

O pai parecia não mais ouvi-la. De olhos cerrados, retomou seu murmúrio. Decorridos dez minutos, abriu-os para declarar:

- Vamos deixar a carroça aqui, coberta de mato; apagaremos suas marcas e faremos o resto do percurso a pé. Conheço muito bem a região, e vamos esperar que dom Fernão se canse de nos procurar. Confiemos na misericórdia divina.

Caminharam mato adentro tratando de apagar as pegadas, até que localizaram uma pequena abertura nas pedras, onde conseguiram ajeitar-se com o cavalo. Jacó verificou se estavam realmente ocultos.

- Minha filha, em poucos minutos deverá anoitecer. Oremos para que Deus tenha piedade de nós e dom Fernão não nos descubra.

As duas criaturas ficaram caladas, confiantes na misericórdia do Pai.

Os homens cavalgavam rapidamente. Sabiam que estavam prestes a capturar os fugitivos. Não demorou muito para identificarem os rastros da carroça, que de repente desapareciam, para reaparecer

adiante, até que sumiram totalmente. Os perseguidores pararam, desconcertados:

- Aquele velho bruxo nos enganou - dom Fernão resmungou entre os dentes. - As marcas se apagaram como por encanto.

Pedro, que participava do grupo, coçou a barba grisalha.

- Ele pode ser muito esperto, mas nós somos mais. A despeito da ausência de rastros, seremos capazes de descobrir onde estão escondidos; afinal, um velho e uma menina não podem ir muito longe nestes matos.

Deram a volta, tentando visualizar novas marcas da carroça, porém voltaram ao mesmo lugar. Não havia nenhum vestígio.

- Não é possível, dom Fernão - Pedro insistia na busca de sinais. - Neste trecho não dá para sair da estrada; a trilha é tão ruim que não passa nenhuma carroça.

- E coisa daquele bruxo - um dos homens falou atemorizado. - Talvez tenha se tornado invisível, ou esteja atrás de alguma árvore pronto a nos atacar.

- Deixemos de besteiras - sentenciou o chefe em tom autoritário. - Aquele velho é muito esperto; escondeu a carroça porque sabia que o acharíamos.

- Para mim o velho Jacó é um grande bruxo - ao dizer isso, outro membro do grupo protegeu-se atrás do cavalo.

Enquanto havia uma pequena fagulha de sol, dom Fernão e seus homens procuraram exaustivamente por todos os arredores. Quando anoiteceu, acenderam uma fogueira.

-Amanhã retomaremos as buscas - ele afirmou, contrariado. -Os dois não vão escapar, ainda que sejam bruxos!

Todos faziam o sinal da cruz a cada vez que ele mencionava os fugitivos. O que mais desejavam era encerrar aquilo e regressar para a vila.

Aquele homem cruel não ignorava que Jacó trouxera muitos benefícios aos aldeões, a quem dedicara longos anos de sua vida, e que até mesmo os senhores do castelo haviam sido muito favoreci-

dos por sua bondade. Todavia, era fácil colocar ideias errôneas na cabeça de criaturas tão supersticiosas.

Ele, por outro lado, nada tinha de supersticioso. Era duro, frio e calculista; só tinha em mente atingir os seus objetivos e para isso não media esforços.

Seus homens estavam assustados e qualquer barulho no mato os fazia estremecer. Seria impraticável mantê-los mais uma noite dormindo no mato; o medo tinha tomado conta do grupo, e por mais que vasculhassem não descobriam a mínima pista dos fugitivos.

O próprio dom Fernão convencera-se de que algo de sobrenatural sucedera e de que teria de suspender as buscas. Convicto de que Jacó e a filha se dirigiam para Sevilha, mandou um mensageiro até o sul; tinha conhecidos na cidade, que poderiam informar-lhe se os dois aparecessem por lá.

### **3. ENTRE AMIGOS**

RAQUEL E JACÓ FICARAM dois dias e duas noites ocultos na pequena gruta.

- Filha, enfim poderemos sair, o perigo maior já passou; agora tomaremos outro rumo. Se formos para Sevilha como planejávamos, correremos perigo de ser apanhados. Vamos seguir a direção do vento e acharemos um local seguro.

Então pegaram seus parcos pertences e o cavalo e seguiram ora a pé, ora montados. Andaram o dia todo; finalmente avistaram uma pequena casa de pedra a alguns metros da estrada. Uma senhora, aparentando cerca de quarenta anos, apanhava água de um córrego

a uns cinquenta metros da casa. Jacó apeou e aproximou-se, dirigindo-lhe a palavra:

- Boa tarde. Que Deus esteja com a senhora!

- Boa tarde, senhor; eu lhe desejo o mesmo.

Ele baixou os olhos, falando com muita humildade:

- Eu e minha filha caminhamos muitas léguas, estamos exaustos e famintos. Não temos nada para dar em forma de pagamento e pedimos a sua ajuda. Certamente o Senhor saberá recompensá-la.

A mulher respondeu, com o olhar no chão:

- Sou pobre, mas vocês podem contar com um teto por esta noite e um pedaço de pão.

Raquel desceu do cavalo e beijou-lhe as mãos calejadas. Ela e o pai ajudaram a mulher, Teresa, a encher as vasilhas com água e carregaram tudo para a casa.

- Gostaríamos de oferecer nossos préstimos e assim retribuir sua gentil hospedagem. Estamos a caminho do sul, onde temos parentes. Houve um incêndio na nossa vila e perdemos tudo; só nos restou tentar a vida em outro lugar.

Tais palavras vieram de Raquel, ditas de maneira suave e gentil. Teresa sentiu-se tocada por um bom sentimento pela jovem, que parecia cansada e muito assustada.

- Ora, doce menina, podem ficar em minha pobre morada o quanto for necessário para o refazimento de seu velho pai, que dá a impressão de estar exausto.

A casa modesta e rústicamente mobiliada tinha na sala uma lareira, algumas cadeiras e no canto uma mesa com um jarro; além disso havia dois quartos com poucos móveis: duas camas, um guarda-roupa e um criado-mudo.

Um rapaz alto e magro, de tez morena e olhos grandes, aparentando vinte anos, estava sentado na sala, junto à lareira. Ao perceber as visitas, espantou-se e de imediato se ergueu. Teresa o acalmou, apresentando Raquel e o pai.

- Este é meu filho José. Ele quase não fala e tem dificuldade de raciocínio. Já nasceu deficiente. Na verdade, é um eterno menino; não é capaz de fazer mal a ninguém. E minha única alegria nesta vida e meu único companheiro desde que meu marido morreu.

O olhar inquieto do rapaz fixou-se primeiro em Jacó, examinando-o de cima a baixo; depois voltou-se para Raquel, expressando medo e curiosidade. Com muito esforço ele perguntou:

- Mãe, essas pessoas vão ficar? Não vão bater em nós, nem tirar as nossas coisas?

Teresa segurou suas mãos para tranquilizá-lo.

- Não, filho, eles são gente boa. Estão com fome e cansados; só estão de passagem e logo irão embora.

Olhando para Jacó, explicou:

- Nós não estamos acostumados com visitas e já tivemos algumas surpresas desagradáveis.

Naquele dia a viúva preparou uma boa sopa com pedaços de pão, que trouxe uma sensação de bem-estar aos viajantes famintos. Raquel ajudou a tirar a mesa, recolhendo a louça. Em seguida foi até um saco de pano azul, que conservara durante toda a viagem, e dali tirou um instrumento musical de cordas, uma cítara.

Entardecia e o sol espalhava seus últimos raios sobre a vegetação, dando uma cor dourada à paisagem. Raquel sentou-se na soleira da porta, dedilhando o instrumento, do qual tirava um som agudo e triste. Naquele instante, lembrou-se da mãe que ficara em terra longínqua; sentiu a dor da saudade e pensou em quanto gostaria que ela estivesse ali. Solto a voz melodiosa, entoando uma velha canção judaica, ensinada pela mãe quando era ainda bem menina. Colocou na voz todo o seu sentimento.

Jacó enxugava as lágrimas furtivas que lhe escorriam pelo rosto enrugado. A viúva Teresa, abraçada ao filho, deixava-se levar pela música, recordando o marido. Raquel conseguira criar um momento mágico para todos.

A canção falava da saudade do povo judeu do seu solo distante, da vontade de um dia poder retornar à terra dada por Deus a Abraão e sua descendência. Falava da tristeza de um povo que ama o lugar onde nasceu, mas tem de viver fora dele, perseguido, andando de um lado para outro, sempre como estrangeiro.

A entonação de tristeza e saudade revelava o que ia no coração de Raquel e era a característica da música. Terminada a canção, os grandes olhos azuis nublaram-se de lágrimas e imprimiu-se naquele rosto jovem todo o sofrimento que lhe ia na alma. Teresa, também emocionada e incapaz de dizer uma só palavra, ficou ali enlaçada ao filho. José levantou-se, foi até a soleira e sentou-se junto a Raquel.

- Moça, cante mais. Sua voz entra aqui no meu peito e me traz a lembrança de papai, de um tempo em que vivíamos muito contentes.

Ela pousou a mão delicada no braço do rapaz e com um lindo sorriso disse:

- Caro José, cantarei quantas vezes você quiser ouvir. Agora, porém, prefiro uma que alegre seu coração.

Depois novamente a cítara no colo e a fez emitir um som mais animado. Sua voz quase em sussurro falava de Deus, de sua grandeza e sua bondade.

No final José bateu palmas, entusiasmado. Teresa ficou comovida; fazia muito tempo que não o via tão feliz e descontraído. Correu a abraçar Raquel.

- Querida filha, você trouxe hoje a esta casa uma alegria que há muito não tínhamos. Sejam bem-vindos. Quero que fiquem o quanto precisarem.

Com o passar dos dias o rapaz foi se acostumando à presença dos dois estranhos, e logo a jovem conquistou a sua confiança, graças à meiguice e à candura que lhe eram peculiares. Em poucos dias os hóspedes estavam totalmente integrados à rotina local. Jacó ajudava a tratar dos animais, das verduras e dos legumes, enquanto Teresa ia vender os produtos na cidade mais próxima. Raquel cuidava da

casa e da comida, acompanhada de José, que sempre queria fazer pequenos serviços. A viúva não sentia mais tristeza, os novos amigos preenchiam seu mundo antes vazio. A produção aumentou e o ganho também, proporcionando uma vida melhor ao grupo.

O velho judeu e sua filha estavam tão bem acolhidos e escondidos que resolveram prolongar sua estada. Teresa adivinhou que havia na vida dos dois algum problema que ocultavam. Percebia que temiam expor-se, pois não iam à vila nem para ajudá-la a vender as frutas e verduras. Vendo-os sempre apreensivos com qualquer barulho em volta da casa, mantivera sigilo absoluto sobre o fato de ter dois hóspedes.

Numa tarde, enquanto a sitiante vendia seus produtos, uma amiga comentou que um velho bruxo e sua bela filha estavam sendo procurados e que haviam desaparecido como o vento. Mencionava barbaridades ocorridas na vila de onde viera Jacó; de boca em boca, os boatos cresciam. A viúva, amedrontada, pensou muito em que tipo de gente estaria abrigando. Mas como poderiam aquelas criaturas gentis e boas estar ligadas a tanta maldade, como diziam? O senhor Jacó era muito pacato e Raquel, com sua beleza e suas músicas, operara um verdadeiro milagre em seu filho José.

O rapaz não ficava mais resmungando nos cantos; ajudava Jacó no trato com os animais, colaborava com Raquel e a mãe nos afazeres domésticos. E conseguia sorrir como nunca tinha feito na vida.

Com a cabeça tumultuada de tanto refletir, Teresa recolheu seu cesto com o resto de verduras, colocou-o na carroça e tomou o caminho de casa com uma resolução: Jacó teria de explicar toda aquela história. Quando chegou ao sítio, ouviu uma cantarola que vinha da cozinha. Raquel e José brincavam como crianças em torno das panelas fumegantes no fogão. Com a entrada antecipada da mulher, a moça ficou envergonhada:

- Dona Teresa, desculpe-me! Não notei o tempo passar, a nossa refeição ainda não está pronta. A senhora deve estar morrendo de fome!

- Não estou com fome - ela olhou para as panelas que ferviam. - Hoje decidi vir mais cedo; estou com dor de cabeça e preciso tratar de alguns assuntos com seu pai. E, Raquel, é muito perigoso deixar José perto demais das panelas fervendo desse jeito.

Com um gesto carinhoso, a jovem pegou a mão do rapaz.

- Eu não deixo, dona Teresa, ele só está me fazendo companhia. Cantávamos uma velha canção que lhe ensinei.

José começou a cantarolar para a mãe feito um menino feliz, e Teresa comoveu-se com tal atitude. Nunca o tinha visto tão sadio.

A viúva caminhou até o estábulo com o pensamento no filho. Encontrou Jacó recolhendo os animais e abastecendo os cochos.

- Boa tarde, senhor Jacó - falou com voz grave. - Vejo que já recolheu os animais.

O velho virou a cabeça, surpreso.

- Desculpe, dona Teresa, não tinha percebido sua presença, estava distraído. Olhei para o céu e vi as nuvens carregadas. Acho que esta noite deverá chover, então achei melhor recolher os bichinhos mais cedo. E a senhora, também voltou mais cedo pelo mesmo motivo?

- Não, meu amigo. É que ouvi tantas coisas hoje que fiquei apreensiva, não tive mais condição de trabalhar. Senhor Jacó, apesar de ser uma mulher do povo, sou capaz de pensar e de analisar o que existe ao meu redor. Gosto de sinceridade e transparência em tudo na minha vida. De onde vêm o senhor e sua filha e por que estão fugindo?

Ele empalideceu; não esperava uma pergunta tão objetiva. Ficou desconcertado e respondeu titubeante:

- É uma longa história. Não sei se gostaria de ouvir.

A mulher arrumou um toco de madeira, acomodando-se.

- Eu estou certa de que quero ouvir sua história, com todos os detalhes, para poder sossegar minha cabeça e meus nervos, porque se o senhor não me contar terei de pedir que saiam de minha propriedade amanhã logo cedo.

O judeu coçou a barba branca e buscou um canto para sentar-se.

- Vou contar com detalhes por que dom Fernão nos persegue implacavelmente.

Relatou o que acontecera, tomado pela sensação de que parecia não haver lugar no mundo para se esconderem. Enquanto falava, enxugava as lágrimas que teimavam em descer pelo rosto enrugado.

Teresa emocionou-se com a história, seu coração sentiu a sinceridade que ia naquelas palavras. Considerou toda a alegria que haviam trazido para sua humilde casa e admitiu que se os mandasse embora seria mais injusta e ignorante que os aldeões que os perseguiram. Então estendeu as mãos para ele e disse com lágrimas nos olhos:

- Tem aqui uma amiga em que pode confiar, conte comigo para o que precisar. Se o senhor e Raquel quiserem morar aqui para sempre, eu e José ficaremos muito felizes. A notícia que ouvi sobre o bruxo e sua bela filha está percorrendo todas as vilas. Esse dom Fernão é um homem matreiro, o povo treme de medo só de escutar o seu nome. Portanto, não poderão sair do sítio. Sua vida está em risco, vocês serão facilmente reconhecidos. Ele oferece alta recompensa para quem der uma pista ou informar o paradeiro de vocês.

Jacó estremeceu. Não imaginava que as notícias haviam atingido tal proporção de gravidade. Ainda que conseguissem chegar até Sevilha, não poderiam entrar na cidade.

- Dona Teresa, eu pretendia partir com minha filha nos próximos dias, mas agora, diante do que foi exposto pela senhora, não sei até quando teremos de permanecer em sua casa. Nossa vida está em suas mãos.

Ela enxugava os olhos com a ponta do avental, ao responder: Eu já disse, podem ficar o quanto for necessário. Não precisam mais partir.

Havia muito Teresa não tinha a felicidade que a companhia dos dois amigos lhe proporcionava. Sem que soubesse como explicar,

sentia-se protegida pela presença daquele homem. Era como se °  
conhecesse de longa data, como se o pai querido retornasse ao lar °  
lhe trouxesse tranquilidade ao coração.

Raquel e Jacó partilhavam o mesmo sentimento. À medida que o  
tempo passava, aquelas quatro criaturas mais se uniam pelo amor e  
pela amizade.

José desenvolvera-se muito, parecia raciocinar melhor e estava  
aprendendo a cuidar dos animais. Teresa olhava o filho e não cabia  
em si de contentamento.

- Queira Deus que decidam não mais sair daqui; eu e José os  
amamos tanto que não suportaríamos sua ausência.

- Espero que, quando chegar a hora, vocês venham conosco -  
respondeu o velho.

A mulher secou duas lágrimas furtivas que lhe desciam pelo rosto.

- E eu espero que nunca chegue o momento de partir; formamos  
uma família e o senhor é como se fosse meu pai.

Jacó segurou-lhe a mão e a beijou respeitosamente.

- A bondade divina a colocou no meu caminho para aliviar meu  
sofrimento. Em minhas orações agradeço por ter encontrado a  
senhora e José; nós lhes devemos a vida e terão para sempre a nossa  
gratidão.

Por sua vez, dom Fernão continuava inconformado com o de-  
saparecimento de Jacó e Raquel. Não desistiria da busca. Juntava os  
melhores homens e iam de vila em vila tentando descobrir alguma  
pista que levasse ao paradeiro dos fugitivos.

## **4. MISTÉRIO E CRUELDADE**

FORA LOGO APÓS A morte do pai de dom Felipe, dono do castelo da Mota, que Fernão aparecera em Medina. Ele se tornara o braço direito nos negócios do novo conde, e por isso era quem ficava à frente de tudo nas ausências prolongadas do castelão. Entretanto, ninguém sabia dizer de onde tinha vindo ou onde vivia antes.

Era rico e dizia querer privacidade; sob essa alegação construía uma casa no campo, confortável e bem guardada por muros altos, alguns quilômetros distante da vila.

Nunca se casara, apesar da boa posição social. Era um homem taciturno, cheio de esquisitices; vivia solitário e mantinha o mínimo de servos. Tinha estranhos costumes. As vezes passava horas diante do espelho, fazendo perguntas à própria imagem, dizendo coisas sem nexos. Na realidade, estava sempre acompanhado por dois espíritos vingativos que lhe inspiravam as atitudes.

Usava do poder que tinha sobre os donos do castelo, vivia bisbilhotando e sabia detalhes da vida de cada um. Por essa maneira de ser obtivera as graças do conde. Com muita chantagem conseguia manter todos atrelados à sua pessoa.

Morava em sua companhia um rapaz que ele afirmava ser seu sobrinho, filho de uma irmã que morrera pouco depois de dar à luz. Francisco nunca aparecia em público, o tio lhe impunha uma vida de reclusão monástica. Fora criado em absoluto isolamento e nenhum servo podia aproximar-se dele. Dom Fernão não permitia que saísse do quarto, onde crescera totalmente só. Muitas vezes o rapaz ficava horas a olhar pela janela, sonhando com o dia em que pudesse ser livre e correr pelos campos. Estava sempre assustado, tinha medo de tudo e de todos - principalmente do tio, que parecia odiá-lo.

Corriam vários boatos a respeito de sua origem. Alguns aldeões diziam que o pai era o próprio dom Fernão, outros que era filho da irmã que se apaixonara por um inimigo, e muitos achavam que por ter problemas mentais o tio não queria expô-lo em público. Todavia, ninguém podia intitular-se o detentor da verdade. Quando viera

para a região ele o trouxera ainda pequeno e durante anos sua presença praticamente não fora percebida.

Francisco era mirrado e tinha o raciocínio truncado, pois não dispunha de meios para se desenvolver. Era tão sozinho que não aprendera a falar e quando estava com o tio nunca trocavam uma única palavra ou um simples gesto de carinho. Vivia como um animal aprisionado e só sabia emitir ruídos.

Manter o rapaz trancado e sem o menor convívio social dava a dom Fernão enorme satisfação; ficava eufórico ao constatar o idiota que o sobrinho se tornara.

Ele próprio era um homem solitário, de pouca conversa. Na realidade, tinha segredos que não queria partilhar com ninguém.

A sua principal preocupação, no momento, era capturar os dois fugitivos. Mandara preparar um quarto com grades para abrigar Raquel. Tinha muitos planos. Movido por ódio e rancor, não media esforços para consumir sua vingança. Jacó poderia morrer onde o encontrasse; já Raquel seria arrastada e trancafiada, ficando à sua mercê.

Fernão tramava e falava alto frente ao espelho. Seus olhos pareciam lançar labaredas de ódio. Nessas ocasiões os dois espíritos vingativos se achegavam ainda mais a ele. Um era uma jovem e se apresentava com as vestes rasgadas, o outro era um senhor exaltado, He cabelos grisalhos. Fazendo coro, gritavam por vingança. Até que enfim seriam pagos pela humilhação e pelo sofrimento de tantos anos! Assim estimulado, o homem antecipava o sabor da vitória ao imaginar os fatos que ocorreriam.

Tendo esquadrinhado tudo, ele e seus homens suspeitaram que Jacó mudara de rumo; devia estar mais ao norte e não ao sul. Talvez devessem concentrar a busca no norte para ter possibilidade de pegá-los.

Essa obsessão por achar os dois estava tirando completamente o sossego de Fernão. Não conseguia mais comer nem dormir e pen-

sava dia e noite em capturá-los. Espalhou homens rastreando tudo e espalhando boatos que transformaram pai e filha em monstros. Escrevera algumas mensagens e as enviara até Sevilha. Queria assegurar-se de que o velho não escaparia se rumasse para o sul, especialmente se aparecesse naquela cidade. Tinha um comparsa de velhos tempos que ocupava um cargo importante na cidade e decerto poderia localizá-lo.

Os aldeões ficavam decepcionados ao descobrir que os fugitivos tinham escapado. Após ouvirem muitas histórias, convenceram--se de que existia no caso algo de sobrenatural. Esqueceram-se de todos os anos de convivência pacífica e dos muitos remédios que Jacó preparara para alívio de seus males e dos de suas famílias.

Dom Fernão não de dera por vencido, não desistiria da perseguição. Aquele homem sabia demais a seu respeito e temia que pudesse comprometê-lo. Era necessário encontrá-lo; não mediria esforços para alcançar seus objetivos, iria a qualquer lugar aonde algum indício o levasse.

Depois de contínuas buscas, surgiu alguém que forneceu alguma informação. Uma mulher idosa, que andava pela vila próxima do sítio de Teresa, disse ter visto um velho e uma bela jovem, que estariam hospedados na casa de uma conhecida sua. Ele então lhe mostrou uma bolsa de moedas. Os olhos da velha brilharam ao deparar com o que ela achava ser muito dinheiro.

- Senhor - disse Joana -, minha amiga Teresa não mora muito longe daqui e podemos ir até lá agora, se for do seu desejo.

- Se suas informações forem corretas, esta bolsa de moedas será sua - ele abriu um enorme sorriso ao exibi-la. - E saiba que a senhora estará fazendo um grande favor para sua amiga; aqueles dois são bruxos perigosos.

Da vila até o sítio da viúva gastavam-se dez minutos a cavalo. Quando se avistou a casa humilde, a mulher, fazendo um movimento de satisfação com as mãos, apontou:

- Foi lá, senhor, que eu vi o velho e sua bela filha. É aquela casa após a curva, perto do rio.

O cruel perseguidor apertou o galope; queria surpreender os moradores. Seus homens o seguiram, imprimindo maior velocidade aos cavalos. Desceram rapidamente. A porta estava fechada e foi aberta com um chute. José, num canto da sala, sentado no chão, cantava baixinho uma canção ensinada por Raquel. Junto ao fogão, Teresa cozinhava alguns legumes. Absorta em seus pensamentos, não notou de imediato a entrada dos invasores. Ao constatar a presença estranha, indagou:

- Quem é o senhor e por que entrou dessa maneira em minha casa?

- Aqui quem faz perguntas sou eu - retrucou. - Onde estão Raquel e o velho judeu?

Num salto pegara o braço da mulher, torcendo-o com tanta força que a fez gemer de dor.

- Senhor, por favor, largue o meu braço. Está me machucando!

- Vamos soltar a língua, sua bruxa, senão vou arrancá-la da sua boca.

Horrorizada, Teresa deu uns passos para trás.

- Eu não sei do que o senhor está falando; aqui nesta casa vivemos meu filho e eu; ele tem problemas de cabeça.

- Eu estou avisando - novamente segurou-lhe o braço, ameaçador. - Se não soltar a língua, vou arrancá-la com todos os dentes.

- Procure. Se achar alguém, eu mesma arranco minha língua. Com essas palavras a mulher enfrentava sua fúria. Ele lhe deu uma olhada fulminante de ódio e virou o braço dela para trás, torcendo-o e obrigando-a a encostar a cabeça no chão.

- Maldita, diga agora onde estão Jacó e a filha!

Gemendo de dor, Teresa gritou:

- Eu já disse que não sei, e se soubesse não diria!

A declaração bateu no ouvido de Fernão como um chicote. Com a ponta do sapato chutou o rosto dela, acertando-lhe o nariz e fazendo o sangue jorrar forte. José, até ali aparentemente alheio, de

repente percebeu que a mãe estava sendo agredida. Levantou-se tomado de fúria incontrolável e partiu para cima de Fernão. Foi quando um dos homens tirou a espada da bainha e atravessou-lhe o peito.

- Teresa, já de pé, com um dos braços seguro por Fernão, diante da cena de barbárie desmaiou, batendo o rosto no chão. Ao voltar a si estava amarrada numa cadeira com o filho ferido a seus pés. O chefe brutal ergueu-lhe a cabeça, fazendo-a fitar seus olhos injetados de ódio:

- É a sua última chance. Vai querer morrer como seu filho? Onde estão aqueles bruxos? Onde os escondeu?

A pobre mulher tinha as forças exauridas, o rosto inchado e o coração ferido.

Foram embora já faz alguns dias, e eu não sei para onde.

- É mentira, tenho homens por toda parte e ninguém viu os dois. Se tivessem saído daqui, eu saberia o paradeiro deles.

Um tapa estalou no rosto da viúva, que desmaiou outra vez.

- Carlos, traga um balde de água, pois quero que esta infeliz nos conte onde escondeu os bruxos.

O rapaz estava condoído pelo estado de Teresa e do filho.

- Senhor, vamos embora, ela deve estar dizendo a verdade; se os dois estivessem por perto, não deixariam isto ocorrer.

Tirando com violência o balde cheio de água das mãos do jovem, ele o esvaziou sobre a mulher desfalecida, que, ao sentir o líquido gelado, despertou aos berros:

- Meu Deus, tire-me deste pesadelo! Não é possível que esteja acontecendo comigo.

Fernão ficou ainda mais irritado com esse lamento e, pegando uma faca que trazia na cintura, ameaçou:

- Vou matá-la se não me contar a verdade. Teresa o encarou aterrorizada.

- Onde estão Raquel e o pai?

- Não sei, partiram sem rumo - respondeu quase sem voz. Outro homem que acompanhava tudo de perto suplicou:

- Dom Fernão, vamos embora. Essa coitada não está mentindo. Ele acabou convencido, não sem virar-se na saída para Carlos e lhe dar uma ordem, friamente:

- Termine de matá-la.

O rapaz estava tão pálido que parecia prestes a desmaiar. Foi o próprio Fernão quem pegou a sua faca e a enterrou no peito de Teresa.

Mãe e filho ali ficaram inertes, enquanto Fernão e seus homens vasculhavam tudo ao redor. A velha que os levara até lá ficara no canto à espera da bolsa de moedas, sem ser notada. Permaneceu escondida até certificar-se de que todos tinham se retirado. Correu estarecida até o corpo da amiga, tentando reanimá-la; mas o coração deixara de bater, atravessado pela lâmina fina.

- Perdoe-me, Teresa! - gritava como louca. - Não pensei que aquele homem fosse tão perverso.

Joana olhou para José e, vendo que ainda respirava, virou-o de frente, apanhou um pano e tentou limpar o sangue do ferimento. Em seguida os olhos dele ficaram parados e sua respiração frágil cessou.

- José, fale comigo! - ela bradou desesperada. - Perdoe o mal que fiz a você e sua mãe!

Sem nada poder fazer, saiu da casa apavorada, sem olhar para trás. Pouco antes, ao sentir que ia desmaiar, o moço colocou a mão no peito e uma dor insuportável cortou-lhe a carne. Os últimos momentos de vida passaram pelos seus olhos como um filme, em poucos segundos. Alucinado, ouvia os gritos da mãe sem poder ajudá-la. A dor no peito aumentava e o impedia de se levantar; sentia-se chumbado ao chão. Invadiam-no uma angústia enorme e um ódio profundo daquele homem que espancava sua mãe. Escutou Joana gritar, sem conseguir reagir. De repente pareceu que se soltava; viu o corpo de Teresa amarrado na cadeira, tentou abraçá-la, mas a sen-

sação dolorosa lhe varava o peito. Uma grande ferida o fazia esvaír-se em sangue.

Ele perdeu a consciência de quanto tempo ficara nesse estado. Quando voltou a si, a dor era tão forte que o imobilizava. Viu o corpo da mãe imóvel e o seu no chão, ensanguentado. Tentou reanimar o próprio corpo, porém sentia muito frio e o cheiro de sangue causava-lhe náuseas. Gritava desesperadamente pela mãe; o peito parecia continuar a sangrar e a dor era insuportável.

Teresa ainda estava ali ao lado de seu corpo, como adormecida. Não conseguia entender nada. Ouviu a velha amiga chamar, porém foi dominada por um forte torpor que ia dos pés até a cabeça.

Os invasores, depois dos crimes, prosseguiram como loucos remexendo o sítio atrás de algum vestígio de Raquel e do pai.

Destruíram a horta, mataram os animais, puseram fogo no estábulo. Os olhos de Fernão pareciam saltar das órbitas.

- Maldito Jacó, eu vou achar você, nem que tenha de ir ao inferno! Eu o amaldiçoo com toda a minha alma. Vou encontrá-lo e transformá-lo num monte de cinzas. Meu ódio e minha maldição o acompanharão por todos os lugares.

A velha Joana fugiu sorrateiramente assim que certificou-se de terem os homens deixado o sítio. Temia ser morta também. Quando chegou à vila, relatou a todos o que sucedera com Teresa e o filho e falou sobre a fúria incontida de dom Fernão. Os aldeões, com muito medo, recolheram-se em suas casas.

Dom Fernão e seus comparsas rastrearam toda a região em busca de Jacó e Raquel. Ao entardecer ele resolveu voltar para casa, fora de si de ódio e frustração.

## 5. OS CASTELÕES

O CASTELO DA MOTA fora construído sobre uma antiga fortaleza do povo celta, que habitou o atual território espanhol. Sua construção datava do século XIII, tendo mais tarde se tornado o edifício mais significativo de Medina do Campo.

Com planta em forma de trapézio, dispunha de um fosso em toda a volta e de uma ponte levadiça que dava entrada ao pátio das armas. Existiam outras quatro pontes levadiças que permitiam o acesso ao primeiro recinto interior, onde ficavam a estrebaria e o alojamento da guarda. O segundo recinto era muito sólido, cercado de muros de grande altura e firmes torres; ali ficavam alojados a família do conde e todos os seus servos. Era uma fortaleza intransponível para a época.

O castelo estava nas mãos da família do conde dom Felipe havia mais de cinquenta anos. Depois da morte de seu pai, por ser o primogênito, ele o herdara, assim como as terras vizinhas.

O conde Felipe prestava serviços a Afonso XI, seu primo e rei de Castela. Na época, além dos confrontos com os mouros do sul da península, havia problemas de fronteiras com os reinos vizinhos ainda não bem demarcadas. O conde mantinha um pequeno contingente militar ao qual se aliavam as tropas de outros nobres do reino para formar um grande exército. Por isso às vezes passava meses fora, deixando seus compromissos praticamente nas mãos de dom Fernão.

Dom Felipe era um homem de seu tempo. Valorizava mais a força bruta. Manejava muito bem as armas, era excelente estrategista nas batalhas e no comando do exército. Amava os filhos, sem demonstrações de afeto e carinho. Ainda muito novo conhecera Constância, a esposa, que nele despertara uma paixão descontrolada, principalmente pela beleza física. Pressionara o pai, o conde Henrique, a pedir a mão da jovem ao duque, seu pai.

A condessa, aos 38 anos, era mulher de grande beleza. Possuía tez alva e macia, olhos azuis levemente amendoados, lábios carnudos, nariz bem feito e sobrancelhas em curva suave, que davam um ar gracioso ao seu rosto. No entanto, o que mais marcava a sua fisionomia era o brilho dos olhos, que pareciam esconder uma tristeza imensa.

Com frequência Constância passava horas à janela de seu quarto, pensativa. Observando os servos que cuidavam dos campos, acreditava serem eles muito mais felizes. Ela, ali, coberta de jóias, títulos e roupas finas, cercada de terras que se perdiam de vista, sufocava sentimentos e desejos, ansiava por viver longe dali. A conduta do marido, nos últimos anos, só lhe provocava aversão. Orgulhoso, humilhava-a e a espezinhava. Quantas vezes respirava aliviada quando via os cavalos sumirem no horizonte levantando poeira!... Os meses passavam depressa na ausência do conde. Mesmo assim tinha um pouco de paz, apesar da presença constante de dom Fernão, que estava sempre espionando a todos.

Certamente, as mulheres simples da vila a invejavam, sem imaginar o quanto aquela bela mulher era infeliz, tendo de aprisionar seus sentimentos e sendo prisioneira de uma fortuna.

Filha dos duques de Herrero, conhecera Felipe num torneio em sua cidade. Jovem e forte, ele vencía todas as competições. Ficara deslumbrado com a beleza de Constância no auge da juventude, aos dezesseis anos. A moça logo pressentiu no seu olhar a paixão que lhe ia na alma. Depois dos devidos acertos entre as famílias, foi marcado o casamento sem que os noivos tivessem trocado mais que duas palavras.

A ideia de casar-se com Felipe lhe tirava o sossego. Não conseguia mais dormir, estava pálida e acabou adoecendo. Contudo, não tinha coragem de contar aos pais o motivo de seus males. Constância guardava no coração um segredo de amor, porém o seu eleito não era do agrado de seus pais. Só lhe restava então unir seu destino ao do jovem conde.

No dia das bodas as portas da casa dos duques foram abertas. Cortinas e tapetes limpos, muitas aves assadas, doces e vinho à vontade esperavam pelos convidados. Foi uma festa memorável, que durou vários dias. A partir daí a moça, já condessa, passou a viver em sua nova morada, o castelo da Mota.

Tiveram três filhos: Alejandro, Augusto e Carlos.

Alejandro, já com vinte anos, era alto, de tez morena, cabelos castanho-claros ligeiramente ondulados e bom porte físico; como o pai, manejava muito bem as armas pesadas. Tinha espírito guerreiro, gostava de torneios e era habituado a ganhar sempre. O conde dom Felipe o preparara para ser um cavaleiro; permitira que o filho o acompanhasse ao último confronto com os mouros, tendo o cuidado de impedir que se expusesse demais ao perigo. Não obstante toda a força bruta, Alejandro tinha olhos meigos e muita delicadeza no trato, como a mãe.

O filho do meio, Augusto, tinha dezenove anos e a mesma altura do irmão, mas não apreciava esportes violentos nem competições e guerras. Vivia lendo, procurando aprender; gostava de manipular ervas e aprendera muito sobre seus efeitos medicinais com Jacó, a quem não passara despercebido o talento do rapaz. Moreno como Alejandro, tinha olhos castanhos como o pai; dos três filhos, era o que mais se assemelhava fisicamente ao conde. Sempre disposto a ouvir e contar histórias, era bem-humorado e muito companheiro da condessa; costumava ajudar a mãe a levar alimentos às pessoas pobres e doentes da vila. Fora nessas caminhadas que decidira estudar medicina; queria aumentar os conhecimentos adquiridos com o velho judeu. Muitas vezes Constância emocionava-se com o amor que o filho demonstrava pelos sofredores.

Era também Augusto quem mais sofria com a situação de Raquel e Jacó. Quando do incêndio da vila, ao saber da fuga e da perseguição, trancou-se em seu quarto, orou e chorou pedindo proteção a Jesus para seus amigos.

A condessa achava que não conseguiria viver sem a sua companhia; ficava angustiada só em pensar que ele estudaria longe do castelo. Augusto era o único capaz de dar um pouco de alegria àqueles olhos tristes.

O caçula era o oposto dos irmãos. Loiro de olhos azuis e tez clara como a da mãe, não tinha a cor da saúde; vivia pálido e doente desde que nascera. Era o velho judeu que, em noites frias e úmidas, comparecia ao castelo tentando aliviar suas crises de asma. A doença crônica impedia que Carlos se desenvolvesse como os outros filhos do conde. Aos dez anos, estava sempre acamado, sem iniciativa para folguedos próprios da idade. A mãe desdobrava-se em cuidados, porém as crises sucediam-se com muita frequência. A condessa não podia disfarçar a tristeza de vê-lo tão mirrado e doente. O pai, altivo e orgulhoso, culpava-a pelos males do filho. Dizia:

- Constância, os maiores herdaram minha constituição física, são fortes e sadios; essa lagartixa branca como você, ao contrário, só se arrasta pelos corredores, tossindo e com falta de ar. A culpa é sua de me ter dado um filho doente.

A condessa baixava a cabeça e chorava em silêncio, pois jamais cabia a uma mulher responder ao marido.

Logo nos primeiros meses do casamento o conde mostrara não ser um homem gentil. Grosseiro e voluntarioso, não hesitava em menosprezar a esposa, sem respeitar-lhe a vontade e a sensibilidade. Quando exagerava na bebida, humilhava-a na frente dos servos. Algumas vezes ficava tão transtornado que a submetia a maus-tratos. Com o passar dos anos, de moça alegre Constância transformara--se em mulher calada e triste. Sua melhor amiga era a serva Maria; companheira de muitos anos, fiel e inseparável, era quem sabia de todos os segredos e tristezas da condessa.

No dia do fatídico incêndio, Maria incentivara sua senhora a abrir as portas do castelo para abrigar todos que haviam perdido suas casas. Essa atitude benevolente ajudou a aplacar a ira dos aldeões,

que ansiosos esperavam pelo regresso de dom Fernão com Jacó e Raquel prisioneiros.

## 6. PREMONIÇÕES

NA NOITE ANTERIOR À tragédia, na casa de Tereza, os quatro amigos conversavam animados na hora do jantar. A viúva falava alegremente das melhoras do filho José. O rapaz estava irreconhecível, parecia quase normal! Esse milagre era devido ao carinho e à paciência de Raquel, somados às poções milagrosas de Jacó.

A jovem levantou-se, pegou a cítara, sentando-se junto a José, e com um sorriso meigo falou:

- Já que estamos tão felizes com sua recuperação, vamos cantar a música que lhe ensinei ontem! Sua mãe ficará muito contente de ouvi-lo!

Tirando os primeiros sons, Raquel começou a cantar acompanhada do rapaz, que, acanhado a princípio, ia ganhando confiança e aumentando o volume da voz. Era uma canção alegre que falava da primavera, das flores, dos rios e da volta dos pássaros. A viúva, surpresa com o jeito desembaraçado do filho, não pôde conter algumas lágrimas.

Jacó, a um canto, lia uns velhos pergaminhos. De repente, pareceu alheio e seus olhos ficaram parados.

Terminada a canção, Teresa bateu palmas, entusiasmada:

- Estou tão feliz, meu filho! Você nunca tinha me dado tantas alegrias como ultimamente.

Raquel olhou para Jacó.

- Pai, gostou da canção?

Não obtendo resposta, aproximou-se dele e insistiu:

- O que está acontecendo, pai? O senhor não me ouviu?

- Filha - ele a fitou -, ontem dona Teresa percebeu o movimento dos homens de dom Fernão na vila. Tenho um pressentimento... Ele descobriu nosso paradeiro! Temos de sair daqui, ou pagaremos com nossas vidas. Devemos partir o mais rápido possível, todos nós. Encontraremos algum lugar para nos esconder.

Teresa ficou pensativa antes de alegar:

- Senhor Jacó, ele está à sua procura e de sua filha. Eu e José nem conhecemos esse dom Fernão.

Raquel esfregava as mãos, tentando acalmar-se.

- Dona Teresa, saiba que ele é um homem sem medidas. É capaz de matá-la se descobrir que nos escondeu em sua casa. Por favor, venha conosco!

- Minha querida - a boa mulher segurou-lhe as mãos -, eu e José fugirmos será a confirmação de que você e seu pai ficaram aqui escondidos esse tempo todo. Se ele aparecer, negarei tudo. Dom Fernão não terá nenhuma prova de que estiveram aqui. A única pessoa que os viu foi Joana, e com certeza não vai contar a ninguém. É uma velha amiga e eu confio nela. Meus queridos amigos, infelizmente chegou a hora de nos despedirmos.

- Dona Teresa - disse Jacó -, todos corremos perigo e devemos partir imediatamente.

Contudo, a viúva se mostrava irredutível:

- Não posso deixar minha casa e minhas terras, fruto do trabalho de meu falecido marido e que nos sustenta.

Jacó e Raquel prepararam o cavalo e a carroça com mantimentos e cobertores; teriam de passar muitas noites ao relento, escondidos. Teresa entregou-lhes um saco de moedas que há tempos reservava para alguma emergência. O velho comoveu-se com o gesto.

\_ Por favor, isso não. Não é justo que nos dê todas as suas economias.

Teresa pegou a mão de Jacó, nela colocando o saco.

- Meu caro amigo, essas moedas não pagam a alegria que o senhor e sua filha trouxeram para esta casa. Só a saúde de meu filho vale muito mais.

A mulher disse tais palavras enxugando as lágrimas. Jacó foi até um saco preto do qual tirou algumas poções, que Ihe deu com as recomendações:

- Dilua as poções em água, três gotas para cada frasco desses. José deverá tomar três vezes ao dia e essa quantidade durará quatro meses. Tenho certeza de que haverá ainda mais melhoras.

Ao receber os frascos ela beijou as mãos do velho judeu.

- Só Deus poderá recompensá-lo por tudo. Jacó retribuiu as palavras gentis:

-A sua amizade e a de seu filho são a nossa melhor recompensa.

Raquel e José permaneciam abraçados, chorando muito. Teresa também os abraçou.

O rapaz, emocionado, falou gaguejando: . - Mãe, por que também não partimos? Não poderemos ficar aqui sozinhos. Não mais conseguiremos viver sem o velho Jacó e Raquel.

Ela abraçou o filho, dizendo baixinho:

- Precisamos ficar para enganar dom Fernão. Se pudermos convencê-lo de que os dois não estiveram por aqui e não os conhecemos, ele nos deixará viver em paz. Mas se fugirmos, não terá dúvida de que está na pista certa. Não tardará a nos encontrar e matar a todos.

Raquel subiu na carroça e nem olhou para trás. A noite estava estrelada e era de lua cheia. Isso facilitava a fuga.

-Olhe, filha, aquela estrela maior parece nos querer guiar; aponta o leste e é para lá que vamos. Mesmo sem parentes nem amigos, logo conseguiremos nos estabelecer numa cidade como Barcelona. Tenho certeza de que lá dom Fernão não conhece ninguém e finalmente poderemos levar nossas vidas sem perseguição.

Os dois seguiram mudos a viagem toda; falar poderia quebrar a magia da noite. Naquele momento, apesar da angústia da fuga e da

tristeza da separação dos amigos, pai e filha sentiam-se amparados por uma força maior que vinha do Alto.

Ganharam muitas léguas, passaram por algumas vilas, porém o medo de pedirem ajuda e serem reconhecidos era muito grande. Dormiam ao relento, sempre longe das estradas para evitar assaltos; preferiam viajar durante o dia e fora das estradas principais, assim não eram notados.

Dom Fernão, por mais que tentasse, não obtinha nenhuma pista. Ninguém os vira ou notara a presença de estranhos. Primeiro, procurou nas vilas mais ao sul a caminho de Sevilha. Como as tentativas foram infrutíferas, desconfiou que o velho houvesse mudado a rota para o norte. Seguiu espalhando boatos, sem resultar disso uma só notícia. Jacó e Raquel haviam sumido novamente. Ainda assim, nada o desanimava. Mais dia, menos dia receberia alguma informação. Se fosse necessário, usaria dinheiro para que alguém se dispusesse a soltar a língua.

## **7. PRESENÇA INDESEJÁVEL**

A VIDA NO CASTELO seguia sua rotina. O conde dom Felipe mandara um mensageiro avisando que em dois meses retornaria ao lar. A condessa sentia arrepios ao pensar na presença do marido. Sua calma e seu sossego estavam com os dias contados.

Augusto preparava-se para pedir ao pai consentimento para cursar a escola de medicina, e já estava pondo em prática algumas lições que aprendera com o velho Jacó. Muitas vezes ficava pensativo, e a condessa se inquietava ao ver que o filho tinha um ar triste.

- Por que essa tristeza, Augusto? Acha que seu pai não lhe dará permissão para os estudos? Já conversamos várias vezes sobre isso, e ele nunca se opôs.

O rapaz ergueu os olhos meigos.

- Não, mãe, estou preocupado com outras coisas. Onde andam o velho Jacó e sua filha? A senhora sabe quanto estimo aqueles dois! Ele estava me ensinando a arte de curar com suas poções. É uma pessoa boa. E Raquel prendeu meu coração com sua ternura! Tenho orado a Jesus todas as noites para que os livre das garras de dom Fernão.

Constância enxugou duas lágrimas que desceram pelo belo rosto.

- Eu também, filho, sinto muita saudade de Raquel. Você sabe que a amo como à filha que nunca tive. Tenho igualmente pedido a Jesus por ela e por Jacó. Ambos nos têm feito muita falta.

Nesse momento Fernão entrou na sala com passos leves e rápidos, a tempo de ouvir a última frase daquele diálogo.

- Quem está fazendo falta, condessa? Será que estão falando dos bruxos malditos?

Augusto levantou-se e caminhou com passos firmes na direção do recém-chegado, que era mais baixo e franzino. Colocou-se bem perto e retrucou:

- Senhor, se estivéssemos comentando sobre Jacó e Raquel não estaríamos cometendo nenhum pecado. Afinal, eram nossos amigos e jamais praticaram nada que os desabonasse. Essas histórias que andam espalhando de vila em vila só podem ter saído da cabeça de algum louco ou de alguém que realmente é bruxo.

O outro deu dois passos para trás ao redarguir:

- Rapaz, suas palavras têm o tom de ameaça. Está insinuando que eu inventei essa história? Exijo respeito com a minha pessoa. Na ausência de seu pai, eu o represento e exijo que se mantenha em seu lugar.

O tom agressivo e autoritário fez o jovem empalidecer e baixar a cabeça.

- Senhor, não estou querendo ofendê-lo; nem me passou pela mente tal ideia. Peço desculpas se causei essa impressão.

Dom Fernão acalmou o semblante. A condessa também se levantou e andou em direção a Augusto, pousando a mão sobre seu ombro.

- Vamos, filho, voltemos para a mesa. Façamos nossa refeição. Virou-se para Fernão.

- O senhor queira por gentileza sentar-se e nos acompanhar. Estamos falando do retorno de meu marido. Tivemos hoje o prazer de receber um mensageiro. Meu filho está ansioso pela volta do pai.

- Que grande notícia, senhora! - sua expressão era de ironia. - Eu me integro à felicidade de em futuro bem próximo rever o conde.

O jovem Augusto retorceu as mãos num gesto de impaciência, o que passou despercebido a Fernão. Este olhava fixamente para o rosto da condessa, na tentativa de perscrutar seus sentimentos.

Ele estava acostumado a ironizar todas as conversas. Muito perspicaz, ouvindo atrás das portas ou recorrendo a comparsas, sempre descobria segredos para poder usá-los contra seus inimigos em forma de chantagem. Fora desse modo que alcançara posição privilegiada no castelo de dom Felipe.

Não lhe agradava a presença do conde. Sem ele sentia-se poderoso, dono de tudo. O castelão era um homem temperamental e, mesmo usando as chantagens, precisava ainda de certas artimanhas para satisfazê-lo. Cabia a ele narrar a dom Felipe todos os fatos verificados durante sua ausência.

Sentou-se à mesa, pegando a comida com a mão e colocando-a em seu prato.

- Senhora, para quando está previsto o regresso de nosso querido conde?

A mulher falou de olhos baixos, para não denunciar o que lhe ia no íntimo. - Dentro de dois meses, talvez um pouco antes.

Dom Fernão continuava a se servir com as mãos, agora de uma coxa de frango.

- E seu digníssimo filho dom Alejandra, quando volta? Constância ergueu o olhar e deixou visível o brilho que a pergunta lhe trouxe.

- Acredito que junto com o pai. Estou morrendo de saudade, depois de tantos meses de ausência! Afinal, meu filho esteve na frente, lutando com inimigos. Meu coração de mãe reclama sua presença.

Seu interlocutor não se mostrava muito interessado no assunto, simulando dar maior importância à comida.

- Cara condessa, esperava que também falasse assim do retorno de seu esposo. Parece que suas preocupações são somente com seu filho.

A ironia fez a face da mulher enrubescer.

- Ora, senhor, o conde meu marido sabe como se cuidar, é um soldado de muita habilidade na arte da guerra! Já meu filho é um rapaz inexperiente e não está familiarizado com esse tipo de peleja. Tenho muito medo de que caia morto ou ferido em combate.

Fernão fez um ar de surpresa, com um sorriso no canto da boca.

- Imagine a senhora se seu digníssimo esposo exporia o garoto a tal perigo, de frente com o inimigo. Estando no comando das tropas, deve poupar seu primogênito e herdeiro.

A condessa levantou-se, incapaz de disfarçar a irritação.

- Dom Fernão, meu dia foi muito cansativo. Amanhã começarei os preparativos para a chegada de meu filho. Por isso, dê-me licença. Devo recolher-me aos meus aposentos.

O homem ficou sentado defronte a Augusto, que permanecia calado, mergulhado nos próprios pensamentos e na comida do prato.

- Não disse nada até agora, parece não ter interesse no assunto, rapaz!

- Só não gosto de conversar enquanto como, e não há nenhum motivo para minha participação.

Colocando o dedo indicador no canto da boca, o maldoso Fernão falou baixinho:

- Sou capaz de dar um saco de moedas de ouro só para adivinhar o que está pensando.

- Não estou pensando em nada - o jovem evitou encará-lo. -Apenas tento comer um pouco.

A gargalhada com que sua resposta foi recebida soou por todo o salão.

- Garanto que seus pensamentos estão numa bela mulher de nome Raquel.

Augusto empurrou o prato e levantou-se. Dom Fernão fez o mesmo, agarrando-o pela túnica e cuspido-lhe no rosto.

- Não admito que um moleque como você perca o respeito pela minha pessoa. Se fizer outro gesto indelicado eu o meto na masmorra. Invento uma história para contar ao seu pai quando chegar. Acaso não sabe do poder que tenho dentro deste castelo?

Extremamente vermelho, o rapaz balbuciou algumas palavras ininteligíveis, antes de dizer com clareza:

- Desculpe, dom Fernão! As vezes perco a cabeça, mas asseguro que com o tempo aprenderei a administrar meus impulsos.

- Vou aceitá-las pela consideração que tenho para com o senhor seu pai. Acho que se de repente desaparecesse isso causaria certo transtorno. Afinal, é filho do conde; ainda que não o favorito, é lógico, não deixa de ser filho.

Augusto se esforçava para manter a calma.

- Com licença, dom Fernão! Estou cansado e também pretendo me recolher.

Ao ter suas roupas soltas com um gesto brusco, o rapaz perdeu o equilíbrio e bateu a cabeça num móvel encostado na parede.

- Ah, ia me esquecendo! Embora ainda não tenha achado aqueles bruxos, estou bem perto, quase os peguei. Você já pode começar a chorar por eles. Quando os encontrar não vai sobrar nada. Outra coisa, rapaz: seu pai não vai gostar nada de saber de sua pre-

ocupação com o velho Jacó e sua filha. Se eu por acaso abrir a boca para contar, você já pode imaginar o que acontecerá, com o temperamento agressivo e muito justo que ele tem!

Augusto passou a mão na testa onde corria um fio de sangue.

- Com licença, senhor. Tenha uma boa noite!

Saiu rapidamente, sem dar sequência à conversa. Caminhou com passos largos até os seus aposentos, entrou e jogou-se na cama, chorando convulsivamente.

Nunca pudera compreender como dom Fernão mantinha seu pai e todos do castelo sob seu domínio. Quantas vezes se perguntara de onde vinha tanto poder! Naturalmente os servos não tinham opção, porém seu pai... De onde vinha tanta dependência? O conde nascera em berço de ouro, herdara o título e toda a fortuna do avô, e um homem surgido do nada, sem procedência, controlava tudo e todos. Foi com esses pensamentos que o jovem adormeceu.

O sol despontava no horizonte, batendo forte com seus raios nas janelas do castelo, em especial na ala onde ficavam os aposentos de Augusto. Este tinha o hábito de sair da cama logo ao amanhecer. Abriu as pesadas cortinas de veludo verde e os raios dourados invadiram todo o aposento, banhando o rapaz com muita luz. Ele se olhou no espelho e constatou que estava abatido. Tivera uma noite difícil, sem um sono regular; dormia e era acordado por pesadelos. Viu que permanecia com os trajes do dia anterior, que o sangue manchara. Abriu um móvel e retirou algumas peças limpas; despindo-se, jogou as roupas sujas no chão. Percebeu a marca dos dedos de Fernão na sua garganta. A cabeça doía por causa da batida. Vestiu-se depressa, tentando melhorar sua aparência. Olhou-se no espelho e as perguntas continuavam a martelar, sem resposta. De onde tanto poder? Por que seus pais eram tão submissos e ainda exigiam que todos o fossem?

Naquele momento tomou uma decisão: ia investigar o que estava por trás daquele homem mirrado, mas tão poderoso e perverso. Não mais se submeteria. Indagaria ao pai e, se ele não contasse, a mãe teria de fazê-lo. Talvez tivesse de descobrir sozinho.

Depois, disposto a centrar a atenção nos estudos de medicina, que desejava aprimorar, pegou alguns pergaminhos na gaveta e ficou mais de uma hora fazendo anotações. Todas as manhãs procurava recordar as experiências e informações que Jacó lhe transmitira; elas o ajudariam no curso que pretendia fazer. As lembranças do velho amigo amenizavam um pouco suas mágoas. Se não fosse dom Fernão, poderia ainda estar desfrutando a companhia dele e da bela Raquel.

Seu coração lembrou-o de fazer uma oração pelos dois, onde quer que estivessem. Sentindo-se melhor, resolveu descer para fazer a primeira refeição. Encontrou a mãe à mesa, muito abatida. Sua noite tampouco fora boa. Sentou-se e cumprimentou-a. Ela retribuiu e passou-lhe uma caneca.

- Meu querido, hoje demorou a descer e está com a aparência cansada.

O rapaz baixou os olhos e ficou pensativo. Quando olhou para a mãe, comentou muito sério:

- Parece que não fui só eu que dormi mal! A senhora também está bastante desanimada.

- Impressão sua, meu filho! Só estou um pouco indisposta esta manhã.

Augusto falou, olhando-a nos olhos:

- Essa indisposição tem nome, chama-se dom Fernão. Olhe, mãe, eu gostaria de saber por que temos de suportar a presença, a arrogância, a maledicência desse homem em nosso castelo, em nossas vidas! O que há por trás de toda essa submissão da senhora e do papai?

A condessa corou, afastando-se abruptamente da mesa, e respondeu nervosa:

- Não há nada, nada! Eu já disse e repito, dom Fernão é um amigo a quem seu pai deve muitos favores, para não dizer a vida. Nada mais justo que ser grato. E encerramos nossa conversa por aqui.

O jovem ficou perplexo com a atitude agressiva.

- Mamãe, dom Fernão já passou há muito dos limites. O fato de salvar a vida de papai não lhe dá o direito de dirigir nossas vidas. Eu não vou mais ficar subordinado a esse homem. Parece um louco, é extremamente maldoso e egoísta. Não somos seus servos, somos nós os senhores destas terras. Somos fidalgos e não tratamos nossos servos tão mal como ele nos trata. Quero uma resposta convincente, do contrário não mais me sujeitarei a tal tratamento.

Constância não deu resposta. Virou as costas e se retirou.

A princípio desconcertado, Augusto logo se convenceu de que não seria fácil descobrir segredos com a mãe. Muito menos com o pai! Ficou tão contrariado que decidiu voltar a seus aposentos; não tinha nem vontade de caminhar para respirar a brisa da manhã. Restava a esperança de que o pai o esclareceria, embora com seu gênio difícil talvez fosse até capaz de agredir o filho fisicamente. O rapaz pensava em como iria descobrir esse passado. Quem sabe com os servos ou com os aldeões? Provavelmente seu amigo Jacó sabia alguma coisa, por isso tanta perseguição. Estava aí a chave do segredo.

## **8. OS DISFARCES**

O DIA AMANHECERA NUBLADO. Numa carroça puxada por dois cavalos, iam Jacó e sua filha, quietos e sonolentos. Depois de viajarem quase o dia inteiro, foi Raquel a quebrar o silêncio:

- Papai, estou cansada! Vamos parar um pouco, talvez possamos tomar banho no rio que passa lá embaixo.

O velho permanecia calado, parecia não ouvir a filha.

- Vamos parar um pouco! - ela insistia. - Dom Fernão e seus homens não estão mais atrás de nós. Estou exausta e faminta.

O velho tinha os olhos parados, não prestava atenção às palavras da filha. Esta, acostumada ao jeito do pai, ficou quieta. De repente ele pareceu voltar à realidade.

- Temos de andar ainda um pouco e estaremos seguros. Será uma região desabitada, ninguém notará nossa presença.

Depois de mais meia hora de viagem Raquel desmaiou. Quando voltou a si, Jacó esfregava-lhe os pulsos e o nariz com um líquido verde.

- O que aconteceu? Subitamente tudo ficou escuro... O pai deu água para a jovem beber.

- Não foi nada! Você só perdeu os sentidos. São emoções demais para esse coraçãozinho sensível!

A moça levou a mão à cabeça, enquanto Jacó baixava os olhos e prosseguia com tristeza:

- Minha filha, temos um longo e difícil caminho pela frente e dom Fernão não nos dará nem paz nem trégua. Pressinto que teremos muito mais dificuldades. Já sou idoso, não temo por mim. Passei por muitas coisas nesta vida e fiquei calejado; estou preparado para morrer. Receio por você, que ainda é muito jovem, e por seu futuro. Essa perseguição de um homem que se alimenta de ódio... Quantas vezes me perguntei por que tenho um inimigo tão ferrenho! Só Deus pode responder.

Raquel percebia a gravidade da situação que estavam vivendo. Na verdade, dom Fernão nunca gostara de Jacó e sempre procurava

hostilizá-lo aos olhos do conde e dos aldeões, instigando as pessoas contra sua família. Mandava seus homens quebrarem as poções e a mobília da casa deles. Entretanto, era por saber demais a respeito do passado daquele homem que Jacó não queria que a filha se envolvesse em questões que julgava perigosas.

Dom Fernão era odiado na região. Com a proteção do conde e de outros fidalgos, abusava do poder que tinha nas mãos e todos eram obrigados a servi-lo. Causava verdadeiro terror na vila. Raquel tremia só de pensar em sua figura truculenta, com a face marcada pela varíola da infância, olhos opacos e perversos. À medida que o pai falava, ela se deixava levar pelas lembranças, até que não se conteve:

- Acho que foi bom sairmos da vila! Nossa vida estava muito complicada com dom Fernão rondando nossa casinha dia e noite. Tenho medo só de pensar na expressão de seus olhos. Prefiro morrer a suportar as maldades daquele homem! A morte deve ser muito melhor.

Jacó levantou a cabeça com ar preocupado.

- Por pior que seja a situação, devemos enfrentá-la; e principalmente ter fé que dias melhores virão. Vamos confiar sempre na providência divina!

A moça fez ar de choro pela reprimenda. No entanto, não demorou a se refazer, recompondo a fisionomia. O pai estava coberto de razão. Ela abriu um lindo sorriso.

-Vamos continuar nossa viagem. O senhor está certo: temos um caminho difícil pela frente, mas a proteção de Deus não nos faltará.

Jacó lavou o rosto e as mãos e subiu na carroça.

- Filha, precisamos mudar nossa aparência. Dom Fernão procura um velho de cabelos e barbas brancas com roupas típicas dos judeus e uma moça loura de olhos azuis. Vamos buscar entre as árvores um lugar escondido, onde possamos preparar-nos para seguir viagem sem ser reconhecidos.

Transcorridas duas horas, avistaram um lugar tranquilo no meio de algumas pedras.

- Aqui poderemos ficar dois dias e sair com nova aparência. Ele cortou os cabelos e a barba, enquanto a filha, com agulha e linha, modificava as características das roupas. Ele preparou uma espécie de tinta usando algumas ervas para escurecer os cabelos de ambos. Gostou dos primeiros resultados.

- Vamos precisar cortar também os seus cabelos. Daqui para a frente você será um garoto, terá de se vestir e se portar como tal. Quanto a mim, serei um comerciante vindo do Oriente. Seu nome será Frederico e eu me chamarei Jorge. Todos os boatos giram em torno de Raquel e Jacó. Nossa identificação ficará muito difícil e dom Fernão perderá nossas pistas.

Com os cabelos escurecidos e sem barba, o judeu parecia ter uns quinze anos a menos. Já Raquel, de cabelos escuros e curtos, com um gorro de lã, apesar da tez macia tinha a aparência de um garoto que ainda não chegara à adolescência; o traje masculino conseguia esconder suas formas arredondadas.

Jacó olhou para si mesmo e depois para a filha e se sentiu satisfeito pelo trabalho realizado.

- Raquel, ou melhor, Frederico, meu filho, poderemos pedir alimentos e abrigo no próximo povoado sem termos de nos esconder ou ficar temerosos de nos reconhecerem.

A despeito dos trajes masculinos e das mechas louras no chão, a moça respirou aliviada. Sentia-se livre das perseguições e quase feliz com a nova identidade.

O dia já estava terminando; pai e filha fizeram uma refeição frugal, recolhendo-se na própria carroça. Raquel não conseguia conciliar o sono; tinha o pensamento no passado, na vida da vila. Receava que nunca mais pudessem reassumir as suas identidades, que jamais tivessem condição de voltar à vila para rever os amigos. Recordou Augusto, sempre dedicado e gentil, enchendo-a de mimos! Quantas vezes colhia flores do campo e lhe trazia só para vê-la sorrir! Era o

irmão que não tivera. "Como ele estará? Será que pensa em mim? Que saudade tenho de você, meu querido e bom Augusto!" Até a condessa Constância a tratava com carinho maternal, sobretudo após a morte de sua mãe. E Carlos, que encanto de criança! Quantas vezes, na ausência do conde, brincavam juntos no jardim... Sentia como se fossem de sua família!

A moça continuava olhando as estrelas e lembrando os bons momentos de sua vida. Contudo, aquele coração doce e meigo guardava um segredo que só as estrelas sabiam. Ele batia mais forte na presença de Alejandro. O rapaz sempre tivera um gênio impulsivo, mas desde menino fora quem lhe arrebatara o coração.

A condessa nunca levava a sério o brilho diferente que notava nos olhos azuis de Raquel na presença dele, por serem os dois apenas crianças. Todavia, à medida que cresciam mais e mais aumentava o amor entre eles, e bem longe das vistas do conde e da esposa. Para eles, como era de costume, o filho herdeiro teria de se casar com uma jovem da nobreza. O coração nada mandava, os interesses prevaleciam. Eram sempre os pais que escolhiam as esposas para os filhos. E o conde ainda não escolhera uma noiva para seu primogênito, à espera de uma oportunidade e um bom partido.

Quantas vezes Raquel se debruçava no parapeito da janela de sua casinha, para ver o amado passar a cavalo...

Alejandro não tinha a brandura de coração do irmão Augusto. Seus modos eram mais grosseiros, próprios do seu porte físico avantajado. Afeito a esportes brutos e guerras, o que mais o impressionava em Raquel era a suavidade. A presença da moça fazia seu coração bater mais forte no peito másculo. Se precisava distanciar-se por alguns dias, sentia imensa saudade. Quando possível, caminhavam pelos campos de mãos dadas, por horas, sem trocar uma só palavra. Num desses passeios, prendeu as mãos delicadas de Raquel entre as suas e sussurrou-lhe ao ouvido:

- Minha querida, ninguém conseguirá nos separar jamais. Sempre a protegerei contra tudo e contra todos. Se meu pai não consentir no

nosso casamento, então vamos fugir. Sou capaz de deixar tudo, não ligo para herança nem títulos. Não farei um casamento sem amor, meu coração lhe pertence pela vida inteira. Meu pai não oficializou meu compromisso com ninguém, nem vou deixar que isso aconteça; pode estar segura do que lhe digo.

Ela se emocionou com tais promessas e lágrimas rolaram pela sua pele aveludada. O rapaz, num gesto gentil, enxugou e depois beijou seu rosto com extremado carinho.

- Querido, meu coração insiste em me dizer que não vamos ficar juntos - Raquel falava baixinho. - Você é filho de um conde e eu sou uma pobre serva que vive de favores do senhor seu pai. Nunca permitirão que nos casemos e, se fugirmos, irão até o fim do mundo para nos separar. E o pior de tudo é que meu coração não pode viver sem o seu.

Alejandro encostou o dedo nos lábios dela, impedindo que prosseguisse.

- Meu amor, confie em mim. Meus pais acabarão concordando. Vamos ficar juntos, ainda que tenhamos de ir contra o mundo. Entregaram-se num longo e apaixonado beijo, com muitos planos para o futuro, que imaginavam tão belo...

Ali na carroça olhando as estrelas, Raquel parecia sentir os lábios do amado nos seus e as lágrimas lhe molharam a face, enquanto seus pensamentos voavam. Se estivesse lá na noite fatídica, Alejandro os teria defendido contra dom Fernão e hoje poderiam estar juntos. Ela e o pai não estariam passando por tantos dissabores. "Alejandro, meu querido, onde anda agora? - questionou mentalmente. - Tenho medo por você estar enfrentando os mouros; pode ser ferido ou até morrer. O meu coração não suportaria a sua ausência."

Acabou por adormecer tendo a imagem do amado na lembrança. O sol já ia alto quando despertou, com a carroça em movimento.

- Filha, como você dormiu! Pensei que não acordasse mais hoje! A moça sentou-se, esfregando os olhos de sono.

- Nossa, o sol já está alto no horizonte! O pai olhou para trás.

-Você está bem? Estava preocupado! Nunca a vi dormir tanto...

- Estou meio tonta e sinto um pouco de frio - procurou ajeitar--se melhor. - Deve ser cansada da viagem.

Jacó deteve os cavalos a fim de poder alcançá-la e pôs a mão na sua testa.

- Filha, está queimando de febre! Talvez seja conveniente levar a carroça até embaixo de uma árvore e preparar uma poção para você!

Durante aquele dia e a noite toda a jovem ardeu em febre. Jacó usou todos os seus conhecimentos tentando expulsar a doença do corpo da filha. Ficar ali ao relento era perigoso para a saúde dela.

Se os dias eram mais quentes, à noite a temperatura caía e era impossível arrumar um abrigo.

O velho judeu tinha uma prima, Ana, que morava numa vila ao norte; seria necessário desviar o caminho para chegar até lá. Ele procurou deixar a carroça mais confortável e começou a buscar talvez uma casa perto da estrada, ou uma pousada, que pudesse acolher a filha doente. Depois de seguir o dia todo pela estrada esburacada e poeirenta, avistou uma pequena vila perto de um córrego.

- Meu Deus! Espero que minha prima Ana ainda more nesta vila; já está anoitecendo, não sei o que será de minha pobre filha.

À medida que a carroça se aproximava, crianças de várias idades vinham ao seu encontro fazendo muito alarido. Raramente viam estranhos. O menino mais velho, aparentando uns dez anos, subiu na frente ao lado de Jacó.

- O senhor veio visitar alguém? Trouxe alguma coisa para nós?

- Sim, meu filho, procuro por minha prima Ana; não sei se ainda mora nesta vila. Estou com meu filho doente e preciso de alguém que nos abrigue.

O garoto olhou para trás e, vendo Raquel, respondeu:

- Nós temos aqui uma curandeira com esse nome; não sei se é a sua prima... Embora digam que é bruxa, acredito que poderá ajudá-lo. Dona Ana mora na última casa desta rua. Iremos com o senhor.

Jacó parou a carroça diante da pequena casa e logo apareceu uma senhora de cabelos brancos, muito magra, com a pele castigada pelo sol e o corpo marcado pelo rude trabalho no campo. Olhando aquela mulher desgastada pelo tempo, ele desceu e foi em sua direção. Duvidou do que seus olhos viam. Apesar dos anos, conseguiu reconhecer a e correu emocionado.

- Ana, minha prima Ana, quanto tempo passou! Nem posso <sup>crer</sup> que a encontrei.

A mulher ficou estática; encarava-o querendo chamar à memória de onde conhecia aquele homem. Quando Jacó se aproximou, enfim ela o identificou e o abraçou comovida.

- Primo! Minha vista está tão fraca... Só bem de perto pude reconhecê-lo. Meu querido primo, que felicidade revê-lo! O que o traz por essas paragens?

- Meu filho está muito doente; se não receber tratamento adequado, temo por sua vida. Acho que não aguentaria passar mais uma noite ao relento.

O menino que o acompanhara até a porta exclamou:

- Então a velha Ana é realmente sua prima! Ainda bem que são parentes. Aqui não gostamos de desconhecidos.

A essa altura Ana interferiu:

-Vá embora, Tadeu, agora você já sabe; ele é meu primo que veio de muito longe para me visitar, não é nenhum estranho. Leve a notícia para todos da vila. Você sabe que não gosto de barulho na minha porta.

Tadeu e as outras crianças foram saindo; na verdade, tinham medo da velha Ana, que supunham ser uma bruxa.

Jacó e a prima tiraram Raquel da carroça com extremo cuidado. A febre não cedia e ela parecia muito enfraquecida. Já inteirada de sua real identidade, com a promessa de explicações mais completas em momento oportuno, Ana providenciou uma cama limpa e colocaram compressas de água fria na testa da moça. Jacó continuava a dar suas poções, porém a filha não reagia.

Ana, à cabeceira, com um galho de folhas secas cantava e gesticulava em torno da enferma. Não vendo solução nas suas rezas, falou agitada:

- Meu primo, sua menina está acompanhada de um rapaz de nome José. Parece que morreu não faz muito tempo; tem uma ferida aberta no peito e acha que Raquel pode ajudá-lo. Também quer auxílio para a mãe, que segundo ele está doente em sua casa. Jacó inclinou a cabeça e em seu rosto rolaram duas lágrimas.

- Eu já tinha percebido a presença de um espírito; só me custava crer que fosse José. Minha prima, a história é comprida... No entanto, sei que ele e Teresa, sua mãe, perderam a vida por nossa causa. José era um pobre e bom rapaz que tinha por nós elevada estima. Em vida apegou-se demais a minha filha e agora não é capaz de perceber o mal que lhe causa.

- Sei de um benzimento que afastará esse espírito.

Por um momento o velho ficou pensativo, e então declarou:

- O que eu desejo, prima, é ajudá-lo para que encontre o caminho de paz e luz que tanto merece. Vou pedir ao anjo que sempre me acompanha que o socorra, e também a nossa querida Teresa.

José captou a manifestação carinhosa, e sentiu que finalmente estava sendo visto. Jacó abriu os braços, como a acolhê-lo em espírito junto do peito.

- Meu garoto, agora posso compreender o quanto está penando. Não obstante, nenhuma dor é vã. Raquel se ressentida da sua presença, o corpo dela está sofrendo com seu sofrimento. Quero pedir a você que deixe o anjo do Senhor cuidar de sua ferida. Quando estiver bom poderá procurar a Raquel e a mim, aí conversaremos. José, pense em Jesus, nosso querido Mestre. Lembre-se das tardes em que fazíamos orações e cantávamos lindas canções. É assim que o anjo virá ajudá-lo.

José ia se acalmando, e a recordação das tardes felizes parecia aclarar-lhe a mente.

Um espírito amigo se fez visível, trazendo-lhe grande alegria, e ele se deixou conduzir como uma criança.

A velha Ana, com um galho seco de erva que exalava cheiro forte benzina Raquel; os movimentos eram associados a um monólogo.

A velha cantava e dançava em volta da moça. Quando terminou, olhou para o primo.

- O espírito infeliz deixou sua filha, que agora vai melhorar! Jacó fez um ar de preocupação.

-Ana, o espírito que estava com Raquel era nosso amigo; apenas não tinha conhecimento de que nos causava mal. Minha cara prima, mexer com espíritos das trevas é muito perigoso, eles sempre acabam contra você. Já pensou nas palavras de Jesus? Fazer mal aos outros é contrariar as leis de Deus; na verdade, é fazê-lo contra nós próprios.

De olhos baixos, Ana argumentou em sua defesa:

- Eu não faço mal; somente pago com a mesma moeda, como na lei de Moisés: olho por olho, dente por dente. Acho que posso estar com a consciência tranquila.

Jacó procurou dar um tom muito sério à conversa.

- O povo desta vila a considera uma bruxa, e penso que você tem nítida noção do que isso significa.

- Ora, Jacó, eu sei de numerosos segredos, os espíritos me ensinaram a fazer muita magia. Essas pessoas ignorantes sentem temor em relação a mim; por me julgarem mais forte, não terão coragem de me fazer nenhum mal. Além do mais, quantas vezes sou eu que tenho de socorrê-los em doenças físicas e espirituais?

Após essa conversa, Ana e Jacó resolveram não mais tocar no assunto, pelo menos por um tempo. Ele não queria entrar em atrito com a prima. Contou todos os problemas que vinha enfrentando com dom Fernão, esclarecendo assim o motivo da troca de identidades.

Raquel não mais apresentava febre e cessaram as dores abdominais que a faziam definhar. Em poucos dias voltou a se alimentar,

sempre sob os cuidados do pai e de Ana, que se revezavam à sua cabeceira. A bela jovem não tardou a recuperar a cor da saúde e a beleza que lhe era característica.

A vila era pequena e seus moradores tinham muitas curiosidades em torno do homem e do rapaz que estavam morando com Ana. Com seu disfarce, Raquel parecia ter não mais que doze anos. A enfermidade a deixara ainda mais magra.

Como todos os garotos queriam conhecer Frederico, o menino de feições delicadas, a moça se expunha o mínimo possível, falava pouco, dizia estar doente e debilitada. Logo a desconfiança diminuiu e os aldeões foram se acostumando com a figura simpática de Jacó, agora dom Jorge, e com a meiguice de Frederico.

O judeu percebeu que poderia movimentar-se sem ser reconhecido. Dedicava-se a pequenos serviços e mantinha algum comércio com as vilas vizinhas; com isso conseguia fazer dinheiro suficiente para suprir suas necessidades e retribuir a hospitalidade da prima. A casa de Ana era o ponto de descanso.

Numa das manhãs em que comercializava frutas na feira de uma vila próxima, foi surpreendido por uma agitação diferente. Em um grupo de pessoas, alguém falava de um velho bruxo e de sua filha. Para seu alívio, notou que ninguém sabia dar informações sobre tais criaturas. Com receio de ser reconhecido no vendedor Jorge, procurou se esconder. O homem que perguntava pelos dois passou quase esbarrando nele, sem se dar conta.

Jacó elevou os olhos ao céu, agradecido, numa oração silenciosa. Finalmente parecia estar livre; sua única dúvida era se o próprio dom Fernão não o reconheceria. Aquele homem perverso tinha um faro de cão de caça e dificilmente sua presença lhe teria passado despercebida. Voltou correndo para casa, ansioso por relatar a Ana e Raquel o acontecimento daquela manhã.

A prima reagiu à notícia resmungando:

- Eu já lhe falei, use aquelas sementes que costurei no saquinho, que o protegerão de dom Fernão. Vou fazer preparados de ervas para

afastá-lo definitivamente; poderemos mandá-lo para o inferno antes da hora.

A resposta veio muito séria:

- Cara Ana, já lhe falei que cada um tem a sua maneira de pensar e agir. Não quero usar seus métodos; tenho certeza de que sua feitiçaria também afastaria de mim o anjo do Senhor que nos tem protegido tanto.

A velha Ana era supersticiosa, porém através mediunidade aprendia muitas coisas dos espíritos bons e ruins com quem convivía. Quanto a Jacó, que também possuía dons, ligara-se a um espírito protetor que respeitava e ao qual sempre pedia conselhos. A prima, a despeito do espírito supersticioso, muitas vezes tinha compaixão de algum pobre coitado e acabava beneficiando essa criatura com a mediunidade.

## **9. VOLTA AO LAR**

PASSADOS VÁRIOS MESES, DOM Felipe retornou com o filho mais velho. Todos no castelo os esperavam. Houve ali excepcional movimentação nos dias que antecederam a sua chegada.

Alejandro vinha à frente da tropa, montando garboso cavalo. A medida que avistava a propriedade com maior nitidez, seu coração pulsava mais forte. Para ele, havia sido tão longo o período de afastamento que a saudade falava muito alto. Sua verdadeira vontade era ir direto para a vila, encontrar Raquel, tomá-la nos braços, beijá-la e falar da falta que dela sentira. Sabia que não poderia fazê-lo sem antes convencer os pais de seu grande amor

pela moça. O coração palpitava tanto que temia expor aos outros o próprio interior.

. O belo e vigoroso rapaz tinha nos olhos o orgulho da posição social que trazia desde o berço. Orgulhava-se dos títulos e das honras de ser nobre e rico, mas tudo perdia o valor diante do sentimento que nutria por Raquel. Seria capaz de enfrentar os pais e o mundo por ela; só esperaria algum tempo para tomar uma atitude.

Estava quase convicto de que após uma conversa franca o pai não se oporia; afinal, ele era o filho preferido. Sempre lhe dera tantas alegrias! Quando soubesse de seu amor pela jovem linda e meiga não iria contestar. Nas poucas oportunidades em que tivera contato com Raquel, dom Felipe ficara impressionado com sua beleza, sua ternura e sua voz doce ao cantar e tocar a cítara. Em todas as festas do castelo, sempre fizera questão da presença da jovem para entreter seus convidados. Os elogios eram tão efusivos que agradavam muito ao castelão. No fundo, o conde sentia certa simpatia por Raquel.

Alejandro confiava que o pai não faria objeção; também se renderia aos encantos dela! Sua maior opositora seria a mãe. Nas diversas vezes em que tentara entrar no assunto, insinuando o interesse que Raquel lhe inspirava, a condessa perdia o bom humor; nunca admitia falar disso, ou no máximo reagia com segura:

- Meu filho, Raquel é ótima moça, apesar de ser uma aldeã. Vocês foram criados juntos e por ser ela uma bela menina você fica confuso. Seu sentimento deve ser de irmão para irmã! Seu pai quer um bom casamento para seu herdeiro. Não se esqueça de nossa posição social, meu filho!

Constância percebera que seus dois filhos estavam apaixonados pela jovem e isso lhe trazia profundas preocupações.

A tropa chegou ao castelo. A ponte levadiça desceu para os cavalos passarem a num vasto pátio interno. Era início de inverno do ano de 1336. Os homens apearam esfregando as mãos, na intenção de

aquecê-las. Outra ponte desceu, possibilitando o ingresso em outro recinto. Caminharam mais alguns metros até uma grande porta em que se viam entalhados os brasões da família; a porta estava aberta para um amplo salão.

Os comandados do castelão levaram os animais para as cocheiras; estavam cansados, alguns feridos e todos, homens e animais, famintos. Os servos dos soldados, a postos na cocheira, logo os abasteceram de vinho e comida. O frio intenso castigava a todos.

Pela porta principal, os donos do castelo entraram para o salão. Ao fundo via-se uma escada e, na parede, uma peça de tapeçaria onde estavam bordados em azul e vermelho os brasões da família. As paredes ostentavam algumas espadas de antepassados ilustres, nobres cavaleiros condecorados por reis. Transposto o primeiro arco, outro salão, no qual havia uma extensa mesa e cadeiras de encosto alto forradas de veludo verde, acolheu os castelões com muita comida e bebida; servos cabisbaixos esperavam pacientemente a entrada dos amos.

A condessa e seus dois outros filhos já os acompanhavam desde o primeiro salão. Na chegada Alejandro se antecipara, ansioso ao avistar a mãe. Correrá para abraçá-la e depois abraçara os irmãos. O conde absteve-se de manifestações calorosas, apenas balançou a cabeça para a esposa e os filhos. Augusto, que deu dois passos em direção ao pai, de braços estendidos, recebeu um frio aperto de mão. O caçula, ao observar essa indiferença, ficou passivo, sem nenhuma atitude.

O conde lançou um olhar severo pelo salão, depois dirigiu-se para a sala de jantar a passos largos, sentou-se à mesa e bradou:

- Alejandro, estou morrendo de fome para perder tempo com abraços e beijos!

O rapaz soltou a mãe dos braços fortes e acomodou-se ao lado dele na mesa.

A seguir dom Felipe fixou os olhos na esposa e falou:

- Vamos, senhora, e vocês, meus filhos, sentem-se e comam. Afinal, há muito não fazemos uma refeição juntos.

Dito isso, ordenou que começassem a servi-los.

Timidamente a mulher procurou colocar-se na outra cabeceira da mesa, ficando assim distante do marido. Quando foi servida, eslava tão angustiada que mal conseguia tocar nas iguarias; a simples presença do conde a fazia tremer dos pés à cabeça. Seu rosto estava Pálido, os lábios brancos, os olhos pareciam ter perdido o brilho. Sequer por um instante o castelão detinha os olhos na esposa, que Permaneceu calada durante toda a refeição.

Alejandro, o mais animado, narrava peripécias da guerra e de Janeira exagerada fazia comentários em torno dos atos de bravura do pai e dele próprio. O conde ria muito a partir do terceiro copo de vinho. Depois de muito comer e beber, acabou dormindo debruçado na mesa.

Constância levantou-se e encaminhou-se para seus aposentos. Fizera um esforço descomunal para aparentar calma diante do marido, o que lhe esgotara as energias. A noite estava gelada. Vestiu uma roupa mais quente e tratou de se deitar. A chuva fina que caía lá fora podia ser ouvida batendo na janela.

Os filhos ainda mantiveram uma conversa animada junto à lareira, noite adentro. Alejandro, aproveitando a ausência dos pais, perguntou sobre Jacó e Raquel.

Ao responder, Augusto olhou para o irmão com ar pensativo e triste.

- Aconteceram tantas coisas na sua ausência que teríamos de conversar a noite toda para você ficar a par de todos os fatos, e posso adiantar que não são boas as novidades.

Alejandro, vendo seu ar de preocupação, entendeu que o assunto era grave.

-Vamos logo. Conte, desembuche!

O rapaz acomodou-se melhor perto do fogo, enquanto o irmão puxava a cadeira para mais próximo.

- Houve um incêndio que destruiu a maior parte da vila - principiou Augusto. - E o mais estranho é que só a casa de Raquel e Jacó ficou ileso, escapou das chamas. Antes desses acontecimentos, dom Fernão entrou em discórdia com o velho judeu e ninguém sabe dos motivos. São segredos que devemos empenhar-nos em descobrir. Dom Fernão andou muito irritado, espalhando com seus homens boatos sobre os dois.

- Que tipo de boatos? - quis saber o irmão, muito apreensivo.

- Superstições tolas. Diziam que Raquel e o pai praticavam bruxarias, o que chamam de magia negra, e que são filhos do demônio.

Alejandro ficou todo arrepiado, e Augusto deu sequência às informações em tom mais confidencial:

- Pela ação dos homens de dom Fernão, correram de boca em boca denúncias de prática de rituais na casa de Jacó; até asseguravam ter visto lá espíritos malignos.

O jovem estava tão impressionado que não notou a presença da serva Maria. A mulher interrompeu a narrativa em tom enérgico:

- Tudo isso foi intriga para poder queimá-los na fogueira e aquele maldito livrar-se dos dois.

Pálido, Alejandro levantou-se abruptamente e deixou a cadeira cair.

- Então morreram queimados na fogueira? Meu Deus! Não pode ter sucedido tudo isso por eu não estar aqui...

- Fique calmo, meu filho, não faça barulho, pois poderá acordar o seu pai. Não, os dois perceberam toda a armadilha e fugiram; até agora o maldito não os encontrou.

O rapaz ergueu a cadeira e sentou-se. O corpo doía e o rosto estava banhado de suor. Falou mais sereno:

- Como o povo pode acreditar em tais mentiras? Jacó sempre ajudou a todos e Raquel é só meiguice.

Augusto tomou a palavra:

-Você sabe como os aldeões são supersticiosos, e conhece muito bem dom Fernão. Em seguida ao incêndio criminoso, espalharam-se boatos de que o demônio tinha mandado o velho Jacó atear fogo nas

casas. Morreram algumas pessoas. Aconteceu na calada da noite, estavam todos dormindo e ninguém viu como se iniciou. O fato é que perderam tudo o que tinham e ficou fácil incriminar Jacó e Raquel.

Alejandro procurava acompanhar o raciocínio do irmão. Seu corpo, apesar do frio, suava e tremia; o cérebro parecia ferver de tantas emoções.

- E onde estão eles? Vocês os ajudaram? Foi Maria quem respondeu:  
- Não sabemos onde estão. Sumiram como o vento. As ocorrências foram tão rápidas que não deu tempo de tomarmos nenhuma providência para ajudá-los. Foram embora durante a tarde de violenta chuva; nem dom Fernão imaginou que fugiriam debaixo da tempestade. Agora devem estar enfrentando muitas dificuldades. Dom Fernão comentou que passaram por uma taberna e lá roubaram tudo deles, até o cavalo. O taberneiro que lhes arrumou outro animal espalhou a notícia de que Raquel o enfeitiçou e depois os dois desapareceram feito fumaça.

- Apesar de tudo, acredito que estejam sob a proteção de Jesus - Augusto interveio. - Ele os tem amparado. Eu e mamãe oramos todas as noites para que os livre das garras de dom Fernão, e graças a Deus parece que estamos sendo atendidos. Bem, acho que chega de conversa; vou me deitar.

O irmão puxou-o pelo braço, queria saber mais notícias.

- É só isso, não temos mais novidades. Amanhã retomaremos o assunto. Sua viagem foi cansativa, e após tantas emoções é melhor descansar.

Alejandro assentiu, subindo para seus aposentos, enquanto Maria tentava acordar o conde, que de tão bêbado não conseguia levantar-se da cadeira.

## 10. A ESPIÃ

DE MADRUGADA UMA SOMBRA esgueirou-se da ala dos servos e silenciosamente entrou na sala onde dom Felipe dormia profundamente. A noite ia alta e o sol não demoraria a nascer; o frio estava mais intenso naquelas horas. Uma mão magra tocou o ombro e em seguida o rosto do conde. Uma figura feminina se achegou ao corpo adormecido, encostou a boca em seu ouvido e sussurrou:

- Meu amor, que bom que retornou... Estava morta de saudade. Sinto tanto frio...

Começou a beijá-lo com ímpeto. Ele continuava dormindo debruçado na mesa. Joana virou o corpo de modo a ficar embaixo de seu braço esquerdo. O castelão, sonolento, tentava entender o que acontecia. Joana baixou a cabeça e beijou-lhe a boca com furor. O homem despertou assustado, quando a moça voltou a sussurrar:

- Sou eu, meu amor, estou morrendo de frio.

- Joana, minha flor - enfim desperto, puxou-a para seu colo. -Não via a hora de encontrá-la. Tenho pensado muito em você.

Beijou-a com paixão e levantou-se, carregando-a nos braços Para um quarto vazio nos fundos da ala onde dormiam os servos do castelo.

Joana era uma jovem alta e esguia, aparentando não mais que 25 anos. Cabelos lisos e pretos emolduravam-lhe o rosto de pele muito alva; os grandes olhos negros davam-lhe um ar de soberba. A boca bem feita, com lábios carnudos, e os trejeitos do corpo conferiam-lhe muita sensualidade.

Orgulhosa, sabia que era bonita e atraente e não hesitava em tirar proveito de seus atributos físicos. O conde, que não resistia a uma bela mulher, deixara-se envolver por Joana desde que ela era apenas uma menina de catorze anos. Mantinha o romance sem nenhuma discrição e todos no castelo sabiam onde costumava passar a maior parte de suas noites. A princípio, a condessa sentira-se abalada,

considerando incabível permitir uma traição dentro de sua casa; depois procurara acomodar-se, fingindo não saber de nada. Joana afastava o marido de seus aposentos, o que lhe dava mais liberdade. O dia amanheceu nublado, uma garoa gélida encobria toda a região. Bem cedo Alejandro dirigiu-se ao quarto de Augusto, com o propósito de dar sequência à conversa interrompida no dia anterior. O irmão permanecia deitado, friorento. Alejandro sentou-se na cama perto dele e falou baixinho:

- Augusto, precisamos continuar o assunto que ontem apenas iniciamos; por causa dele passei a noite acordado.

O outro também se sentou, com ar de cansaço.

- Conte-lhe tudo o que sabia. Não sei onde estão Jacó e Raquel, não temos meios de ajudá-los.

Desviou o olhar, temendo revelar ao irmão, através dele, a saudade e o amor que sentia.

- Mas deve existir uma forma de encontrá-los. Talvez possamos juntos, eu, você e mamãe, que gosta tanto de Raquel, achar uma solução.

- Se dom Fernão, que é tão astuto e persistente, não tem obtido nenhum resultado nessa busca, que dizer de nós, que sequer podemos nos afastar do castelo para não levantar suspeitas?

- Talvez papai se disponha a nos ajudar, levando em conta os inúmeros favores que o velho Jacó já lhe prestou... Quantos não foram os remédios que preparou para aliviar as dores de cabeça das bebedeiras?...

Augusto o fitou, pensativo, e redarguiu:

- Meu irmão, nosso pai não faz nada que não favoreça dom Fernão, que não demorará muito a encher-lhe a cabeça de acusações ao pobre Jacó e a Raquel. Aliás, esse é outro assunto de que quero tratar com você; temos de descobrir por que esse homem controla nossas vidas. Que segredo nossos pais têm com ele? Por que lhe devemos obediência, todos nós, se somos os donos das terras e do castelo?

Alejandro o escutou pacientemente e compartilhou sua preocupação:

- Sabe que também tenho refletido muito sobre isso? E por mais que me pergunte não posso entender por que papai se curva diante desse homem que não passa de um estranho, de alguém cujo passado é um mistério.

- E, meu irmão - disse Augusto -, deve ser um segredo muito grave que envolve os três. Esse homem deve saber algo que compromete nossos pais, e tal segredo lhe dá muito poder.

. - Será? Papai tem gênio violento e não tolera humilhação. Não se deixaria dominar.

- Tenho certeza do que falo. Deve ser algo extremamente grave, que o velho Jacó também sabe, ou de que participou, ou que descobriu... Por isso dom Fernão está tão interessado em matá-lo.

- Meu caro irmão - Alejandro argumentou -, acho que você está imaginando demais... Não existe segredo algum; isso deve ser criação da sua cabeça. Se realmente houvesse alguma coisa grave, dom Fernão já teria rolado... Você conhece papai.

O tom da resposta se tornou mais confidencial.

- Então me diga por que mamãe se irrita toda vez que toco no assunto? Eu gostaria que você passasse a reparar em suas atitudes.

Fica pálida na frente dele, parece coagida, insegura. Dias atrás ele me bateu e pude perceber na expressão de nossa mãe todo o ódio que sente. E, como se estivesse acorrentada, não teve qualquer reação, nem mesmo verbal, em minha defesa.

Os rapazes ouviram passos leves. Era Constância que entrava no cômodo quase sem fazer ruído.

- Mãe! Que susto a senhora nos pregou! - disse Alejandro.

- Não foi minha intenção. Ouvi os dois cochichando e senti vontade de participar. Afinal, estou cheia de saudade do meu filho e quero saber das novidades.

Augusto abriu um espaço na cama.

- Por isso não, minha dama favorita! Seja bem-vinda à nossa conversa íntima, venha aqui matar a saudade de seu filho predileto. Abriu-se um sorriso no rosto que vivia triste e ela se atirou na cama entre os filhos, abraçando-os.

- Na verdade é impossível dizer qual dos três filhos é o mais querido.

Os jovens riram muito da atitude exagerada da mãe. Alejandro puxou a coberta e os três ficaram bem juntos.

- Mãe, quanta saudade! Como é bom estar de volta ao nosso lar! Alejandro deu um beijo na face de Constância, que começou a chorar. Augusto virou a cabeça, fingindo ciúme.

- Com um irmão tão meloso, até eu sou capaz de chorar... A condessa enxugou as lágrimas.

- Ora, mãe, não entendo - disse Augusto. - Alegria é para rir, não para chorar. Parece que é a única coisa que sabe fazer na vida! Chorar até quando está alegre.

- Está bem, não vamos falar de mim. Retornemos ao que vocês falavam quando eu cheguei; devia ser algo interessante.

Augusto, mais astuto, adiantou-se:

- Estava contando ao meu irmão os acontecimentos que levaram nossos amigos Raquel e Jacó a sair da vila.

- Eu tenho sentido muita falta dos dois, principalmente de Raquel; pobre órfã a quem me apeguei como a uma filha... Aquela menina nasceu e cresceu junto de nós. E agora, a única coisa que nos resta é rezar.

- Mãe - disse Alejandro -, a senhora não acha que devíamos procurá-los? Talvez tenhamos mais sorte e possamos achá-los antes de dom Fernão.

Constância pôs o dedo indicador sobre os lábios.

- Fale baixo, meu filho, as paredes têm ouvidos. Não podemos nem pensar em fazer isso. Logo dom Fernão estará aí enchendo a cabeça de seu pai, e se descobrir qualquer movimento de nossa parte para

ajudar nossos amigos as consequências serão muito tristes - em particular para Raquel e Jacó.

Ela se levantou e foi até um espelho que ficava quase em frente à cama. Ao perceber um pequeno movimento na cortina da janela do fundo, simulou arrumar o vestido e acercou-se da cama; continuou a conversar animada com os filhos e, num gesto brusco, puxou a cortina.

Joana ali se escondera, para ouvi-los. Ao ser surpreendida, ficou muito pálida e apoiou-se na parede para não cair. Duramente censurada por estar bisbilhotando, a moça não conseguiu responder; permaneceu muda e imóvel.

- O que foi, alguém cortou a sua língua? Além de ouvir histórias deploráveis a seu respeito, ainda tenho de suportá-la em nossos aposentos, compartilhando das minhas intimidades com meus filhos? Fale, estou esperando alguma palavra a seu favor!

Cada vez mais irritada ante a jovem que se mantinha calada e estática, a condessa aproximou-se, dando-lhe duas bofetadas. Foram tão fortes que a fizeram perder o equilíbrio e cair no chão.

Alejandro interveio rapidamente, impedindo que a mãe prosseguisse com a agressão.

- Não, mãe! Deixe que encontraremos um castigo justo que não machuque suas mãos.

Joana não tomou nenhuma atitude para defender-se. Ficou no chão com o rosto em cima do tapete; um filete de sangue escorria--lhe pelo canto da boca.

- Conte como entrou e quem a mandou vir aqui nos espionar. Quanto mais se recusar a falar, pior será; quero saber toda a verdade.

A falta de reação levou Alejandro a perder a compostura. Segurou-a pela roupa na altura do pescoço, tirou-a do chão com seus braços fortes e chacoalhou-a, ordenando:

- Vamos, infeliz, responda às perguntas de minha mãe! Joana parecia não ter língua, não dava um pio. Ele a soltou no

ar e a moça tombou sem soltar um gemido.

O rapaz ajoelhou-se, encostando o rosto no dela.

- Quer dizer que não vai querer contar quem a mandou e por que estava escondida no nosso quarto? Você já ouviu falar de nossos calabouços subterrâneos, escuros e cheios de ratos e baratas? Pois é lá que irá passar o resto de seus tristes dias, se não abrir essa maldita boca!

A moça gemeu e começou a chorar baixinho.

- Augusto, vá até nosso servo Joaquim e pegue as chaves dos subterrâneos. E não faça barulho; não quero que papai saiba do ocorrido.

Joana estremeceu. Se o conde não soubesse, não poderia ajudá-la; do contrário tinha a certeza de que ele não a deixaria presa. De qualquer maneira, sua situação estava complicada.

- Dom Alejandro, por favor, não me leve para o calabouço. Eu não estava fazendo nada. Apenas entrei para limpar e arrumar os aposentos, quando percebi que dom Augusto ainda dormia. Logo em seguida entraram o senhor e sua mãe. Só me escondi por medo de ser castigada. Juro por tudo que não estava espionando!

- É mentira! - Constância irritou-se ainda mais. - Você foi proibida de entrar em nossos aposentos; dei ordem expressa a Maria. Estava espionando a mando de alguém. E sabe Deus há quanto tempo está levando nossas intimidades para fora deste castelo!...

- Juro por tudo o que é mais sagrado! Como Júlia está doente, eu a estou substituindo na limpeza. Por favor, pergunte a Maria.

A condessa repetiu quase gritando:

- É mentira! Mandei Maria até a vila hoje cedo e se houvesse mudanças teria me avisado. Eu a proibi de frequentar esta ala do castelo e Maria está perfeitamente a par disso. Quem a incumbiu de nos espionar?

Augusto voltou com as chaves nas mãos e Joana sentiu o chão sumir sob os pés.

O rapaz, o mais sensato dos três, procurava apaziguar a situação.

- Mãe, por que não esperamos Maria voltar e averiguamos se o que Joana disse é verdade? Aí tomaremos medidas mais ponderadas. Não devemos fazer nada para nos comprometer.

. Joana sentiu-se mais calma, notando que o jovem tentava defendê-la; talvez pudesse ganhar tempo.

Alejandro, porém, agarrou-a pelo braço e foi tirando-a do quarto.

- É uma boa ideia. Enquanto Maria não vem ela ficará no calabouço. Passando algumas horas por lá, quem sabe sua memória melhore e ela resolva nos contar uma história mais interessante e convincente? Esforçando-se para pensar rápido, Joana não achava mais nenhum argumento. Ainda assim, jogou sua última carta.

- Dom Alejandro, não seja injusto. Quando seu pai souber de sua atitude, ficará muito aborrecido. Ele é um homem justo e não Permitirá isso...

- Meu pai, um homem justo? - o primogênito não conteve o riso irônico. - Que diferença fará para ele saber onde você foi parar? O conde nunca se importa com servo algum do castelo.

Com essas palavras, agarrou a moça pelos cabelos e a foi empurrando para o fundo do corredor, onde uma porta levava a uma escada. A condessa, na frente, iluminava o caminho com uma vela. Augusto tentava impedir, mas era perda de tempo; o irmão e a mãe não lhe davam ouvidos.

Tanto a condessa como os filhos sabiam que Joana frequentava a cama de dom Felipe. Só isso seria motivo suficiente para o castigo, e o fato de estar espionando agravava muito a situação. Para eles, não havia dúvida de que o fazia por determinação do próprio castelão, e sua fidelidade ao mandante mais os revoltava.

Depois de descerem vários degraus e atravessarem diversos compartimentos, abrindo e fechando portas ao passar, chegaram a um lugar úmido e muito sujo. Havia mais ou menos dez cubículos cujas portas eram de ferro, cada uma com pequena abertura. A bela serva se desesperou ante a perspectiva de ficar ali sozinha.

A condessa encarou-a com desdém.

- Você vai soltar a língua, ou acha que vale a pena perder a beleza e a juventude neste lugar infecto? Ainda está em tempo de sair daqui. O olhar de Joana era vago. Não respondia nada, mesmo diante da possibilidade de tanto sofrimento.

Alejandro, com o molho de chaves na mão, abriu uma das celas e a jogou lá dentro. Ela continuou calada, apenas chorava baixinho. O rapaz fechou a cela e, abraçados, mãe e filho voltaram para seus aposentos. Augusto esperava no corredor, pálido e trêmulo, contorcendo as mãos. Ao ver os dois, correu para ajudar a mãe a cruzar a porta.

- Onde está Joana? Não me digam que a largaram naquele lugar imundo.

- Por que tanta pena, meu filho? - o ar de Constância era desdenhoso. - E o que aquela mulher merece, pelo menos por algumas horas. Só até lembrar para quem espionava...

Se papai souber, teremos muitos problemas.

- Não se preocupe. Seu pai não vai sentir falta da moça. Devemos levá-la para algum lugarejo distante.

- Mãe, não suje as mãos com essa criatura; deixe-a por sua própria conta. Conte a descoberta a papai e exija que ela saia do castelo. Você está no seu direito, é esposa dele e também dona deste lugar.

- Seu pai é capaz de castigar a mim e não a ela. É até provável que me humilhe na frente dos servos. Prefiro que fique como está. Aquela mulher mereceu o castigo por ser tão leviana e ousada. Imagine: entrar em nossos aposentos pessoais para nos espionar!

Quando a porta de ferro se fechou atrás de Joana e a escuridão invadiu toda a cela, enorme pavor fez seu corpo gelar dos pés a cabeça. De repente, abandonou o estado de inércia em que estava; levantou-se depressa, correu até a porta e gritou em desespero. Primeiro blasfemou, xingou a condessa e seus filhos; depois, cansada, pediu socorro, implorando a presença do conde ou de quem pudesse ouvir. Nada se alterava no ambiente tétrico. Esgotou as for-

ças e percebeu que não tinha saída. Suplicava por Deus, chorava e maldizia baixinho sua má sorte.

Joana vinha há muito tempo escutando atrás das portas, mesmo durante as longas viagens do conde. Assim, pensava, podia sempre lhe contar as novidades, ganhando as suas boas graças. Quando não conseguia ouvir nada, inventava, muitas vezes jogando Felipe num emaranhado de intrigas, não só contra a família, como também contra amigos e outros servos. Divertia-se quando seu senhor tomava atitudes de represália para com tais pessoas. Invejosa, tinha sede de poder e de riqueza; extremamente sensual, suas relações com o castelão, movidas unicamente por interesses pessoais, eram um misto de ódio e paixão. Apesar de seus préstimos, ele não poupava de grosserias e, quando bêbado, chegava até a espancá-la. Seus pensamentos, naquela hora, eram de inconformação. "Depois de tantos anos, num descuido, perceberam minha presença. Tinha tantas novidades para o conde... Agora, sabe Deus quanto tempo vou apodrecer aqui neste inferno!" Tateou o chão, na esperança de poder deitar-se, mas era inverno e o frio estava de cortar a pele. Ficou sentada num canto, tentando esquentar-se com a roupa do corpo.

Dom Felipe acordou tarde, devido ao excesso de vinho. Quando despertou viu que não estava em seus aposentos, e sim na ala dos servos. Procurou por Joana ao seu lado na cama.

- Diabinha linda, onde está você? Venha aqui dar um beijinho no seu amo. Venha, Joaninha!

Não obtendo resposta, levantou-se friorento e vestiu as roupas. Foi até a janela e abriu as cortinas. Uma camada fina de neve cobria o campo, como se tudo tivesse sido pintado de branco. Abriu a porta que dava para o corredor, verificou se não havia ninguém e saiu devagar, evitando fazer barulho. Alcançou o salão e a seguir o saguão da escada que levava aos aposentos da família; subiu rápido, alcançou o corredor. Mesmo com as portas fechadas, ouviam-se vozes alteradas no quarto de Augusto. Entrou no cômodo contíguo e parou

por instantes, tentando ouvir o que falavam; depois abriu a porta do aposento onde a condessa e os filhos conversavam acaloradamente. Os três emudeceram. Ele entrou, olhando fixamente para a esposa.

- Interrompo alguma coisa? Gostaria muito que prosseguissem tão animada conversa.

Alejandro, mais acostumado ao modo direto do pai, foi quem respondeu:

- Senhor meu pai, sabe o quanto são preocupadas as mães. Eu estava relatando os combates que travamos com os sarracenos e mamãe, impressionada, gritava em altos brados que não me deixará voltar aos combates; teme por minha vida.

O pai soltou uma gargalhada que soou em todo o quarto.

- Era só o que me faltava: uma mulher que quer manter os filhos debaixo de suas saias. Já não bastam dois maricas, queria que fossem três? Deve agradecer pelo filho forte que maneja as armas como ninguém, um orgulho para nossa estirpe e para o reino. Nosso rei sabe muito bem do jovem valoroso que temos em casa, que encherá de glórias nossa nobre família.

Augusto se retraiu diante das palavras do pai. Não era um covarde, só não tinha pendores para armas e combates. No entanto, aos olhos do castelão e da sociedade de sua época, a força bruta superava a inteligência e a sensibilidade humanitária. Embora fosse mais nobre de sentimentos que o irmão e muito mais inteligente, seus valores não ressaltavam aos olhos do pai.

Constância permaneceu calada, e o conde, convencido com os argumentos do filho, encerrou o assunto.

. - Estou morto de fome, vou descer e comer alguma coisa. Será que alguém me acompanha?

Todos estavam esgotados com as últimas ocorrências e precisavam de uma trégua. Portanto, resolveram segui-lo.

A serva Matilde se apressava na arrumação da mesa para servir a refeição aos amos. Dom Felipe desceu a escada aos berros, como era de costume. Sentou-se à mesa ávido por saciar a fome com a

brutalidade de um animal. Constância ocupou seu lugar, porém não tocou em nenhum alimento. O filho mais velho perguntou:

- Mãe, não vai comer nada?

- Estou sem apetite - disse ela de olhos baixos.

Augusto limitou-se a comer um pedaço de pão. Carlos olhava amedrontado para o pai e também não quis comer. A condessa pediu a Matilde que pusesse leite quente com mel em uma caneca para dar a ele; além de nutri-lo, também seria bom para sua saúde. Quando a serva a atendeu e se aproximou da mesa, o castelão, num gesto inesperado, bateu a mão na caneca, derrubando-a e espalhando o leite na mesa. Em seguida, berrou:

- Eu quero ver essa menininha da mamãe comer sozinha, sem ajuda. Vamos, inútil, pare de tremer e coma. Quero que se levante e apanhe sua caneca e seu leite.

Pálida, Constância reagiu:

- Por favor, senhor! Ele é somente um garoto e tem problemas de saúde.

O conde levantou-se e foi em direção à esposa com a mão erguida. Num movimento ligeiro, Alejandro ficou igualmente em pé, colocando-se entre os dois. O rapaz tinha a estatura maior que a do pai; de cima, seus olhos meigos encontraram o olhar de ódio do conde.

- Pai, eu sei o quanto o senhor gostaria de ver Carlos comportar-se como um homem, e tenho a mesma posição. Mas mamãe, como toda mulher, mistura sentimentos e nesses casos cabe a nós, homens, usarmos de sensatez, muitas vezes mais do que da força bruta.

Alejandro tinha o físico mais vigoroso e era mais inteligente que o pai, o que lhe possibilitava certa ascendência sobre ele. Era frequente, nos confrontos com os inimigos, as ideias do jovem serem acolhidas com sucesso.

Cracas à sua interferência o conde desarmou-se, voltando a sentar-se à cabeceira da mesa. A despeito disso, falou asperamente:

- Condessa, eu não quero ver esse menino chorando pelos cantos do castelo, nem a senhora cheia de mimos com ele. Afinal, é um homem e é como tal que deve ser tratado. Tenho certeza de que assim irá melhorar da saúde.

Matilde, numa atitude rápida, encheu uma caneca de vinho e a trouxe para o amo.

- Você é uma serva muito competente, parece adivinhar meus pensamentos; quero também um pedaço de pão.

Enquanto o conde comia, o resto da família olhava. Todos haviam perdido o apetite.

## 11. CALÚNIAS

DOM FELIPE ORDENOU AO servo que trouxesse dois cavalos até o pátio. Ele e Alejandro iam dar uma volta pelas terras. O rapaz, apesar do frio, não discordou do pai; agasalhou-se bem e o acompanhou.

As pontes desceram e os dois homens saíram cavalgando devagar na direção da vila. O conde notou que as casas estavam recém--construídas. Tudo parecia deserto; o frio rigoroso obrigava os aldeões a permanecerem dentro de suas moradias. Em frente à casa de Jacó, ele fez o cavalo parar e apeou.

- Alejandro, desça! Preciso falar com o velho judeu; esta manhã não acordei bem.

O rapaz empalideceu, mas acatou a ordem como se nada soubesse. Atravessou o pequeno jardim castigado pelo frio e pelo abandono, batendo na porta.

- Vamos, filho, entre logo. Está muito frio, não sei por que tanta gentileza.

Alejandro forçou a porta, abrindo-a. O cheiro de mofo estava por toda parte. Curioso, o conde examinou cada cômodo, verificando que nada saíra do lugar.

- Que estranho! - exclamou. - Embora os móveis estejam todos no lugar e as camas arrumadas, a casa parece desabitada há meses. Onde estarão aqueles dois?

- Pai, está muito frio. Voltemos para o castelo! Talvez mamãe possa nos contar.

A menção à esposa fez dom Felipe corar de raiva, lembrando-se do acontecido pela manhã.

- Aquela mosca-morta nunca sabe de nada. Na verdade, sempre esconde tudo de mim. Vamos até a casa de dom Fernão; ele nos informará o que sucedeu aqui.

- É melhor voltarmos - o rapaz insistiu, mais pálido. - O caminho deve estar muito difícil, a neve deixa a estrada escorregadia. Teremos de cavalgar por mais de uma hora.

- Deixe de ser delicado! Desde quando temo o frio, a neve ou a chuva? Eu quero saber ainda hoje o que ocorreu. Estou farejando coisa muito ruim no ar.

Montaram e tomaram o rumo determinado pelo conde.

A estrada era íngreme. A casa fora construída no alto da colina, no acesso mais difícil, e o último trecho era ainda mais perigoso, por causa da chuva e da neve acumulada por vários dias. A subida exigia especial destreza do cavaleiro para conduzir o animal.

- Não entendo o porquê de estarmos aqui enfrentando este caminho; seria mais fácil mandar chamar dom Fernão.

O pai continuava quieto, concentrado no trajeto. Finalmente aproximaram-se de uma grande porta de ferro. O vigia que estava acima do muro logo os reconheceu. Abriu o portão com a ajuda de dois homens e veio até o castelão; cumprimentou-o com um gesto respeitoso, dirigindo-lhe a palavra.

- Senhor conde, dom Fernão ficará muito satisfeito com sua visita. Um de meus homens já mandou avisá-lo de sua presença. Venham

para perto da lareira, enquanto meu senhor se prepara para recebê-los.

Uma serva jovem correu e abriu uma porta menor, levando-os a um ambiente aconchegante. A lareira acesa aquecia o recinto e a mesa posta com alguns alimentos espalhava no ar um aroma agradável.

Pai e filho se sentaram junto ao fogo. Alejandro procurava aquecer o sapato às brasas para se esquentar um pouco. O ruído de uma porta que se abria os fez voltar a cabeça. Dom Fernão aproximou-se. Parecia doente, o nariz estava vermelho e as bochechas inchadas.

- Bom dia, meu caro conde. Que surpresa agradável receber pessoa tão ilustre em minha residência! Não sabia que havia retornado, ou teria ido pessoalmente fazer-lhe uma visita, poupando-lhe todo esse trabalho do árduo trajeto.

O outro respondeu com bom ânimo.

- Meu caro dom Fernão, parece não estar bem de saúde; infelizmente viemos tirá-lo do leito. Todavia, como tenho alguns assuntos urgentes de nosso interesse, foi imperiosa minha vinda.

Enquanto ele falava, Fernão espirrava muitas vezes, enxugando o nariz na manga da túnica.

- Não tenho nada grave, que não melhore com um bom chá quente. O frio rigoroso costuma trazer esses inconvenientes, mas hoje já pude sair da cama. Pelo meu estado, o amigo pode avaliar como seria difícil estar em seu castelo... Bem, vamos sentar-nos à mesa; comeremos enquanto conversamos, pois devem estar famintos.

Apesar da indisposição física do momento, aquele homem sabia conduzir suas atitudes com a finalidade de impressionar dom Felipe. Conhecia exatamente seus pontos fracos e era hábil em introduzir veneno no espírito dele. Tinha certeza de que o castelão estava ali para inteirar-se dos fatos ocorridos na vila e, antes que Perguntasse, abordou o assunto.

Contou uma longa história, com detalhes absurdos e irrealistas, frutos de sua mente insana; e os dois espíritos vingativos que sempre o

acompanhavam acercaram-se para melhor influenciá-lo. O homem descreveu situações que envolviam Augusto, Constância e Jacó em práticas demoníacas que jamais passariam pela cabeça de qualquer morador da região.

Dom Felipe, de olhos arregalados, muitas vezes chegava a duvidar do relato inverossímil, porém com a sagacidade e a eloquência do bom orador os fatos denunciados pareciam verdadeiros. Pálido, não dizia uma só palavra; mal conseguia abanar a cabeça, num gesto que o assemelhava a criaturas que sofrem das faculdades mentais.

Alejandro, por sua vez, procurava passar a narrativa pelo crivo da razão. Já tinha ouvido aquela história pela boca do irmão e era bem diferente. Além disso, conhecia os implicados o bastante para saber que tudo era um grande embuste contra seus parentes e seu amigo Jacó.

O rapaz levantou-se. Com o rosto vermelho e um gesto de indignação, dirigiu-se a Fernão:

- Senhor, perdoe-me a intromissão, porém essa história de práticas demoníacas, de magias atribuídas ao senhor Jacó e a meus familiares me parece fruto da imaginação de pessoas ignorantes. Nós conhecemos muito bem os acusados e sabemos ser impossível, da parte deles, tal conduta. Não quero dizer que esteja mentindo, e sim que alguém, ao inventar tanta calúnia, pretendeu enganar até o senhor.

O dono da casa também deixou a cadeira, enfurecido, erguendo o braço para o rapaz de modo agressivo. O conde secundou-lhe os movimentos, segurando-o para evitar um desatino.

- Dom Fernão, meu filho apenas defende a mãe e o irmão. Sua atitude é muito compreensível diante das circunstâncias e dos fatos. Gostaríamos de evitar confrontos desnecessários, em respeito à nossa amizade. Seria bom prosseguirmos a conversa. Quero saber tudo para então julgar e tomar as providências adequadas. As suas acusações são gravíssimas e se, apurada a verdade, forem confirmadas

teremos de adotar medidas enérgicas, mesmo que atinjam minha esposa e meu filho.

Ditas as últimas palavras, Alejandra voltou para dom Felipe os olhos arregalados e vermelhos.

- Pai, isso tudo é um absurdo! - protestou. - Não é preciso continuarmos ouvindo. Trata-se de uma afronta, um desacato à nossa honra de família.

-Alejandra, ou você cala a boca ou vou mandá-lo embora para que não participe de nossa conversa! - foi a dura ameaça paterna.

O jovem percebeu que se não se controlasse, procurando usar o raciocínio com argumentação convincente, a mãe e o irmão estariam totalmente perdidos. Aquele homem tinha o dom de enfeitiçar seu pai e a palavra dele tinha grande peso nas decisões do conde. E não era a primeira vez que usava de difamações contra sua família.

Fernão fulminou o rapaz com seu olhar de ódio, pensando: "Ele que espere a sua vez, que não tardará. Todos os que ousam atravessar o meu caminho serão com certeza destruídos".

Alejandra estremeceu; parecia ter sentido todo o peso daquele ódio. Ficou ali sentado, como se estivesse enterrado, totalmente confuso frente ao comportamento do pai. Não mais argumentava contra as absurdas calúnias.

Por fim, com expressão febril, Fernão contou do incêndio e da fuga surpreendente de Jacó e Raquel, assim como de suas vãs tentativas de encontrá-los, como se os dois tivessem virado fumaça.

Dom Felipe dava a nítida impressão de haver esquecido todos os benefícios que recebera daquele bom homem. Com a mão cerrada, bateu várias vezes na mesa.

- Nós vamos encontrar esses miseráveis, e veremos se o fogo não é capaz de consumi-los! Uniremos nossas forças com as de outros fidalgos da região e os acharemos, mesmo que estejam no inferno.

O intrigante sorria, sentindo-se vitorioso. Acabava de conquistar um aliado poderoso e quem sabe chegaria a obter o apoio do próprio rei.

- Meu filho, pegue seu agasalho e vamos retornar - era evidente a ansiedade do castelão. - Dom Fernão precisa de descanso e nós temos um longo caminho a percorrer.

- Fique mais um pouco, senhor conde. Afinal, nem tocaram na comida e provavelmente estão com fome.

Em face da recusa dos visitantes, levantou-se e se dirigiu com eles para a porta. Os dois se despediram, pegaram os cavalos e saíram.

Na primeira meia hora Alejandro não ousou tocar no assunto, sequer proferiu uma única palavra. Sabia que as consequências deveriam ser funestas. No íntimo lutava para se acalmar. Talvez o pai se dispusesse a ponderar sobre tudo o que escutara.

No castelo, após os episódios da manhã, a condessa procurou distrair-se com seu pequeno tear em um quarto anexo ao seu dormitório. Os dois filhos mais novos lhe faziam companhia.

Augusto procurou falar sobre a situação da serva aprisionada.

- Mãe, a senhora não acha que o castigo de Joana foi suficiente? A pobre deve estar morta de medo, frio e fome!

O semblante de Constância mostrou-se irritado com a citação daquele nome.

- Já pedi a Francisco para dar-lhe comida e agasalhos. Quando seu pai estiver dormindo ordenarei que a levem para bem longe. Creio que a duquesa Lídia, minha amiga, a aceitará como serva. Se eu a deixar ficar, o conde tomará suas dores e se voltará contra nós. Não posso permitir que permaneça em nosso castelo depois de faltas tão graves. Ela realmente não recebeu ordens de Maria para limpar o quarto; portanto, estava espionando.

- Pense bem! E se papai der pela falta dela? Teremos de explicar. O melhor será contar-lhe a verdade. Ele não poderá tomar as dores de Joana. Exija que ele mesmo a mande embora.

- Augusto, vou pensar - o ar da condessa era de preocupação. - Acho que até certo ponto você tem razão. Quando seu pai chegar, passarei o problema para ele. Não quero me sentir culpada por

qualquer mal que aconteça àquela moça. Já bastou o castigo que lhe demos.

O rapaz beijou-lhe as mãos com carinho.

- É assim que eu consigo reconhecê-la. Ponderada, humana, meiga: essa é minha mãe querida.

Constância emocionou-se com tais palavras.

- Só consigo viver por vocês, meus amados filhos, os três tesouros que Deus me deu. Vocês são minha vida e minha alegria.

Carlos aconchegou-se no colo da mãe e, com os olhos brilhantes, beijou-lhe o rosto. Com a voz ainda infantil, falou:

- Mãe, nunca viverei longe da senhora e de Augusto. Ainda vou crescer forte e lhe dar muita satisfação.

- Eu sei, meu querido - ela falou com os olhos marejados. - Não há dúvida, você é um ótimo menino. É tão bom quanto Augusto e Alejandro. Ainda teremos muito orgulho de você, meu filho!... E agora devemos descer para o almoço. Maria está à nossa espera.

Augusto ergueu-se e estendeu a mão para ajudá-la.

- E papai, onde está? Não o vi durante toda a manhã.

- Saiu com Alejandro, logo após nossa primeira refeição. Pelo tempo que está demorando, deve ter ido atrás de dom Fernão para saber das últimas notícias. Não sei como seu pai pode dar ouvidos a alguém tão mal-intencionado. É por isso que vive falando e fazendo besteiras.

Com expressão preocupada, o jovem manifestou sua opinião:

- Acho que deveríamos nos aproximar mais dele, amá-lo mais e dar-lhe a certeza de que o amamos. O Evangelho de Jesus nos adverte de que não existe nenhum mérito em amar somente os que nos amam, e aconselha: "Amái aos vossos inimigos, fazei bem ao que vos odeia".<sup>1</sup> Acredito que se procurássemos compreender papai e aceitá-lo poderíamos abrandar seu gênio difícil. Debaixo daquela

capa grosseira deve existir um homem bom.

Constância fez um gesto impaciente e sua voz saiu descontrolada.

- Às vezes eu o odeio, não sou capaz de agradá-lo de maneira alguma. Já é difícil demais permanecermos na mesma sala; suportar sua presença é como viver no inferno. Esse é o meu calvário, onde pago todos os meus pecados. Suas ausências são como um bálsamo, uma trégua para minha alma cansada. Estou certa de que um dia encontrarei a paz que devo merecer. Confesso que muitas vezes, em orações, peço que dom Felipe sucumba em alguma batalha, nas mãos do inimigo. Só assim eu alcançaria a paz e a felicidade.

Expondo seus sentimentos aos filhos, entregou-se a pranto convulsivo. Augusto habituara-se aos desabafos da mãe. Sabia ser quase impossível reverter a situação de animosidade em que viviam. Não obstante, tentava amenizá-la.

Entardecia, e pai e filho ainda estavam muito longe. Não conseguiam avistar o castelo e a temperatura caíra bruscamente; ambos demonstravam cansaço físico e emocional.

Alejandro, que tinha pleno conhecimento da índole do pai, sabia que ele não pretendia apurar os fatos; seguiria unicamente seus impulsos. E isso o fazia tremer.

Começou a nevar, o que tornava impraticável a travessia da planície. Os cavaleiros resolveram então pernoitar na casa mais próxima, de algum campesino.

- Pai, por favor, vamos conversar! - o rapaz teimava em tocar no assunto do dia. - É nosso dever apurar todos os fatos; precisamos ouvir mamãe e Augusto, e também o pessoal da vila. Não convém tomarmos atitudes que trarão consequências funestas...

- Vamos, meu filho! O frio aqui está cortante. É melhor pararmos na casa de Sebastião. Ele tem uma lareira e poderemos nos aquecer antes de morrermos congelados.

O dia findava. A condessa, no castelo, percebeu que a neve caía e a temperatura despencava.

- Espanta-me que seu pai e Alejandro não tenham regressado até agora. Se ainda decidirem vir hoje será loucura, com esse frio.

Augusto foi até a janela, como a mãe, observando o pátio coberto pela neve.

- Acho que foram até a casa de dom Fernão e não puderam retornar; está nevando muito.

- Você tem razão. Estão na casa de dom Fernão ou na de algum aldeão, antes da planície. Vamos fazer nossa refeição, será inútil esperá-los.

Ela e os dois filhos desceram abraçados cantando uma velha cantiga, sorridentes e felizes. Na sala de refeições Maria os aguardava com muita comida quente e succulenta.

## 12. UM AMOR IMPOSSÍVEL

RAQUEL SENTIA MUITA FALTA de Alejandro. Não passava um dia sem pensar no belo rapaz. Quantos planos, quantos sonhos... De repente tudo parecia tão distante, inatingível até. Já perdera a esperança de ficarem juntos, de constituírem uma família feliz. Estava tudo acabado. Entretanto, como essa certeza fazia doer o coração...

A moça tinha consciência de que nunca deveria ter alimentado ilusões; o conde jamais permitiria aquela união, e a própria condessa, que afirmava amá-la como a uma filha, irritava-se quando por brincadeira alguém dizia que ela seria sua nora. Por essas razões, Raquel mantivera seu amor escondido dentro do coração. Muitas vezes a saudade batia tão forte que ela ficava num canto a chorar baixinho, recordando o sorriso franco e a atraente figura do amado. Jacó, ciente dessa tristeza, do amor retraído e contido que lhe causava tanto sofrimento, repreendeu e tentou consolar a filha:

- Raquel, não fique assim! Sua união com o jovem Alejandro sempre foi impossível. Desde o início existiram muitos impedimentos, minha querida, e outros surgiriam com o tempo. Mas ainda aparecerá um rapaz que a fará muito feliz.

- Eu sei, pai - ela enxugou as lágrimas furtivas. - O pior é que ninguém manda no coração. Hoje estou pressentindo que Alejandro retornou ao castelo. Parece que chama por mim e a saudade aumentou demais!

- Mude o rumo de seus pensamentos - aconselhou. - Não deixe que esse amor a consuma. É muito nova para tanto sofrimento.

A lembrança de Alejandro parecia fixa na mente de Raquel, e nada fazia que o esquecesse.

O velho judeu, orientado por seus amigos espirituais, resolveu voltar para a estrada a fim de escapar de dom Fernão.

- Filha, precisaremos partir dentro de uns dez dias. Temos de dar outro rumo às nossas vidas, buscando uma cidade próspera e bem longe da vista de dom Fernão. Iremos para Barcelona e se não for suficiente nos afastaremos ainda mais. Consegui juntar algum dinheiro; poderemos montar um pequeno negócio e talvez retomar nossas identidades.

- Mas, pai, vamos partir deixando Ana e nossos amigos, depois de tantos favores?

- Minha querida, nossa prima sabe que estamos de passagem. E quanto aos amigos, poderemos fazer outros. Aqui corremos perigo de ser descobertos. Tenho novamente o pressentimento de que algo muito ruim está acontecendo e de que irão aumentar as buscas. É bom ficar preparada para a partida. Tudo deverá estar pronto, a carroça e nossos pertences.

Ana, que estava em casa, escutou e entrou na sala de olhos baixos.

- Sentirei muita falta de vocês, mas também tenho o coração apertado, sentindo a proximidade de um grande perigo. E como se um grupo de morcegos sobrevoasse a vila à procura de vocês, embora a luz que sempre os acompanha não permita que os

percebam. Realmente Jacó tem razão, é muito perigoso. Devem refugiar-se em um lugar mais distante.

Raquel, entristecida, sentou-se a um canto dedilhando em sua cítara uma canção judaica. A música era um lamento, que arrancou lágrimas de Jacó e de Ana, fazendo-os lembrar seus antepassados.

- Pai, quando vamos parar de fugir? Quando deixaremos de sentir medo? Vivo com a impressão de que dom Fernão cruzará a porta a qualquer momento. Por favor, conte-me qual o real motivo dessa perseguição. O que ele tem contra nós?

- Dom Fernão é um inimigo implacável - a voz de Jacó saiu rouca e emotiva.

- O senhor descobriu algum segredo? E é esse o preço que temos de pagar?

- A vida nos enreda às vezes com certas criaturas sem que possamos atinar o porquê. Conheço segredos que gostaria de ignorar; chegaram aos meus ouvidos por acaso. Eu poderia tê-los usado para me favorecer, porém acabaram trazendo prejuízos a nós dois. São tão graves que prefiro que não os saiba. Envolvem outras pessoas. Mas nada acontece por coincidência.

Longe de onde Raquel e Jacó mantinham essa conversa, Alejandro tentava se aquecer junto da lareira. De olhar concentrado no fogo, parecia não perceber nada ao redor. Dom Felipe dormia ao seu lado depois de tomar muito vinho. Haviam desistido de se aventurar pelo vale, pois nevava muito e corriam o risco de morrer congelados. Assim, estavam acomodados na casa de um aldeão na descida do castelo de dom Fernão. Era a melhor habitação da redondeza, apesar da simplicidade.

O rapaz não conseguia dormir. A saudade era maior naquela noite, sentia o peito doer. O que mais queria era estar com Raquel, poder abraçá-la. Com os olhos fixos nas chamas, tinha a impressão de ver a moça ali.

De repente a imagem dela ganhou nitidez. Quando Alejandro esticou a mão para tocá-la, desapareceu.

Raquel, que dormia a distância, acordou assustada.

- Pai, sonhei com Alejandro. Ele me falou de dom Fernão, e pediu que nos escondêssemos. Estou com muito medo.

- Ora, filha, você adormeceu pensando no rapaz. Talvez tenha sido isso que a fez sonhar com ele.

- Tenho certeza de que o vi - comentou, deitando-se outra vez. - Estava em frente a uma lareira, olhava para mim com os olhos cheios de lágrimas e dizia que seu pai havia acreditado nas infâmias de dom Fernão.

Jacó levantou-se de um salto.

- É por isso que o anjo do Senhor pediu que fôssemos embora. A perseguição voltará mais violenta. Deus nos proteja. Tão logo o tempo comece a melhorar devemos voltar para a estrada.

## 13. UNIÃO FAMILIAR

O DIA DEMOROU A clarear. Fazia frio, as nuvens escuras eram a ameaça de nova tempestade. Alejandra e o pai beberam um caneco de vinho e comeram um pedaço de pão. O aldeão já tinha atrelado os cavalos. Dom Felipe observava o céu, preocupado.

- Vamos rápido, filho, ou não conseguiremos atravessar a planície.

Os cavaleiros tomaram o rumo do vale, cavalgando o mais depressa que podiam. O rapaz tentava sondar o que ia no íntimo do pai.

- Pai, o senhor sabe como lhe quero bem e o quanto seria capaz de fazer na vida para vê-lo feliz. Em nome dessa amizade que temos um pelo outro é que lhe peço: não aja precipitadamente com minha mãe e com meu irmão. As informações que tenho são diferentes das que recebeu; gostaria muito que me ouvisse.

O conde não dizia nada e isso fazia Alejandra tremer. Sabedor do seu gênio violento, temia pela vida da mãe e do irmão.

- O senhor alguma vez teve notícia sobre o envolvimento de minha mãe com magia?

- Não! - ele exclamou balançando a cabeça.

- O senhor já notou que mamãe não é muito religiosa. Somente vai à missa e nunca passa horas ajoelhada diante de uma imagem.

Fica amedrontada quando se fala em mortos e demônios. Como estaria ligada a bruxaria?

Sem obter resposta, prosseguiu:

- Lembra-se daquela brincadeira que eu e Augusto inventamos, fazendo barulhos à noite com movimentação das cortinas nos aposentos dela?

- E lógico que sim. Ela quase morreu de susto. Tivemos de chamar um médico; Constância ficou horas desmaiada.

- Pois então, pai. Ela tem verdadeiro pavor do sobrenatural. Como poderia participar de rituais macabros?

O conde coçou a barba, concordando com um sinal da cabeça.

- Pai, talvez seja outra pessoa. Sabe como o povo fala demais, inventa histórias. Na época em que assustamos minha mãe comentou-se que o castelo estava mal-assombrado e que lá havia muitos demônios.

- É verdade. Lembro que foi muito difícil pararem com os comentários, e que muitos servos não queriam mais trabalhar para nós.

- É o estou tentando dizer: se o senhor não tivesse participado das brincadeiras e ouvisse os tais casos, poderia até acreditar em todas aquelas besteiras.

Dom Felipe ficou pensativo. Talvez o jovem tivesse razão e dom Fernão exagerasse. Havia comentários em excesso. Contudo, de uma coisa tinha certeza: onde há fumaça, há fogo; e ele ira descobrir a verdade.

Depois de uma travessia difícil, finalmente avistaram o castelo. Caía uma chuva fina e gelada. O conde respirou aliviado.

- Graças a Deus, nosso castelo! Pensei que não chegaria nunca! O sentinela viu ao longe os dois cavaleiros e deu ordens para que os portões fossem abertos. Eles entraram ofegantes e molhados, com muito frio.

Maria apressou-se a trazer vinho para aquecê-los.

- Minha boa Maria, sempre prestativa e atenta para nos agradecer! - Alejandro pegou o caneco das mãos da serva.

- Meus amos, roupas secas e quentes já estão em seus aposentos. Não queremos que fiquem doentes.

Ambos subiram as escadas para trocar as vestes.

Constância, no quarto ao lado dos aposentos do marido, aguardava-o para uma conversa. Sua intenção, dependendo do humor do conde, era tratar do problema da serva Joana. Sabia o quanto seria penoso, porém era um assunto necessário.

Quanto a dom Felipe, estava exausto e resolveu esperar outra ocasião para falar com a esposa. Não se sentia em condições de tocar no assunto do velho judeu, nem de acusá-la de ser sua comparsa.

Em sua cama, pensava nos acontecimentos do dia anterior. A princípio dom Fernão conseguira convencê-lo; chegara até a sentir asco pela condessa e pelo filho. Sua vontade era arrastá-los para o pátio do castelo e queimá-los vivos. Mais tarde, as ponderações de Alejandro haviam esfriado seu ânimo. Precisava descansar e refletir sobre o assunto para tomar uma decisão. Não desceu nem para fazer a refeição junto da família.

A condessa procurou o filho para inteirar-se dos fatos ocorridos desde a saída no dia anterior. Alejandro, ansioso, aguardava-a em seu quarto para poderem conversar em particular. Esfregava as mãos nervosamente.

- Mãe, que bom que veio até aqui! Tenho algo muito importante para conversarmos. Seria bom que Augusto também estivesse presente.

- Fale logo, meu filho, estou ficando nervosa! O que tem de tão grave para me contar?

O rapaz certificou-se de que ninguém estaria escutando e, sem fazer ruído, fechou a porta.

- Quando saímos ontem daqui, apesar do mau tempo, papai quis visitar dom Fernão. Antes passamos pela vila e não encontramos o velho Jacó. Papai achou que havia algo estranho, e tentei trazê-lo de volta para lhe explicarmos tudo. Entretanto, ele preferiu ouvir a versão daquele homem, que só levantou calúnias, acusando o judeu de bruxo. Afirmou que houve muitos rituais macabros, os quais descreveu com detalhes bárbaros.

A condessa ficava mais pálida a cada palavra; suas mãos tremiam à medida que Alejandro relatava o que ouvira.

- Mãe, isso não é o pior. Dom Fernão acusou a senhora e Augusto de participarem de tais rituais, como cúmplices. Quer incriminá-los a ponto de poder mandá-los para a fogueira.

A mulher perdeu as últimas palavras; caiu desmaiada no tapete. Alejandro, que pulara a tempo de aliviar a queda, colocou-a na cama e buscou a ajuda de Maria. Quando Constância foi recobrando os sentidos, os belos olhos azuis pareciam alheios; aos poucos recobrou a consciência e num salto saiu da cama. Levou a mão ao rosto e falou entre soluços:

- Meu Deus, que será de mim e de meu filho? Se essa história se espalhar, teremos de enfrentar a fúria do conde e de todo o povo.

O filho, preocupado com sua saúde, tentava tranquilizá-la.

- Não devemos agir precipitadamente. Vamos primeiro nos acalmar, e daí veremos como defendê-los das acusações. Aquele homem é um verdadeiro demônio. Instigou papai de tal maneira que o velho Jacó e Raquel serão caçados como animais até pelos reinos vizinhos. Em relação à senhora e a Augusto, acho que ele ainda não

tomou nenhuma decisão, porque está refletindo sobre o assunto e lhes dará oportunidade de defesa. Se essa história sair de nossos aposentos, sua dimensão crescerá tanto que papai perderá o controle e terminará também envolvido. Nós o faremos ver que isso abalaria a moral de toda a nossa família; que ficaríamos malvistos no reino e perante o rei.

Muito pálida, a condessa se via incapacitada de ficar em pé.

-Você conhece seu pai! Sabe o quanto ele pode ser irracional; vive de emoções violentas e é influenciado por dom Fernão. Esse pode ser o jeito que os dois encontraram para acabar comigo e com seu irmão. Se dom Fernão resolver espalhar boatos entre os aldeões supersticiosos, a situação ficará incontrolável. Acho que o melhor é fugirmos, Augusto e eu!

Alejandro estava tão abalado que não conseguia falar sem gaguejar.

- Mãe, não faça isso de forma alguma! Vamos enfrentar essa situação juntos e usar toda a nossa argumentação para defendê-los.

Maria bateu levemente e entrou.

- Condessa, o senhor seu marido está com febre alta. Acho que o frio lhe fez muito mal. Se a febre não ceder teremos de chamar um médico.

Sem se dar conta, Constância deu um suspiro de alívio.

- Isso é impossível; passar pela planície com este tempo é quase suicídio. Usaremos os remédios e ervas que temos aqui no castelo e assim tentaremos diminuir a febre.

Auxiliada pelo filho, levantou-se e caminhou para o quarto do conde. O homem estirado na cama, sob vários cobertores, tiritava. Ela chegou-se ao leito, colocando a destra na sua frente.

- Meu Deus, está muito quente! Teremos de medicá-lo com a máxima rapidez.

Maria providenciara uma infusão de ervas que a condessa, com grande sacrifício, o fez beber.

- Minha senhora - disse a serva -, devemos dar-lhe o remédio de hora em hora e trocar as compressas da cabeça a todo minuto, Para fazer a febre baixar.

- Eu sei, Maria. Vamos ficar as duas nos revezando na tarefa, dia e noite, se preciso for.

O conde, não obstante os delírios, captava o movimento e sentia o perfume da esposa, que não o deixou um só minuto. Foram três dias e duas noites de febre alta. No fim do terceiro dia, com a temperatura já quase normal, ele abriu os olhos. Constância, junto ao leito, estava semi-adormecida. Visivelmente exausta, ergueu-se depressa quando o notou desperto.

- Graças a Deus a febre cedeu! Acredito que o pior passou. Dom Felipe entreabriu os olhos.

- O que aconteceu? Sinto-me extremamente cansado.

- O senhor esteve doente por três dias, com febre muito elevada, e não tínhamos como trazer um médico; a planície está intransitável. Por isso procuramos tratá-lo com os remédios de que dispomos aqui, e parece que os conhecimentos de Augusto deram resultado.

- Mas a senhora parece esgotada. Agora que estou melhor deve repousar; do contrário será a próxima a ficar doente.

Constância chegou mais perto, pondo a mão delicada sobre sua testa. A aparência do marido era tão frágil que lhe deu pena. Ele parecia ter perdido o brilho orgulhoso que invariavelmente trazia no olhar.

- Senhora, sabe que ainda vislumbro em seus traços a formosura da jovem que conheci e por quem me apaixonei naquele torneio? Os olhos continuam muito belos, apesar de toda a tristeza que neles posso ler.

Ela se afastou, sentindo o rosto queimar.

- Senhor, Maria está voltando com uma nova infusão. Visto que melhorou, penso que posso me retirar sossegada.

- Graças a Deus o senhor conde está bem! - Maria exultou ao entrar trazendo uma jarra.

- Vá, senhora, descanse - ele falou fitando a esposa. - Seu repouso é merecido.

Aquele homem habitualmente áspero tinha um tom de voz macio e carinhoso que a condessa estranhou. Fazia muitos anos que o marido não mostrava tanta gentileza no trato. Sentiu-se mais tranquila. A temida conversa, adiada pela doença, talvez não fosse tão difícil e sua vida e a de seu filho não estivessem por um fio.

Saiu do quarto cambaleando, jogou-se na cama e adormeceu de imediato.

Alejandra entrou nos aposentos do pai e abriu um largo sorriso ao vê-lo melhor. Augusto veio logo atrás.

-Veja, Augusto, até que enfim papai está sem febre. Parece que começa a se recuperar.

O conde se mostrava feliz com a presença dos filhos.

- Sou forte como um cavalo selvagem, não é qualquer febre que acaba comigo.

- Sim, é verdade, o senhor é muito forte - falou o mais velho, já próximo da cama. - Mas foram os remédios de Augusto e a dedicação de Maria e mamãe que o curaram.

O pai evitou encará-los e nada respondeu. Augusto tomou a frente do irmão, colocando a mão em sua testa.

. - E por isso que quero estudar medicina, aprender mais do que o velho Jacó me ensinou.

Dom Felipe reagiu como se tivesse visto o próprio demônio quando o filho pronunciou o nome do judeu.

- Não repita nunca mais esse maldito nome! Não me deixe pensar que faz curas com bruxarias.

O rapaz ficou pálido diante da inesperada explosão, porém não se intimidou.

- Pai, foram as ervas que o curaram! Sempre que o senhor ficava doente, Jacó usava o conhecimento que tinha sobre elas. Nasceram <sup>nos</sup> campos e foi Deus que as criou para nos ajudar a curar nossos males. Tudo vem dele.

Com a impressão de que o pai se acalmara, Alexandre chegou-se tentando defender o irmão.

- Pai, pense na bonita escolha que fez Augusto. Salvar vidas é tão nobre quanto ser um cavaleiro. Nos campos de batalha precisamos de médicos para aliviar os sofrimentos. Deus lhe deu um filho guerreiro e agora está lhe dando um filho que vai salvar muitas vidas. É um grande presente.

O conde encheu-se de orgulho. Poderia levar Augusto para os campos de batalha, com outras tarefas que também lhe renderiam elevada admiração. Olhando para os rapazes belos e fortes, abriu um sorriso franco e estendeu os braços.

-Venham aqui. Quero lhes dar um forte abraço. Hoje me sinto diferente e os dois são motivo de muito orgulho para este pai.

A cena afetuosa emocionou a serva Maria. Aquele homem tinha, afinal, um coração batendo no peito. Pela primeira vez pai e filhos ficaram ali, a conversar como três amigos.

Dom Felipe passara dias dolorosos, nos quais achava que a morte rondava seu corpo. A febre alta lhe provocava visões horríveis. Os dois espíritos que acompanhavam Fernão lhe faziam cobranças, xingavam-no, bradavam por vingança, e outros, com aspecto deformado, tentavam sugar suas energias. O enfermo, afastado do corpo físico, olhava atônito, incapaz de compreender. Ao se ver perseguido, aterrorizado se agarrava ao corpo físico e gritava; muitas vezes encontrava a mão da esposa ou de um dos filhos que velavam carinhosamente por ele, devolvendo-lhe a serenidade.

O conde era um homem orgulhoso de seus títulos de nobreza e de sua ascendência de bravos cavaleiros. A mãe reforçara sua vaidade contando histórias de seus antepassados e de seus atos de heroísmo. Vindo de uma linhagem diretamente ligada ao rei, desde jovem fora preparado por excelentes treinadores e conquistara um regimento inteiro para comandar. Na frente de batalha tinha liderança e desenvoltura como ninguém do grupo; seu desempenho lhe garantia lugar de destaque junto ao rei.

Nunca se preocupara com coisas do espírito, achava que religião era para as mulheres ou para os fracos. Não tinha o hábito de cultivar bons pensamentos, nem boas companhias materiais ou espirituais. Abusava do álcool e da comida. Agora, entretanto, com a melhora do corpo físico, sentia o benefício do amor dos filhos e do carinho da esposa e pela primeira vez reconhecia que a saúde era uma bênção.

- Meus filhos, eu tinha a impressão de que estava morrendo e criaturas infernais torturavam-me de todas as maneiras; minha única salvação estava aqui, junto de sua mãe e de vocês.

Augusto, atento ao estado emotivo do pai, achou que o momento era propício para introduzir-lhe na mente alguns bons pensamentos.

- Pai, devemos agradecer a Deus e a Jesus, que ouviram nossas preces pela sua saúde. Isso é um sinal de que devemos orar mais e procurar viver em comunhão com o Mestre divino.

O conde enxugou duas lágrimas que não pôde disfarçar. . - Nas horas de maior aflição ouvi Maria e sua mãe rezando. Era como um bálsamo para minha alma. Acredito que você tem razão, meu filho!

A recuperação foi rápida. Apesar de ficar mais alguns dias na cama, ele estava gentil e amável. A condessa entrava no quarto mais descontraída, tratando o esposo com cortesia, e não era apenas por obrigação.

- Senhora, eu jamais dei o real valor às suas qualidades. Acho que nunca reparei no quanto é bonita e delicada.

Constância sentiu o rosto corar.

-Acho que não teve oportunidade, nunca ficou acamado. Está o tempo todo fora, defendendo o reino e o rei.

Dom Felipe ficou pensativo e admitiu:

-A senhora tem razão. Nunca pensei em minha família como devia, nem mesmo assisti ao desenvolvimento de meus filhos. Mas Carlos é ainda uma criança; então terei tempo para vê-lo crescer.

A condessa tinha o cuidado de ser o mais breve possível em suas conversas; na maior parte, as tarefas eram desempenhadas por Maria.

Em alguns dias o conde voltou a fazer suas refeições no salão principal.

## 14. PROBLEMA AFASTADO

A CONDESSA ESPERAVA A hora certa para contar sobre Joana. Devido aos acontecimentos que pegaram todos de surpresa, ela permanecia presa no calabouço.

A princípio a moça gritava até não ter mais voz; depois só conseguia gemer. Perdera a noção do tempo, não sabia quando era dia ou noite. Se no começo não enxergava nada, pouco a pouco ia se adaptando à escuridão. Sentia o copo dolorido e o frio chegou a cortar-lhe a carne. Muitas vezes perguntava-se onde estaria o conde que não vinha tirá-la daquele lugar horrível. Os ratos andavam pela cela e mordiam seu corpo.

Suas dificuldades só não eram maiores graças à bondade de Augusto, que, preocupado, providenciara cobertores e comida para todos os dias. O rapaz descia diariamente ao calabouço para ter certeza de que os alimentos chegavam até a moça.

Joana percebia sua presença e a vinda de agasalhos era como uma bênção. Por outro lado, isso aumentava seu temor, significando que tão cedo não sairia dali.

Augusto não trocava com ela uma só palavra, mesmo que interrogado.

- Senhor, temo por minha vida, por minha saúde. Tire-me daqui e serei eternamente grata.

O jovem abaixava a cabeça para não ver o horror da cena. Não respondia. A piedade de seu coração o levaria a tirar aquela infeliz dali, mas se o fizesse teria de arcar com a fúria da mãe e do irmão.

Quanto ao conde, não notara a falta da serva favorita por causa de todas as ocorrências dos últimos tempos.

Os dias se sucediam cada vez mais frios. O inverno viera rigoroso, a neve pintava toda a paisagem de branco, dando-lhe um ar de monotonia.

Constância vivia trancada em seus aposentos, não saindo sequer para as refeições; sempre alegava estar muito cansada e adoentada. Sentia imensa tristeza A saudade de Raquel e a incerteza de seu paradeiro faziam-lhe doer o peito. Onde estaria a doce menina? Será que ainda vivia? E o pobre judeu?

A fúria de dom Fernão aparentemente arrefecera e as buscas haviam diminuído; o inverno rigoroso o impedia de sair de casa. Com isso o coração da condessa se acalmava, pois ele vinha dando uma trégua a todos. Quem sabe até esquecesse Jacó e a filha para sempre... O conde, por sua vez, não tocara no assunto e não tivera nenhum contato com seu homem de confiança.

Augusto, receoso pela vida de Joana, ao sentir a mãe mais serena convenceu-se de que chegara o momento de voltar ao assunto tão delicado.

- Mãe, temos algo muito importante para resolver - disse, enquanto verificava se as portas estavam fechadas. - Não podemos continuar mantendo aquela infeliz trancada lá em baixo, naquele frio.

Constância empalideceu.

- Mas se a soltarmos vai correr para seu pai e quem acabará no calabouço seremos nós. Acho melhor deixá-la onde está.

- Mãe, isso é desumano! A pobre está desesperada, temo por sua saúde mental. E a situação ficará muito pior quando papai der pela falta dela.

- Meu querido, temos de pensar em alguma coisa - disse a mãe, nervosa, esfregando as mãos.

Augusto, sempre ponderado, buscava a solução mais conveniente para o problema.

- Permita-me tirá-la de lá; explicaremos a meu pai que foi um castigo por tudo que fez.

- Filho, você o conhece bem. Quando ela contar que espionava cumprindo suas ordens, nossa vida vai virar um inferno. Precisamos de outra solução. Em minha opinião, deveríamos mantê-la onde está; assim não nos causa problema algum.

Augusto não aceitava isso. Apesar de estar subordinado à mãe, tinha sensibilidade e moral cristã que não admitiam tanto desrespeito à vida humana.

- Saiba que eu não concordo e não vou ajudá-la em nenhum propósito infeliz. Não pensei que a senhora fosse tão longe com o castigo... Não temos o direito de dispor da vida de ninguém.

Constância fugia de meditar sobre os conceitos do filho; só pensava no quanto iria complicar sua vida se soltasse Joana.

- Preciso conversar com Alejandra; juntos encontraremos uma saída. No dia seguinte, bem cedo, procurou o filho mais velho; desceram até o calabouço e tiraram Joana da cela quando todos os servos ainda dormiam, recolhidos em seus quartos. Atrelaram pessoalmente dois cavalos, um para Joana, outro para o servo Antônio, e os dois seguiram no escuro.

- Alejandra - sussurrou a mãe em seu ouvido -, será que estamos tomando a melhor decisão?

- Não tenha dúvida. Com a bolsa de dinheiro que está levando Joana conseguirá sustentar-se por um bom tempo. Vamos dizer a papai que fugiu com um viajante bem apessoado. Ele sabe melhor do que ninguém como a moça é voluptuosa...

- Mas pode decidir ir atrás dela, considerando-se ofendido.

- Eu já tenho tudo planejado. Saberei convencê-lo a não fazer tal besteira, embora esteja certo de que nem perguntará por ela. Vamos instruir Antônio e Maria e toda essa história irá se encaixar.

A condessa sentiu o rosto enrubescer.

- Mãe, vamos aproveitar o bom humor de papai. Parece que enfim teremos um pouco de paz.

A conversa com o filho teve o dom de serenar Constância. Subiu aos seus aposentos e voltou a se deitar. O dia estava frio e Maria levou-lhe a refeição.

## 15. NOVOS PLANOS

RAQUEL E JACÓ SE preparavam para nova jornada. Sabiam que o inverno interromperia as buscas, mas que dom Fernão voltaria a persegui-los tão logo o tempo melhorasse. Era necessário, portanto, ganharem estrada, a despeito do frio.

Já fazia três dias que a chuva passara; os dois preparavam roupas quentes, uma cobertura para a carroça e alimentos. Jacó examinava um mapa para localizar caminhos onde tivessem abrigo durante a noite.

Ana possuía alguns amigos em vilas próximas que poderiam acolhê-los sem levantar suspeitas. Com muita coragem e um pouco de sorte, os fugitivos conseguiriam amparo nas noites mais frias que ainda viriam. De qualquer modo, a prima ainda insistia:

- Jacó, espere o inverno terminar, então será mais fácil. Você é idoso e Raquel é uma jovem frágil para enfrentar o inverno. Fiquem mais um tempo aqui comigo; dificilmente os descobrirão, principalmente em virtude dos disfarces.

- Minha cara - falou o velho após instantes de reflexão -, você não conhece dom Fernão. Ele usará toda a sua influência para nos encontrar. Devemos partir, tomar distância e pedir a Deus que tenha piedade de nós. Eu e Raquel partiremos em dois dias.

Como lhe faltassem outros argumentos para demovê-lo da decisão, Ana se pôs a ajudar Raquel nos preparativos para a viagem.

O céu da manhã que nascia era de um azul intenso, o sol brilhava, porém o frio parecia congelar até a alma. Os velhos e as crianças da vila, sabendo da partida dos amigos, vieram despedir-se.

A velha prima estava mais rabugenta que de costume.

- Saíam todos de minha porta, o que querem aqui tão cedo?

- Dona Ana, viemos nos despedir de Jorge e Frederico. Aprendemos a gostar muito dos dois e pensamos que iriam ficar mais tempo. Estamos muito tristes por vê-los partir.

Mesmo assim, ela continuava a mandá-los embora. Pegava uma vassoura para espantá-los quando Jacó a impediu:

-Ana, deixe-os verem nossa partida; estão aqui porque são nossos amigos.

Chamando o menino Tadeu, deu-lhe um abraço. E em seguida foi abraçando, um a um, todos os integrantes do grupo.

A velha Margarida, preocupada, pegou a mão dele com lágrimas nos olhos.

- Dom Jorge, gostaríamos que não partisse. Todos nós amamos o senhor e Frederico.

Jacó ficou extremamente emocionado ao receber as manifestações de estima daquela gente.

- Agradeço, do fundo do coração, por tanta demonstração de amizade.

Findas as despedidas, o judeu e a filha subiram na carroça e partiram.

Ana sentiu um enorme vazio, acostumada que estava à companhia agradável dos dois; agora voltaria a ficar sozinha.

Jacó e Raquel foram com lágrimas nos olhos. Pensativos, não tinham coragem de trocar palavras. Até quando teriam de fugir como criminosos? Até quando teriam de viver sobressaltados, desconfiados de tudo e de todos?

A carroça deslizava devagar pelo caminho. O dia seria longo e frio, e estava só começando. Assim como o rastro, as lembranças também ficavam para trás. Seguiam tristes aquelas duas almas que ansiavam por uma vida melhor.

Estavam tão envolvidos em seus pensamentos que nem pareciam sentir o frio que os castigava. Foi Jacó quem quebrou o silêncio:

- Filha, não tenha tanta preocupação com os nossos disfarces. Não há como nos reconhecerem; o pessoal da vila nos conhece como Frederico e Jorge. Não ficou nenhuma pista que leve alguém a fazer jus à recompensa oferecida por qualquer informação a nosso respeito.

A jovem deixou que duas lágrimas furtivas escapassem de seus olhos.

- E se encontrarmos alguém que nos conheceu antes e que nos identifique por trás dos disfarces?

O velho arrumou o gorro, cobrindo as orelhas.

- Devemos confiar em Deus, que nos tem dado inúmeras provas de sua proteção, enviando seu anjo.

Essas palavras trouxeram maior serenidade a Raquel. Viajavam há algumas horas quando avistaram uma construção.

- É a estalagem do senhor Francisco, conhecido de Ana. Já está ficando tarde, em duas horas deverá escurecer. Por esta noite nos abrigaremos aqui.

Conduziu a carroça até os fundos e desceu para falar com o dono.

- Dom Francisco? - indagou.

- Sim, sou eu - confirmou o homem gordo e baixo. - Em que posso ajudá-lo?

Jacó tirou o gorro e estendeu-lhe a mão.

- Meu nome é Jorge; eu e meu filho Frederico gostaríamos de pernoitar na sua estalagem.

- Tenho dois quartos vagos na parte superior - o estalajadeiro informou. - Durante o inverno pouca gente aparece, até mesmo para

tomar uma caneca de vinho. O que os traz para estes lados em meio à friagem?

A expressão de Jacó era apreensiva ao responder:

- Tive notícia de que meu filho mais velho contraiu uma doença grave e chama por mim e pelo irmão. Temeroso por sua vida, tenho de arriscar e atravessar os campos com esse frio, pois quero encontrá-lo vivo.

O outro fitou-o nos olhos.

- Realmente é um bom motivo para sair de casa, o que não diminui minha admiração pela sua coragem. Se quiser acomodar-se com seu filho, o quarto está limpo e tem cobertores. Minha esposa preparará um caldo quente que irá reanimá-los. Cobro cinco moedas adiantadas pelo pernoite.

Jacó agradeceu, foi até a carroça e retirou suas coisas, que Raquel ajudou a carregar. O senhor Francisco também os auxiliou, levando-os até o quarto que iriam ocupar.

- Vamos arrumar seus pertences, depois levaremos o cavalo para a cocheira.

A esposa do estalajadeiro, uma senhora de pele muito alva, rechonchuda e simpática, ficou impressionada com Raquel.

- Dom Jorge, que bonito rapaz esse seu filho! Quando crescer mais e ganhar corpo...

Jacó agradeceu com um sorriso e um gesto da cabeça.

-É muito parecido com minha esposa, que era uma mulher de extrema beleza.

Maria Dolores (era esse o nome dela) também sorriu.

- Rapaz, não se aborreça com minha brincadeira. É que tem a fisionomia e a pele delicada de uma mocinha. Espero que Deus lhe mande uma bela barba!

Inquieto com tais comentários, Jacó se apressou a justificar:

- Senhora, Frederico é apenas um garoto de doze anos; tem muito tempo para crescer e ganhar barba.

Jacó e Francisco conduziram o cavalo e a carroça para a cocheira. Enquanto isso, Dolores ajudava Raquel a colocar seus pertences no quarto, sem parar de fazer perguntas. A menina parecia encabulada e repetia várias vezes as mesmas respostas. Finalmente a mulher serviu a sopa quente e os dois, exaustos, puderam recolher-se.

- Francisco, aquele rapaz não é muito estranho? - ela continuava intrigada.

- Ora, você vive achando tudo e todos estranhos... O que há de errado nele?

A mulher chegou perto do ouvido do marido e sussurrou: Não é um rapaz, é uma moça.

- Essa é muito boa! - o homem deu uma gargalhada.

- É uma mocinha vestida de rapaz. Ainda vou comprovar, ou não me chamo mais Dolores - como era seu hábito, falou apertando os olhos pequenos.

Jacó e Raquel estavam tão cansados que dormiram a noite toda. O pai foi o primeiro a despertar, com o sol batendo na janela.

- Acorde, filha, temos de seguir viagem; parece que o tempo vai melhorar.

A moça levantou-se esfregando os olhos.

- Ainda estou sentindo muito frio. Nesse momento alguém bateu na porta.

- Senhor Jorge, sou eu, Dolores. Tenho pão quentinho esperando por vocês.

Os dois arrumaram seus pertences rapidamente e desceram. A mesa já estava posta para a refeição da manhã. Os hóspedes alimentaram-se com grande disposição.

- Dona Dolores, agradecemos a sua gentileza. Agora temos de partir. Receio não encontrar meu filho Alberto vivo.

De novo a mulher crivou os dois de perguntas, a que tentavam responder com rigoroso critério.

- Por que não ficam mais alguns dias? O tempo deve melhorar.

- É impossível - respondeu Jacó. - A distância é longa e temos de nos apressar. Adeus, senhora!

Quando a carroça sumiu na estrada, Francisco virou-se para a esposa.

- Está satisfeita? Todo o seu interrogatório foi respondido.

- Não, o que ouvi não me satisfaz - seu ar era de ironia. -Continuo achando que existe algo de errado com aquele rapaz, e vou acabar descobrindo.

Mesmo indo devagar, Raquel e Jacó conseguiam afastar-se cada vez mais de Medina e de dom Fernão. O caminho era difícil, havia muitos buracos e deslizamentos provocados pela chuva. O sol brilhou só até o meio-dia. Logo a chuva fria e fina cortava a estrada, batendo de frente com nossos fugitivos. A despeito da aparência frágil, Raquel ajudava o pai a conduzir a carroça.

Profundo silêncio se estabeleceu entre os dois viajantes; devido à tristeza e à incerteza quanto ao futuro, nem um nem outro ousava quebrá-lo. Passadas muitas horas, Jacó deteve o cavalo, avaliando o terreno dos lados da estrada.

- Minha filha, estou cansado e faminto. Acho bom pararmos para comer alguma coisa.

A moça deu a mão ao velho e desceram.

- Estamos molhados, a chuva não dá trégua. Sinto frio, pai! Jacó voltou os olhos tristes para o chão.

- Minha querida, acho que deveríamos procurar alguma casa na beira da estrada ou uma vila próxima para nos abrigarmos.

Raquel pegou um pedaço de pão, dividiu-o ao meio e entregou uma parte ao pai.

- Corremos o risco de ser reconhecidos?

- Não acredito, minha querida. A mulher da estalagem só suspeitou que você fosse uma moça, e não que fôssemos nós o judeu e sua filha.

- Estou cansada, acho que não vamos conseguir.

Raquel comeu o pão em pranto, ao passo que o pai enxugava as lágrimas que corriam pela pele enrugada.

- Precisamos ter fé. Confiemos em Jesus e em sua misericórdia, bem como nos anjos que até agora nos têm orientado e consolado. Se não pudermos chegar a Barcelona será o nosso fim; iremos para a fogueira como bruxos.

A essa altura a moça chorava copiosamente.

- Como bem lembrou a prima Ana, o senhor já é idoso e eu sou somente uma garota. Somos frágeis, papai, e parece que o mundo está contra nós.

- Lembre-se, filha: se Deus é por nós e nós somos por ele, quem há de ser contra nós? Isso é o mais importante. Tudo nos será possível, desde que conservemos a confiança e ofereçamos à vida o melhor de nós. Deus espera que façamos nossa parte. Vamos orar!

Ajoelharam-se no chão molhado e de mãos postas, numa rogativa que saía do coração, Jacó orou.

*Pai de infinita bondade, Senhor que enviaste teu filho Jesus até o povo escolhido, tem piedade destes pobres servos. Alivia nossos sofrimentos, se formos merecedores dessa graça. Amansa nossos corações, dando-nos a fé necessária e a esperança em dias melhores. Que o amado Jesus, que deu a vida por nós, ilumine nossos caminhos. Misericórdia, Pai divino, para nossos inimigos, e que seus corações possam abrandar-se diante de tua luz.*

*Piedade, Senhor, também para nós, pobres pecadores, a fim de aceitarmos teus desígnios sem revolta, procurando ter olhos benignos e caridosos. Seja feita a tua vontade, Pai da vida. Nós somos teus servos agora e para sempre. Assim seja.*

No plano espiritual, uma luz muito clara se derramou sobre a fronte dos dois peregrinos. Raquel sentia-se revigorada e o pai chorava baixinho, com o coração agradecido.

- Vamos, minha filha, teremos de andar mais duas horas até encontrar abrigo para a próxima noite.

Percorreram o resto do caminho calados. Jacó em oração e a jovem pensando nos amigos que ficavam cada vez mais distantes, e que temia nunca mais rever. Depois de mais ou menos uma hora, surgiu ao longe uma casa branca.

- Papai, olhe ali à margem da estrada! - exclamou Raquel. - É uma casa, e parece estar vazia.

Aproximaram-se até parar na frente da porta e desceram para averiguar.

- Realmente, está abandonada - constatou Jacó. - Os moradores devem ter saído às pressas; os pratos estão sujos sobre a mesa, há cobertores empoeirados nas camas e cinzas na lareira.

- Estou com medo. Acho que não devemos ficar, existe algo estranho aqui.

Jacó examinou tudo em torno, certificando-se de que a casa estava desabitada.

- Parece que faz meses que ninguém entra aqui. E nós só estamos de passagem... Precisamos descansar pelo menos dois dias, até que passe a chuva.

Enquanto Raquel tirava o pó, Jacó ia buscar madeira seca para poderem defender-se do frio. Uma vez aceso o fogo e o cômodo limpo, o ambiente ficou aconchegante.

Pai, tenho a impressão de que afinal teremos uma noite tranquila.

Sentaram-se e se alimentaram com o que haviam trazido. Terminada a refeição simples, Jacó pegou um cobertor para se aquecer.

- Estou cansado, minha filha, mas amanhã me sentirei muito melhor.

Lá fora, na noite escura, caía uma garoa leve e ininterrupta.

O dia amanheceu escuro e ameaçava continuar a chover. A jovem arrumou alguma coisa para comerem e acercou-se da cama onde Jacó estava acomodado.

- Pai, o dia vai alto e o sol ainda não apareceu. Fiz um chá bem quentinho

Ele não abria os olhos. Já preocupada, a filha chegou mais perto.

- Acorde, o senhor já dormiu bastante.

O velho continuava imóvel, sem dar sinal de que a ouvira. Raquel, assustada, começou a sacudi-lo.

- Por favor, papai, abra os olhos. Responda! Foi então que percebeu que ele ardia em febre.

- O senhor está doente. O que faço agora?

Jacó, com esforço, abriu os olhos, porém delirava, falando palavras desconexas. A moça sabia manipular os remédios do pai, que nunca deixava de trazer consigo as ervas milagrosas, como se referia a elas. Colocou mais lenha no fogo, mantendo o ambiente aquecido. Separou alguns preparados que passou a administrar-lhe de hora em hora; a lareira ficou o tempo todo acesa.

Foram três dias e três noites de febre alta e delírios. No quarto dia o velho abriu os olhos e viu Raquel, que, exausta, dormira encostada ao lado da cama.

- Minha filha, você está bem?

Ela acordou assustada e logo veio o alívio.

- Pai! Deus ouviu minhas preces. Parece que a febre cedeu.

- Não me sinto bem. O corpo está dolorido e muito cansado.

- E por isso que vai tomar um caldo que preparei - disse ajoelhando-se junto do leito. - O que eu faria neste mundo sem o senhor? Se Deus o levasse, só me restaria morrer também.

Com grande esforço, Jacó venceu a dificuldade para sentar-se.

- Não diga isso, minha querida! Deus, em sua infinita misericórdia, jamais nos desampara.

- Sim, disso tenho certeza. Bem, agora vou buscar o seu caldo. Quando a viu retornar trazendo o alimento bem quentinho, o velho judeu exortou:

- Vamos agradecer ao Pai por todas as coisas boas que nos têm sucedido nos últimos dias.

Por alguns minutos os dois ficaram abraçados e emocionados. Então ele tomou o caldo e sentiu-se mais fortalecido.

Os dias foram passando. Raquel arrumou a casinha, que acabou por adquirir um aspecto mais agradável. Em conversa com o pai, que permanecia acamado, certa vez questionou:

- Fico imaginando que pessoas moravam aqui e por que saíram tão apressadas...

- Não tenho nem ideia - disse ele, sentando-se no leito -, mas acredito ser um motivo grave. Ninguém larga sua casa assim de repente... E saiba que isso para mim é inquietante!

A filha veio até a porta do quarto.

- Parece estar abandonada há tanto tempo... - considerou. - E estamos tão longe de tudo e de todos que por um bom período, com este frio, ninguém deverá notar nossa presença.

Jacó deitou-se de novo.

- Tem razão, meus temores são exagerados. Além disso, ainda me sinto muito fraco para seguirmos viagem. Se voltarmos a tomar chuva não sei se alcançaremos nosso destino. O mais seguro é esperarmos o término do inverno.

- Nossos mantimentos estão acabando. Precisaremos abastecer-nos em alguma vila próxima.

- Sim, querida. Pelo meu mapa há uma vila mais ao norte, cerca de meia hora a cavalo. Só não quero que vá sozinha.

- Não há outro jeito. O senhor está tão fraco que não poderá deixar o leito por vários dias. Com certeza, saindo bem cedo, estarei de volta antes da hora da refeição. Irei bem agasalhada e ninguém me reconhecerá.

Ela estava decidida e Jacó sabia que não poderia agir de outra forma. Era necessário correr o risco.

No dia seguinte, o pai ainda dormia quando Raquel selou o animal e dirigiu-se à vila. O sol iluminava a fria manhã. Cerca de quarenta minutos depois ela avistou o lugar. Só algumas crianças animavam-se a brincar fora de casa. Sua chegada despertou certa curiosidade.

- Garoto - a moça acenou para um menino de uns onze anos. - Preciso falar com sua mãe.

Ele correu a chamar alguém, e logo uma mulher magra apareceu com ar apreensivo. Pôs os olhos no suposto menino, sorrindo.

- Pois não! Quer falar comigo?

- Sim, senhora. Sou Frederico. Meu pai e eu estamos viajando de volta para casa e ficamos sem suprimentos. Há alguém nesta vila que poderia vender-me alguma coisa?

- Meu jovem, na última casa mora dom Hernandes. Ele tem o hábito de fazer boas provisões de inverno. Deve ter algo para lhe vender. É ele que sempre arruma para nós, quando nos falta.

Raquel andou até lá; era a maior casa da vila. Bateu e esperou que alguém aparecesse. Uma jovem que devia ter catorze anos, de olhar tristonho, surgiu na janela.

- Um momento, meu pai virá atendê-lo.

Um homem aparentando 3 5 anos, que vestia pesadas roupas de inverno, abriu a porta; esfregava as mãos para esquentá-las.

- Pois não, garoto. Procura alguém? Em que posso ajudar?

- Dom Hernandes - disse Raquel -, gostaria que o senhor me vendesse algum alimento.

- Veio ao lugar certo - ele respondeu com um sorriso. -Tenho o costume de vender nas vilas vizinhas todo o excedente do que armazeno, e justo hoje resolvi ficar. Entre e vamos ver o que deseja. Ela entrou carregando sua pequena bolsa de moedas. Escolheu os produtos de que precisava, colocando-os num saco.

- Qual é o seu nome, rapaz? - perguntou Hernandes.

- Frederico - informou prontamente.

- É tão jovem para sair sozinho por esses campos infestados de malfeitores...

- Meu pai está doente e nossas provisões acabaram. Fui obrigado a vir, mas tenho de voltar o mais rápido possível.

- Caso precise de mais e eu não esteja, minha filha Amélia poderá ajudá-lo - o homem falou com um sorriso.

- Eu agradeço muito, senhor. Agora que conheço o local, ficou mais simples.

Raquel subiu no cavalo e saiu imediatamente; tremia de medo só em pensar que poderia levantar qualquer suspeita. O pior foi que teve dificuldades no regresso. Já eram três horas da tarde quando achou o caminho da casa. Ao chegar, enfim, encontrou Jacó aflito, mais abatido que de manhã.

- Pai, por que saiu da cama? Não pedi que ficasse deitado e coberto para proteger-se do frio?

Jacó tornou a se deitar com o auxílio da filha.

- Foi a ansiedade. Você demorou muito, minha querida.

- A vila não é longe. Fiquei um pouco confusa na volta, mas consegui comprar alimentos para alguns dias.

Com certo esforço ela trouxe o saco para dentro de casa.

- Minha filha, você percebeu movimento estranho, ouviu perguntas ou comentários preocupantes?

- Não, papai. As pessoas estavam enfiadas em suas casas, e o homem que me vendeu os alimentos não deu nenhum sinal de desconfiança.

Jacó levantou as duas mãos.

- Ah, graças a Deus! Graças a Deus!

- Vamos, precisa alimentar-se para ficar mais forte; aposto que ainda não comeu nada! Assim que melhorar, seguiremos viagem. Acharemos o rumo de nossas vidas e seremos felizes, eu e o senhor, sempre juntos até o fim.

Aproximou-se e deu-lhe um beijo na testa.

- O senhor é o meu tesouro, por isso tem de ficar bom logo. É o melhor pai do mundo. Para mim não existe ninguém mais importante e mais amado.

Jacó não conteve as lágrimas que correrem pela face.

- Eu também a amo muito, e tenho pedido a Deus que não me deixe morrer antes de abrigá-la em lugar seguro, livre das garras daquele monstro. Você é o que a vida deu de melhor a mim e a sua mãe.

Ficaram abraçados, sentindo a felicidade de estar um ao lado do outro numa hora de tantas provações. Enquanto o vento batia impiedoso lá fora, aqueles dois corações pulsavam no suave compasso do amor fraterno, que ampara e reconforta as criaturas nos momentos mais difíceis da vida.

A jovem preparou a refeição e serviu o pai, que se mostrava **mais** animado. Conversaram muito, fizeram planos para o futuro e sonharam com uma vida melhor. Antes de dormir, Jacó fez suas orações, como era habitual. No ambiente que parecia iluminar-se, nossos amigos buscaram o repouso e a renovação de suas energias.

## 16. SEGREDOS

FERNÃO NÃO DESISTIA DE atingir a condessa e o filho, e se empenhava em descobrir a melhor forma de fazê-lo. Considerava até a possibilidade de uma emboscada, se não houvesse outra saída.

Após lançar as calúnias, tinha urgência de saber se haviam surtido efeito. Como o frio o fizera perder contato com o castelo, ficava imaginando como estaria a cabeça do conde. Não cabia em si de ansiedade para saborear os resultados do que lhe dissera em seu último encontro. Vislumbrava a condessa sofrendo toda sorte de maus-tratos, o que lhe causava grande satisfação. Experimentava antecipadamente o sabor da vingança.

Pensava naquela mulher voluntariosa que nunca conseguia manipular, mesmo com suas chantagens sórdidas. Quantas vezes achara que a tinha nas mãos e ela escorregara pelos vãos de seus dedos... E aquele maldito judeu sempre procurando protegê-la, sempre atrapalhando os seus planos. Gargalhava só de pensar no preço

que Jacó estava pagando e ainda iria pagar por se meter onde não era chamado.

O frio o deixara mais magro e pálido, devido à forte gripe, porém não alterara seus propósitos. Pretendia intensificar as buscas a Jacó e Raquel, crente de que ao mesmo tempo em que capturasse o velho levaria também a condessa e o filho para uma única fogueira.

Nutrindo-se de ódio, dia e noite arquitetava a terrível vingança. Todos na casa ouviam suas gargalhadas, e seus servos imaginavam que o homem estivesse enlouquecendo.

O tempo começou a melhorar, o frio perdeu a intensidade; iniciando-se a primavera, já era possível atravessar a planície sem problemas.

O conde estava ocupado em reuniões com outros fidalgos e o rei, cuidando da organização de uma nova cruzada. Um dia chegou animado e com notícias foi à procura do filho mais velho.

- Alejandro, devemos nos preparar. Acredito que em um mês, no máximo, deveremos apresentar-nos ao rei. Dom Afonso ainda não logrou acertar a paz com o sultão Mohamed e, se não houver acordo mesmo, voltaremos ao campo de batalha.

O rapaz ficou animado.

- Com toda a razão, pai. Não podemos admitir a permanência daqueles hereges em nossas terras. Devemos levar nossa bandeira de cristãos aos quatro cantos da península.

- Isso mesmo, meu filho! - o conde abraçou-o, comovido. - Temos o dever de lutar por nossos princípios e ideais; não podemos permitir que hereges continuem vivendo debaixo de nossas barbas.

Constância ouviu o diálogo, muito preocupada. Sempre tivera ciência das lutas sangrentas que os cristãos vinham travando com os mouros, há tempos, pela reconquista da Península Ibérica. Os muçulmanos, que iam perdendo cada vez mais espaço, agora estavam ao sul, na pequena faixa de terra de Granada.

Nas disputas sangrentas, os dois lados eram movidos por fanatismo religioso, o que impulsionava os soldados a levarem a guerra às

últimas consequências. Inúmeras vidas, na flor da juventude, tinham sido ceifadas no curso de muitos séculos.

Temerosa pelo destino do filho, tão moço, a condessa ousou entrar na sala e intrometer-se na conversa.

- Dom Felipe, meu marido, com tanta coisa importante para se resolver em nossas propriedades, por que ir guerrear em terras distantes? Deixem os mouros viverem a vida deles e cuidemos nós da nossa. Temos terra para todos. Meu próprio irmão perdeu a vida nessa luta insana.

- Não pedimos a sua opinião - o conde respondeu com desagrado à intromissão inoportuna da esposa. - O assunto é de homens, não queremos a sua presença. Dona Constância, saia agora; não me faça tomar uma atitude drástica!

Alejandra procurou acalmar o pai:

- Mamãe só está falando com o coração ferido por ter perdido o irmão. Tente entender; sua maior preocupação é que também tombemos no campo de batalha.

A mulher empalideceu, prestes a desmaiar. Sentiu falta de ar e tudo girou. Augusto, que descia as escadas, percebeu e correu para ampará-la.

Ao ver a esposa sem sentidos, dom Felipe ficou mais irritado.

- Odeio mulheres fracas. Todas as vezes que me aborreço ela desmaia; consegue estragar toda a alegria de uma boa conversa com meu filho.

Augusto esfregava os pulsos da mãe para reanimá-la. Alejandra e Maria vieram com aromatizantes, mas Constância continuava pálida e fria. O primogênito foi ficando inquieto.

- Acho que devemos chamar um médico; ela não volta a si, já está desmaiada há um tempo enorme.

Depois de muito a massagearem com ervas, a condessa recuperou a consciência, porém não se sentia bem. No peito, o coração batia disparado.

Augusto acomodou-a no leito.

- Mãe, a senhora está muito agitada; isso prejudica sua saúde.
- Como posso ficar calma - ela falou chorando - se meu filho vai retornar para essa maldita guerra? Temo por sua vida, meu coração é todo sofrimento.
- Mãe, devemos pedir a proteção de Deus. Esse é o caminho escolhido por Alejandro.
- Não, Augusto, foi seu pai quem o impôs. Sempre o incentivou a desenvolver-se nas lutas e nas armas; arrumou-lhe até um treinador especial.

O filho ajeitou o travesseiro e fez a condessa recostar-se.

- Meu irmão tem espírito bélico. Papai tentou comigo e não conseguiu. Sabe do orgulho que Alejandro lhe traz! É muito importante para ele ter ao menos um filho guerreiro. O rei valoriza seus homens pela bravura, é graças a eles que os mouros não avançam mais; ao contrário, estão cada vez mais recuados. Se não impuséssemos nossa força seríamos massacrados e eles teriam conquistado toda a península. Apesar de guerras só nos trazerem tristeza, no mundo em que vivemos vencem os mais fortes, e quem fugir à luta será obrigado a viver subjugado. Não entre em confronto com papai; é inevitável acabar em desgaste físico e emocional dos dois lados.

Depois de breve pausa em que a mãe refletia sobre suas ponderações, Augusto falou com animação:

- Agora a mulher mais bonita do mundo vai dar um sorriso e acalmar o coração, dando um abraço no filho que promete nunca deixá-la para ir guerrear! Vamos, quero vê-la feliz e com saúde! Eu e Carlos necessitamos demais da senhora. E precisa acostumar-se a ver Alejandro ir para a guerra, o que é motivo de orgulho para muitas mães.

Constância enxugou as lágrimas e o abraçou; a cor parecia voltar ao seu rosto. Conversar com Augusto lhe fazia bem, ele sabia como serená-la.

- Eu sei, meu filho! Não vou mais tocar nesse assunto com seu pai, e prometo fazer tudo para me controlar até a partida de seu irmão.

A esse ponto da conversa, o conde entrou nos aposentos da esposa. Demonstrando estar ainda muito irritado, usou de ironia:

- Parece que se reanimou! Pensei que tivesse desmaiado para sempre.

Ela engoliu em seco e se esforçou para dar à voz um tom de tranquilidade.

- Já estou bem, senhor meu marido. Posso, de amanhã em diante, preparar a sua partida e de meu filho. Meu desejo é vê-los felizes, quero que deixem este castelo em clima de festa. Quantas esposas e quantas mães podem ter heróis no lar?!

Dom Felipe ficou encabulado. Não esperava resposta tão entusiasmada após tanta desavença.

- Ora, vejo que seu desmaio colocou as coisas nos devidos lugares. Finalmente, estamos falando a mesma língua. A posição tomada pela senhora me faz feliz. Teremos um tempo de paz até a partida. Será dentro de um mês e meio, quando juntaremos nossa tropa ao exército real.

Embora sentisse a cama rodopiar, Constância procurou ficar firme. Assumira como propósito não mais perturbar a vida do filho, nem queria indispor-se novamente com o marido. Havia muitos assuntos pendentes e seria fundamental evitar o confronto.

A condessa sabia que dom Fernão traria o assunto do judeu a tona e era imperioso juntar cautela e bons argumentos para sua defesa. Possivelmente teria de arranjar testemunhas para livrar-se de acusações injustas. Aquele homem, sim, devia ter parte com o demônio, pensava ela.

A conversa dos filhos acabou por descontrair o castelão. Até Carlos, sempre muito retraído, aproveitou a cordialidade reinante e sentou-se no colo do pai.

- Pai - disse timidamente -, vou sentir muito a sua falta e a de Alejandro. O castelo ficará vazio sem vocês.

Aquele homem que nunca se habituara a dar atenção ao filho deteve os olhos no menino franzino que falava com tanta sinceridade. Passou a mão nos seus cabelos louros.

- Eu sei, meu filho, vejo a verdade em seus olhos. Acho que também sentirei muita falta de vocês; afinal, são a minha família. O clima nos campos de guerra é muito tenso e ambiente desconfortável ao extremo.

Constância sentiu compaixão ao ver o filho nos braços do pai. Carlos sempre fora muito carente. Ficou admirada com a ternura que o menino revelava ter pelo conde.

- Agora chega de conversa! - ele se levantou, pondo o garoto no chão. Vamos, Alejandro, temos muitas coisas para colocar em ordem.

Já em seus aposentos, Carlos aconchegou-se à mãe no leito, dando-lhe um beijo na testa.

- Mãe, gostaria de ser forte como Alejandro, lutar também contra os mouros. Mas se todos fossem para a guerra ninguém ficaria para proteger a senhora e nosso castelo.

- Sim, meu tesouro! - a condessa sorriu a essas palavras. - Eu preciso de você e de Augusto para me protegerem. E logo o seu irmão irá para Toledo cursar medicina, então ficaremos eu e você o tempo todo juntos.

Abraçado a ela, o menino indagou:

- Poderei de vez em quando dormir aqui na sua cama?

- Sim, meu querido, sobretudo quando estiver com medo.

- Papai não pode saber que tenho muito medo do escuro! -Carlos fez o alerta falando baixinho.

- É claro que não. Já prometi que não contarei nunca. É nosso segredo.

- Mãe, que segredo dom Fernão guarda sobre a senhora?

- Nenhum! Não há segredos entre mim e dom Fernão.

- Só que eu os vi conversando na sacada e ele falava que ia contar seus segredos ao papai; depois disso a senhora ficou chorando.

Constância corou, muito nervosa. Procurou certificar-se de que não havia ninguém nas proximidades.

- Carlos, você ouviu mal, e não deve contar isso a ninguém, principalmente a seu pai. Entendeu?

- Sim, mãe, esse é nosso segredo. Mas se a senhora me contasse tudo talvez pudesse ajudá-la. Não teríamos de aguentar aquele homem em nosso castelo.

- Ele não vem aqui por mim e por causa de meus segredos, e sim porque é protegido de seu pai.

- Também conhece segredos de papai?

- Seu pai deve muitos favores a dom Fernão e por isso é agradecido. Agora vamos mudar de assunto e prometer que jamais falaremos disso com ninguém; os servos podem escutar e criar suspeitas descabidas. Bem, está na hora de verificarmos o que está sendo preparado para nosso almoço.

- Só quero perguntar mais uma coisa.

- Vamos lá, pergunte.

- Onde estão o senhor Jacó e Raquel? Tenho sentido muita saudade, e gostaria de saber que segredos dom Fernão soube para mandá-los embora.

- Não existe segredo, apenas uma confusão em que você não deve se meter. É um assunto muito delicado que até mesmo sua mãe está proibida de comentar. Por favor, Carlos, chega de perguntas por hoje.

- É que a senhora sabe como gosto de Raquel! Ela é a irmã que não tenho.

- Carlos, não vou mais falar nesse assunto! - já não disfarçava a irritação. - Você tem idade suficiente para saber que certas coisas não devem ser ditas. Isso pode trazer muita confusão.

O garoto parou com o interrogatório e resolveu ir para a sala, junto da lareira. Constância, na tentativa de se acalmar, caminhou até seu tear e contemplou o belo tapete que estava tecendo.

Nesse momento Augusto entrou eufórico no quarto, com uma carta na mão.

- Está aí o mensageiro de tio Juan, trouxe-me notícias de Toledo.

Puxou uma cadeira, sentando-se perto da mãe. A condessa largou o tear para falar com o filho.

- Seu tio respondeu à sua carta?

- Sim, disse que conseguiu uma vaga na escola de medicina de Toledo, e que poderei apresentar-me em trinta dias. Ofereceu sua residência para me hospedar. Ele e tia Sofia estão muito sós com a morte do primo Clemente, e ficarão felizes se eu aceitar.

O comunicado foi recebido com um sorriso de satisfação.

- Meu irmão é uma grande pessoa. Arrumou tudo para você, desde que soube de sua intenção de cursar medicina. Ele sempre acreditou em sua vocação para isso, por ser tão dedicado com todos!

- Devo preparar-me para a viagem! Será que meu pai ficará contente?

Constância baixou a cabeça, como se só então se desse conta de que o filho se ausentaria dali.

- Todos vão partir e me deixar sozinha. Não sei se suportarei ficar sem meus filhos.

Augusto pegou-lhe a mão, que beijou com imenso carinho.

- Mãe querida, ficará com Carlos. Prometo que escreverei, virei sempre que puder... E a senhora sabe o quanto estou feliz por fazer o que sempre sonhei. Além do mais, tia Sophia e tio Juan são criaturas maravilhosas!

- Sim, querido, e estou muito feliz por você. Qual é a mãe que fica mal quando seus filhos estão bem? Sempre estarei em oração, pedindo a Deus pela felicidade dos meus filhos, o que não impede que me sinta muito só sem vocês. Já perdi Raquel, agora partem você e Alejandro. Ele, pelo menos, regressará ao findar a guerra e acabará se casando e ficando por aqui.

O jovem levantou-se e averiguou se havia alguém na porta antes de dizer:

- Alejandro, casar-se com quem papai determinar? Vai ser difícil! Genioso como é, tenta convencê-lo a não escolher ninguém sem o assentimento dele. No fundo, acho que alguma moça já conquistou o coração de nosso bravo guerreiro.

- Não brinque com coisa séria! - a mãe enrubescera. - Sabe que ele não terá saída, uma vez que seu pai assine um acordo de casamento. Augusto ficou de pé na frente da condessa.

- Parece que papai já tem uma pretendida e Alejandro não gostou nada. Foi a impressão que tive na noite passada, pelas vozes alteradas.

- Seu pai não comentou nada comigo. Na verdade, nós mulheres só ficamos sabendo depois de firmados os acordos. E quem seria a moça? - perguntou com ar de confiança.

Augusto respondeu no mesmo tom:

- Parece que é Fátima, a filha do barão Ribeiro.

- Como? Ela é uma menina! Deve ter uns dez ou no máximo doze anos. É muito miúda e vive adoentada. Ouvi dizer que a pobrezinha tem problemas sérios de saúde. Acho que seu pai não fez boa escolha. Será que você realmente ouviu bem?

Augusto fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- É lógico que para papai não interessa se é bonita e forte, e sim que tem um belo dote. Fátima é a única filha do barão, que é se aliado político. Esse casamento tornará nosso domínio muito maior, já que através da esposa será Alejandro que na verdade herdará tudo que hoje é dele.

- Pobre filho! De que adiantará ter muito se não puder constitui uma família? Parece que a coitada tem o hábito de ver coisas e falar sozinha. O senhor conde precisaria ter um mínimo de bom senso. Quanto a Alejandro, deveria aproveitar a viagem para mudar as ideias do pai antes que assuma com o barão um compromisso irreversível.

O semblante de Augusto ficou sério e ele falou em tom mais baixo:

- Suponho que papai tratará desse assunto na volta da próxima campanha contra os mouros. Quem sabe Alejandro consiga fazê-lo mudar de ideia? O certo é que não podemos interferir; papai é muito voluntarioso e não aceitará nossa opinião. Espero que no futuro não queira também envolver-me em suas alianças políticas e que considere a minha posição.

- Duvido. Seu pai nunca leva em consideração o que sentimos ou pensamos.

Nesse instante o conde entrou no quarto acompanhado de Alejandro.

- O que estão cochichando os dois? Com um sorriso Augusto exibiu a carta.

- Tio Juan enviou-me por um mensageiro. Obtive uma vaga na escola de medicina de Toledo, e ofereceu sua residência para me hospedar.

Felipe abriu os braços para enlaçar fortemente o filho.

- Afinal teremos um médico na família! De fato, Augusto, você tem vocação. E já que não posso ter dois guerreiros, terei um médico. Precisamos organizar um jantar comemorativo.

Augusto estava tão feliz que não conseguia tirar o sorriso do rosto. Sensível e preocupado com todos, estava sempre pensando nos servos, na família, e desde pequeno achava que o exercício da medicina o ajudaria a aliviar a dor do próximo. Não se deixava dominar pelo orgulho da nobreza de seu nome ou pelo berço privilegiado em que nascera. Queria apenas dedicar-se às causas nobres da vida. A mãe sabia muito bem de suas qualidades e por isso lhe devotava enorme afeição. Aquele filho era sua retaguarda, sua proteção física e espiritual, era seu apoio.

Constância, satisfeita por saber que Augusto iria concretizar seus sonhos, evitava antecipar a saudade do filho e o auxiliava nos preparativos para a viagem que não tardaria. Só não era completa sua felicidade porque todos os dias pensava na pobre Raquel e em seu velho pai. Tais pensamentos lhe tiravam a tranquilidade.

Não muito longe dali, Fernão também se preocupava com os dois e continuava a perscrutar a mente à procura de um plano infalível para capturá-los. Pretendia reiniciar as buscas, já que o tempo havia melhorado. Exploraria novas pistas, aumentaria o valor do resgate... Tinha quase certeza de que o conde iria ajudá-lo, se não pessoalmente, ao menos com homens. De qualquer modo, nada lhe tiraria a convicção: iria atrás de Raquel e do pai, sem medir esforços pessoais nem financeiros.

Começou a procurar homens adequados e disponíveis para o trabalho. Se o conde não lhe desse ajuda, recorreria ao cardeal; sem dúvida a Igreja ficaria muito interessada no caso. A única coisa que temia era envolver outras pessoas e não poder tirar Raquel da situação. Na realidade, tinha outros planos para a moça.

Quando o dia amanheceu com sol, vestiu roupas de montaria e mandou atrelar o melhor cavalo. O servo que trouxe o animal indagou:

- O senhor volta para o almoço, dom Fernão? Posso mandai preparar sua refeição?

Carrancudo como sempre, não respondeu; apenas balançou a cabeça negativamente. Chicoteando o animal, desceu o morro em direção à planície. Depois de conversar e recrutar alguns homens na vila próxima, pegou a estrada para o castelo.

Os chefes da guarda, logo que o avistaram, deram ordem para que o portão fosse aberto. O encarregado do serviço o saudou em tom respeitoso.

- Dom Fernão, seja bem-vindo! Meu senhor está tomando a refeição com a família no salão maior. Vou anunciá-lo.

- Não é necessário, eu sei o caminho - respondeu áspero. O guarda fez menção de dizer alguma coisa, porém o olhar raivoso do visitante o fez desistir.

Fernão entrou a passos largos, alcançando rapidamente o salão onde estava reunida a família. Parou em frente à mesa.

- Ora, cheguei em boa hora! Estão com ar de tanta felicidade que parecem comemorar alguma coisa. Será que poderei participar?

O conde levantou-se.

- Quanta honra, dom Fernão! Puxe uma cadeira e faça a refeição conosco. De fato, hoje recebemos boas notícias e estamos comemorando.

- Que ótimo! Nem sempre temos boas notícias... - falou e sentou-se, passando a servir-se. - Vamos a elas, estou ficando curioso.

O conde ergueu uma taça de vinho.

- A primeira é que meu filho Augusto vai para Toledo, pois foi aceito para o curso de medicina. E a outra é que nosso glorioso rei está formando um novo exército para combater nossos inimigos e nos convidou a fazer parte dele. Alejandro será condecorado com o título de cavaleiro do reino de Castela pelos seus feitos heróicos no último confronto.

Fernão coçava a barba, avaliando todos à mesa. Queria captar a reação de cada um, mas percebeu que estavam irmanados no mesmo sentimento.

- Parece que todos estão felizes, e com razão! Não é sempre que recebemos tantas notícias boas a um só tempo. Contudo, os motivos que me trazem são outros e após o almoço gostaria de ter uma conversa particular com o senhor conde.

Dom Felipe já havia ingerido tanto vinho que estava embriagado.

- Certamente, meu amigo. Apenas espero que seja uma conversa animadora. Hoje não estou com disposição de ouvir nada que não me traga alegria. Se for um assunto desagradável, é melhor deixar para outro dia.

A irritação do visitante se elevou a tal ponto que ele nem quis terminar a refeição.

- Sinto, senhor conde, porém o assunto não é nada agradável. Como não quero estragar o seu dia, voltarei amanhã.

Saiu batendo os pés e a porta, atitude a que o dono do castelo reagiu com uma gargalhada.

- Já foi tarde, e espero que não volte amanhã! Devo favores a esse impertinente, que se veio aborrecer-me logo hoje deve ser para pedir algum favor. Bem, vou tirar um cochilo em meus aposentos.

A condessa sabia qual era o assunto, por isso ficara muito inquieta desde a chegada de Fernão. A atitude do marido e a saída do homem serviram para acalmá-la um pouco. Em seguida à retirada do marido, chamou os filhos.

- Meus queridos, precisamos conversar - falou com ar apreensivo. - Temos de encontrar Raquel e o senhor Jacó antes de dom Fernão. Até hoje estivemos encolhidos, com medo... Agora é imprescindível tomarmos a dianteira para descobrir onde estão.

- E como faremos para obter mais sucesso que seus perseguidores? - questionou Alejandro.

- Não sei... É urgente ponderarmos para onde poderiam ir quais os parentes que teriam condição de socorrê-los... E precisamos arrumar um lugar seguro para abrigá-los quando os acharmos.

- Mãe, já pensei muito - disse Augusto. - Se os encontrarmos, será melhor trazê-los para cá.

- Ficou louco!?! - bradou o irmão.

- Não, pelo contrário: dom Fernão nunca os procuraria aqui neste castelo que é tão grande e tem tantos cômodos desocupado-O nosso problema é localizá-los.

Alejandro sentou-se próximo da mãe.

- Em nossa guarda temos um homem de muita confiança, e perto e bastante experiente. Se lhe dermos um bom dinheiro poder percorrer todos os lugares sem ser notado; é hábil em seguir pistas e tirar informações. Talvez dom Fernão não seja tão esperto quanto pensamos; não fosse assim e já teria alguma pista do paradeiro de Jacó e Raquel.

Pode ser - admitiu Augusto. - Eu não havia pensado nisso.

- Ainda hoje conversarei com Álvaro. Apesar de ser o chefe da guarda, se lhe der uma missão especial papai não perceberá sua ausência momentânea; nomearei outro para chefiar os homens. Ele

tem boa aparência e conversa fácil, logo alguém vai soltar a língua. Ninguém consegue desaparecer sem deixar rastro. Vamos mandá-lo com algum dinheiro; tenho certeza de que é capaz de localizá-los. Esse rapaz parece uma raposa.

Constância estava tão otimista que não podia conter-se. Para sua sorte, o conde relacionou essa euforia com as notícias da manhã. A condessa esperava reconquistar um pouco de paz quando pudesse ajudar Raquel e Jacó. Sentia-se culpada pelo que estava acontecendo a seus amigos; achava que lhes havia negado proteção, que se tivesse enfrentado dom Fernão a favor dos dois a situação seria outra. Entretanto, como ser forte perante aquele homem sem medidas?

## 17. O SOCORRO

JACÓ E RAQUEL ACORDARAM cedo. A moça preparou uma refeição rápida. Jacó levantou-se, pegando o prato das mãos da jovem.

- Filha, é hora de partirmos; o tempo ficou firme e as temperaturas estão mais altas.

- O senhor continua muito pálido, não recuperou totalmente a saúde. Como iremos sair daqui?

- É preciso, minha filha! Dom Fernão iniciará novas buscas e se vacilarmos nos apanhará.

- Como, se ninguém sabe que estamos aqui? Poderemos fazer uma roça, criar alguns animais para nos manter. Do contrário, para onde iremos?

- Vamos para uma cidade grande, onde dom Fernão não possua tanta influência e não tenha como nos achar. Aqui onde estamos a distância daquele monstro ainda é pequena.

Raquel arrumou tudo o que pôde. A seguir colocaram seus pertences na carroça, alimentaram os cavalos e saíram.

Como alertara a moça, Jacó não recobrou completamente a saúde. Mostrava-se cansado e abatido, não se livrara da tosse e tinha febre todas as noites. Todavia, tentava simular boa disposição para não preocupar a filha.

- Raquel, temos de procurar a erva certa para curar minha tosse; vou explicar como é, minha filha!

- Infelizmente parece que aqui ela não nasce, talvez porque o ] inverno tenha sido muito rigoroso.

- Em geral ela brota junto das corredeiras, dos riachos.

A viagem continuou monótona até o dia estar quase terminando.

- Pai, onde iremos pernoitar?

- Vamos sair da estrada e parar a carroça junto daquelas árvores; faremos uma fogueira para nos aquecer e afugentar animais selvagens.

- Tenho medo de cobras e de assaltantes - disse ela, assustada.

- Devemos orar pedindo proteção a Deus, e nada nos perturbará. A noite a temperatura caiu e o vento frio cortava a campina.

Jacó, exposto ao tempo, sentia-se gelar e sua tosse ficava mais constante. Raquel percebeu que o pai tinha febre.

- Teremos de procurar abrigo todas as noites. Parece que o senhor está piorando.

- Não se preocupe, minha filha. Estou tomando remédios, sei que vou melhorar; o que nós precisamos é achar um local seguro.

Raquel deixou que uma expressão de tristeza lhe invadisse o lindo rosto.

- Não há lugar seguro neste mundo com dom Fernão atrás de nós. As vezes sinto seu olhar penetrando minha mente, sua mão me agarrando... Não sei se estou acordada ou dormindo...

Longe dali, o perseguidor montou novo grupo para as buscas. Não esperando pela ajuda do conde, escolheu os homens mais confiáveis e as melhores montarias. Ofereceu polpuda recompensa por

qualquer informação que o levasse ao paradeiro dos fugitivos. Estavam vasculhando tudo: todas as vilas, todo pedaço de chão, todas as tabernas e hospedarias... Nada escapava aos olhos daqueles homens. O frio fora tão intenso que Fernão tinha a certeza de que Raquel e Jacó, sem recursos, não podiam estar muito longe.

O jovem Álvaro, chefe da guarda do castelo, também procurava os dois - não ostensivamente, e sim de maneira inteligente. Ao invés de simplesmente indagar por um velho e uma jovem, tentava imaginar como os dois poderiam estar disfarçados. Caso não tivessem usado esses recursos, sem dúvida já teriam sido apanhados. Por informação da condessa, chegou até a prima de Jacó. Ao entrar na vila, os meninos brincavam na rua.

- Bom dia, meninos! Onde mora dona Ana?

Gabriel, o mais velho, foi logo falando:

-Ali na última casa da rua, mas acho que não está. Depois que seu primo Jorge e o jovem Frederico partiram, a velha Ana parece estranha... Nunca fica em casa, anda o dia todo pelos matos.

- Faz muito tempo que Frederico e dom Jorge foram embora?

- Não, acho que há pouco mais de um mês; ainda estava bem frio.

- Obrigado, garoto. Caso não ache dona Ana, vou esperar por ela.

Álvaro confirmara a suspeita de que o judeu e a filha haviam mudado de aparência e identidade. Como Ana não estava, passou quase o dia inteiro aguardando seu retorno. Finalmente ouviu um resmungo; era a velha que chegava.

-Que diabo o senhor faz sentado em minha porta? Quando os garotos me contaram não acreditei. Alguém plantado tantas horas, feito uma árvore?

O enviado de Alexandre fez uma reverência respeitosa com a cabeça.

- Dona Ana, peço humildes desculpas por estar assim acomodado em sua porta. E que necessito ter com a senhora uma conversa particular de extrema importância.

- Eu não quero conversar com um desconhecido, nem lá dentro, nem aqui fora. Pode pegar seu caminho de volta!

O jovem foi ainda mais cortês.

- Senhora, perdoe-me por não ter ainda me apresentado, porém o motivo que me traz é de seu interesse. Estão em jogo duas vidas.

Ana procurou acalmar-se; vendo que se tratava de Raquel e Jacó, convidou-o a entrar.

- Não repare, a casa é muito pobre. Por favor, puxe uma cadeira, sente-se e seja o mais rápido possível. Ainda tenho muita coisa a fazer.

Ele se sentou e foi sem demora ao assunto:

- Meu nome é Álvaro e estou a serviço de dom Alejandro, filho do conde dom Felipe. Era nos domínios do senhor conde que viviam seu primo Jacó e a filha Raquel. A senhora deve saber que dom Fernão está perseguindo cruelmente os dois, e se os alcançar pretende levá-los para a fogueira como bruxos. A família do conde tem enorme apreço por eles e quer descobri-los antes para salvá-los a vida. E eu estou incumbido da tarefa de encontrá-los e protegê-los.

Ana deu uma risadinha.

- Rapaz, você acha que acredito em sua conversa? Quem me garante que não foi dom Fernão quem o mandou aqui?

Ao responder Álvaro encarou-a, fazendo questão de fitar seus olhos.

- Tenho aqui comigo um anel da condessa Constância e uma carta autorizando-me a procurar seus amigos e protegê-los. Alejandro, seu filho mais velho, não poderia vir pessoalmente porque isso provocaria suspeita em dom Fernão, que os tem vigiado sem trégua. Além disso, deve ser de seu conhecimento que os homens a serviço de dom Fernão estão por toda parte, oferecendo dinheiro por qualquer informação.

Com isso as resistências de Ana começaram a ceder.

\_ É verdade, já estiveram duas vezes aqui na vila. Vieram a cavalo e eram uns dez homens. Estava juntos deles o tal dom Fernão, que parece ser uma pessoa muito maldosa.

\_ Senhora, sei que Jacó e Raquel ficaram aqui por algum tempo disfarçados. Agora estão em local ignorado, correndo perigo de vida. Preciso achá-los para os levar a um lugar seguro, onde dom Alejandro possa protegê-los.

- O problema é que não sei onde estão. Se estivessem aqui seria mais fácil. Partiram há mais de um mês.

- É muito relevante qualquer indicação, qualquer detalhe. Ele deve ter traçado um caminho, previsto algumas paradas, ou talvez pretendesse recorrer a outros parentes... Qual o rumo tomado?

Ana refletiu muito se deveria contar os detalhes programados por Jacó para a viagem. Álvaro parecia tão sincero e interessado em ajudá-los... Ela sabia que se o primo e Raquel não fossem protegidos acabariam nas mãos de seu perseguidor. A vida deles dependia de sua decisão. Fortemente intuída, por fim respondeu:

- Sim, eu sei qual foi o caminho tomado por meus parentes. Espero em Deus estar agindo da maneira correta.

Falou do plano de Jacó de irem para Barcelona, por acreditar que a essa distância não seriam descobertos. Mencionou as paradas, seus nomes fictícios, Frederico e Jorge, e a aparência de cada um.

Alvaro ficou eufórico. Conhecia bem o trajeto, o que tornava a tarefa mais fácil. Avisou que ninguém da vila poderia saber os motivos de sua vinda. Orientou Ana a dizer que ele era um parente distante que, de passagem, aproveitara para visitá-la. Deveriam evitar qualquer suspeita. Dom Fernão era esperto e o mínimo descuido lhe daria vantagem.

-Dona Ana, a senhora acaba de salvar a vida de seus parentes. Bendita a hora em que a condessa recordou alguns comentários de Jacó a seu respeito. Todavia, muito cuidado! Se dom Fernão tiver a mesma ideia virá procurá-la; e se descobrir que estiveram aqui será capaz de matá-la. Ele tem uma pedra no lugar do coração. Tome muito cuidado, sua vida pode estar em perigo.

Dito isso, despediu-se e foi embora. Precisava agir rápido e sem levantar suspeitas. Caminhou até a estalagem de Francisco, indicada por Ana.

- Senhor, quero um bom quarto por esta noite.

- Claro que sim; são quatro moedas adiantadas. A senhora simpática e falante subiu junto para arrumar o quarto.

- Pretende ficar muito tempo?

- Não - respondeu polidamente. - Quero apenas descansar por uma noite da longa viagem. Amanhã deverei partir.

- Está indo para onde, senhor?

- Vou para Toledo, estou de regresso.

- As pessoas vêm sempre com muita pressa. Álvaro lhe dava corda, tentando colher informações importantes.

- Muita gente se hospeda aqui?

- Na verdade, não. Nos últimos dois meses, devido ao frio, hoje é a quarta vez que temos hóspedes.

- Gente mais interessante, decerto...

- Na semana passada vieram dom Fernão e seus homens. Ficaram uma noite, fizeram muitas perguntas e se foram. Estão à procura de dois bruxos, com histórias de arrepiar os cabelos!

- Já ouvi falar dessas histórias.

- Ele tem andado por todos os cantos atrás do velho judeu de nome Jacó e sua bela filha Raquel. Vai dar muitas moedas para quem lhe der uma informação segura.

- E a senhora, chegou a ver tais bruxos? A mulher fez o sinal da cruz.

- Credo, que passem longe! É claro que não! Nunca os hospedaria aqui, não os deixaria nem entrar.

O jovem silenciou por instantes, não querendo parecer curioso demais.

- E antes de dom Fernão, houve outros hóspedes?

- Apenas um homem e o filho, um garoto. Estavam indo para Toledo, onde o filho mais velho adoecera. Ficaram só uma noite. Estavam com muita pressa, pois o pobre homem receava não rever o filho vivo. O estranho é que sempre que falo daquele garoto fico pensando...

- Por que, senhora? Ele tinha algum defeito físico?

- Não, ao contrário; era muito bonito, de uma beleza rara. Devia ter uns doze anos, e era delicado e gentil como uma menina. Quando saíram dirigia a carroça para o pai, apressadamente.

Alvaro se levantou cedo, queria seguir o caminho traçado por Jacó. Fez a primeira refeição e pôs-se a cavalgar. Considerava que naqueles dias estava muito frio e Jacó devia ter parado em vários lugares. Pressentia que encontrar os fugitivos era questão de pouco tempo.

Após algumas horas parou para dar água e descanso ao animal. Sentou-se debaixo de uma árvore, observando a redondeza, atento a cada detalhe. Notou uma pequena casa branca a distância, quase fora do alcance da vista. Muito cansado, decidiu ir até lá. Constatou que a casa estava vazia, porém parecia haver sido ocupada não muito tempo antes.

Usando a intuição, ficou imaginando que talvez Raquel e Jacó tivessem estado ali por alguns dias. À procura de pistas, identificou marcas recentes de carroça atrás da casa, assim como o rumo que fora tomado, assinalado pelas rodas. "Sim, acho que estiveram aqui há não mais de dois dias" pensou. "Espero em Deus encontrá-los." Bebeu um pouco de água e partiu novamente, seguindo os sinais da carroça e o mapa.

Quanto aos fugitivos, Jacó não passava bem. Raquel temia por sua saúde, que parecia muito debilitada; continuava cansado e febril. iam devagar durante o dia e eram obrigados a dormir ao relento, e à noite a temperatura geralmente caía. A moça, esgotada, conduzia a carroça enquanto o pai ficava deitado. O medo de estarem caminhando para o desconhecido e a sensação de desamparo ante a

possibilidade de serem apanhados a qualquer momento faziam aquelas criaturas ficarem caladas o tempo todo.

Raquel ouviu o som de patas de cavalo; parou a carroça, tentando alertar Jacó.

- Pai, acorde! Vem alguém cavalgando em nossa direção. O velho, muito fraco, decidiu que deviam sair da estrada.

- Filha, mantenhamos a calma. Talvez nem seja dom Fernão; ele é covarde, nunca anda sozinho. Vamos sair da estrada e nos esconder atrás daquelas árvores!

O barulho foi ficando mais forte. Os dois divisaram na curva o cavalo que acompanhava as marcas das rodas de carroça. Álvaro estacou quando elas desapareceram, percebendo que os dois haviam saído da estrada.

Raquel e Jacó tremiam apavorados ao comprovar que eram seguidos. O rapaz se aproximava, explorando todo o terreno.

- Pai, estamos perdidos. Acho que desta vez nos acharão.

- Filha, coragem! Deus e seu filho Jesus nunca desamparam ninguém. Vamos confiar e orar.

Ora chegando mais perto, ora se afastando, Álvaro não desistia, até que divisou dois vultos atrás de uma árvore mais distante. Mansamente foi se acercando deles.

Pai e filha, ajoelhados, oravam com tanto fervor que não notaram sua presença. Álvaro ficou de frente, não querendo assustá-los. Raquel abriu os olhos e deparou com sua figura.

- Álvaro! - exclamou espantada. - O que faz aqui?

- Vim procurá-los a mando de dom Alejandra, e graças a Deus consegui encontrá-los antes de dom Fernão.

A moça empalideceu e quase desmaiou, sendo amparada pelo pai. O rapaz se aproximou e pegou-lhe a mão.

- Vim para auxiliá-los. Tenho ordem de levá-los a um lugar seguro. Dom Fernão espalhou homens por todos os lados.

- Que bom nos ter encontrado! - Raquel falou emocionada. - Meu pai não está bem de saúde; se continuarmos a dormir ao relento não sei por quanto tempo irá resistir.

- Senhorita Raquel, dom Alejandra gostaria de estar em pessoa ajudando-os, mas dom Fernão o tem vigiado sem cessar; ele não podia arriscar-se a trazer em seu encalço o homem que os persegue. Por isso transferiu a mim a tarefa de colocá-los em segurança.

Fez-se curta pausa, após a qual o jovem retomou a explicação:

- Conheço um convento bem ao sul; minha irmã faz parte dessa irmandade. São freiras muito boas e não tenho dúvida de que ficarão amparados. Dom Fernão não poderá descobri-los atrás daqueles muros. Dom Alejandra e o irmão queriam que os levasse para o castelo, achando que lá nunca seriam procurados; isso, porém, não nos livraria do perigo de deparar com ele. Podemos pegar um caminho oposto para chegar ao convento, tenho alguns amigos que se disporão a hospedar-nos. Aproveitaremos o dia para viajar rápido e à noite buscaremos abrigo. Teremos mais quatro ou cinco dias de viagem.

- Alvaro, meu pai precisa de repouso - lembrou a jovem.

- A questão é que precisamos partir logo. Não é seguro ficarmos alojados na casa de ninguém por muitos dias.

Jacó levantou-se.

- Ele tem razão. Mesmo não estando bem de saúde, aguento ir até o convento. Realmente, será o nosso único refúgio seguro.

Alvaro ajudou-o a acomodar-se na carroça, amarrou seu cavalo atrás e seguiram viagem.

O rapaz sabia das consequências de ser apanhado com os dois fugitivos; isso poderia comprometer sua vida. Não obstante, era fiel ao compromisso assumido com Alejandra. Aprendera a estimar aquele que prestara tantos favores à gente da vila. Sabia ser grato. Por outro lado, estava convencido de serem calúnias as acusações que pesavam sobre as cabeças de Jacó e Raquel. Por tais motivos se

empenhava ao máximo em ajudá-los, com a convicção de que fora a proteção de Deus que o fizera encontrá-los antes de dom Fernão Álvaro era alto e de boa aparência, tinha cabelos castanhos ondulados e olhos igualmente castanhos. Estava com 26 anos; casado tinha dois filhos pequenos. Leal chefe da guarda do castelo, mereci total confiança do conde. Fora criado muito próximo a Alejandra e Augusto; entre eles, além da lealdade, existia um laço forte de amizade. O velho judeu e a filha confiavam nele e sabiam que sem o seu auxílio não chegariam a lugar algum.

## 18. ABRIGO SEGURO

A VIAGEM FOI LONGA e difícil. Jacó, muito debilitado, fez todo o percurso deitado na carroça. Finalmente, decorridos quatro dias, o grupo avistou o convento.

Raquel conseguiu sorrir de alegria, depois de tanto tempo de lágrimas e tristezas.

- Pai, olhe lá no alto. Estamos chegando! Olhe, ali na colina! Álvaro estava familiarizado com o caminho.

- Sempre que estou na região passo pelo convento para visitar minha irmã. Ela foi criada com minha avó, mas nossos laços afetivos são muito fortes. Tenho certeza de que ali os acolherão com imenso carinho e darão a devida assistência à saúde de Jacó.

O acesso era estreito, subindo pela encosta da colina. Havia muros altos por toda a volta. Um grande portão de madeira tinha a inscrição "Aqui mora a caridade", grafada em latim.

O jovem condutor desceu da carroça e tocou o sino. Dali a alguns minutos uma irmã, aparentando uns cinquenta anos, veio abrir.

- Capitão Álvaro, quanto prazer em revê-lo! Vamos, entre! Abriu o portão para que a carroça pudesse passar.

Jacó sentou-se e emocionado falou:

- Filha, quanta luz envolve este lugar... E uma porta aberta Para a luz!

Álvaro veio chamar os dois para entrarem. Atravessaram o jardim bem cuidado. Era primavera e tudo começava a florir; o perfume se espalhava por todos os cantos.

Raquel e Jacó ficaram deslumbrados com a beleza e a organização do lugar, e impressionados com o grande prédio do convento. Subiram alguns degraus para alcançar uma encantadora varanda, repleta de plantas com flores que se abriam. A porta principal levava a um amplo salão. Uma freira aparentando uns trinta anos desceu a escada que terminava ali.

- Meu querido irmão, não esperava tão agradável surpresa! Ele correu e a abraçou.

- Minha querida irmã Vitória! Venho mais uma vez pedir sua ajuda para duas criaturas que no momento correm risco de vida. Achei que aqui seria o único lugar para ampará-las.

A religiosa olhou para Raquel e depois para Jacó e seu coração foi tocado por um carinho especial. Caminhou na direção dos dois, pegando as mãos do velho.

- Vocês vieram ao lugar certo. Aqui é a casa do Senhor, e disse o Mestre: "Vinde a mim vós que estais fracos e oprimidos, que eu vos aliviarei". Bem-vindos ao lar da caridade. Nós estamos aqui a serviço de Jesus, por isso em nome dele os acolhemos neste momento.

Pai e filha, emocionados pela recepção, choravam e queriam beijar as mãos de irmã Vitória, que num gesto rápido os impediu.

- Meu irmão, vamos acomodá-los. O senhor parece doente; vou chamar irmã Filomena, que o tratará com desvelo. Seus medicamentos fazem milagres; um bom caldo quente e algumas horas de repouso irão revigorá-los.

Jacó venceu a dificuldade de seu estado e acompanhou Álvaro e Raquel. Foram para um quarto amplo com vista para as colinas. O aposento era limpo e arejado. Havia duas camas, uma cômoda e, sobre ela, um jarro de água com uma bacia. Os jovens o acomodaram " a cama próxima à janela.

Raquel encheu um caneco de água e estendeu-o para o pai. Álvaro pediu licença para sair; precisava conversar com a irmã.

- Que lugar encantador, pai! Parece que estamos no céu, sinto tanta paz!

Jacó estava emocionado.

- Sim, filha, penso que enfim teremos um pouco de paz.

Álvaro desceu. Irmã Vitória percebeu, pelo semblante do irmão, que o assunto era bastante grave e o levou a uma saleta reservada. Entraram e ela fechou a porta.

- Minha irmã, o que tenho a lhe falar é muito sério e não interessa que outras pessoas tomem conhecimento dos fatos. O velho Jacó e a filha estão sendo acusados injustamente de praticar bruxaria; seu acusador é um homem terrível e de grande influência, ligado a pessoas que têm prestígio na corte de dom Afonso. Por isso é muito delicado o nosso envolvimento; estamos arriscando nossas vidas para ajudá-los.

Deu à freira alguns instantes para assimilar a confidência e então continuou:

- Dom Fernão armou muitas intrigas e todos acreditaram. Tem usado influência e dinheiro para persegui-los. Os pobres não têm para onde ir. Peço perdão por lhe trazer problema tão grave, porém o faço porque conheço a bondade de seu coração. Eu não poderia deixar essas criaturas à mercê de um monstro. São gente simples e humilde, incapaz de fazer mal a um cão; o velho Jacó dedicou a vida a beneficiar os mal-agraçados da vila. Evidentemente, não é obrigada a acolhê-los. Quero que reflita sobre o que lhe contei e analise os perigos que enfrentaria.

Irmã Vitória baixou a cabeça.

- Sei de seu coração bondoso e leal, meu irmão, e mais uma vez lhe digo que os trouxe ao lugar certo; aqui a ira de dom Fernão não os atingirá. Deixe-os, ficarão em paz e cuidaremos deles com muito amor. Agora precisa descansar da viagem e fazer uma refeição. Devei estar exausto. E fique tranquilo, nosso assunto morre aqui.

Na manhã seguinte Raquel acordou bem disposta, há muito não dormia tão bem. O velho Jacó parecia melhor; sua fisionomia se descontraíra, a palidez do rosto diminuía. Irmã Filomena bateu e em seguida entrou.

- Bom dia, meus filhos! Senhor Jacó, trouxe-lhe remédio, além de um belo pedaço de pão, leite de cabra e mel. E preciso que se alimente bem.

O estado de saúde do judeu ainda não lhe permitia deixar o leito. Assim, sentou-se, grato por receber os cuidados da freira. Enquanto isso, a filha se arrumava para descer e despedir-se de Álvaro, que estava de partida.

- Senhorita Raquel, tenho de retornar ao castelo, para evitar qualquer suspeita, e devo levar notícias a dom Alejandra, que ficará muito feliz. Deseja mandar-lhe algum recado?

A moça corou ao responder.

- Diga que eu e meu pai agradecemos de todo o coração o que ele fez por nós. Estou cheia de saudade e tristeza por não poder presentemente fazer parte de sua vida. Se for a vontade de Deus, voltaremos a nos ver e talvez ainda sejamos felizes juntos.

- Adeus - o jovem pegou-lhe a mão delicada. - Tenho confiança de que agora vocês dois ficarão bem. Logo que puder trarei notícias. Ou quem sabe o próprio dom Alejandra venha visitá-los...

Álvaro deixou com ela uma pequena bolsa de moedas, ainda que teimasse em não aceitar.

- Por favor, senhorita, isso lhes valerá em qualquer emergência. Raquel chorou ao ver aquele amigo partir, agradecendo a Deus por tê-lo colocado em seu caminho.

## 19. NOTÍCIAS

FERNÃO ACORDOU MAIS IRRITADO que de costume. Apesar das numerosas tentativas e do empenho constante, não conseguira uma pista consistente que o aproximasse de seus perseguidos. Olhava no espelho e via a imagem de Raquel e Jacó. Ria com ar sinistro; muitas vezes acreditava estar enlouquecendo.

A partir daquela manhã ia empreender nova jornada. Começava a procurar possíveis parentes do judeu que presumivelmente os abrigariam, mas não conhecia ninguém capaz de fornecer dados sobre a vida dele. Procurou levantar informações junto a aldeões com quem tivera longa convivência.

Numa tarde Fernão e seus homens voltaram à estalagem de Francisco. Estavam cansados e famintos.

- Senhor Francisco, precisamos de quartos e comida.  
- Deixe os cavalos comigo que cuidarei deles. Minha esposa providenciará uma boa refeição.

Dona Dolores, sempre simpática e falante, fazia o possível para ser agradável com os hóspedes.

- Senhores, queiram sentar-se. Sirvam-se de vinho, que vou buscar a comida.

Trouxe alguns pães, um caldo quente e aves assadas, de que todos se serviram com muita gula.

Fernão, com olhar perspicaz, não perdia um só movimento ao redor; considerava que qualquer coisa poderia dar-lhe alguma pista.

- Dona Dolores, tem recebido muitos hóspedes ultimamente?  
- No inverno, quase ninguém; agora passam muitos mercadores, soldados e mensageiros.

- Imagino que a senhora conheça muitas pessoas e saiba de tudo que acontece por estes lados.

A mulher ficou encabulada e falou com certa reserva:

- Um pouco... As pessoas sempre comentam alguma coisa! Como minha estalagem fica na rota de cidades importantes, muita gente vem de passagem. O senhor mesmo já está aqui pela segunda vez nesta temporada. Não conseguiu encontrar os bruxos?

- Ainda não. Procuo e gratifico quem tiver uma informação que me leve ao paradeiro deles.

- Que fujões espertos! Com tanta insistência, ainda não os localizou...

Fernão percebeu que o assunto aguçava a curiosidade da mulher.

- Pois é. São um velho baixo, de cabelos e barbas brancas, e sua jovem filha; cometeram atos terríveis de bruxaria e fugiram sem deixar rastro. Quem sabe a senhora tem alguma pista, ou até conhece alguém que os esteja abrigando...

Dolores ficou pensando se teriam estado ali pessoas com as características mencionadas.

- Se me der qualquer informação, pago-lhe em ouro.

- Não tenho visto ninguém que corresponda a essa descrição. Aliás, não passou nenhuma moça por aqui nos últimos tempos, senhor dom Fernão.

Ela pensou um pouco, depois indagou.

- E se esses bruxos mudaram de trajes para criar um disfarce?

Os olhos dele brilharam de forma estranha. Olhou firme para Dolores, que teve uma sensação de frio a correr pela espinha.

- Eu nunca aventei tal possibilidade! Realmente, os bruxos devem ter mudado de aparência! A senhora é muito inteligente e observadora. E como poderiam estar agora?

Ela ficou de novo pensativa e então sugeriu a hipótese:

- Talvez o velho tenha tirado a barba, cortado o cabelo e se escondido atrás de um gorro, e a moça esteja fingindo ser um garoto, que chama menos atenção.

Fernão coçou a barba com as mãos sujas de comida, o que lhe dava um aspecto ainda mais desleixado.

- Sim, dona Dolores, assim o velho pareceria mais jovem; já a moça é bonita demais para passar por um garoto. Tem a tez muito delicada e um belo par de olhos azuis, além do jeito bem feminino. Ninguém acreditaria ser um rapaz, com maneiras tão suaves e gentis.

- Bem que eu desconfiava que aqueles dois não eram o que aparentavam! - a mulher arregalara os olhos.

O perseguidor não podia conter-se; ao fim de tantos meses, tudo indicava que havia encontrado uma pista. - Dona Dolores, desembuche logo!

- Calma, senhor Fernão, deixe-me explicar. Há cerca de dois meses, um homem de baixa estatura e cabelos escuros curtos esteve aqui com um garoto que dizia chamar-se Frederico e ter doze anos. Muito apressado, o hóspede dizia estar a caminho para ver o filho mais velho, com problemas de saúde; o que me causou estranheza foi o fato de Frederico assemelhar-se a uma mocinha, como a que o senhor acaba de descrever.

Estarrecido, Fernão pensava no tempo que perdera à procura dos fugitivos sem nunca ter imaginado que poderiam ter mudado de identidade. Era por isso que perdera todas as pistas! Tirou três moedas e colocou-as na mão da mulher.

-A senhora tem de se lembrar dos menores detalhes. Sobretudo quero saber para onde iam e de onde tinham vindo. Dolores sentou-se, tentando recordar.

- Diziam ir para o sul - disso não tenho bem certeza -, mas procediam de uma vila que deve ficar a umas quatro horas a cavalo, na direção leste. Comentaram com meu marido que tinham um parenta chamada Ana; fora ela quem traçara o mapa para chegarem aqui. Essa pessoa deve saber o caminho que estão fazendo e par onde pretendem ir.

Os olhos de Fernão brilhavam como fogo. Levantou-se e se arrumou para sair.

- Finalmente porei as mãos naqueles bruxos. Eles pagara também por isso: conseguiram enganar-me por tempo demasiado!

- Dom Fernão, espere! - a mulher o segurou pelo braço. -Logo irá anoitecer, e a estrada é longa; se saírem amanhã, antes d nascer o sol, com os cavalos descansados, chegarão cedo e alcança rão seu objetivo.

Controlando a ansiedade, Fernão tornou a sentar-se.

- Tem razão. E melhor aguardarmos até amanhã. Algumas horas não farão diferença para quem está há meses nessa procura.

Aquela foi uma noite que Fernão passou inteira sem dormir. A figura de Raquel não saía de sua mente. A espera terminara; estava prestes a realizar sua vingança.

Álvaro imprimiu alta velocidade ao cavalo, tinha pressa de voltar ao castelo. Sabia que nada poderia deixar Alejandra mais feliz do que as novidades de que era portador. Depois de tanto tempo, finalmente lhe daria uma notícia boa... Tinha uma longa jornada pela frente e precisava ser discreto; qualquer atitude precipitada ou palavra inconveniente poderia estragar tudo.

Pensou em desviar-se da rota e passar pela casa de dona Ana para levar as notícias, porém uma clara intuição o convenceu de que deveria ir direto para seu destino e evitar surpresas. Tendo feito apenas uma curta pausa para se alimentar, só respirou aliviado quando avistou o castelo. Estava eufórico com as notícias que trazia e com enorme saudade da esposa e dos filhos.

Os portões foram abertos e ele entrou, entregando o cavalo ao rapaz que estava de guarda nos muros.

- Boa tarde, capitão Alvaro! Fico contente em revê-lo. Parece cansado da viagem.

- Sirn, um pouco... O principal é que me sinto feliz por estar de volta e dentro do prazo que dei a dom Alejandro. Preciso falar com ele. Onde posso encontrá-lo?

- Hoje ainda não o vi, deve estar no castelo.

Álvaro foi pelos fundos, procurando por Maria nas dependências de serviço; encontrou-a na cozinha.

- Maria - chamou em voz baixa -, trago notícias para dom Alejandro; mas é necessário que não seja visto, em especial por dom Felipe.

- Entre e espere no meu quarto - a serva respondeu no mesmo tom.

- Lá poderão conversar à vontade.

Passados uns quinze minutos, Alejandro entrou; fechando a porta devagar, correu a abraçar o amigo.

- Alvaro, como está? Não esperava vê-lo tão rápido. Trouxe-me boas notícias?

O outro abriu um sorriso e falou baixinho:

- Sim, ótimas notícias! Encontrei Jacó e a filha; dormiam ao relento e ele estava bem doente. Já os deixei em lugar seguro.

Alejandro não podia conter a alegria e a curiosidade.

- Vamos, conte tudo! Quero saber dos pormenores. Onde estão?

- No convento onde minha irmã é a madre superiora. Lá dificilmente dom Fernão os descobriria.

Contou tudo o que ocorrera, desde sua saída do castelo até a chegada ao convento.

- É por tudo isso que confio em você - o jovem sorria, satisfeito. - Além de leal, é muito esperto! Agiu bem não os trazendo para o castelo. Todos nós correríamos risco.

Alejandra perguntou sobre Raquel e Álvaro procurou expor o seu parecer.

- Está bem, apesar de muito abatida e magra. Amadureceu bastante, perdeu o ar de menina; ficou ainda mais bonita. Está cheia de saudade e ansiosa por sua visita. Percebi que ainda tem esperança de encontrar a felicidade ao seu lado.

Comovido, Alejandra fitou-o e desabafou:

- Você é testemunha de como eu amo aquela menina e sabe que sou capaz de fazer qualquer coisa para vê-la feliz. Daria minha vida por ela. Não sei se poderemos ficar juntos, pois nossas vidas têm tomado rumos muito deferentes. Contudo, nunca sairá de meu coração, onde quer que eu esteja e sejam quantos forem os anos passados.

Álvaro colocou a mão no ombro do amigo.

- Esse é o preço que se paga pelo berço de ouro e pelos títulos herdados ao nascer. Eu, como sou pobre, gostei de Helena que também é pobre e assim pudemos construir um lar muito feliz, embora simples. E por falar nela, estou com muita saudade. Já que concluí minha tarefa, não vejo a hora de ir para casa.

Alejandra fixou nele o olhar carinhoso.

- Nada mais justo, meu amigo. Amanhã pode descansar o dia todo, para ficar com sua família; só não esqueça que nem mesmo Helena pode saber sobre a tarefa que acaba de executar.

- Sei que minha vida e a de minha família dependem desse segredo. Essa história não pode ser divulgada.

Álvaro abriu a porta e verificou o corredor, para certificar-se de ali não haver ninguém. Os servos estavam todos ocupados, o que facilitou sua saída.

Com prudência, para prevenir suspeitas, Alejandra esperou a mãe recolher-se a seus aposentos para lhe dar as notícias, enquanto o pai estava reunido com amigos no salão principal.

Constância vibrou de contentamento.

- Filho, que boa notícia me traz! Acho que depois de tantos meses terei uma noite de sono tranquilo. A Virgem Maria ouviu minhas preces. É muito bom saber que a nossa Raquel e o querido Jacó estão amparados. Como eu gostaria de vê-los, dar um abraço, matar a saudade!

Alejandra parecia um menino ao contar-lhe as novidades.

- Sim, mamãe. Quem sabe, quando papai estiver ausente, eu peça para Álvaro nos levar até lá... É uma viagem cansativa, o convento fica na fronteira.

- Agora, meu filho, vamos mudar de assunto. As paredes têm ouvidos; devemos ter o máximo cuidado, se aquele monstro desconfiar de algo, estaremos todos comprometidos.

A condessa arrumou-se com esmero para o jantar. Sua alegria era nítida pelo brilho do olhar. Todos notaram, até os convidados do conde.

Augusto, que em breves dias partiria para Toledo, foi o primeiro a comentar, quando ela desceu as escadas.

- Mãe, venha tomar seu lugar à mesa. Está muito bonita, há algo diferente em seu olhar!

- Impressão sua, filho - disse baixando os olhos. - Apenas estou muito bem disposta.

Foram tantos os elogios que até o próprio conde começou a Perceber o excelente ânimo da esposa.

## **20. SOB TORTURA**

Ao AMANHECER, FERNÃO JUNTOU seus homens e cavalgaram até a vila onde morava Ana. Sem dificuldade localizou sua casa modesta.

A mulher não se achava ali; estava no campo à cata de suas ervas.

Ela se levantara com uma leve indisposição, um aperto no coração; não parava de pensar nem por um minuto em seus primos Jacó e Raquel. Pensava também no moço Álvaro, que parecia ser boa pessoa. No decorrer das horas o aperto no peito foi aumentando. Resolveu sair e colher algumas plantas para fazer um chá. Longe de casa parecia sentir-se melhor.

Quando voltava, viu ao longe a movimentação na frente de sua morada. Apreensiva, diminuiu o passo tentando reconhecer as pessoas. Identificou o homem a cavalo, era dom Fernão. O coração disparou; a distância era pouca e se a visse estaria perdida. Evidentemente estavam atrás de Jacó e Raquel, refletiu.

Virou-se, e se afastara dez passos quando ouviu os garotos gritando seu nome. Quis correr, mas para onde? Se dissesse não saber nada, talvez se livrasse. Afinal, já fazia algum tempo da partida de Jacó e Raquel. Como poderia saber onde estavam?

Com essa esperança, caminhou até a frente da casa.

- Dona Ana! - gritou Fernão.

-Sim!

-A senhora está presa por ter abrigado dois bruxos em sua casa.

A mulher assustou-se, e bastou ameaçar correr para os homens a laçarem com cordas como um animal.

- Eu não fiz nada! - protestou. - Nem sei do que o senhor está falando. Por Deus, não me façam mal!

Fernão desceu do cavalo para assegurar-se de que estava bem presa.

Com ar sarcástico e voz irônica, falou:

- Se houver colaboração de sua parte poderá sair ilesa, sem nenhum arranhão; se, ao contrário, recusar-se a dizer a verdade, não me responsabilizo pelas consequências.

A seguir, colocaram-na em um dos cavalos, que conduziram até perder de vista a pequena vila e chegar a uma espécie de clareira.

- Homens - gritou o chefe -, vamos parar por aqui!

Ana estava aterrorizada. Sabia da truculência daquele homem e teve certeza de que, mesmo falando tudo o que sabia, não sairia dali com vida. Jogaram a pobre no chão. Ela bateu o rosto, que começou a sangrar.

- Dona Ana, já deu para perceber que não estamos com brincadeira?

- perguntou Fernão aos berros. - Onde está o velho Jacó?

A prima do judeu tremia e falava tão baixo que não conseguia articular as palavras direito. Ele esbofeteou-a duas vezes, fazendo aumentar o sangue que escorria pelo nariz.

- Senhor - disse a mulher -, eu não sei se Jacó e a filha já chegaram onde pretendiam. Saíram em direção a Barcelona. Como a distância é grande, não sei se alcançaram o destino.

A informação foi recebida com sonora gargalhada.

- Mesmo não acreditando que se aventurariam a ir tão longe, tenho um amigo que poderá localizá-los; agora não existe mais lugar para se esconderem. Só quero saber do mapa, do caminho que a senhora ajudou a traçar.

- Eu não sei, não me lembro - Ana estava aturdida.

O implacável perseguidor a fez sentar-se.

- Miguel, traga um pergaminho.

Uma vez atendido, colocou-o no colo da mulher, que se pôs a traçar alguns riscos tentando explicar.

- Como estão disfarçados?

- Raquel de garoto, e a chamamos de Frederico, e meu primo de pessoa bem mais nova, tendo adotado o nome Jorge.

Dando a impressão de ter perdido a noção do que falava, passou a inventar detalhes, citar parentes que não existiam... Supunha que falando bastante sairia ilesa.

- Senhora - ele a segurava pelo cabelo -, eu não acredito que viajaram sozinhos. Quem estava com os dois?

A princípio Ana afirmou estarem sós, mas à medida que foi pressionada soltou a língua.

- Um rapaz do castelo de nome Álvaro esteve aqui há poucos dias, atrás dos dois. Veio a mando do filho mais velho do conde. Dei-lhe as mesmas informações, não sei se os encontrou. Ele prometeu que se os achasse traria notícias, porém não mais voltou. Duvido que os tenha localizado... Já faz quase dois meses que Jacó e Raquel partiram!

Os olhos de Fernão pareciam saltar das órbitas. A cólera apossou-se do pequeno homem, que urrava como um animal ferido.

- Malditos, para sempre malditos! Derrubarei um a um com a minha ira.

Subiu no cavalo e ordenou:

- Miguel, amarre essa infeliz naquela árvore, muito bem amarrada para que não consiga se soltar e os animais selvagens venham devorá-la, ou morra de fome e sede. Nesta lonjura, ninguém a descobrirá.

la tocando o cavalo quando parou e virou a cabeça com nova ordem:

-Antes, corte sua língua! Essa mulher fala demais. Todos montaram e saíram. Ana ficou ali desmaiada e sangrando. As horas e os dias se sucederam até que a pobre mulher morreu presa à árvore.

Fernão sabia: se Álvaro tivesse alcançado Raquel e Jacó, ele próprio não teria mais condição de capturá-los. O rapaz conhecia a região como a palma da mão e, além de tudo, era extremamente fiel a dom Alejandro.

Cavalgaram por horas. Fernão exigia tanto dos animais e dos homens que estavam todos exaustos. Em dado momento Malaquias quebrou o silêncio.

- Dom Fernão, assim vamos perder os animais. Estão esgotados! Veja, o seu cavalo precisa parar para descansar.

O outro parecia não ouvir. De olhos fixos na estrada, impulsionado pelo ódio, sequer sentia o cansaço. Prosseguiu até que o cavalo não mais obedeceu a seu comando; aí viu-se obrigado a parar.

- Senhor, logo irá anoitecer - foi ainda Malaquias quem alertou. - Convém buscarmos abrigo, onde o senhor possa ver o mapa da velha e traçar uma diretriz.

O chefe levantou os olhos esbugalhados.

- Tem razão. Preciso descansar e pensar no que iremos fazer. Com os animais já amarrados nas árvores, um dos homens saiu à procura de gravetos para acender uma fogueira. Ninguém comentava as ocorrências das últimas horas. Todos temiam aquele homem bruto, que era conduzido pelo ódio. Moviam-se devagar, fazendo o mínimo de ruído, para não desagradá-lo.

A noite veio amena. No céu havia muitas estrelas e a lua cheia clareava tudo. O silêncio ambiente permitia que se escutasse o piar de animais noturnos. Não obstante a calma que havia em torno, Fernão era incapaz de conciliar o sono. As fortes emoções continuavam como que batendo no peito, os olhos permaneciam abertos sem nenhum movimento, fixos num ponto do céu.

Nem bem o dia raiara quando chamou seus homens.

- Os bruxos, graças à ajuda de Álvaro, devem estar bem longe; aquele homem é muito esperto. Vamos passar de novo pela hospedaria de Francisco. Segundo o mapa da velha, ele deve ter estado lá. De acordo com as informações que obtivermos, regressaremos ao castelo. Em vez de procurar à toa, vamos abordá-lo e fazê-lo soltar a língua; teremos a notícia exata sem despender dias e dias correndo atrás de pistas.

De fato, o grupo retornou à hospedaria, sem que nenhuma informação fosse acrescida ao que fora dito antes. A esposa de Francisco não se lembrava de Álvaro.

Frustrado em mais uma investida, Fernão pegou o caminho de volta.

## **21. MISSÃO DE CARIDADE**

RAQUEL SE ADAPTOU SEM demora à rotina do convento. Dividia-se entre cuidar do pai e cooperar com as irmãs nas tarefas diárias. Nos

fundos do terreno havia um pomar com muitas árvores frutíferas, uma horta bem formada e um grande cercado onde se criavam animais como galinhas, cabras e até cavalos.

As freiras, além de garantirem o próprio sustento, auxiliavam as famílias pobres da região. As portas estavam sempre abertas para o socorro aos mais necessitados. Elas manipulavam remédios e faziam chás. Muitos enfermos batiam-lhes às portas para pedir ajuda. Uma parte do convento funcionava como hospital, onde doentes graves recebiam os cuidados das devotadas irmãs de caridade. Todos ali tinham tantas ocupações o dia inteiro que às vezes mal sobrava tempo, à noite, para o repouso do corpo.

Irmã Vitória estava na direção do convento havia apenas cinco anos. Ocupara o cargo porque madre Sacramento, pela idade avançada, não tinha mais energia para tocar um trabalho de tal vulto.

Na época em que era madre superiora, irmã Sacramento conduzia o convento de outra maneira. Acreditava sobretudo na força do recolhimento e da oração. As portas nunca tinham sido abertas para o atendimento aos necessitados. Já irmã Vitória, espírito mais sensível à miséria humana, abria o coração e as portas do prédio quando se iniciara na direção do lugar.

Apesar de jovem, assumiu o cargo porque irmã Sacramento reconheceu na sua pessoa a vocação que a qualificava para tão difícil tarefa. No início as irmãs mais idosas, acostumadas ao sistema anterior, não conseguiram compreender e se adaptar às mudanças; com o passar do tempo, passaram a perceber o verdadeiro sentido que a nova madre queria dar às suas vidas. Algumas conseguiram adaptar--se e se engajaram na obra de caridade; outras poucas continuaram limitadas às orações. Irmã Vitória não quis impor nada, deixando-as livres para a escolha.

Assim, o convento tornou-se um ponto de luz a brilhar na imensa escuridão que parecia dominar tudo que o cercava. Apesar do trabalho duro de cada dia, ninguém reclamava das dificuldades porque tudo era feito com muito amor. Somente moças e senhoras

que apresentavam vocação para a caridade eram admitidas no convento como noviças, para mais tarde tomarem o hábito.

Jacó, por sua vez, sentia-se em casa. Mesmo com esse consolo, e a despeito de todos os cuidados, não lograva recobrar completamente a saúde; sentia tonturas e muita fraqueza. Entretanto, quando tinha condição de sair da cama procurava dar alguma ajuda às irmãs encarregadas de preparar os remédios. Seu rico conhecimento sobre as ervas veio contribuir no preparo dos medicamentos do convento. Irmã Filomena, também jovem e braço direito de irmã Vitória, era a mais envolvida nesse trabalho, tendo logo se afeiçoado ao judeu e à filha.

- Senhor Jacó, como fico feliz em vê-lo fora da cama! Mas não deixe de tomar o remédio que lhe preparei. E precisa aproveitar o sol da manhã e respirar o ar puro que vem das colinas.

Ele esboçou um sorriso.

- Por mais que tente me animar, parece que meu velho corpo não quer reagir. Gostaria de recuperar a saúde e auxiliá-la em seus afazeres. Tenho muito conhecimento, poderia sair e pesquisar novas ervas para fazermos os preparados.

Os dois conversaram longamente sobre as atividades desenvolvidas no convento e Jacó ficou muito impressionado com a dedicação das freias aos pobres e necessitados. Ao final irmã Filomena comentou: O nosso versículo preferido aqui é o de Paulo, em sua carta aos Coríntios:

"Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver amor, serei como o metal que soa, ou como o sino que tine. E se eu tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber; e se tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montes, e não tiver amor, não serei nada."<sup>2</sup>

## 22. DECISÕES NECESSÁRIAS

LOGO QUE CHEGOU, FERNÃO estava tão exausto e decepcionado que se recolheu por alguns dias em casa, sem procurar ninguém. Enquanto isso, ruminava sua ideia fixa e decidia que, após descansar, voltaria ao castelo para interrogar Álvaro. Considerava que o rapaz não poderia ficar afastado muito tempo e tinha certeza de que contaria o paradeiro dos dois.

Quanto a Álvaro, já estava exercendo sua função junto à guarda do conde. Dom Felipe nem havia notado sua falta durante os dias em que estivera fora. Ocupado em reuniões, viagens e encontros com o rei, ajudava a organizar planos de paz e negociações com o reino de Granada. Se os acordos dessem certo, não haveria combates naquele verão.

A condessa não deixava passar uma noite sem pedir a Jesus que tudo tivesse bom resultado, evitando um confronto com os muçulmanos. Quantas vidas seriam poupadas!... Era muito difícil para ela saber que o filho estaria na frente de batalha.

Já refeito da viagem, Fernão dirigiu-se ao castelo, porém dom Felipe não estava. Com isso, sentiu-se mais à vontade para agir.

Constância bordava na sacada, os pássaros faziam revoadas e o perfume das flores era marcante. O sol batia morno em seu rosto, dando um tom de saúde à pele branca. A condessa usava um vestido azul-turquesa que lhe ressaltava o azul dos olhos.

Fernão parou no limiar da sacada, admirando a beleza daquela mulher que ainda conservava traços de juventude. Diante dela, o homem mesquinho sentiu o coração bater mais forte.

Entrou sem ser percebido. Tinha o hábito de chegar sempre na surdina, tentando surpreender. Quando notou sua presença, ela levou um susto:

- Senhor dom Fernão, quantas vezes já lhe pedi para se fazer anunciar? Não gosto dessas surpresas!

O homem deu uma risada irônica.

- Minha querida condessa, pode aplicar regras a outras pessoas, até a seu esposo; só não queira agir assim comigo. Venho à hora que quero e entro quando quero.

O tom de sua voz era alto e agressivo, o que a assustou. Em seguida ele o alterou inesperadamente:

- Não quero brigar com uma senhora tão encantadora e gentil. Afinal, eu estive tanto tempo fora que deveria alegrar-se com minha visita.

Soltou uma gargalhada sonora e de súbito fechou o semblante de novo.

- Preciso falar urgente com dom Felipe. Onde está?

Constância respondeu com a expressão perturbada:

- O senhor meu marido não está e não deve regressar por estes dias. Está com nosso rei, tratando de assuntos de interesse do reino.

- Minha senhora, o nosso querido conde só sabe tratar de interesses próprios.

Nesse momento Alejandra surgiu na sacada e ficou muito incomodado com a presença daquele homem.

- Boa tarde, dom Fernão. A que devemos a honra de sua visita. Outra gargalhada precedeu a resposta.

- Honra nenhuma! Nunca ficamos felizes ao nos encontrar. É a necessidade que me obriga a vir até o seu castelo. Vim tratar de interesses do senhor seu pai, assuntos inadiáveis. Já que não está, voltarei outro dia.

A ironia era tanta que Alejandro se controlava para não esbofeteá-lo. E mesmo vendo a irritação que sua presença provocava, ele continuava no mesmo tom:

- Aliás, dom Alejandro, é um assunto muito importante e de alto interesse principalmente para o senhor! Acho que desta vez sua digníssima mãe e o senhor não escaparão da ira do conde, quando ele tomar conhecimento de todos os fatos. Tudo o que se trama às escondidas acaba aparecendo. A verdade sempre vem à tona.

Constância segurou o braço do filho, impedindo-o de qualquer atitude agressiva.

Fernão caminhou alguns passos em direção à porta, virou-se e deu um sorriso mordaz, falando entre os dentes:

- Vocês ainda sentirão o peso de minha vingança, sobretudo por se meterem onde não são chamados.

Após a sua retirada, a passos largos, Alejandro esmurrou o para-peito da sacada com violência.

- Maldito! Novamente esse homem para nos tirar a paz. Maldito! Gostaria de saber o que prende a senhora e papai a uma pessoa dessa espécie. Se eu pudesse acabaria com ele.

Atemorizada, com os olhos no chão, a mãe nada disse.

- Esse homem faz e desfaz à vontade, parece ser o dono de tudo, até de nossas vidas. Precisamos acabar com isso.

- Não quero envolvê-lo, meu filho - ela falou timidamente -, porém tenho certeza de que um dia nos livraremos desse monstro.

Ao sair, Fernão viu Álvaro dando ordens a alguns homens que trocavam de guarda nos muros. Parou, olhou fixamente e pensou: Ainda tenho muito tempo para apanhá-lo. Deixe o conde voltar e justamos as contas".

Alejandro e a mãe não tiveram mais paz depois dessa visita. Não conseguiam imaginar qual seria a próxima calúnia. Ele sempre buscava novos meios para incriminá-los, e o próprio conde estava tão preso àquele homem que era obrigado a ceder.

A condessa não deixava mais o quarto, com medo de outra visita.

- Meu filho - disse um dia -, acho melhor contarmos sobre a viagem de Alvaro assim que seu pai retornar.

O rapaz ficou nervoso.

- De maneira alguma! Não quero que papai saiba onde estão Raquel e Jacó. Isso significaria o fim dos dois.

- Não, Alejandro - a mãe procurou acalmá-lo -, diremos que ele não os encontrou, e que sua missão era trazer os fugitivos para terem

um julgamento digno, sem a interferência de dom Fernão. Seu pai sabe como esse homem é voluntarioso e injusto. Filho, convém preveni-lo e também a Álvaro, para evitar surpresas desagradáveis. Tenho um forte pressentimento de que dom Fernão já sabe da missão de que incumbimos o rapaz; só deve ignorar que ele encontrou nossos amigos.

- Acho que a senhora tem razão. Se contarmos antes, e do nosso jeito, poderemos conter a fúria de papai. E quando dom Fernão vier com a história será pego de surpresa, pois ele já estará sabendo e ficará do nosso lado. Aquele homem não vai alcançar o seu intento. Alguns dias depois, o conde regressou, tendo firmado acordos de paz que favoreciam o reino de Castela. Estava satisfeito, de excelente humor. Além de ajudar nas negociações, receberia muitos benefícios.

Alejandro ouviu o pai com paciência, esperando que se esgotassem todos os seus assuntos, para só então, e de modo muito sutil, introduzir o da tarefa de que encarregara Álvaro. A princípio dom Felipe se irritou; no entanto, o filho foi convincente ao dar motivos claros e objetivos para a busca realizada. Falava animadamente:

- Pai, aqueles dois viviam em nossas terras, somos os senhores de tudo. Por que não os trazer e fazer o nosso julgamento, que procuraria ser justo? Por que delegar essa tarefa a um homem truculento, de intenções obscuras? Como senhores de nossos domínios, não podemos aparecer diante de todos como dominados. Dom Fernão assume o papel que é seu, conduzindo-se muito mais como dono do que o senhor. E muita petulância! E necessário cortar-lhe os poderes.

Aceitando a argumentação, Felipe falou pousando a mão no ombro do filho.

- Devo concordar que você agiu com inteligência e mandou a pessoa certa. É uma pena que não os tenha encontrado. Nós daríamos o troco àquele miserável. Gostaria de ver sua decepção se os

achássemos primeiro. Tenho pensado muito e não entendo por que tanto ódio pelos dois pobres coitados.

Era a primeira vez que mostrava seus verdadeiros sentimentos em relação a Fernão. Percebendo que o pai era efetivamente manipulado por aquele homem, Alejandra se arriscou a falar claro:

- Papai, quero muito ajudá-lo. Que segredo dom Fernão guarda sobre nossa família? Unidos ficaremos mais fortes e acharemos uma saída.

Felipe levantou-se; de rosto rubro, parecia que ia explodir. Embora apavorado, temendo ser agredido, o jovem tentou manter a calma.

- Não pergunto por curiosidade, e sim porque lhe quero bem e acho que deveríamos nos unir contra esse homem, que até hoje só fez plantar discórdia entre nós. Tenho notado que busca fomentar o ódio para nos colocar uns contra os outros. Pai, na verdade ele nos manipula a seu bel-prazer, cria intrigas, levanta calúnias, tornando nossas vidas um inferno. Faz um jogo terrível no qual somos sempre o seu alvo; alimenta-se de nossas desavenças.

O conde sentou-se com a cabeça entre as mãos, sem dizer urria palavra. O filho prosseguiu, empenhado em dar coerência às suas palavras e usar a razão para convencê-lo:

- Não podemos continuar nas mãos desse homem, pois acredito que o objetivo dele é nos destruir. Precisamos nos fortalecer e pensar em como acabar com ele antes que aconteça o contrário.

Surpreendentemente o pai permanecia mudo, sem explodir com o assunto como em outras ocasiões. Sim, pensava, Alejandro estava certo. Por muito tempo deixara que Fernão administrasse seu castelo e sua vida e, submisso às suas exigências, cedia mais e mais. Quantas vezes maltratara a esposa e os filhos influenciado pelas intrigas daquele homem! Nunca deixara a luz da verdade aclarar seu raciocínio; por medo, sempre obedecera as ordens dele.

- O que diz é correto, meu filho - abraçou-o, emocionado. - Nunca ouço o lado de minha família. Está na hora de termos uma conversa de homem para homem. Chame seu irmão Augusto; vamos nos

unir para juntos resolvermos como tirar dom Fernão de nossas vidas, se é que isso é possível.

Dom Felipe trancou-se com os filhos durante duas horas. Ao final da conversa os dois rapazes estavam pálidos. Alejandro, com expressão assustada, retirou-se para seus aposentos e nem desceu para jantar. A condessa, preocupada, esboçou o desejo de subir para ver se o filho estava doente, sendo impedida pelo marido.

- Deixe, Constância, nosso filho está apenas indisposto. Conversamos muito a respeito de dom Fernão. Acho que está na hora de mudarmos a direção de nossas vidas e invertermos o jogo. E o momento de começarmos a jogar a nosso favor.

Ela o olhou com espanto e chegou a empalidecer.

\_ Não deve ficar assim - disse o conde. - Vamos nos unir e pensar juntos na forma de resolver nossos problemas com dom Fernão. Constância baixou os olhos e falou timidamente.

- Acho difícil nos livrarmos daquele monstro que nos domina. Parece querer sugar nosso sangue e até mesmo arrancar nossas almas para nos subjugar.

O conde segurou a mão da esposa, que estava trêmula.

- Não devemos temer. E isso que fizemos até agora. Teremos ideias que irão funcionar.

- Mas como? - ela falava baixinho, com medo de ser ouvida. - Já pensei muito nesses anos todos, e não vejo saída.

O marido se levantou e caminhou para a porta.

- Deus nos ajudará, você vai ver. Alejandro e Augusto são inteligentes e me abriram os olhos para detalhes que nunca havia enxergado. Constância, devemos aguardar e acreditar que tudo vai dar certo.

Naquela tarde jantaram apenas o casal e seu caçula. Carlos estava alegre e bem disposto. Apesar do jeito fechado do pai, às vezes o garoto conseguia tirar-lhe um sorriso, deixando o ambiente mais descontraído.

Fernão não se conformava porque ainda não tivera oportunidade para interrogar Álvaro. Levou o caso para o conde, que para sua surpresa não tomou conhecimento. Disse somente que soubera por alto daquela investigação, comentada pelo filho e pela esposa logo que retornara, e que infelizmente os fugitivos não haviam sido encontrados. Falou com a maior naturalidade:

- Dom Fernão, penso que devemos pôr uma pedra sobre esse assunto. Não sabemos se aqueles pobres coitados ainda estão vivos depois de tantas privações, sem dinheiro e sem abrigo. Todos parecem tê-los esquecido; portanto, devemos fazer o mesmo. Temos coisas mais importantes a resolver.

Vendo que ele não estava disposto a estender o assunto, Fernão mordeu o canto da boca, cheio de raiva.

- Acho estranha sua falta de interesse, já que as bruxarias ocorrem dentro de suas terras. Tenho certeza de que o bispo não apreciaria esse descaso por um problema tão grave. Isso pode comprometê-lo. Sabe como age a Igreja em tais questões!

O castelão se empenhou em simular uma calma que estava longe de sentir; falou sem revelar irritação no tom de voz:

- O senhor tocou no ponto exato. A caça a bruxos é uma tarefa da Igreja e não nossa. Por que não passar a ela essa responsabilidade? A nossa é manter os inimigos longe de nossas terras.

O outro, acostumado a ter o conde sempre acuado, contava com uma posição a seu favor, e o que ouviu a seguir mais o aborreceu.

- Dom Fernão, estaria disposto a se exercitar um pouco? Estamos desmatando uma área ao norte onde deveremos plantar trigo. Vou até lá para presenciar e orientar o trabalho. Gostaria de ter a honra de sua companhia.

- Não - respondeu secamente, expressando todo o seu mau humor.

- Prefiro voltar para minha casa, quero descansar um pouco. Parece que o dia será muito quente.

Virou as costas, pisando duro. Foi embora resmungando com muita raiva.

Dom Felipe ficou pensativo, ciente de que devia preparar-se para o troco. Aquele homem logo estaria armando algum bote.

## 23. REVELAÇÕES

O TEMPO NO CONVENTO passava rápido. Jacó se desdobrava para auxiliar no que pudesse. Ensinara a irmã Filomena todas as suas técnicas com os preparados das ervas. Os dois trabalhavam horas fazendo chás e medicamentos. Algumas freiras e até Raquel recolhiam as plantas nos campos e arredores. Além disso, no próprio quintal foi formado um canteiro para cultivo das espécies de que mais necessitavam. Os resultados eram cada vez mais positivos, e o número de doentes curados aumentava. Ao lado da ajuda material, sempre havia a presença de mentores espirituais, no ambiente propício, amparando os dedicados servidores encarnados. Todavia, a saúde de Jacó voltou a declinar. Frequentemente ao entardecer ficava febril e sentia enorme cansaço, sendo obrigado a recolher-se ao leito. Apesar de todos os cuidados que recebia, seu estado de saúde se agravava, com tosse constante.

Numa tarde, irmã Filomena percebeu que o judeu estava ainda mais debilitado. Pediu-lhe que se deitasse antes do horário habitual, obrigando-o a tomar seu remédio, e chamou Raquel para uma conversa.

- Filha, acho que seu pai está com fraqueza no pulmão. Temos de alimentá-lo muito bem e lhe dar remédios em hora marcada; se não conseguir superar esse estado sua saúde ficará muito comprometida; e é uma doença fatal.

Os olhos azuis da moça encheram-se de lágrimas, seu coração ficou apertado.

- Irmã, faça tudo por meu pai. É a única pessoa que tenho nesta vida e sem ele não sei como viver.

- Minha querida menina - a freira abraçou-a carinhosamente - vamos conseguir a cura de nosso Jacó. E não esqueça, você é a nossa filhinha. Irmã Vitória a ama muito e jamais permitirá que alguém lhe faça mal. Somos também sua família.

- Eu sei da afeição que todos me dedicam, e sou grata. É que amo demais o meu pai e vê-lo morrer seria como perder um pedaço de mim.

Todos perceberam a tristeza de Raquel após aquele diálogo. Jacó piorava a olhos vistos. Tinha crises de tosse cada vez mais contínuas e começava a expelir sangue pela boca. Estava emagrecendo muito e quase não se levantava mais da cama.

Certo dia chamou a jovem e pediu que fechasse a porta do quarto. Ela se ajoelhou ao lado do leito, encostando a cabeça no peito do pai, que falou com dificuldade:

- Filha, estou morrendo. Logo Jesus me chamará deste mundo. Devo entregar meu corpo cansado, por isso preciso falar de um assunto muito sério.

- Não, pai, o senhor não vai morrer! - a interrupção foi incotida. - Não fale assim.

- Está chegando minha hora. Não quero que fique triste; a morte existe somente para o corpo, é libertação para a alma. Onde estiver, velarei por você. Agora, porém, tenho de lhe contar um segredo que carrego há muito tempo; não poderia partir levando-o comigo.

Ela não parava de chorar. Jacó passou as mãos pelos seus cabelos.

- O grande sonho de Sara era ter filhos, muitos filhos. Por motivos que desconhecemos, Deus não quis. Raquel, você não é nossa filha de sangue.

A moça levantou a cabeça, fitando os olhos dele. \_ Não entendo o que diz, pai! Ele retomou a fala mansa:

- Sara, minha esposa, nunca pôde ter filhos. Você é a nossa filha do coração, muito querida. Perceba como diferimos fisicamente. Sou moreno e ela também era, enquanto você é loira e tem olhos azuis. Raquel abraçou o pai com imensa ternura.

- Isso é o que menos importa. O senhor e minha mãe Sara são realmente meus pais. Acho que agora sou capaz de amá-los ainda mais. Seja quem for que me pôs no mundo, vocês me criaram com muito amor!

O velho ficou emocionado com as palavras e os gestos carinhosos da filha amada.

- Preciso revelar tudo a respeito de seu nascimento e dizer quem é sua verdadeira mãe.

A moça tapou-lhe a boca com a mão delicada.

- Eu não quero saber mais nada. Só conheci um pai e uma mãe que me amaram muito, e o essencial é isso.

- Sua mãe sofre até hoje por ter sido obrigada a separar-se de você. As circunstâncias lhe impuseram essa atitude. Ela temia por sua vida, minha querida, por isso a entregou a mim e a Sara para que a criássemos. Mas nunca a perdeu de vista. Filha, pegue aquele anel que Sara lhe deu na hora da morte.

Erguendo-se, Raquel pegou uma caixinha na beira da cama e a trouxe até ele.

- Querida, levante a pedra e veja o que tem.

- E um brasão de família - ela observou -, já o vi no castelo. A condessa o usa para selar suas correspondências.

Jacó procurou falar com calma.

- Sim, minha filha, esse anel pertence à sua família. Foi colocado no seu dedo pela condessa Constância, no dia de seu nascimento. Essa valiosa jóia está com a família há muitos séculos.

Ela caiu de joelhos, sem palavras, dando a impressão de que ia perder os sentidos.

- Raquel, a condessa é sua mãe.

Foi como se o chão ruísse, tudo à sua volta desmoronasse e um grande buraco se abrisse para tragá-la.

O velho judeu buscava conservar o equilíbrio.

- Apesar de ter jurado levar meu segredo para o túmulo, não posso deixar de lhe falar nesta hora. Porque sei de seus sonhos de moça, preciso contar-lhe que Alejandro, Augusto e Carlos são seus irmãos. O amor entre vocês deve ser fraterno.

- Como pode ser, pai? Se é assim, não consigo entender por que não fui criada junto no castelo. Por que a vida tem de ser tão dura comigo? Amo Alejandro do fundo do coração desde que éramos crianças; juramos que um dia nos casaríamos.

Sentou-se no chão, em pranto convulsivo. Jacó alçou o corpo com esforço e acariciou os cabelos da filha, tentando confortá-la.

- Raquel, esse sonho sempre foi impossível. Mesmo que ele não fosse seu irmão, é nobre e nós somos pobres; nobres só se casam com nobres. Nunca eu e Sara alimentaríamos essa ilusão em seu coração, ainda que não soubéssemos que são irmãos. Filha, este é nosso segredo. Teve de ser revelado para que um amor de infância não se transformasse no sentimento de um homem por uma mulher, o que seria contrário às leis da natureza. A vida está aí para ser aceita como é, não como achamos que deveria ser. Procure olhar Alejandro como irmão e sua maneira de sentir mudará.

Raquel não quis mais tocar no assunto, nem para saber das razões que a condessa tivera para entregá-la aos pais adotivos. Profunda tristeza sombreava seus belos olhos azuis. As irmãs notaram, mas acreditavam ser por causa da doença do pai. A bela moça passou a viver calada e chorando pelos cantos.

Os meses corriam e a saúde de Jacó ficava mais precária. Todos sabiam que ele não tinha muito tempo de vida. Raquel desdobrava-se em cuidados, quase não saía do seu lado. Numa dessas ocasiões, ele falou com enorme dificuldade:

- Minha filha, vá descansar, temo por sua saúde. Não se alimenta direito, nem dorme o indispensável. O mal que tenho pode ser transmitido a você.

A jovem lhe beijou as mãos.

- Pai, deixe que eu retribua o muito que fez por mim. Não consigo imaginar viver sem sua companhia. Se eu pudesse, daria parte de minha vida para vê-lo melhor de saúde.

Jacó se emocionou, como sempre, com sua demonstração de carinho.

- Penso que Deus colocou um anjo na minha vida, e por isso não me canso de agradecer.

Raquel, em busca de meios de agradá-lo, sabia o quanto ele gostava de ouvi-la cantar músicas judaicas. Correu e pegou a cítara, sentando-se no chão junto ao leito. Começou a entoar uma canção de agradecimento a Deus por todas as bênçãos recebidas. A música era de extrema beleza e delicadeza. Jacó fechou os olhos, deixando-se elevar com a canção e com uma oração sincera do humilde coração. Sua alma desprende-se do corpo cansado, que deu o último suspiro.

A filha continuou a cantar, sem perceber que aquele corpo morria e a alma luminosa se desprendia. Sara e outra irmã espiritual ajudaram-no a soltar-se dos últimos laços fluídicos que o prendiam ao envoltório sem vida. Jacó, adormecido, foi levado para o outro plano da vida.

- Pai, por hoje chega de música e conversa. O senhor precisa descansar.

Quando se inclinou para lhe dar um beijo, Raquel notou que não se mexia. Sua boca estava roxa e pelo canto descia um fil<sup>ef</sup> de sangue. Correu até irmã Filomena, desesperada. No quarto a freira pousou a mão no peito de Jacó e deixou que as lágrimas lhe molhassem o rosto.

- Minha querida menina, seu pai acaba de morrer, mas sua alma boa deve estar junto do Mestre Jesus.

Logo outras irmãs entraram no quarto, onde se ouvia o choro sentido de Raquel. Irmã Vitória desdobrou-se em carinho e atenção com a órfã.

Transcorridos alguns dias, ela procurou a madre superiora em sua sala.

- Irmã Vitória, posso falar-lhe em particular? Tomei uma decisão importante e correta para minha vida. Desejo vestir o hábito e tornar-me freira. Não existe nada que me prenda a este lado da vida. Quero servir a Jesus e ao próximo.

A madre emocionou-se. Esperava há muito por ouvir isso, porém não queria de nenhum modo interferir ou influenciar.

- Minha filha, sua resolução foi tomada porque acha que tem vocação ou por não ter parentes ou qualquer alternativa? Se quiser ir embora, tenho familiares em Granada; poderei colocá-la junto deles como minha protegida e lá dom Fernão não irá encontrá-la.

Raquel aproximou-se, pegando suas mãos.

- Não quero mais viver lá fora. Aqui encontrei a paz que sempre busquei. Tenho o seu exemplo e o das outras freiras do que é realmente ser feliz. Aqui há muita vida. Acho que precisam de mim, e eu muito mais de vocês. Quero ser útil. Por tudo isso, gostaria de fazer parte da irmandade.

A madre sorriu afetuosa e comentou:

- Todas as outras irmãs ficarão felizes com a notícia. Você se fez muito querida neste convento!

Conforme irmã Vitória previra, a decisão foi saudada com alegria pelas demais freiras. Dias depois a jovem recebeu o hábito de noviça e em seis meses vestiria o de freira. Deixaria de ser Raquel, que simbolicamente morreria para o mundo, e viria a se chamar irmã Rosária.

Irmã Rosária e irmã Filomena passariam a atuar como as principais auxiliares da madre superiora.

## 24. SACRIFÍCIO

FERNÃO, INCONFORMADO POR NÃO descobrir o paradeiro de Jacó e Raquel, não esmorecia em suas intenções. O conde lhe tirara a oportunidade de interrogar Álvaro e agora só estava interessado na ampliação de sua plantação de trigo. Não se afastava do castelo, impedindo-o de adotar medidas contra o chefe da guarda.

À exceção de Augusto, que viajara para Toledo, onde já iniciara seu curso de medicina, a família do castelão era vigiada dia e noite pelos homens de dom Fernão. Se qualquer um ousasse visitar Raquel e Jacó, ele descobriria o esconderijo. Alejandro, não querendo despertar desconfianças nem mesmo do pai, não ia muito além de seus domínios, sequer tentava manter correspondência. E Álvaro nunca mais voltara ao convento para visitar a irmã.

Fernão estava intrigado; não vira nada de suspeito nos últimos meses.

Certa manhã, depois de muito meditar, pegou alguns homens de sua confiança e foi até Toledo para uma entrevista com o bispo. Este, homem muito obeso e de rosto avermelhado, atendeu-o após o almoço em seu gabinete particular.

- Dom Fernão, o que traz tão honrosa visita?

O maldoso homem aproximou-se, beijando o anel em seu dedo.

-Venho pedir-lhe auxílio, e também prestar um favor à Igreja.

O bispo ofereceu-lhe vinho.

- Sou todo ouvidos. Qual é o problema? Com seu jeito peculiar de falar, ele contou todas as supostas

bruxarias ocorridas na vila e no castelo, incriminando principalmente Jacó. O bispo ficou horrorizado com as denúncias. O delator se esmerava em narrar os fatos com riqueza de detalhes, inclusive aqueles que criava.

- O que o senhor está denunciando é muito grave! Por que não veio antes que essas criaturas fugissem?

Fernão fez um gesto de indignação e imprimiu à voz um tom mais grave.

- Francamente, esperava uma atitude de dom Felipe. Contudo, parece que ele não quis se envolver, uma vez que existem fortes suspeitas de que sua esposa e seu filho Augusto também participem de tais práticas. O conde simplesmente ignorou minhas denúncias e não me deu nenhum apoio nas investigações. Os esforços e o dinheiro gasto foram meus. Eu não poderia permitir que criaturas tão perversas continuassem soltas por este mundo de Deus.

- Dom Fernão, como poderei ajudá-lo a encontrar essas pessoas? Muito tempo já passou, e se os dois bruxos conseguiram chegar a Granada não teremos mais condições de pôr a mão neles.

- Não acredito que tenham ido para lá; o destino deles era Barcelona. Possuíam poucos recursos, porém estou certo de que receberam ajuda de um rapaz da guarda do conde, cujo nome é Álvaro. Infelizmente, senhor bispo, sem sua colaboração será impossível pegar o canalha. Preciso de sua interferência para poder interrogá-lo e finalmente saber onde estão escondidos os tais bruxos.

O bispo abriu um sorriso.

- Dom Fernão, isso não é problema. Enviarei um padre de nossa ordem com homens de minha guarda pessoal e eles trarão esse Álvaro até aqui. O conde não se oporá, já que não lhe compete intervir nos assuntos da Santa Madre Igreja. Se tentar impedir, ficará seriamente comprometido - mais do que já está. Faremos o infeliz abrir a boca, não tenha dúvida. E quanto ao conde e à família, qual é a sua sugestão?

O homem sorriu entre os dentes.

- Eles não perdem por esperar. Precisamos de provas, o que não será difícil obter, assim que apanharmos os bruxos e eles confessarem. As terras do senhor conde são férteis e produtivas. Acho que terão muito proveito nas mãos de nossa santa Igreja.

Os dois soltaram estrondosa gargalhada. O velho bispo ergueu a taça de vinho.

- Um brinde para selar o nosso acordo. Faremos um bem para a humanidade livrando-nos dessas terríveis criaturas.

Fernão se sentia quase realizado. Não moveria um só dedo e ainda teria a satisfação de assistir a tudo. O bispo ia prender e torturar Álvaro. Estava muito feliz, sua vingança seria completa. Não se continha de ansiedade pelo desfecho dos acontecimentos; imaginava-o repetidas vezes por antecipação, para melhor saborear a vingança.

Com tudo encaminhado, não voltou mais ao castelo. Ficou quieto em casa, aguardando notícias de seus espões.

Alguns dias se passaram. Naquela manhã chuvosa dom Felipe não saiu do castelo para fiscalizar o trabalho dos campos, como era de hábito. Mas muito cedo recebeu visitas. A família estava reunida no salão quando padre Orlando e alguns homens da guarda do bispo apresentaram-se com ordem para levar Álvaro. O conde foi até o padre, que lhe entregou o comunicado. Ao ler, reagiu indignado:

- Não entendo por que o senhor bispo manda buscar meu homem de confiança para ser interrogado. O que tem ele com a igreja?

Alejandro levantou-se, pegando a carta das mãos do pai, e foi irritado:

- Padre, Alvaro é um homem de nossa inteira confiança. Está há muito tempo aos nossos serviços. A Igreja não pode prendê-lo para interrogatório.

- Filho - Constância o deteve -, vamos deixar que o padre explique os motivos.

- Nos assuntos da Igreja ninguém pode interferir - o tom do padre era ameaçador. - Recebemos a grave denúncia de que bruxos viveram aqui em sua vila, ou ainda vivem neste castelo. Portanto, todos aqui estão sob averiguação da Inquisição, todos podem estar

acobertando tais criminosos; e o principal suspeito, por enquanto, é o senhor Álvaro.

Como se um calafrio percorresse a sala, todos ficaram pálidos e calados, até os servos. Qualquer palavra poderia comprometê-los, mesmo que fosse para defender o pobre amigo.

- Senhor conde - disse áspero o padre -, espero uma atitude de sua parte. Traga-me o rapaz.

Um dos homens da guarda foi chamado e encarregado de chamar Álvaro em sua casa. Em poucos minutos, o jovem entrou pálido pela porta do salão. Alejandro correu, colocando a destra no seu ombro.

- Calma, meu amigo, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance.

- Padre, este é Álvaro - apresentou o conde. - É um homem íntegro e fiel, o qual vi crescer junto com meus filhos. Tem família e duas crianças ainda pequenas, e dou minha palavra de honra de que tudo é intriga; não existe nada contra ele.

- Isso é o que veremos, dom Felipe. Vamos voltar a Toledo imediatamente.

Determinou que seus homens levassem o rapaz, retirando-se em seguida.

Todos no salão ficaram abatidos e arrasados. Como podia o bispo interferir no castelo? Por que isso ocorria com Álvaro, que jamais se envolvera com nada irregular, que não tinha inimigos? Tais perguntas pairavam no ar e na cabeça de cada um.

Após demorado silêncio, a condessa falou:

- Senhor meu marido, isso deve ter partido de dom Fernão. Lembra-se de que exigiu providências pelo fato de Alvaro estar à procura de Jacó e Raquel? Ele deve achar que o rapaz sabe de alguma coisa e que confessará sob tortura.

- Isso é passar dos limites! Esse homem chegou longe demais. Sabe Deus se não quer também nos envolver em suas intrigas de bruxarias!

Alejandro ficou preocupado.

- Pai, lembra-se de quando retornamos no inverno e ele inventou aquela história de que mamãe e Augusto estariam também ligados a bruxarias, participando de rituais com Raquel e Jacó?

O conde sentiu as pernas tremerem.

- Lembro-me muito bem. Meu Deus! Se ele foi capaz de falar disso ao bispo, estaremos acabados.

- Mas é preciso provas e eles não têm nenhuma contra nós - o filho ponderou.

O pai estava tão pálido que parecia prestes a desmaiar.

- Aquele homem é terrível. Não hesitará em forjar provas e levar todos para a fogueira.

Constância abraçou Carlos, não podendo mais conter o choro. -Ah, meu Jesus, proteja-nos de tão grande provação! Mais uma vez Alejandro procurou usar a razão.

- Talvez fosse melhor fugirmos para Aragão. Lá teremos a proteção do rei.

- Engano seu, meu filho, o braço da Igreja está em toda parte. Nem nosso rei nem o de Aragão poderão proteger-nos se tais acusações caírem sobre nossas cabeças.

Desde essa ocorrência a família do conde perdeu totalmente a tranquilidade. Sentia-se ameaçada o tempo inteiro.

Os espíões de Fernão deram-lhe a notícia da prisão de Álvaro e o homem viajou imediatamente para Toledo. Queria assistir ao interrogatório pessoalmente.

Álvaro ficou calado o caminho todo. Sabia exatamente o que o esperava. Tinha a certeza de que dom Fernão desconhecia o paradeiro de Raquel e Jacó, por isso o estava levando para a Inquisição. Já ouvira muito sobre as salas de torturas, mas tentava manter-se calmo e em oração para fortalecer o espírito.

Ao entrar na cidade, foram direto para a residência do bispo, que nas dependências dos fundos tinha as salas de interrogatório e as

celas. Álvaro passou algumas horas preso ali, aguardando. Com a chegada de Fernão o jovem foi retirado e trazido para ser inquirido. O bispo estava sentado numa cadeira de encosto alto forrada de veludo vermelho, atrás de ampla mesa. Álvaro foi posicionado bem à sua frente e Fernão se colocou em um lugar de onde pudesse observar melhor.

Se aqueles dois homens pudessem ter a visão espiritual da sala, ficariam aterrorizados. Muitas criaturas de aspecto sombrio esgueiravam-se pelos cantos. Uma entidade de aparência enorme, unida em simbiose ao bispo, parecia coordenar e chefiar todas as suas atitudes. Vestia roupa igual à dele e desfrutava as emanções da comida e do vinho que ele ingeria. A cada copo, tal criatura ficava mais eufórica e exaltada, exigindo que o rapaz fosse imediatamente interrogado. Tinha evidente prazer em exercer o poder e achava ter domínio total sobre os encarnados e também desencarnados que estavam ali, subjugados às suas ordens.

Quando Álvaro entrou na sala, acompanhado de dois soldados, sentiu o peso da atmosfera; faltava-lhe o ar.

A entidade chefe posicionou-se à sua frente, desferindo-lhe um tapa no rosto, que o prisioneiro sentiu como leve vertigem. Então falou com voz estridente:

- Homem, ajoelhe-se diante do seu soberano senhor!

E novamente a horrível criatura bateu-lhe na face. Ele sentiu ligeira tontura, o rosto ardente. À medida que a entidade proferiu essas palavras, o bispo, controlado por ela, também ordenou que Álvaro ficasse de joelhos. Os dois guardas obrigaram-no a essa posição.

A enorme entidade voltou para junto do bispo e mentalmente começou a influenciá-lo para o interrogatório. O prisioneiro negava tudo, dizia não ter encontrado os dois e não ter ideia do seu paradeiro. Por mais de duas horas ficou explicando que sua tarefa fora apenas trazê-los para serem julgados no próprio castelo.

O bispo pediu que o rapaz fosse retirado e levado novamente para a cela.

Dom Fernão estava furioso, queria mais agressividade, enquanto a autoridade religiosa tomava calmamente o seu vinho.

- Dom Fernão, não vejo culpa nesse homem. Ele apenas cumpria ordens, está falando a verdade. A família do conde procurou os bruxos para trazê-los de volta e apurar a verdade dos fatos. Infelizmente Álvaro não os encontrou. Durante duas horas falou as mesmas coisas, não está mentindo. Vou mandá-lo embora, libertá-lo da prisão.

O ferrenho perseguidor quase perdeu o controle. Ficou tão vermelho que parecia a ponto de ter um ataque. Os dois espíritos Perversos que o ladeavam insistiam para que tomasse uma atitude.

- Não, senhor bispo, é preciso submetê-lo à tortura. Álvaro é muito inteligente e um simples interrogatório não basta para fazê-lo soltar a língua. Sua fidelidade ao conde e a toda a família é absoluta. Peço permissão para conduzir pessoalmente o interrogatório, e em menos de uma hora garanto que teremos a confissão nas mãos.

- O senhor vai perder o seu tempo - opinou o bispo. - Em todo caso, já que insiste, ele é seu.

O bispo chamou um de seus homens, ordenando que o preso ficasse sob a guarda de dom Fernão. Este foi rápido até uma hospedaria para se refazer da viagem e tomar uma refeição. Tinha o máximo de urgência em obter o esconderijo de Jacó e Raquel. Sua vingança estava praticamente completa, em breve iria alcançar seus objetivos.

## 25. O VALE

IRMÃ ROSÁRIA ESTAVA TOTALMENTE integrada no trabalho do convento, era raro recordar o mundo lá fora.

Percebera que quase todas as manhãs a madre superiora, irmã Filomena e duas outras freiras saíam em uma carroça levando alimentos e roupas. Antes mesmo de o sol nascer, ouvia o ruído delas cruzando o pátio. Por que ninguém comentava tais saídas? - perguntava a si própria. Nunca tivera coragem de questionar irmã Vitória diretamente.

Certo dia, quando auxiliava a madre na separação de medicamentos para os doentes que chegavam das vilas, criou coragem para dizer:

- Madre, posso fazer-lhe uma pergunta? Se for segredo, não precisa responder nem me explicar nada. Irmã Vitória deu um sorriso.

- Pois pergunte. Aqui não temos segredos, minha querida. A resposta franca encorajou-a.

-Aonde as senhoras vão quase todos os dias, antes do alvorecer? A superiora parou o que estava fazendo e encarou-a, para poder avaliar sua reação à resposta.

- Vamos ao vale dos leprosos. Somos nós quatro as únicas com coragem. É um lugar de sofrimentos indescritíveis. Vamos até lá aliviar a dor de criaturas que não são aceitas em lugar algum deste mundo; todos temem o contágio, pois eles apodrecem em vida. Entretanto, quantas vezes Jesus estendeu a mão para curá-los? Nós, minha querida, como seus servos e seguidores, devemos estar em todos os lugares onde haja dor e sofrimento e levar consolo físico e espiritual a esses deserdados da terra.

Irmã Rosária ficou muito emocionada e num ato repentino beijou as mãos de irmã Vitória.

- Benditas são estas mãos santas que semeiam amor e caridade. A senhora é uma santa.

- Não, minha querida, não sou santa; apenas me esforço para seguir os ensinamentos que Jesus nos deixou. Já que somos pecadores que expurgamos nossos pecados neste vale de lágrimas, devemos transformá-los em um pouquinho para a glória de Deus.

- Irmã Vitória - disse a jovem com lágrimas nos olhos -, deixe-me acompanhar vocês. Devem ser muitos os doentes e poderei ser de alguma valia.

A madre balançou a cabeça, pensativa, ante a disposição da moça.

- Por favor! Garanto que sou corajosa, tenho cuidado de alguns doentes graves e visto a morte de perto. Senhora, estou preparada. Não tenho medo do contágio. Há quanto tempo vocês vão ao vale e continuam sadias, graças a Deus?!

A superiora afagou-lhe as mãos.

- Sim, minha querida filha, amanhã você irá conosco. Mas atente para um detalhe: evitamos comentários. Se nossos doentes e pobres ficassem sabendo que vamos ao vale, todos fugiriam assustados. É por isso que nossas saídas são sigilosas. Nunca fazemos menção ao trabalho ali realizado, nem com as outras freiras, apesar de saberem de nossas atividades.

Irmã Rosária se propôs a também não comentar com ninguém que iria ao vale dos leprosos. No dia seguinte, o sol não surgira ainda e as freiras, com a sua participação, ajeitavam na carroça os mantimentos, remédios e roupas. Todas executavam as tarefas sem conversar e fazendo o mínimo de barulho possível. Subiram na carroça, que irmã Maria das Graças dirigia, e seguiram pela trilha. Quando o sol apontou no horizonte, já se avistava o vale.

Um rio de águas mansas e cristalinas o cortava ao meio. O verde exuberante de seu curso, a bela vegetação que o cercava e as montanhas ao fundo davam ao ambiente uma beleza que deslumbrava. Rosária respirou fundo, acentuando a sensação agradável do ar fresco e puro da manhã, e exclamou:

- Que vista maravilhosa! Ao contemplar este lugar sentimos a mão do Criador em cada detalhe.

- Sim, minha filha - irmã Vitória sorriu. - Para ver as maravilhas de Deus é preciso ter sensibilidade. Quando estamos voltados somente para nós mesmos, mergulhados no egoísmo, não vemos nada além de nossos interesses, de nosso próprio horizonte.

A medida que a carroça avançava no vale, Rosária divisava criaturas esgueirando-se por entre as árvores.

- Irmã Filomena, por que eles se escondem se conhecem vocês?

- Muitos sentem vergonha de expor seus corpos mutilados - respondeu a freira.

A jovem encheu-se de piedade por aqueles deserdados da vida e do mundo.

A carroça aproximou-se de uma espécie de acampamento. Muitos homens, mulheres e crianças alojavam-se ao redor de fogueiras, alguns deitados já em estágios avançados da doença; outros tinham só alguns sinais visíveis. Quando pararam a carroça, sentiram o odor de carne apodrecida, insuportável para quem não estava acostumado.

A nova freira virou o rosto e tampou o nariz para não vomitar. Irmã Vitória percebeu e se dirigiu a ela:

- Minha filha, se quiser afastar-se ninguém vai reparar. Todos entenderão sua atitude. Este lugar é muito difícil até para nós, mais experientes. Não se sinta culpada por não poder continuar conosco

- Não - respondeu Rosária -, não vou desistir. As cinco freiras começaram a tirar da carroça e colocar no chão

o que haviam trazido. Alguns doentes se acercavam com demonstrações de alegria e gratidão.

Um rapaz de aparência saudável foi o primeiro a chegar mais perto.

- Irmã Vitória, que bênção de Deus vê-la esta manhã! E trouxe uma nova companheira!

- Sim, Edgar - ela se virou, sorrindo. - Quero apresentar nossa irmã Rosária, que está empenhada em prestar ajuda aos nossos doentes.

O rapaz estendeu a mão amiga.

- Quanto prazer em conhecê-la! Que Deus abençoe sua vontade de nos socorrer. Não nos falta trabalho aqui neste vale de lágrimas.

Rosária apertou a mão ao simpático rapaz, que exibia um sorriso encantador.

- Eu também tenho grande prazer em conhecê-lo. A superiora abraçou-a pelas costas.

- Esta é a nossa mais jovem irmã. Apesar da pouca idade, é muito dedicada. É minha filha do coração.

- Com todo o respeito, madre, parece um anjo que caiu do céu.

Rosária riu, encabulada com o elogio.

- Edgar não está contaminado pela doença - esclareceu a madre. - Veio para o vale acompanhando a mãe, a fim de cuidar dela e não a deixar morrer ao desamparo, porque não conseguia mais esconder a doença dos vizinhos. Após a morte dela, condoído pela situação dos outros doentes, ele acabou ficando e amparando a todos.

Rosária se emocionou com a história, já sentindo admiração e amizade pelo rapaz.

-Acho que não sou eu o anjo que caiu do céu. Deus abençoe sua dedicação. Todas as noites, em minhas orações, pedirei a Jesus que o fortaleça com muita coragem no trabalho difícil que realiza.

- Obrigado, irmã. Realmente preciso muito da força do Alto. Mas quando sentimos na carne o sofrimento, como ocorreu comigo ao ver minha pobre mãe nesse estado, não temos como negar apoio a esses infelizes.

Irmã Vitória bateu palmas, chamando a atenção dos jovens:

-Vamos, chega de conversa! Temos muito trabalho e não devemos demorar em retornar ao convento.

As freiras ajudaram a lavar feridas, trocaram panos sujos, deram remédios e distribuíram comida. Os que estavam em melhores condições procuravam auxiliar os que não podiam cuidar-se.

No acampamento criavam-se alguns animais e existia uma pequena horta. Isso tudo, somado à organização do vale, fora resultado da ação das freiras. Como cada vez chegavam mais doentes, sem a cooperação delas talvez fosse impossível a sobrevivência.

Rosária tornou-se companheira ativa nas visitas ao lugar. Logo passou a ser querida pelos doentes, em virtude do carinho que lhes

devotava. O trabalho era árduo, exigindo inúmeros sacrifícios e renúncias.

Ela e Edgar desenvolveram uma sólida relação de irmãos, com base no sentimento puro de criaturas que fazem de suas vidas um testemunho de dedicação e amor ao próximo. Nascia ali uma amizade que atravessaria os séculos.

Edgar passava o dia carregando água, ajudando a preparar a comida, alimentando os que não tinham mais condições de comer sozinhos, limpando feridas, dando poções preparadas pelas freiras e orando junto aos que acabavam de desencarnar.

As habitações eram precárias, quase sem nenhum recurso. Muitos vinham espontaneamente e outros eram abandonados por familiares nas estradas próximas. Eram recolhidos pelas freiras ou por Edgar e levados ao acampamento.

A situação de pobreza extrema e a falta de higiene agravavam ainda mais o estado daquelas criaturas.

Por outro lado, se os recursos materiais e humanos eram poucos, os encarnados recebiam preciosa ajuda do plano espiritual. Muitos mentores acompanhavam as dedicadas irmãs, orientando e induzindo quanto à melhor maneira de tratar os doentes.

Jacó, no plano espiritual, logo que adquiriu boas condições, pediu permissão para estar junto das freiras, em particular de irmã Filomena, com quem tinha especial afinidade vibratória. Assim, uma vez preparado, viu-se novamente no convento, junto da filha querida e das caridosas senhoras, auxiliando os mais necessitados.

Ele se sentia feliz por poder continuar a servir em espírito. Procurava acompanhar irmã Filomena, intuindo-lhe o melhor procedimento para aliviar a dor dos assistidos. Raquel pressentia a presença do pai, o que lhe dava maior segurança na escolha que fizera.

A vida no convento seguia laboriosa e iluminada pelas bênçãos do Criador. As criaturas que viviam no local e aquelas outras que por ali passavam tinham sempre a oportunidade de se harmonizar no amor puro, no amor ao próximo.

## 26. PROVA DE FIDELIDADE

FERNÃO ESPERAVA ÁLVARO EM pé, numa sala onde se viam vários instrumentos de tortura para o interrogatório. O preso chegou muito pálido. O homem ordenou que o colocassem numa mesa de madeira onde se encaixavam os pés numa extremidade e as mãos na outra. Aproximou-se com ar sarcástico.

- Senhor Álvaro, sabe o que significa estar deitado nessa posição?

- Sim.

O outro soltou uma grande gargalhada.

- Vamos esticá-lo tanto que talvez alcance a altura de um gigante. Seus braços e pernas se arrebentarão numa dor insuportável. Acho que antes de começarmos deve preferir soltar a língua! Onde estão os bruxos?

- Não sei - respondeu com firmeza.

Coçando a barba grisalha, o impiedoso Fernão mandou que iniciassem a tortura.

- Onde o senhor escondeu os bruxos?

- Eu não consegui encontrá-los.

A um sinal daquele homem, novamente moveu-se a mesa onde o jovem estava deitado. Ele soltou um grito.

- Estou perdendo a paciência! Não vou mais perguntar, apenas esticar.

Fez um sinal para que começassem a puxar e esticar o corpo. A dor tornou-se tão insuportável que os gritos do pobre rapaz ecoavam através do prédio. Podiam ser ouvidos em todo o quarteirão.

O bispo, que fazia a refeição na residência, irritou-se e chamou um guarda:

- Vá até a sala de interrogatório e suspenda a tortura. Tantos gritos estão a me incomodar!

A sentinela transmitiu a ordem do bispo, recebida com muita contrariedade por Fernão, que a ignorou.

- Álvaro, pela última vez eu pergunto: onde estão os bruxos?

- Não sei - respondeu antes de desmaiar.

A nova ordem, ele foi tirado da mesa e posto numa cadeira na qual as mãos e a cabeça eram encaixadas numa abertura de madeira.

- Já que esticá-lo não é mais possível, vamos arrancar-lhe as unhas - disse, amarrando a boca do prisioneiro para que não gritasse.

A cada unha, uma pergunta e uma resposta negativa. No final Álvaro voltou a desmaiar. Um padre, que ajudava dom Fernão, falou:

- Senhor, vamos acabar perdendo a testemunha, sem nenhuma confissão. Já presenciei muitos interrogatórios. Acredito ser verdade que esse rapaz não sabe de nada, ou já teria contado onde estão os bruxos. Muitos confessam mesmo sem ter culpa para se livrarem da dor.

O comentário pareceu provocar fúria maior.

- Já que ele insiste em não dizer para onde levou os dois, também não deixarei que saia vivo desta sala. Sabendo ou não, esse miserável vai morrer! Ponha-o de novo na mesa.

O padre tentou impedi-lo, mas o próprio Fernão o colocou.

- Não se preocupe, padre Josias. No estado em que se encontra, não vai mais gritar e perturbar o senhor bispo.

Recomeçou a esticar o corpo dolorido de Álvaro, que se limitou a gemer até perder os sentidos. Quando voltou a si foi de novo interrogado, porém seus músculos e nervos não aguentaram tanta pressão. O fiel jovem desencarnou sem informar o que o outro ansiava saber.

Fernão saiu batendo a porta e se dirigiu para a sala onde o bispo tomava seu vinho.

- Senhor, desculpe incomodá-lo; vim despedir-me. Estou de regresso a minha casa.

O homem bonachão levantou-se. -Final, obtive a confissão tão desejada?

- Infelizmente não, o miserável morreu negando tudo. Estou outra vez sem nenhuma pista.

- Ora, meu amigo, eu conheço esse tipo de interrogatório e asseguro que o rapaz não sabia de nada. Não era necessário ter-lhe tirado a vida.

Vermelho, quase colérico, Fernão bateu a mão na mesa.

- O pior é que era minha única pista. Agora não tenho nada, estou inteiramente no escuro.

- De fato, se estivessem escondidos com o conhecimento dos parentes do conde, sem dúvida o senhor já teria chegado até eles. Por certo também ignoram o paradeiro de tais criaturas.

- Vou continuar a espioná-los - o perseguidor procurou controlar-se. - A qualquer suspeita ou comprovação de bruxarias retornarei, e aí poderemos interrogar a família. Espero contar com o seu apoio, senhor bispo.

- Não esqueça - seu ar era de preocupação - que a família de dom Felipe está ligada ao rei, o que nos obriga a ter provas irrefutáveis.

- É por esse motivo que tenho de achar os bruxos e puxar o fio da meada, senhor. Com aqueles dois na minha mão, não faltarão provas.

A notícia da morte de Álvaro trouxe tristeza ao castelo e à vila. Todos gostavam do rapaz e admiravam seu coração generoso, sempre entregue às boas causas. A condessa procurou Helena, a viúva dando-lhe amparo emocional e financeiro que lhe garantisse o sustento e a ajudasse a criar os dois filhos, órfãos ainda pequenos.

- Minha querida Helena, sabe como gostávamos de seu marido! Enquanto formos vivos não deixaremos você e seus filhinhos passarem necessidade.

A moça chorava muito, abraçada às crianças.

- Senhora, agradeço de todo o coração o que faz por mim. Hoje a dor traspassa meu peito como um punhal. Só penso em continuar vivendo por meus filhos, que agora só têm a mim neste mundo.

Constância sentiu uma dor imensa. Álvaro sacrificara a vida por sua família. Pagara muito caro por sua fidelidade. A condessa temia que ela e os filhos também tivessem de sofrer nas mãos daquele homem bárbaro. Todos na vila sabiam até onde ia a extensão de suas maldades.

- Minha querida - falou antes de sair -, dom Fernão deverá aparecer aqui e lhe fazer perguntas. Sempre diga que não sabe de nada e não dê informação alguma sobre os familiares de Álvaro. Ele poderia ir atrás de seus parentes e matá-los. Diga que não sabe o paradeiro de ninguém. Isso também preservará sua vida. Helena, você está entendendo o que digo?

A moça baixou a cabeça num gesto afirmativo.

- Sim, senhora, qualquer palavra pode custar minha vida e a de meus filhos. Direi que Álvaro não encontrou Jacó e a filha. E que eu não conheço nenhum parente de meu marido.

Constância voltou ao castelo cabisbaixa. Ninguém se alimentou em dia tão funesto.

O conde foi o único que se sentou à mesa, embora não conseguisse comer nada. As ameaças de Fernão não saíam de sua mente. Estava convencido de que seu velho inimigo não recuaría facilmente.

A raposa espreitava uma oportunidade para armar o ataque, e Felipe pensava em como se proteger. Por anos a fio tentara contornar-lhe a ira, porém aquele homem era insaciável; parecia querer tudo, inclusive seu castelo, seus títulos, sua honra e sua família. Decidiu que iria procurar o rei e denunciar o que estava ocorrendo; assim, caso viesse a acusação, teria o apoio real.

Não só naquele dia, como nos que se seguiram, os membro daquela família foram incapazes de dormir, comer ou trabalhar em paz. Sentiam que o cerco se fechava mais e mais.

Os espíões de Fernão dentro do castelo lhe relatavam que todos pareciam esgotados desde a morte de Álvaro. Tal notícia o animava, pois era sinal de que estava atingindo o alvo. Sua vingança ia muito bem.

Algo de que ninguém se dava conta era que, apesar dos comparsas que possuía, Fernão era um homem solitário, não tinha em quem confiar. Temia que dom Felipe mandasse alguém matá-lo, por isso vivia rodeado de guardas. Não comia sem que outra pessoa provasse antes a comida. Como o sabor da vingança que em parte experimentava era passageiro, sentia-se extremamente infeliz. As duas entidades espirituais com as quais se sintonizava não lhe davam um minuto de paz.

O que exteriormente ficava muito claro era o fato de que com o tempo aquele homem estranho penetrara a tal ponto a intimidade do conde que todos notavam a ingerência que exercia. Não sabiam, contudo, o porquê de tamanha influência. Não entendiam como criatura tão sombria conseguia influir de modo decisivo nos atos do castelão.

Fernão sempre usava os acontecimentos para tirar proveito e manipular as pessoas. Muitas histórias a seu respeito corriam de boca em boca. Gente supersticiosa dizia que surgira do nada e tinha o dom de aparecer e desaparecer; havia quem falava que viera do sul e que sua família perdera tudo por causa da guerra. Ninguém conhecia sua verdadeira história. O que ficava patente era que nos últimos tempos aumentara muito a fortuna que trouxera, graças às vantagens que tirava da amizade com o conde.

Depois de tantos anos, a manipulação chegara ao auge. Felipe nunca se sentira tão pressionado como agora que a ameaça pesava sobre sua própria família.

Uma tarde o conde recebeu um mensageiro do rei. Este requisitava sua presença imediata, pois uma nova cruzada seria organizada. De alguma forma, Felipe sentiu-se aliviado; ele e o filho se afastariam por um tempo daquela pressão. No convívio do rei seria mais fácil superar a situação, pedindo-lhe proteção.

Uma vez lida a correspondência e dispensado o mensageiro, procurou a esposa em seus aposentos. Constância, entretida em tecer um tapete, não percebeu a entrada do marido.

- Dom Felipe, que susto! - exclamou ao vê-lo. - Deu-me a impressão de ser outra pessoa!

- Ora, e quem?

- Sabe muito bem. Acho que não consigo tirar aquele demônio da cabeça.

Em silêncio ele estendeu a mão com a carta. A condessa passou os olhos pela mensagem, reagindo:

- Uma nova cruzada! Não tinham firmado um acordo com o sultão Mohamed?

- Sim, mas consta que não foi respeitado. Receberam ajuda militar e voltaram a invadir um importante pedaço de terra, um ponto estratégico para o controle do Mediterrâneo. Vamos retomar a luta! Talvez seja a maneira de nos livrarmos de dom Fernão!

A esposa levantou-se, caminhando até a janela.

- Pode ser para o senhor. Quanto a mim, ficarei aqui, mais ainda à mercê dele!

- Não ousará fazer algo contra a senhora na minha ausência.

- Sabe que sem a sua presença é muito pior - a condessa tinha lágrimas nos olhos. - Ninguém detém esse homem. Nem Augusto estará aqui para defender-me!

O conde sentou-se, falando em tom mais baixo:

- Tive uma ideia. Por que não aproveita nossa saída para visitar seus pais? Lá ele não terá como prejudicar a senhora e Carlos. Vamos ficar uns meses fora. Nesse período dom Fernão deverá se acalmar e nos dar um pouco de paz. Não poderá dizer nada, pois temos bons motivos para nos afastar. Há tantos anos não vai até a casa de seus pais!

- Sim, é uma excelente ideia. Na realidade, o bom seria irmos todos. Tenho medo das batalhas. Tantas vidas já foram ceifadas nelas...

- Não devemos temer. Eu comando as tropas e nunca exponho meu filho ao confronto direto. Alejandro é forte e inteligente e sabe como defender-se do perigo.

- Mesmo assim é muito angustiante. Sei quanto dói perder um ente querido numa guerra. Até hoje minha mãe chora a morte de meu irmão.

- Essa é a nossa vida. Escolhemos ser guerreiros e sabe o quanto necessito agradar ao rei! Nunca tive outra saída. Por quase toda a minha vida, até hoje, estive nas frentes de batalha sob a confiança dele.

- Infelizmente nossa vida nunca foi fácil. Manter uma posição privilegiada pode custar caro, muito mais do que imaginamos. Quantas vezes me pergunto de que vale tanto sacrifício!?

O marido não respondeu. Apenas baixou a cabeça, insatisfeito por não ser compreendido.

No dia seguinte, Alejandro e o pai se preparavam para encontrar o rei. Com eles iria o grupo de soldados treinados pelo próprio conde. Constância não se levantou da cama, sem coragem para acompanhar os preparativos. O coração estava apertado. Sua lembrança recuou para momentos iguais de seu pai e seu irmão, o qual nunca regressara. As recordações lhe faziam mal. Sua mãe nunca recuperara a saúde, não tivera mais ânimo para a vida. A condessa não atinava o porquê de se viver em guerra, com cheiro de morte no nariz. E agora aquela sensação desagradável lhe oprimia novamente o peito!

Alejandro entrou no aposento e notou seus olhos vermelhos.

- Mãe, não quero partir e deixá-la assim triste; preciso de seu sorriso para dar-me sorte.

Ela chorava silenciosamente.

- Mãe, por Deus eu peço, não fique tão acabrunhada.

- Querido, estou com maus pressentimentos - falou com a voz embargada. - Gostaria que não partisse. Fique, Alejandro! Seu pai pode inventar uma desculpa, dizer ao rei que precisamos de você para guardar nosso castelo e nossas terras. Não vá, meu filho!

O jovem passou as mãos nos cabelos da mãe.

- Tenho de ir! É meu dever, como cristão, defender nossos ideais e expulsar esses hereges de nossas terras.

- Não, filho, você tem deveres para com sua mãe e com seu irmão ainda pequeno, já que seu pai vai para a guerra.

- Eu prometo retornar são e salvo, como sempre. Não vou expor minha vida. Devemos confiar em Jesus. Carregamos sua cruz no peito e ele nos protegerá.

Acabando por se conformar, ela resolveu levantar-se para fazer a última refeição junto do marido e dos filhos.

- Deixei Antônio e Maria encarregados de preparar sua viagem - o conde avisou, animado. - Quero que parta para a casa de seus pais o mais rápido possível; já mandei um mensageiro avisando de sua chegada na próxima semana.

- Senhor, não tinha ainda decidido se iria. Ando muito indisposta para viagem tão longa.

O marido torceu o bigode.

- Está decidido, a senhora e Carlos devem viajar em uma semana, no máximo; escalei alguns homens de minha inteira confiança para acompanhá-la. Tenho certeza de que ficará melhor junto de seus pais. Aqui estariam muito sós, com a nossa partida e sem a presença de Augusto.

A condessa deu um suspiro.

- Ao menos tenho um consolo: Augusto está bem, seguro na casa de meu irmão em Toledo e fazendo o que gosta. Espero em Deus que meu filho seja muito feliz.

Alejandro deu um sorriso com o canto da boca.

- Credo, minha mãe! Da maneira como fala, dá a impressão de que somos e seremos muito infelizes.

- Não se importe, meu filho - o conde fechara o semblante. - Sua mãe está com aquelas ideias pessimistas que de vez em quando lhe assaltam a cabeça.

Constância inclinou o rosto e calada terminou seu jantar. O conde e Alejandro faziam planos para a viagem. Carlos participava com alegria festiva.

## 27. REENCONTRO

No DIA SEGUINTE, AO amanhecer, o grupo partiu. Constância ficou na sacada de seu quarto vendo a poeira desaparecer no horizonte, enquanto calafrios percorriam-lhe a espinha. Deitou-se e ficou três dias com febre e sem se alimentar. Dom Fernão esteve algumas vezes no castelo, sem ter ousado entrar em seus aposentos.

A condessa deu ordens para prepararem a viagem planejada pelo marido. Carlos estava radiante; ia rever os avós, a tia Anete e os primos.

A irmã de Constância era viúva e morava com os pais e os dois filhos, Antoninho, de dez anos, e Manolo, de sete.

- Carlos - orientou a mãe -, vamos viajar daqui a dois dias, mas não quero que dom Fernão saiba. Quando ficar sabendo estaremos bem longe de seu alcance.

- Mamãe, ele esteve ontem aqui. Talvez volte hoje; desde que papai partiu tem vindo todos os dias.

- Eu sei, meu filho. Maria contou-me. Por isso vou continuar no meu quarto, assim não preciso conversar com ele.

- Ele pergunta sobre sua doença. Digo que tem febre, não se alimenta e está muito abatida.

- Isso mesmo, filho; fale que não quero nem mesmo você em meu quarto, porque me sinto muito mal.

- Dom Fernão é um homem medroso, mãe; tem medo de pegar doenças das outras pessoas. Então eu disse que a da senhora é contagiosa.

Ela riu da vivacidade do filho e pegou sua mão.

- Orgulho-me de você, é muito inteligente.

Carlos abraçou e beijou a mãe, que se sentiu melhor depois do prolongado estado de abatimento.

Por alguns dias Fernão evitou ir ao castelo, realmente receoso de que a condessa estivesse com algum mal contagioso. Quando reapareceu, Constância e o filho haviam partido com Antônio, Maria e um grupo de homens da confiança do conde. Ele ficou possesso ao se sentir enganado por um garoto.

A viagem de Constância foi tranquila, e a aproximação das terras dos pais a emocionou. Rever os parentes lhe faria bem, pensava.

Todos estavam aguardando no salão principal. O pai, dom Antenor, procurava manter o porte altivo que se espera de um nobre; a mãe, Dolores, tinha os olhos tristes e se mostrava alquebrada pelo sofrimento que a vida lhe impusera. A irmã Anete, a caçula, ainda jovem, era de uma beleza rara e altiva, mas nos olhos esverdeados estampava-se o orgulho de sua casta. As duas crianças correram para encontrar a tia e o primo. Todos se abraçaram e choraram. A mais emocionada era Dolores, ao rever a filha querida e o neto.

- Minha filhinha, como continua bonita! Que saudade... E você, meu netinho, está mais forte que da última vez que nos vimos.

- Sim, mamãe, Carlos parece melhorar a cada dia. Já consegue correr e brincar como outras crianças de sua idade.

O menino não podia nem falar de tanta alegria por estar com os parentes.

Anete era a única que não tinha a expressão feliz pelo retorno da irmã. Cultivava ciúme doentio de Constância, particularmente em relação ao pai. Achava que ela era a filha favorita, que fizera o melhor casamento da família e enchia o pai de orgulho. Assistindo às demonstrações de carinho dos demais para com os recém-

chegados, sua fisionomia ficou transtornada. Observava a irmã e o sobrinho com desdém, desagradava-lhe a atenção que os pais davam aos dois.

- Minha irmã, veio para ficar muito tempo? - indagou com um sorriso falso nos lábios.

Constância voltou o rosto para ela, alheia ao seu tom irônico.

- Não sei por ora... O tempo necessário para o retorno de meu marido e meu filho da cruzada ao sul, em que estão engajados ao lado de nosso rei. Creio que será o suficiente para matarmos a saudade.

Os dois sobrinhos a beijavam, renovando expressões de carinho e alegria.

Logo a condessa e o filho estavam bem acomodados. Ela dava a impressão de ter remoçado; via-se que os novos ares lhe faziam bem. Além disso, dom Fernão estava distante, sem poder atingi-la. Enfim conquistava um pouco de paz.

Dolores, muito contente com a presença da filha e do neto, não se cansava de abraçar Carlos.

-Você, meu querido, é muito bonito! Lembra muito meu filho Juan quando tinha sua idade. Ele e sua mãe eram os mais bonitos dos meus filhos.

Anete amargava a raiva por tantas e tão efusivas manifestações de afeto.

- Mãe, que injustiça! Deus lhe deu filhos lindos - Constância virou-se para a irmã. - Veja Anete, é lindíssima!

- Sim, tem razão; Deus foi especialmente generoso pelos filhos que me deu.

Era o final da primavera. Na bela região onde se situavam as terras dos pais de Constância os campos enchiam-se de flores e o ar ficava saturado de perfume. Todos pareciam felizes e descontraídos. As crianças eram as que mais se divertiam com brincadeiras próprias da idade.

Em Toledo, já nos primeiros meses Augusto se destacara como um dos melhores alunos do curso. Aplicado e estudioso, vinha fazendo grandes progressos.

O tio era testemunha de toda a dedicação do jovem e enchia-se de orgulho pelos elogios dos mestres.

Dom Júlio, apesar de ser nobre, não tinha bom relacionamento com o pai, dom Antenor, motivo pelo qual se afastara da família, fixando residência em Toledo. Tornara-se um comerciante próspero. Trabalhava principalmente com produtos trazidos do Oriente e sabia falar com fluência a língua árabe, o que lhe facilitava muito negociar com os mouros do sul. Seu único filho homem morrera ainda criança, restando-lhe duas filhas. O sobrinho, para ele e a esposa, era como o filho que haviam perdido. Sentiam imensa alegria com o sucesso e as realizações do rapaz.

A riqueza que possuíam constituía, aliás, uma das questões que intrigavam dom Fernão. Para ele, era impossível entender como aquele homem ficara rico sem a ajuda do pai e sem usurpar nada de ninguém. Os negócios de dom Júlio eram absolutamente lícitos, não existindo nada que pudesse ser usado contra ele. A despeito da minuciosa investigação que empreendera, Fernão só encontrara frustração nas tentativas para descobrir algo que desabonasse a conduta do irmão da condessa e que, por consequência, lhe fornecesse mais um instrumento de domínio sobre a família do conde Felipe.

Por outro lado, Fernão mantinha a convicção de que Augusto o levaria até Jacó e Raquel. E, desde que o rapaz passara a residir com os tios, designou alguns de seus homens para segui-lo. Todavia, o perseguidor ia colher mais uma decepção; foram meses sem nenhum sucesso, com perda total das supostas pistas. Com isso, a ansiedade daquele homem se transformava em desespero para localizar as duas pessoas que eram a chave de sua vingança.

Fernão não perdia tempo. Viajava constantemente a Toledo, ficara íntimo do bispo, fazia tudo para se entrosar nos assuntos da Igreja e nas intrigas e barbaridades que ocorriam na cidade. Sempre buscava informações a respeito do irmão de Constância e de Augusto, no curso de medicina que frequentava.

## **28. NO CAMPO DE BATALHA**

DOM FELIPE E ALEJANDRO, ao lado dos outros cristãos, enfrentavam batalha acirrada com os mulçumanos ao sul da península. A disputa que durava séculos às vezes dava vantagem aos mouros, mas geralmente os cristãos do norte se uniam, e com isso vinham ganhando territórios antes conquistados pelos inimigos.

Naquele dia a luta havia sido dura, com perdas significativas. Dom Felipe e outro comandante aconselhavam o rei a retirar as tropas de homens já esgotados, porém ele insistia em manter o confronto sangrento. Os mouros eram em maior número, devido aos reforços recebidos de seus compatriotas do norte da África, e estavam vencendo.

Os comandantes cristãos temiam mais baixas, pois já havia muitos feridos. Finalmente anoiteceu e bateram em retirada.

Os cristãos procuraram um lugar seguro, distante das frentes de combate, para montar acampamento. Alejandro, deitado no fundo da tenda, estava exausto. Sua mente vagava; pensava na doce e meiga Raquel. Como estaria? Tanto tempo passara sem notícias, e o convento não ficava longe. Se tivesse como afastar-se algumas horas, poderia revê-la e aliviar a saudade que lhe castigava o peito.

O rapaz nunca tirava a moça do pensamento. Sua vontade era largar tudo e correr até ela. Estava fora da mira de dom Fernão, apesar de não querer que o pai soubesse do paradeiro dos dois foragidos.

O conde Felipe entrou na barraca com ar preocupado.

- Dom Afonso está irredutível, não admite recuar. Estamos perdendo homens demais, são muitos os feridos, nossa situação está complicada. Vamos fazer uma reunião e tentar convencer o rei da necessidade de parar.

- Eu acho que deveríamos tomar uma decisão ainda esta noite. Só então Alejandro percebeu o abatimento do conde.

- Pai, o senhor se sente bem? Está muito pálido!

- Não, não estou bem; tenho dores de cabeça. O combate de hoje foi muito difícil para mim. Vejo nossos homens tombarem no campo de batalha e tenho maus pressentimentos. Por mim, levantaríamos acampamento agora mesmo, ainda que estejamos seguros aqui. Acho que não deveríamos entrar em confronto amanhã.

- Dom Afonso, ao contrário, acha que amanhã poderemos reverter a situação e provocar baixas consideráveis no inimigo. Não aceita o recuo. Vamos ver se o fazemos mudar de ideia na reunião.

Ao alvorecer, os homens de dom Afonso foram atacados de surpresa; parecia que integrantes do próprio acampamento haviam armado uma cilada. Desarmados e adormecidos, estavam despreparados para a luta. Foi um verdadeiro massacre. O inimigo entrou nas tendas, matando ou ferindo todos os soldados que dormiam indefesos. Foram poucos os que conseguiram fugir. Depois da carnificina, receberam o toque de recolher de seus comandantes, sumindo pelos matos.

Devido à indisposição, Felipe não conciliava o sono e antes do dia nascer resolvera caminhar perto do rio, tomando o ar fresco da madrugada. Não ouviu o tumulto nem percebeu que o acampamento estava sendo atacado. Quando voltava, viu ao longe a fumaça e escutou a gritaria. Tentou correr, mas as pernas não

obedeciam com a rapidez desejada. Ao avistar o acampamento, na queria acreditar no que seus olhos viam. Fora devastado pelo fogo e corpos de seus correligionários se espalhavam por todo lado em poças de sangue.

O conde correu até onde estava armada sua tenda. Deixara o filho dormindo. Encontrou tudo destruído e Alejandro desacordado numa poça de sangue.

- Filho! Acorde e fale com seu pai!

Constatando que o rapaz ainda respirava, rasgou a roupa no peito para verificar seu real estado. Alejandro estava gravemente ferido e perdia muito sangue. O pai correu atrás de água para limpar a área atingida e colocou sobre ela algumas ervas amassadas, tentando estancar o sangramento.

O jovem voltou a si; estava fraco e mal conseguia falar.

- Pressinto que vou morrer, pai. Meu corpo estremece e a vida parece sair de mim.

- Não, filho, não vai morrer - negou com lágrimas nos olhos. - Você é muito forte. E o que eu diria para sua mãe? Prometi não deixar que nada de mal lhe acontecesse, meu filho. Tenha coragem, Alejandro, lute pela vida!

- Pai, quero ir até um convento próximo daqui; acho que em menos de duas horas chegaremos lá. Eu imploro, é o meu último desejo: preciso chegar lá com vida.

Dom Felipe consultou o médico do acampamento, que desaconselhou a viagem.

- Senhor conde, seu filho tem um ferimento muito sério; não acredito que possa sobreviver. Sofreu grande perda de sangue e não se manterá vivo por quinze minutos nessa estrada.

-Vamos conseguir - o ferido insistiu baixinho. - Correm boatos de que as irmãs obtêm curas impossíveis. Vou morrer se ficar por aqui. Por favor, leve-me até lá!

O conde acatou o pedido do filho. Arrumou uma carroça, tornando-a o mais confortável que pôde. Ele e alguns homens tomaram o

rumo do convento. Alejandra fez quase todo o percurso desmaiado. Dom Felipe suspirou aliviado quando avistou o convento entre as colinas.

- Filho, estamos chegando! - gritou. Apesar da dor, ele deu um sorriso.

- Graças a Deus vou despedir-me do meu anjo.

Tocaram a sineta. Apareceu uma irmã que, identificada do problema, logo encaminhou o rapaz para ser socorrido. Levou-o até a enfermaria e chamou irmã Filomena, que veio rapidamente. Após examiná-lo, atraiu o pai para o lado.

- O ferimento é muito profundo, não sei como chegaram aqui com ele vivo. Mas para Deus nada é impossível. Vamos medicá-lo e orar, senhor dom Felipe. A oração muitas vezes tem melhor efeito que os próprios remédios.

Filomena aproximou-se do ferido, tentando medicá-lo.

- Irmã - disse ele com voz frágil.

- Calma, não gaste suas energias.

- Irmã - Alejandro insistiu -, preciso ver uma pessoa e despedir-me dela antes de morrer. Uma jovem trazida por Álvaro há mais de um ano.

A freira empalideceu.

- Deve haver algum engano, não conhecemos nenhuma pessoa com esse nome.

- O senhor Álvaro era irmão de sua madre superiora e sob minhas ordens encontrou Raquel e seu pai, trazendo-os para o convento a fim de protegê-los.

- Dom Alejandra, vou pedir a irmã Vitória que venha esclarecer os fatos.

A superiora estava no jardim, dando aula para as crianças-

Filomena foi até lá, mostrando preocupação.

- Irmã Vitória, chegou um rapaz gravemente ferido procurando por Raquel. Diz ser amigo de Álvaro, e está à beira da morte.

A mãe foi à enfermãria e, comprovando o ocorrido, solicitou que Filomena fosse buscar Rosária.

- Dom Alejandro, precisa saber que Raquel não existe mais para o mundo; agora é freira e seu nome é Rosária. O senhor Jacó morreu alguns meses após a vinda de ambos para o convento. Não quero expor a vida de irmã Rosária; preciso da garantia de que o senhor seu pai não irá denunciá-la.

- Tem minha palavra, senhora. Quero despedir-me do meu anjo. Nesse momento Rosária entrou chorando na enfermãria. Correu até o leito e pousou a cabeça no peito ferido.

- Alejandro, o que fizeram com você?

O conde assistia à cena de pé, emocionado.

Alejandro segurou a mão da moça, queria olhar o seu rosto.

- Raquel, como está bela! Parece mais bonita, perdeu a fisionomia infantil e se tornou uma mulher. Meu anjo, estou morrendo e vim me despedir.

- Não - sussurrou -, você não está morrendo. Você é forte e não pode fazer isso com a condessa; ela não resistiria!

- Temos pouco tempo, e quero dizer que só existe você no meu coração. Gostaria de ter vindo buscá-la, de mandar correspondência, mas dom Fernão nos mantém sob constante vigilância. Precisava vê-la pela última vez, só assim morreria em paz.

Raquel chorava baixinho. Alejandro parou de falar, o esforço fora excessivo. Ela ficou ali, ajoelhada ao seu lado, acariciando-lhe o rosto. Embora irmã Filomena procurasse usar todo o seu conhecimento para salvá-lo, o estado do jovem se agravava.

- Raquel - balbuciou ofegante, apertando-lhe a mão.

- Estou aqui, meu amor. Meu coração também estará sempre junto ao seu. Nem a morte será capaz de nos separar.

O rapaz fixou o olhar na amada e deu o último suspiro. Raquel passou a mão em sua face, fechando-lhe os olhos. Permaneceu ajoelhada, em pranto silencioso. O conde sentiu como se o chão se

abrisse num buraco e ele fosse tragado pela terra. Suas pernas fraquejarem e quase perdeu os sentidos. Madre Vitória o apoiou.

- Dom Felipe, é necessário ter força nesta hora e confiar em Deus. Alejandro foi para um lugar onde não há dor nem guerra.

Irmã Filomena trouxe-lhe um chá calmante. O conde resolveu que levaria o corpo do filho para seu castelo e lhe daria funerais dignos de sua estirpe nobre. Mandou um mensageiro à casa de seu sogro e outro a Toledo, comunicando a trágica ocorrência à condessa e a Augusto, que logo estariam a caminho de suas terras. Aquele homem orgulhoso havia sucumbido pela dor, seus olhos tinham perdido o brilho e a altivez.

A madre superiora chamou-o a seu gabinete, fechando a porta.

- Senhor conde, quero pedir-lhe que, em nome do grande amor que seu filho dedicava à jovem Raquel, guarde segredo absoluto sobre seu paradeiro e tudo o que aconteceu aqui. Agora irmã Rosária dedica a vida aos pobres e deserdados deste mundo; por isso preciso de sua palavra de honra de que não contará o nosso segredo a ninguém. Meu irmão perdeu a vida, não quero que outras se percam. Não quero perder irmã Rosária. Ela nos é valiosa ao coração, e posso garantir que não merece nenhuma das acusações que pesam sobre ela. É uma jovem boa e caridosa.

- Sei que irmã Rosária é um anjo, como dizia meu filho. Juro que jamais revelarei o seu paradeiro, mesmo que custe minha vida.

Em poucas horas Felipe despediu-se, agradeceu o empenho das irmãs para salvar a vida do filho e partiu com o corpo de seu primogênito. Com o olhar vago e sem brilho, agia como um autômato. Depois da longa e triste viagem, ao se aproximar do castelo a dor aumentou ainda mais. Teria de enfrentar a esposa.

Constância chegara primeiro. Sua tez perdera a cor, não conseguia acreditar na tragédia que se abatera sobre sua vida. Ao ver o corpo sem vida do filho, desmaiou. Augusto a amparou e tentou reanimá-la. O sofrimento daquela mãe era tão tocante que ninguém podia ficar em sua presença sem chorar.

Alejandro parecia dormir, seu semblante estava tranquilo. Sentiu um estremeamento ao serem desatados seus laços fluídicos; a dor no peito persistia, porém a imagem de Raquel gravada em seu íntimo suavizava as sensações. Seu corpo vigoroso parecia resistir à morte.

A princípio o jovem não percebeu que se desprendera. Ao desfalecer teve a impressão de um desmaio e em seguida a de estar pairando sobre o corpo, acordado. No convento ouviu o choro de Raquel, sem conseguir se mover. Estava confuso, não tinha ideia clara do correr do tempo. No castelo, presenciou a tristeza da mãe e os sentimentos descontrolados do pai, um misto de culpa e de dor. Lembrou-se das orações que fazia ainda pequeno, junto da condessa e dos irmãos, e teve a necessidade irresistível de aliviar o coração, suplicando pela bondade de Jesus. Logo uma mão amiga tocou seu ombro e, surpreso, viu Álvaro. Foi então que Alejandro entendeu que passara para o outro plano da vida.

## 29. UMA CÚMPLICE

NUM CANTO DA SALA, Fernão assistia a tudo passivamente. Observava cada detalhe, e a fisionomia de cada pessoa. Embora não demonstrasse nenhum sentimento, a dor da família parecia transmitir-lhe paz. Enquanto sua fisionomia permanecia rígida, nos olhos tinha um brilho de satisfação e ironia. Os dois espíritos que se ligavam a ele estavam alegres com a vitória.

Fernão notou a tristeza de dona Dolores, a altivez de dom Antenor, a beleza rara e insensível de Anete. Captou a inveja que ia nos olhos

dela em relação à condessa, e sua figura altiva lhe prendeu a atenção. Aquela mulher era um desafio.

Procurou chegar-se, fazer-se conhecer usando uma simpatia que não possuía. Anete já ouvira falar de dom Fernão; embora ignorasse pormenores, sabia tratar-se de um homem frio e calculista. A moça se interessou por sua conversa e estiveram um ao lado do outro em vários momentos, durante o velório. Os donos do castelo, mergulhados em sua dor, ficaram alheios à aproximação dos dois.

Fernão logo percebeu que Anete sentia forte antipatia pela irmã e achou que talvez pudesse arrumar uma aliada dentro do castelo; uma aliada íntima dos donos daquele lugar seria de enorme valia. Depois do enterro, alegando solidariedade, passou a visitar o castelo todos os dias, e assim desfrutava a companhia da irmã da condessa Por algumas horas.

Constância adoecera e não saía mais de seu quarto. O conde também se mantinha recolhido boa parte do tempo. Isso dava a Fernão total liberdade de ação junto à cunhada do castelão.

Os pais não viam com bons olhos a nova amizade de Anete Sabiam que dom Fernão não tinha boa índole e isso os preocupava A filha era impulsiva, não aceitando opiniões e conselhos paternos Apesar de não nutrir muita simpatia por aquele homem, não se negava a incentivá-lo, com o intuito de tirar algum proveito e nutrir sua vaidade de mulher cortejada.

Todas as manhãs, os dois passeavam pelo jardim e tomavam juntos um frescor. Anete acabou confessando abertamente a antipatia pela irmã e a aversão ao cunhado. Foi o que bastou para Fernão alimentar esses sentimentos, procurando reforçá-los ainda mais. Anete sentia-se apoiada e valorizada no que pensava. Comentava fatos de sua infância, falava do carinho do pai por Constância e se queixava de ter ficado apenas com as sobras.

O esperto galanteador, mostrando-se muitíssimo interessado, começou a introduzir nas conversas comentários referentes às atitu-

des injustas de Constância e do conde para com ele ou ao desprezo a que ambos relegavam a amizade sincera que lhes oferecia.

Com isso, os dois tornaram-se cúmplices em seus segredos.

Em uma longa conversa, ele mencionou Raquel e Jacó e suas feitiçarias no castelo. Anete ficou horrorizada; não conseguia entender o envolvimento da irmã e do sobrinho Augusto em tais práticas. Então o intrigante passou a insinuar que ela, para o bem da irmã, deveria ouvir tudo o que diziam e transmitir-lhe; qualquer informação seria benéfica para todos.

Por conveniência, a moça se deixava levar por tais insinuações e com frequência ficava atenta atrás das portas, buscando descobrir os segredos que corriam no castelo.

O ódio é um sentimento que tem raízes profundas em nossos corações. Deteriora sentimentos positivos que poderiam brotar dentro de nós e mina pouco a pouco as resistências de nosso organismo físico e também do psíquico, gerando doenças físicas e emocionais que podem levar-nos à morte do corpo. Jesus nos ensinou, em sua sabedoria infinita: "Amai os vossos inimigos". Quem pratica essa lição encontra a felicidade e alcança não só a saúde espiritual, como a física. Quem primeiro recebe o benefício do perdão somos nós mesmos.

Anete era incapaz de ter bons sentimentos. Vivia esgueirando--se pelos cantos, sempre de mau humor. Não conseguia apoiar a irmã nos momentos difíceis pelos quais passava, nem mesmo se dispunha a lhe fazer companhia. A tristeza do castelo a sufocava.

As calúnias de Fernão sobre Raquel e Jacó a estavam intrigando. Não teve coragem de comentar o assunto com a mãe. Procurou investigar com os servos, sem resultado; ninguém parecia saber de nada. Sentia que o assunto era proibido. O próprio Carlos, quando falava dos dois, somente os elogiava.

Dois meses se passaram. Constância, magra e ainda profundamente abatida, começou a ir ao jardim para tomar um pouco de sol. Augusto e Carlos sempre lhe faziam companhia. O conde ocupava-se com o plantio e as colheitas em suas terras, recorrendo ao trabalho para fugir dos problemas de família.

Anete evitava a irmã o máximo que podia. Até Dolores notava a frieza da filha; só não se referia a isso com Constância para não deixá-la ainda mais triste.

Certa vez, o conde voltara cansado, no fim da tarde, para o jantar e todos estavam sentados à mesa. A conversa com o sogro girava em torno da próxima colheita do trigo, que deveria ser muito boa. Dom Antenor revelava entusiasmo pelo assunto, pretendia também fazer esse plantio no próximo ano. Terminada a refeição,

Constância pediu licença e retirou-se para seus aposentos. Depois de alguns minutos, Felipe bateu na porta e entrou.

-Vejo que a senhora está mais corada; tomou sol, e isso é muito bom para sua saúde.

A condessa ergueu os tristes olhos azuis.

- Sim, é preciso que me reanime. Tenho dois filhos que precisam de mim.

- Fico contente - o marido abriu um sorriso. - Finalmente a razão parece chegar à sua cabeça. Os outros dois meninos não podem ficar sem a sua atenção. A vida continua; temos de fechar nossas feridas, apesar de sabermos que a cicatriz nunca vai desaparecer.

Com um gesto ela pediu que o conde se sentasse ao seu lado.

- Dom Felipe, por favor, conte-me detalhes sobre a morte de nosso filho. Até agora não tivemos como conversar a respeito, mas hoje sinto-me bem e quero saber. Acho que me fará sentir melhor.

O conde foi até a janela, tentando conter a emoção que o invadia ao lembrar aqueles fatos. Ao retornar, falou de seus pressentimentos, de sua saída do acampamento, do ataque surpresa e da morte de

Alejandro no convento, junto das freiras. Concluída a narrativa, voltou o rosto para a esposa com expressão comovida.

- Constância, acho que agora posso compreender por que vocês não me informaram o paradeiro de Jacó e Raquel. Realmente, é um assunto muito delicado.

A mulher, debruçada sobre a cama, chorava baixinho.

- Sim, é muito delicado. Quanto mais pessoas souberem, mais pessoas correrão risco de vida; na verdade, todos devemos esquecer o assunto.

O conde sentou-se na cama outra vez.

- Jacó morreu alguns meses após a chegada ao convento; seu pulmão não aguentou tantas intempéries. E Raquel tomou o hábito; agora é irmã Rosária, muito querida por todos.

- Fico feliz de saber que aquela boa menina achou seu caminho - disse a condessa, emocionada. - Lá pelo menos dom Fernão não a descobrirá para levá-la ao sacrifício.

- Sim, ela está protegida - a voz de Felipe era bem baixa. - Irmã Vitória garantiu-me que fará de tudo para cuidar dela, e o mais importante é que Raquel está bem; sua fisionomia é a de alguém que encontrou a paz interior.

- Que saudade do meu filho! Eu não imaginava que ele amasse tanto aquela menina. Sempre pensei que tivesse por ela sentimentos de irmão, os mesmos de Carlos e Augusto.

- Eu também, mas parece que chegaram a namorar aqui no castelo. Raquel é uma boa moça... O que mais lamento é que damos valor às pessoas depois que as perdemos.

O casal estava tão entretido que nem imaginou que alguém pudesse estar interessado na conversa. No cômodo ao lado, Anete aguçava os ouvidos para não perder nada. Ficou algum tempo bem quieta, esperou o cunhado sair do aposento e a irmã se deitar e esgueirou-se pelo corredor até o próprio quarto.

Estava tão preocupada em repassar depressa as novidades que nem dormiu direito aquela noite; enfim escutara alguma coisa que dom

Fernão gostaria de saber. Também o dia demorou a passar. Teve de aguardar até a tarde, quando ele apareceu.

- Senhor, estava ansiosa à sua esperai

Ofereceu-lhe o braço para caminharem até o jardim, de modo a se afastarem o suficiente para que ninguém os ouvisse. Tal atitude despertou a curiosidade do acompanhante.

- Senhora Anete, qual o motivo da ansiedade?

- Tenho novidades que o farão vibrar de alegria!

Os dois caminharam mais rápido, tomando maior distância.

- Dom Fernão, acho que mereço ser mimada pelo senhor o resto de minha vida, depois do que descobri - falava com ar de suspense.

Fernão não gostou dos rodeios.

- Vamos, diga logo! Desse jeito a senhora me irrita!

- Deixe-me pensar no que vou pedir em troca de tão importa te segredo...

A insinuação foi recebida com expressão de desagrado.

- Conte-me, e eu direi o que vale. Antes de saber não pos: avaliar!

- Eu descobri o que anda procurando há muito tempo: o paradeiro de Jacó e Raquel.

O homem empalideceu, estarecido.

- Não acredito. No entanto, se me der informações corretas, em troca de tal preciosidade a pedirei em casamento.

Anete deu um sorriso glorioso. O cúmplice segurou seu braço, apertando-o.

- Agora chega de tanta conversa! Fale logo, e se for mentira acabarei com você. Não gosto de ser enganado.

A moça segurou a mão dele, tirando-a de seu braço.

- Tenha calma, está me machucando! Claro que é verdade; não iria brincar com coisas sérias. Raquel e Jacó foram recolhidos em um convento perto de onde houve o massacre da tropa. Parece que a responsável pelo lugar se chama irmã Vitória. Jacó morreu alguns

meses depois de entrar nesse local; quanto a Raquel, tornou-se freira e atende por irmã Rosária.

Fernão estava com os olhos arregalados e brilhantes de satisfação.

- Como soube de tudo isso?

- Ouvindo atrás da porta dos aposentos de minha irmã. Dom Felipe comentou que levou o filho até esse convento para despedir-se da tal Raquel. Na verdade, meu sobrinho morreu nos braços da jovem.

- E como chegaram nesse convento?

- Isso eu não sei, porém não deve ser difícil localizá-lo - respondeu Anete.

- Fez um bom serviço. Descobriu o que todos os meus espões estão tentando há meses, sem sucesso. Se conseguir resgatar Raquel, cumpro o que lhe prometi: caso-me com você.

Os dois comparsas voltaram felizes para o interior do castelo. Dolores estranhou o súbito bom humor da filha. Fernão não tardou a se despedir e voltou para casa; tinha de executar seus planos com a maior urgência possível. Ele sabia onde ocorrera o massacre, sabia onde a tropa estava acampada. Identificar quais homens estavam com o conde não seria difícil.

E, realmente, seu otimismo foi justificado. Alguns dos que haviam acompanhado o conde e Alejandro até o convento lhe deram as informações de que precisava.

## **30. O CERCO SE FECHA**

No DIA SEGUINTE FERNÃO viajou para Toledo, pois precisava do apoio do bispo para entrar no convento e tirar Raquel de lá. Assim

que chegou na cidade verificou se ele estava em casa e pediu uma audiência.

- Dom Fernão, quanta honra! O que o traz a nossa cidade?

O homem se curvou, beijando-lhe a mão, e foi direto ao assunto.

- A honra é toda minha, senhor. Trago um assunto de seu interesse. Finalmente consegui descobrir o esconderijo da bruxa que morava em Medina do Campo, próximo ao castelo do conde dom Felipe.

- Que ótima notícia! - o bispo abriu um sorriso. - Isso quer dizer que poderemos pôr nossos planos em prática!

- Sim, só depende de sua vontade. A pessoa que procuro está escondida no convento perto da cidade de Sevilha, e preciso da permissão da Igreja para tirá-la de lá. Raquel é agora uma freira.

- Dom Fernão, acho que ficou mais complicado! Será difícil entrar no convento com a acusação de bruxaria sem provas.

O interlocutor irritou-se, interpretando a reação como má vontade.

- Senhor bispo, tenho inúmeras testemunhas das bruxarias ocorridas no castelo e na vila. Devo tirá-la de lá e provar que é uma bruxa. Veja a artimanha do demônio, infiltrando-os junto das santas irmãs para fugir do nosso acerto. Não será isso coisa de bruxos?

O bispo tornou a sorrir.

- Tudo indica que sim. Temos de cortar suas ações demoníacas antes que ela contamine o que é sagrado. Vou escrever ao bispo d Sevilha, ele tomará providências. O senhor levará a correspondência pessoalmente.

Fernão exultava! Sim, faltava tão pouco, estava tudo correndo tão bem... Dessa vez nada o atrapalharia! Voltou para casa a fim de se preparar para a longa viagem. Reuniu alguns homens e partiram no dia seguinte bem cedo.

No convento, Rosária levava sua vida de sacrifícios junto de outras abnegadas irmãs. Crescia o número de necessitados que buscavam aquele lugar e mais pessoas eram convocadas para colaborar. Muitas casas foram construídas nas proximidades, formando um pequena vila, o que ampliou a quantidade de ajudantes no cultivo

da terra e na criação de animais, de que os novos moradores tiravam também o seu sustento.

Mentores espirituais que assistiam as irmãs em sua difícil tarefa procuraram alertar para o perigo que todos corriam, com a descoberta do paradeiro de Raquel. Irmã Vitória tinha uma vaga sensação de angústia nos últimos dias. Orava ainda mais, na tentativa de afastar os pressentimentos que a assaltavam. Numa das manhãs em que se encaminhavam para o vale, comentou com Rosária sua inquietação.

- Minha querida filha, não sei o porquê, mas nos últimos dias sinto um aperto no peito, um mau presságio. Por mais que procure ligar-me a Deus em oração, não tenho conseguido vencer a angústia. Sempre me vêm ao pensamento a família do senhor conde e, sobretudo, dom Fernão. Sinto sua mente doentia ligada ao nosso convento.

Rosária baixou a linda cabeça.

- Também sinto algo estranho. É como se meu pai me avisasse de um perigo iminente, querendo preparar-me para futuras provações.

A madre superiora segurou a mão da moça.

- Acho que devemos tirá-la do convento por um tempo. Tenho algumas irmãs instaladas numa casa grande, em Sevilha, e acho prudente que vá para junto delas. Como nós, realizam trabalho ligado aos doentes. Escreverei uma carta para madre Teresa, que é muito boa criatura e a receberá de braços abertos.

A jovem fez ar de choro.

- Não quero afastar-me da senhora! Tenho-a como mãe muito querida. Amo a todos aqui, quero continuar o nosso trabalho. Como poderei ficar sem os nossos doentes do vale? Lá temos tanto trabalho a fazer... Além disso, se dom Fernão não me descobrir no convento, é provável que vá até as freiras de Sevilha.

A madre deu-lhe um beijo na face.

- É só por uns tempos. Ficará com irmã Teresa até termos a certeza de que o conde nada contou ao tal perseguidor. Logo estará de volta, e ficaremos juntas novamente. No convento de Sevilha aqueles homens não poderão encontrá-la. Ninguém saberá de seu paradeiro.

Rosária acabou por concordar; iria o mais rápido possível. Arrumou-se para a viagem, juntando seus poucos pertences. Partiria no dia seguinte.

Fernão chegou a Sevilha ainda nas primeiras horas da manhã; fizera uma viagem rápida e cansativa, quase sem paradas. Foi ver o bispo da cidade, dom Manuel, que o recebeu com sorrisos, depois de ler a carta que lhe fora entregue.

- Senhor Fernão, vou atender a solicitação do bispo de Toledo. Enviarei um destacamento com o senhor e seus homens ao convento do Monte Santo, cuja fama tem se espalhado por toda a região. Irmã Vitória é muito conceituada até junto ao papa. Espero que tenha provas concretas contra essa moça que é freira e vive ali. A madre superiora não seria tola para colocar uma adepta de satanás entre suas irmãs; não acredito que alguém a ludibriasse. Eu, particularmente, tenho grande apreço pelo trabalho que aquelas abnegadas freiras realizam.

Fernão não esperava que o convento desfrutasse tão alto conceito. Por um momento relutou nas suas intenções. Talvez se tivesse agido sozinho fosse mais fácil capturar Raquel. Observaria os costumes, infiltraria seus espiões e logo atingiria seu intento. Porém já era tarde; havia movimentado a Igreja e isso lhe traria dificuldades.

Os homens se puseram a caminho do convento; após algumas horas avistou-se a colina. O lugar era de beleza exuberante, e o sol refletido nas vidraças dava ao prédio uma aura dourada. O grupo sentiu-se magnetizado pela energia ambiente. O comandante dos enviados do bispo virou-se para Fernão e comentou:

- Senhor, este lugar é abençoado por Deus e todas as freiras que aqui vivem são santas. Acho impossível viver uma bruxa aqui.

O outro não gostou de suas palavras e revidou: -O demônio também faz maravilhas para nos enganar. Decerto se infiltrou entre as puras para levá-las à perdição.

- Sim, mas não acredito - o comandante não se deu por vencido. - Embora a ordem seja para levá-los até lá, não deixaremos que façam nenhum mal às irmãs; não permitiremos que sejam violentos.

Mentores preparavam aquele coração sensível, inspirando-lhe boas atitudes em defesa das freiras.

A tropa aproximou-se do grande portão de madeira da entrada e tocou o sino. Logo apareceu uma freira de idade avançada. Ao abrir o portão, irmã Adelaide percebeu que havia algo estranho.

- Senhores, o que desejam? - perguntou solícita.

- Precisamos conversar com sua superiora. Temos uma carta do bispo dom Manuel, de Sevilha.

- Por gentileza, queiram aguardar. Nossa madre e as demais irmãs estão recolhidas em orações. Não poderei interrompê-las; ao término do rosário os anunciarei.

Fernão desceu do cavalo aos berros:

- É um grande desaforo! Viemos de muito longe, numa viagem cansativa, e ainda teremos de esperar sua boa vontade?! Não senhora! Vamos entrar e interromper tais orações; tenho autoridade para isso.

Irmã Adelaide moveu-se para trás, com medo de ser agredida. Antônio, o chefe da guarda, também desceu do cavalo e deu um passo adiante de Fernão, interferindo em suas atitudes agressivas.

- Senhor dom Fernão, já lhe expliquei que não há necessidade de atos precipitados. Vamos respeitar este convento e as irmãs que tantos benefícios espalham pela região.

A seguir virou-se cordialmente para a freira.

- Irmã, leve por favor a missiva de nosso bispo, e aguardaremos o tempo que for preciso.

Fernão mordeu o bigode, raivoso por ser obrigado a se sujeitar. Todos os homens apearam de seus cavalos e acomodaram-se de frente ao portão. Incapaz de se conter, o perseguidor virou-se para Antônio e falou em tom áspero:

- Você não entendeu, seu imbecil, que vamos deixar a moça fugir? Deveríamos entrar de surpresa.

Sem se abalar, ele respondeu pacientemente:

- Dom Fernão, as ordens que recebi são para manter a boa conduta. Estamos lidando com pessoas de prestígio.

- Vão para o diabo, o senhor e sua tropa de boa conduta! Eu vou entrar com meus homens e ninguém vai me impedir.

Feita a declaração agressiva dirigiu-se para o portão, secundado por seus homens. A tropa do bispo era a maioria. A um gesto de Antônio, todos se colocaram na frente, bloqueando a passagem.

- Se insistir, temos ordem para desembainhar nossas espadas. A custo Fernão se controlou, recuando dois passos.

- Pensei que o bispo estivesse do meu lado, não contra mim. Se soubesse que mediria forças, eu teria vindo só com meus homens. Nesse ínterim, irmã Adelaide entrava ofegante no gabinete da madre superiora.

- Irmã Vitória, estão aí homens do bispo de Sevilha. Trouxeram esta carta. O mais baixo parece violento, pensei que ia me bater por não deixá-lo entrar.

A madre empalideceu. Pegou o pergaminho, leu e pediu à freira que chamasse irmã Filomena. Esta entrou no gabinete, muito aflita, e ouviu a orientação.

- Irmã, temos de agir rapidamente. Dom Fernão está com seus homens aí no portão; não poderemos retê-lo por muito tempo.

Filomena tremia tanto que quase não se sustentava sobre as pernas.

- O que faremos?

Madre Vitória terminou de ler a carta, deixando-a cair no chão.

- O bispo ordena que entreguemos irmã Rosária a seus homens e me garante sua integridade física e moral até a cidade, de onde deverá ser conduzida à presença dele. Vamos tirá-la do convento pelos fundos; não permitirei que a levem. Deus nos perdoe, mas teremos de distraí-los. Vamos agir com o máximo de rapidez, irmã Filomena.

A mulher correu até o ambulatório, onde Rosária alimentava um doente.

- Venha, depressa! - gritou espavorida. - Você corre perigo!

A moça largou a tigela e saiu, obedecendo às ordens. Foram até a estrebaria, apanharam dois cavalos e saíram pela trilha do vale.

Enquanto isso, a superiora recompunha as feições e pedia a irmã Adelaide que fizesse os homens entrarem. A tropa ficou do lado de fora, no jardim, indo somente Fernão e Antônio. O chefe da guarda procurou ser cortês.

- Irmã Vitória, peço desculpas por incomodá-la. Como já deve ter lido na missiva de nosso bispo, precisamos levar uma de suas irmãs. Gostaria que a senhora fizesse a gentileza de chamá-la.

A madre encarou Fernão.

- Infelizmente essa jovem há muito foi embora. Descobriu que não tinha vocação e nem o hábito tomou; foi apenas uma noviça.

- É mentira! - ele gritou. - A senhora esconde Raquel, que é uma bruxa, e esse fato poderá levá-la igualmente para a fogueira, irmã Vitória. Se não entregar a moça, tomaremos providências que irão prejudicar muito seu convento.

- O senhor está me ofendendo, e nem ao menos sei o seu nome! Não pode gritar dentro do convento, fazendo ameaças. Aqui quem manda é Deus!

Em seguida a madre virou-se para o emissário do bispo.

- Dom Antônio, gostaria que esse senhor se retirasse, já que não tem a mínima gentileza no trato.

- Eu me recuso a sair! Quero levar Raquel e só sairei daqui com ela.

- Como já informei, a pessoa a quem chama de Raquel não está aqui. Por benevolência, permitirei que a tropa do senhor bispo passe o convento em revista. O senhor e seus homens aguardarão lá fora!

Antônio levantou-se, olhando para Fernão.

- Acho que é a melhor solução. Gostaria que se acalmasse. Vamos vasculhar tudo, dou-lhe a minha palavra.

Muito a contragosto, Fernão e seus homens saíram. Antônio voltou com sua guarda. Madre Vitória pediu a irmã Adelaide que os acompanhasse, mostrando uma a uma as dependências do convento.

Durante duas horas todos os lugares internos e externos foram examinados. Antônio deu a busca por encerrada. Ao sair, deparou com dom Fernão no portão, muito pálido.

- E aí, onde está a moça?

- Percorremos todos os recantos, não achamos nenhum vestígio. Fizemos perguntas e ninguém a conhece. Se esteve por aqui, já partiu faz tempo. Madre Vitória não mentia.

O outro esmurrou o portão.

- É lógico que mentia! Tenho certeza absoluta de que Raquel está lá dentro ou fugiu quando chegamos. Infelizmente pensei que seria adequado pedir ajuda ao senhor bispo, o que acabou me atrapalhando. Devia ter aplicado os meus métodos, que são muito mais eficazes.

- Dom Fernão - disse Antônio -, devemos tomar o caminho de volta. Terei de me apresentar ao bispo ainda hoje.

- Eu não tenho de lhe dar satisfações - ele retrucou com ironia. Pretendo ficar nas redondezas.

Antônio olhou-o com firmeza ao asseverar:

- Qualquer atitude oposta às ordens do bispo o levará para trás das grades; deixarei dois homens aqui no portão para preservar a

segurança do convento. Espero que o senhor tenha o bom senso de não fazer nada contrário.

- Se quiser pode deixar a tropa toda; não pretendo perturbar irmã Vitória. Aquela hipócrita não sabe nem mentir, porém tenho outros meios para descobrir a verdade.

Antônio partiu, ficando dois homens de sentinela. As freiras ouviram toda a discussão e correram para avisar a madre superiora sobre o que estava acontecendo. Tal era a sua agitação que ela não conseguia permanecer sentada.

- Devemos tomar providências. Esse homem é muito perigoso e perspicaz; é capaz de descobrir para onde levaram Rosária. Graças ao bom Deus, Antônio é nosso velho amigo e comandava a tropa; se não, estaríamos todas perdidas nas mãos daquele homem. Irmã Rosária já havia prevenido que se a levássemos para Sevilha ele a encontraria lá. E muito astuto. Adelaide falou baixinho:

- Irmã Vitória, elas tomaram o caminho do vale. Duvido que dom Fernão tenha coragem de entrar lá.

- Seja como for, temo pela vida das duas. Tenho a impressão de que não há o que possa deter esse homem. Às vezes achava que Álvaro exagerava ao falar a seu respeito, mas depois de conhecê-lo pessoalmente admito que meu irmão tinha razão. E foi nas mãos dele que perdeu a vida. Vejo agora que se justifica o pavor que irmã Rosária sente só de ouvir esse nome.

A inquietação parecia ter tomado conta de todo o convento. As irmãs reuniram-se em oração, pedindo o sucesso da fuga.

Fernão e seus seguidores investigaram toda a redondeza, tentaram obter informações no vilarejo próximo, ofereceram dinheiro; ninguém falava nada. Até que um dos homens localizou a trilha que descia a montanha no meio do mato e chamou o chefe:

- Senhor, veja. Há uma trilha que leva ao vale, e nota-se que é bem usada; tem muitos rastros de roda de carroça e marcas recentes de patas de cavalo.

Os olhos de Fernão brilharam. Não teve dúvida de que por ali, quem sabe com a ajuda de outra pessoa, Raquel havia fugido em direção ao vale.

- Vamos pegar nossos cavalos e seguir as marcas da trilha. Veremos onde nos levam e se encontramos quem buscamos.

## 31. A CAPTURA

ROSÁRIA E FILOMENA CONHECIAM bem a trilha, e muito rapidamente alcançaram o acampamento. Edgar estranhou a presença das duas àquela hora do dia.

- Meu Deus, o que aconteceu? Vocês estão tão pálidas! Filomena falou da fuga de Raquel e explicou minuciosamente os motivos. Após uma perseguição de tanto tempo, dom Fernão estava prestes a capturá-la!

Edgar emocionou-se; não esperava uma trama tão triste escondida atrás daquela pobre menina, que naquele momento se mostrava muito assustada e desprotegida.

- Aqui certamente não virão; devem temer o contágio de nossos doentes, e todos nós a defenderemos. Esse senhor somente lhe fará algum mal se passar sobre meu cadáver. Ninguém tocará num fio de cabelo de nossa irmãzinha.

Rosária segurou as mãos de Edgar, beijando-as:

- Eu sabia que poderia contar com a sua ajuda, meu querido irmão.

- Vamos, irmã Rosária, quero alojá-la num lugar arejado. É preciso ter muita coragem para passar 24 horas neste ambiente doloroso.

- Se você conseguiu, Edgar, também terei capacidade de aguentar. Já estou acostumada com o sofrimento.

Filomena despediu-se:

-Adeus, irmã Rosária, que Jesus a proteja. Sei que nosso irmão Edgar tomará conta de você, minha querida.

- Que Jesus ampare seu retorno! - a jovem beijou-lhe as mãos expressando gratidão.

A freira montou o animal e com um aceno aos amigos o pôs em movimento. O regresso era mais difícil, pois o caminho era estreito e íngreme.

Os homens de Fernão, uma vez localizada a trilha atrás do convento, resolveram descer para averiguar aonde os levaria; foi quando perceberam o barulho das patas do cavalo de irmã Filomena.

- Dom Fernão, ouça: alguém está subindo - anunciou José.

- Sim, também estou ouvindo - respondeu o chefe. Logo surgiu irmã Filomena na curva da trilha, conduzindo seu cavalo com firmeza. O encontro com os perseguidores de Rosária a pegou de surpresa.

- Ora, quem vemos na trilha escondida: uma pura irmã do santo convento! - Fernão soltou uma gargalhada. - Está voltando de suas aventuras, irmã? Olhem, homens, descobrimos uma saída secreta das santas irmãs. Tão preocupado está o nosso querido bispo em manter a integridade física e moral delas!... Sabe-se lá se ele também não frequenta esta trilha!

Todos riram. Eram criaturas habituadas à brutalidade física e moral, homens sem nenhum caráter. O cavalo da freira assustou-se, jogando-a no chão. A pobrezinha levantou-se e tentou montar de novo.

- Por que tanta pressa, irmã? - ironizou José. - Precisamos ter uma conversa muito séria.

Ao mesmo tempo Fernão segurou seu queixo, impedindo que fizesse qualquer movimento.

- Onde vai dar esta trilha?

- No vale - Filomena gaguejou.

- E para lá que levou Raquel? - ele indagou sem rodeios.

- Não conheço nenhuma Raquel.

Fernão deu um tapa tão violento no rosto da mulher que a fez cair no chão. José a ergueu, recolocando-a diante do chefe.

- Não somos de brincadeira, já deu para notar. Quero todas as informações, completas.

- A trilha vai dar no vale; no vale dos leprosos - a irmã o fitava com firmeza.

Os homens afastaram-se horrorizados, enquanto ela prosseguia:

- Todas as manhãs descemos com roupas e alimentos para socorrer os doentes. São muitos, creio que passem dos duzentos. Alguns em estado deplorável, apodreceram em vida.

O próprio Fernão afastou-se, porém não desistiu.

- Não acredito! É mentira, maldita!

- Posso conduzi-los até lá. Ninguém chega perto do vale; só nós vamos porque temos piedade daquelas criaturas e procuramos dar-lhes algum alento. Estive com eles agora, estas mãos limpavam feridas - a irmã exibiu as mãos.

- Não se aproxime! - ele gritou enojado.

- Posso levá-los. Terei muito prazer em mostrar onde é o acampamento; vocês sentirão o cheiro da carne apodrecida que paira no local.

Os homens estavam estarecidos. José foi o primeiro a sair da trilha.

- Dom Fernão, essa mulher pode estar contaminada, a doença é contagiosa. Eu já vi famílias inteiras ficarem doentes. As chagas espalham-se pelo corpo, exalando mau cheiro e apodrecendo tudo.

Com receio de encostar na freira, ele cuspiu-lhe no rosto.

- Sua maldita! Vou deixá-la ir, mas não ficará assim. Raquel não poderá ocultar-se no vale para sempre.

Irmã Filomena continuava a expor as mãos, que deixavam os homens mais temerosos de serem tocados. Pegou seu cavalo, montou e passou por eles em direção ao convento.

Fernão, vermelho de raiva, resmungou contrariado:

- Será verdadeira essa história? Precisamos investigar se existem leprosos no vale. Vamos voltar ao vilarejo e tirar informações

As pessoas tremiam só de escutar a menção ao vale; era considerado maldito e ninguém queria tocar no assunto.

- Freiras desgraçadas! Aquela irmã disse a verdade. E sei que Raquel está no meio deles... Pode contaminar-se com a doença. A infeliz não tinha lugar melhor para se esconder?

- Como chegaremos lá? - questionou José.

- Vou pensar, garanto que acharei um jeito - o chefe retrucou. Filomena entrou na sala da madre muito pálida, a ponto de desmaiar. Foi preciso fazê-la sentar-se para respirar melhor.

- Irmã Vitória, aquele homem achou a trilha e me esperou; pensei que seria morta. Para nossa sorte ele e seus homens têm enorme pavor só de ouvir falar nos doentes do vale. De qualquer modo, corremos risco de vida com ele por aqui.

- Sim, eu sei. Teremos de encontrar um meio de afastá-lo definitivamente deste lugar e de nossa irmã Rosária. Vamos pedir ao Mestre Jesus que nos ilumine.

As freiras perceberam que Fernão e seus homens passaram a observar a trilha todas as manhãs. Tendo comprovado que irmã Filomena não mentia, ficavam ali horas a fio esperando o retorno do grupo que visitava o vale. Sabedoras do quanto aquele homem era astuto, as irmãs temiam inclusive pela própria vida.

Embora Edgar tivesse um bom plano para tirar Rosária do vale, seria indispensável algum recurso para concretizá-lo. Até que isso fosse viável, os dois permaneciam piedosamente junto aos doentes.

- Irmã Rosária - dizia o jovem -, precisamos sair daqui. Acho que devemos ir para Granada. Junto dos mulçumanos, que praticam outra religião, dom Fernão e a Igreja não poderão persegui-la.

- O problema é que não temos como ir até lá. E como poderemos deixar essas pobres criaturas sem o nosso amparo?

- É melhor conversarmos com madre Vitória. Ela nos arranjará cavalos e algum mantimento. Sei que não será fácil atravessarmos a fronteira, mas nós o faremos, com a graça de Deus.

- Com dom Fernão vigiando as irmãs o tempo inteiro, será impossível trazer outros cavalos e mantimentos. Ele saberá que estamos em fuga.

- Temos de pensar numa forma de enganá-lo - falou o rapaz. A perspectiva de não ser mais perseguida dava algum alento à moça, que temia jamais ficar livre daquele homem.

Madre Vitória achou que a fuga para Granada com Edgar seria a solução mais adequada, apesar de obrigar Rosária a tirar o hábito. Além disso, enfrentariam muitos obstáculos, numa terra estranha e com outra língua. Não obstante, era a única chance de tentar salvá-lhe a vida.

Fernão e seu grupo não davam trégua na vigilância do caminho. Para passar por eles seria necessário descer com dois cavalos sem levantar suspeitas, e isso teria de ser feito por pessoas de confiança, habitantes da própria vila.

Naquele dia, após muitos esforços, superadas essas dificuldades e realizados os acordos para a fuga, as irmãs arrumavam a carroça para a volta ao convento. Comovida, madre Vitória despediu-se dos dois jovens que iam se aventurar por um futuro incerto. Todos choravam de emoção.

Já no retorno as quatro freiras iam caladas, pensativas e tristes. Irmã Rosária se fizera muito querida entre as freiras. No meio do trajeto tiveram uma surpresa: os homens de Fernão apareceram armados, impedindo que prosseguissem.

- Boa tarde, madre Vitória. Fez um bom passeio neste dia radioso? - com seu conhecido tom sarcástico, o homem tirou a superiora da carroça, pegando-a pelo braço.

- Sim, muito bom, graças a Deus, senhor - respondeu altiva encarando-o, atitude que o irritou.

- Vamos deixar de conversa! Ficaremos aqui com três irmãs e uma escolhida irá buscar Raquel. Se não regressar em três horas matarei as outras três; não tenha dúvida do que afirmo. E digo mais: passadas duas horas começarei cortando as orelhas; depois serão a língua e os dedos de cada uma. Portanto, irmã Filomena, que me parece a mais esperta, vá agora mesmo e volte a cavalo trazendo Raquel.

Em seguida o chefe ordenou a José que desatrelasse dois cavalos da carroça. Filomena montou um e puxando o outro voltou ao vale.

-Tenho certeza de que a pegaremos! Raquel não permitirá que morram por ela -Fernão falou fixando os olhos na madre superiora.

Irmã Vitória perguntou:

O que essa moça fez ao senhor? Por que lhe tem tanto ódio? O homem alçou o olhar, de semblante fechado.

- Ela, nada. É apenas meu instrumento de vingança.

- Dom Fernão, eu imploro - a madre caiu de joelhos. - Em nome de Deus, pela misericórdia de seu filho Jesus, deixe irmã Rosária em paz. Ela é uma boa alma, quer unicamente continuar vivendo no convento. Como o senhor disse, não lhe fez mal algum. A vingança fere não só os nossos inimigos, como também, e acima de tudo, a nós próprios. Jesus nos ensinou que devemos perdoar para sermos felizes. Por certo bate um coração dentro desse peito, apesar de sua aparência insensível.

- Engano seu, irmã, há muito meu coração é amargo como fel. Todo o amor morreu, só restando o ódio, e o que me alenta é antever o doce sabor da vingança. Vivo por isso há longos anos e estou prestes a chegar ao fim proposto. Agora cale a boca, ou sua língua será a primeira a ser cortada.

Como serviçal eficiente, José avançou em direção à madre com a faca na mão, numa clara ameaça.

A religiosa percebeu quanto o ódio endurecera o coração daquele homem, que não media as consequências para atingir seu objetivo. E não havia palavras que o fizessem mudar de atitude.

Filomena voltou ao vale assustada e pálida, sem energia sequer para falar. A sua simples chegada já foi para Edgar e Rosária a evidência de que algo muito grave acontecera. Quando tomou fôlego ela alertou:

- Edgar, vocês precisam fugir. Dom Fernão está com seus homens na colina. Detiveram nossas irmãs e prometeram matar todas se eu não levar irmã Rosária.

A pobre moça perdeu a cor, parecia desfalecer. Sentiu com se o chão se abrisse para tragá-la. O desespero tomou conta de sua mente e o pavor de encontrar o incansável perseguidor dominava o seu ser. Com muito sacrifício articulou algumas palavras:

. - Não há saída para mim, terei de subir a trilha e entregar-me. Já deveria ter feito isso no convento; pelo menos estaria protegida por Antônio até a casa do bispo. Agora ficarei totalmente à mercê daquele homem e de seus asseclas sem moral.

Edgar procurava não se agitar, refletindo em busca de uma solução.

- Estou pensando em procurar Antônio, talvez possa nos ajudar.

- Não dá mais para isso - Filomena esfregava as mãos, aflita. - Se não estivermos lá dentro de uma hora, as irmãs serão mutiladas.

O jovem ficou aterrorizado.

- Sim, meu rapaz, ele prometeu cortar orelhas, língua e dedos de cada uma se não aparecermos no prazo previsto.

Rosária caminhava de um lado para outro.

- Temos pouco tempo. Vou pegar o cavalo e entregar-me- é a única maneira de impedir que nossas irmãs sofram ainda mais agressão.

- Vou com vocês - decidiu Edgar. - Quem sabe conseguiremos ter alguma ideia pelo caminho.

Ao percorrer a trilha os três pareciam bonecos, mudos e pálidos. Filomena temia pela vida de todos, ainda que a amiga se entregasse. O coração de Edgar batia disparado e um turbilhão de pensamentos

povoava-lhe a cabeça, à procura de uma saída. Quanto a Rosária, repassava na mente os recentes anos atribulados de sua vida, achando que seria melhor encerrar de vez os dias de sobressalto. De fato, concluía, seria preferível morrer na fogueira.

Durante os últimos dias, cientes dos planos de Fernão, os amigos espirituais do convento - entre eles Jacó - estavam especialmente empenhados em ajudar as irmãs.

Frei Bernardo, que amparava irmã Vitória, tentou aplacar a a: gústia do companheiro diante da situação de Raquel.

- Meu caro Jacó, vamos auxiliar nossos encarnados com orações, infundindo-lhes paciência e resignação nas provações. Eu e irmão José iremos para junto de Antônio e tentaremos trazê-lo para cá. Sua presença irá amenizar a situação de Raquel. Enquanto isso, conceda seu apoio a ela, fortalecendo-a para enfrentar a dura prova que há de vir. Lembre-se: não nos é dado mudar as atitudes dos encarnados, pois devemos respeitar o livre arbítrio; contudo, podemos intuí-los para atenuar o sofrimento do resgate violento. Se o infinito amor do Pai nos permite traçar nossos caminhos, também nos torna responsáveis pelos resultados das escolhas que fazemos. A semeadura é livre, já a colheita é obrigatória. Hoje dom Fernão planta o que colherá no futuro.

Frei Bernardo procurou intuir Antônio a pedir permissão ao bispo para retornar ao convento. Devido a seu bom coração, desprendido do corpo durante o repouso físico ele recebeu a orientação e às primeiras horas da manhã foi cumpri-la; o amigo espiritual o acompanhou.

Como chefe da guarda, Antônio tinha livre acesso ao bispo, que encontrou fazendo a primeira refeição.

- Bom dia, senhor. Trago-lhe um assunto que considero urgente. É sobre aquele dom Fernão. Não creio que seja pessoa digna de confiança; esteve muito alterado no convento e se o deixarmos agir

por conta própria é capaz de cometer barbaridades. As irmãs merecem nosso respeito e nossa proteção. Acho, francamente, que aquele homem age em função de seus interesses particulares, tentando usar o nome da Igreja e, portanto, o do senhor.

O bispo balançou a cabeça em sinal de aprovação.

- Gosto de suas opiniões sinceras. Já demonstrou muitas vezes ser um homem sensato, por isso o coloquei como chefe de minha guarda. Eu também não gostei das atitudes do senhor Fernão; só aceitei ajudá-lo por ter sido recomendado pelo bispo de Toledo. No entanto, se adotar alguma atitude violenta, ele terá de se ajustar comigo pessoalmente.

Antônio alegrou-se: o senhor bispo e ele tinham a mesma opinião.

- Por esse motivo venho solicitar meu retorno com a tropa ao convento. Sinto que nossas irmãs estão necessitadas de proteção.

Nos minutos em que o bispo avaliava o pedido, frei Bernardo tentava intuí-lo para que tomasse a melhor decisão.

- Acho que você tem razão. Volte ao convento e fique lá até que dom Fernão saia da região.

Imediatamente Antônio reuniu a tropa e pegou o caminho para o convento; tinha a intuição de que o tempo de viagem deveria ser o mais breve possível.

Jacó, encarregado de acompanhar a filha, procurava encorajá-la na fé em dias melhores. Todavia, os pensamentos da moça estavam tão conturbados que a impediam de captar a presença do paj. O sentimento de desamparo e solidão tomara conta de seu coração-era como se caminhasse no vazio, sem nenhuma perspectiva.

Enfrentando o difícil percurso naquela corrida contra o tempo, os três chegaram onde Fernão mantinha reféns as outras irmãs. Quando percebeu a aproximação da moça, seu rosto iluminou-se num grande sorriso e ele gritou:

- Afinal consegui encontrá-la! É pena que não possa pôr as mãos no velho Jacó.

O grupo parou. Edgar postou-se ao lado de Rosária, que cambaleou ao deparar com a temida figura. Envolvida por Jacó, falou com voz firme:

- Dom Fernão, se é a mim que quer, estou aqui. Solte as outras irmãs.

- Soltarei quando se aproximar o suficiente, senão as mutilarei. Quer ver? Vou cortar primeiro a orelha da madre superiora.

A jovem deu cinco passos para a frente.

- Solte as irmãs. Só chegarei mais perto se as deixar livres para irem. Fernão continuava com a faca no pescoço de irmã Vitória.

- Venha, não tenho muita paciência. Se demorar vou cortar o pescoço de sua madre.

Rosária tirou com rapidez o punhal que Edgar trazia na cintura e encostou a lâmina no próprio peito, segurando-o com as duas mãos. O rapaz assustou-se e ficou imóvel, temendo fazer algum movimento em falso.

Jacó colocou-se na frente da filha e pediu mentalmente que se controlasse. Mentalizou frei Bernardo, rogando sua ajuda; em segundos o protetor também estava a seu lado.

A moça manteve atitude firme.

- Dom Fernão, sei que me quer viva. Se não libertar as irmãs, acabarei com minha vida agora mesmo.

Embora não tivesse a intenção de soltar as freiras, o agressor tampouco esperava aquela atitude. Percebeu que ela não estava apenas jogando, que realmente cumpriria a ameaça se as senhoras não fossem soltas. Por isso deu ordem para que seus homens o fizessem. Ao ver as amigas livres, Raquel reuniu todas as suas forças e enterrou o punhal no próprio peito, caindo agonizante.

- Não, minha filha! - gritou madre Vitória, correndo para junto dela. Edgar deu um pulo, na tentativa desesperada de impedir o ato insensato, porém já era tarde demais.

Fernão, alucinado, ordenou a seus comparsas que matassem todos. Nesse momento surgiu a tropa de Antônio, que guiado por frei

Bernardo, no plano espiritual, resolvera descer pela trilha e acabara presenciando os últimos acontecimentos. Jogou seu cavalo sobre os homens de Fernão, impedindo o massacre.

Rosária debatia-se em agonia. Edgar ergueu-a nos braços, deitando-a em lugar mais confortável. O rapaz chorava muito. Irmã Filomena, que tentava amenizar o sofrimento da moça, virou-se para a superiora.

- Madre, nossa querida irmãzinha está morrendo e nada podemos fazer por ela; só pedir a compaixão divina.

Madre Vitória ajoelhou-se junto dela, chorando baixinho:

- Minha filhinha, que Jesus tenha compaixão de sua alma!

A jovem deu um suspiro e desencarnou. Ao redor, havia desolação em todos os semblantes.

Os homens de Fernão estavam agora sob o controle da tropa do bispo. Antônio carregou o corpo sem vida e todos se encaminharam para o convento. Fernão ia calado junto aos homens da guarda.

A chegada foi muito triste; não havia quem não chorasse a morte de irmã Rosária.

Fernão aproximou-se de Antônio e pediu para ir até Sevilha conversar com o bispo; queria ser autorizado a levar o corpo para o castelo do conde Felipe. O outro, indignado, respondeu áspero:

- Dom Fernão, o senhor e seus homens quase cometeram um massacre - se eu não viesse a tempo teriam matado a todos - e ainda me pede para levar o corpo? A pobre morreu por sua culpa e sei que não tem parentes por lá. Acho que se complicou demais e terá de dar explicações ao bispo pelo que vimos. O senhor e seus homens não deverão sair ilesos. Por certo teria matado todos os outros se houvesse conseguido pegar a moça viva. Sua maldade não tem limites, falta Deus em seu coração. Não há nada que justifique atos de tanta violência.

Mantendo uma atitude fria, Fernão respondeu:

- Dom Antônio, eu tenho convicção de que o senhor bispo me autorizará a levar o corpo. Venho de longe atrás dessa moça e sou recomendado pelo bispo de Toledo, a quem dom Manuel não fará essa desfeita.

Por julgar inoportuno prolongar a discussão, Antônio destacou dois homens para acompanhá-lo até Sevilha. Desejava que dom Manuel ficasse a par de toda a história.

Madre Vitória não quis que fosse apresentada ao bispo queixa da tentativa de assassinato dela e das outras irmãs. Rosária não mais vivia e era isso que importava; a tristeza que sentia era enorme, pois sua filhinha - assim era ela para a superiora - tirara a própria vida num ato precipitado, comprometendo sua felicidade futura. A madre sofria como se a tivesse perdido para sempre; e lhe causava grande desolação imaginar o acerto de contas que a jovem teria para com as leis de Deus.

Irmã Filomena trouxe um chá para acalmá-la. Vitória pegou a xícara, sorvendo alguns goles.

-Acho que nada me fará melhorar, pois sei que minha filhinha está sofrendo muito. O seu sofrimento parece ecoar aqui no meu coração. Só nos resta pedir a Deus que tenha misericórdia de sua alma suicida. Meu Jesus!... Se Antônio tivesse chegado alguns minutos antes, tal tragédia teria sido evitada.

- Irmã Rosária amava a vida, os nossos doentes, os animais, e tudo o que fazia era por amor - Filomena tentava segurar o pranto. - Sei que tomou essa atitude para nos salvar. Foi um momento de extremo desespero. Tenho a certeza de que Deus, de misericórdia infinita, levará tudo isso em consideração.

Madre Vitória tomava o chá, enquanto as lágrimas caíam de seus olhos.

## 32. A VINGANÇA

FERNÃO, ACOMPANHADO DOS DOIS homens de Antônio, cavalgava em direção a Sevilha. Precisava obter de dom Manuel a liberação do corpo de Raquel. Tinha em seu poder outra carta do bispo de Toledo, exigindo que em caso de morte ele fosse encaminhado para sua cidade, uma vez que era lá que corria o processo contra os bruxos Jacó e Raquel.

Dom Manuel ficou chocado com as notícias, deplorando a conduta de dom Fernão. Porém, diante dos documentos que portava, concluiu que não seria aconselhável retê-lo. Escreveu uma autorização para que ele retirasse o corpo do convento e o levasse a Toledo.

Os homens de Fernão tomaram todas as providências. As irmãs recolheram muitas flores do jardim para enfeitar o lugar onde depositaram o corpo da jovem. Fernão não voltou ao convento, pois não queria atritos no momento da saída; encontrou-se com os demais já a caminho de Toledo. O grupo não entrou na cidade, seguindo direto para Medina do Campo - mais especificamente, para o castelo de dom Felipe.

Depois de longa e cansativa viagem, já nas terras do conde, formou-se um cortejo que aumentava na medida da proximidade do castelo. A guarda baixou o portão principal e todos entraram.

Felipe repousava em seu quarto quando foi acordado por um dos servos.

- Senhor conde, dom Fernão está aí no pátio. Trouxe a moça Raquel morta; parece que se matou para não cair nas mãos dele.

- Como esse maldito conseguiu encontrá-la?

O conde não podia crer no que acabara de ouvir. Levantou-se bruscamente e desceu, caminhando para a porta principal.

Nesse instante a condessa também descia as escadas, atraída pelo alvoroço que vinha do pátio. O marido pegou-lhe as mãos, tentando impedi-la de ir até a porta da frente. Ela o olhou e indagou:

- Senhor, o que acontece? Nosso castelo está sendo invadido pelos mouros?

Ele baixou os olhos ao responder:

- Talvez fosse melhor sofrer uma invasão. Nosso inimigo, dom Fernão, está aí fora; encontrou Raquel e a trouxe... morta.

Constância mal ouviu as últimas palavras. Perdeu os sentidos. A serva Maria correu para tentar reanimá-la. Quando voltou a si, compreendeu a situação e caiu numa incontrolável crise de choro.

Felipe dirigiu-se para o pátio. Chorou ao contemplar a bela jovem inerte. Lembrou-se de Alejandra, de seus últimos minutos de vida e de quanto ela o amava.

Fernão adiantou-se com um sorriso. Parecia feliz,

- Senhor conde, quero estar a sós com sua família no salão principal. Precisamos conversar. Trouxe-lhe o corpo de Raquel porque achei que gostaria de lhe dar uma sepultura junto à de seu filho.

O castelão fez um gesto de consentimento com a cabeça e logo os homens de Fernão colocaram o corpo no salão, retirando-se com as outras pessoas. Quando a condessa viu Raquel morta foi incapaz de controlar o choro; acercou-se da mesa onde ela fora posta, inconformada.

- Minha filha querida, o que fizeram com você?

Fernão sorria maldosamente. Estava alcançando o objetivo de tantos anos! Chegara o momento de o conde saber toda a verdade sobre a maternidade de Raquel. Entretanto, ele estava tão emocionado que não registrou as palavras da esposa.

Aproximando-se de Constância, o vingativo homem elevou ligeiramente o tom de voz:

- Dom Felipe, pergunte à sua esposa o porquê de eu trazer o corpo de Raquel para este castelo.

A mulher continuava em pranto, debruçada junto ao corpo.

- Senhor conde, Raquel é filha da condessa! - Fernão gritou por fim.

- O segredo ficou guardado todos esses anos por aqueles que presenciaram seu nascimento.

O castelão não entendia bem o que estava sucedendo, e até onde aquele homem pretendia ir.

- Senhor - insistia -, pergunte a dona Constância quem é a mãe de Raquel.

A essa altura Maria, a serva antiga e fiel, que via e ouvia calada num canto, chegou perto do conde, enxugando as lágrimas que lhe caíam dos olhos.

- Se é para a verdade vir à tona, então que venha com todos os detalhes, sem esconder os realmente culpados.

O conde encarou a esposa, furioso, e a seguir voltou os olhos para Maria.

- O senhor sabe de minha dedicação de tantos anos. Tenho assistido pacatamente ao sofrimento de minha senhora, às suas aflições e aos tormentos de seu coração. Ela jamais o traiu. Ao contrário, o que fez foi para protegê-lo. Esse maldito, que agora quer jogar lama na sua honra, foi o responsável por tudo.

Fernão sacou um punhal, disposto a fazer a velha criada silenciar a qualquer custo. Foi impedido por Felipe, dotado de maior porte físico.

- Fale, Maria, fale a verdade em nome de Deus!

Sem conter as lágrimas, a mulher passou a relatar o que sabia.

- Em uma de suas ausências, que durou meses, enquanto o senhor estava no campo de batalha, dom Fernão maculou a honra de minha senhora, entrando pelas sombras em seus aposentos, como um bandido. A condessa quis morrer depois de ato tão vil. Eu e Antônio tivemos de vigiá-la durante dias e dias para que não cometesse uma loucura.

Nesse ponto o conde avançou possesso em direção a Fernão, cujos homens, que a pequena distância presenciaram a investida, o imobilizaram. Maria continuou a dolorosa narrativa.

- Decorrido algum tempo, minha senhora percebeu que uma criança crescia em seu ventre. Passou os meses seguintes sob a cruel ameaça de que o senhor seria entregue ao rei como traidor, se ela ousasse

dizer a verdade, e ninguém acreditaria em sua palavra de vítima. Quando nasceu a menina, dona Constância teve medo de uma represália, tanto de sua parte como de dom Fernão. Ela temia pela própria vida, pela da criança e também pela do senhor. Foi quando Sara e Jacó, conhecedores de toda a trama, levaram Raquel e a criaram como filha.

Maria ajoelhou-se à frente do conde e exclamou em tom de súplica:

- Perdoe minha senhora! Ela tem sofrido por todos esses anos, tentando protegê-lo desse homem desprezível.

Enquanto Fernão ria desvairadamente, o conde, sentindo-se humilhado e ultrajado, questionava:

- Afinal, o que lhe fizemos para nos castigar dessa maneira, dom Fernão? A princípio sua chantagem parecia ser fruto de pura ambição, mas agora sabemos que é uma vingança muito bem articulada. O que o senhor tem contra nós?

O homem chegou bem perto e com a mão em seu ombro obrigou-o a ajoelhar-se. Dominado pelos asseclas do agressor, dom Felipe tinha o rosto quase no chão, junto dos pés de Fernão. Este falava aos gritos, histérico:

- Quero que sofra na carne o que sofri, senhor conde. Acha que não tenho coração? Sim, tenho um coração magoado, mutilado pela dor infligida por você, por seu pai e por todos os seus comparsas que, em nome de uma guerra santa, em nome do homem crucificado, espalham tragédia e sofrimento.

O castelão não podia entender o sentido daquelas acusações.

- Mas onde e por que provocamos tanto sofrimento, para merecer vingança tão cruel? Em uma guerra, os dois lados matam e ferem.

Fernão aproximou-se mais, mostrando o rosto e a marca de um ferimento de espada no peito.

- Claro que o senhor não se lembra de mim, por isso vou aclarar os fatos. Eu e minha família vivíamos felizes nos arredores de Alméria, onde tínhamos uma bela propriedade. Minha mãe, que era cristã, fora feita escrava numa batalha que meu povo travara com os

crístãos. Mulher de notável beleza, logo conquistara o coração de meu pai, que a levava para suas ricas terras - terras essas que prosperavam, tal como os filhos que vieram. Éramos seis: dois homens e quatro mulheres. Com os anos, todos cresceram e levaram os respectivos cônjuges para também viverem naquele lugar. Eu estava feliz, minha esposa esperava nosso primeiro filho.

Dom Fernão quase sorria ao relembrar os dias em que fora feliz. De súbito seu semblante de fechou por completo, de seus olhos brotaram lágrimas que lhe escorreram pela face. Ele prosseguiu:

- Numa tranquila tarde de junho nossa propriedade foi invadida por cristãos, que roubaram nossos animais e nossas jóias, e queimaram nossas plantações. No meio dos soldados, lembro-me de dois em especial: um homem de meia-idade, que tinha nos olhos ambição desmedida e que roubava os nossos bens de maneira voraz, e seu filho ainda muito jovem. O grupo matou meus pais e meu irmão. Abusou de minha esposa, que enlouqueceu e perdeu o bebê, morrendo no parto. Violou também a honra de minha irmã, que acabou grávida de seu algoz e enlouqueceu logo após o nascimento do bebê, pondo fim à própria vida. Realmente, senhor conde, não me diga que meu relato não lhe traz nenhuma recordação. Era seu pai quem chefiava o grupo.

O homem abriu a túnica e mostrou novamente o ferimento.

- Não se lembra da ferida que abriu no meu peito? Só não fui morto porque, estando desmaiado, achou que eu tinha morrido. Não se recorda também da moça pura, quase menina, na qual deixou uma semente? Quando me recuperei não tinha mais coragem para viver, pois haviam tirado tudo o que mais amava. Você arrancou do meu peito um coração feliz que pulsava. Agora o que resta são apenas os sentimentos que me nutrem e me mantêm vivo: ódio e vingança, porque quero que viva como eu, sem coração no peito, sem felicidade alguma.

Fernão interrompeu o relato por instantes, fosse porque as recordações lhe pesassem, fosse para reavivá-las na mente de dom Felipe.

- Entrei no seu lar e tirei os seus bens. Sempre acreditou que eu tinha provas da traição de seu pai e dos demais nobres da região contra o rei, mas não tenho nada. Somente os levei a ideias separatistas e forcei reuniões que jamais aconteceram. Mantive-o todos esses anos achando que possuía documentos que o comprometeriam. Eles não existem, assim como não existiu traição de seu velho pai. Abusei de sua honra e de sua esposa. Raquel é minha filha, filha de minha vingança contra você. Meus homens, infiltrados na sua tropa, passaram todas as informações sobre onde estavam acampados e tratamos de acabar com o seu filho predileto, jovem belo e forte que teve o mesmo destino de meu irmão. Seu filho que se apaixonou pela própria irmã! Meu caro conde, trago-lhe mais uma notícia: seu cunhado e toda a família dele, assim como seu filho

Augusto, pereceram por envenenamento. Introduzi uma serva na casa de seus parentes com a tarefa de, sob minhas ordens, colocar um poderoso veneno nos alimentos que iam ingerir, e morreram todos. Minha vingança está completa. Quis deixá-lo vivo para arrancar seu coração do peito.

O castelão gritou aos prantos:

- Maldito! Mil vezes maldito! Estávamos em guerra! Quantas vezes os mouros não destruíram nossas propriedades, nossas cidades, fazendo-nos escravos? Numa guerra, os dois lados cometem crimes e exageros.

Constância não ouvia mais nada. Saber que seu filho Augusto também fora vítima de Fernão lhe provocara outro desmaio.

Não satisfeito, o impiedoso vingador mandou que José trouxesse seu sobrinho, que estava do lado de fora. O garoto entrou e ele falou com ironia:

- Senhor conde, a quem lembra este rapaz?

Felipe não olhou. A um sinal de Fernão, um dos soldados ergueu-lhe o rosto à força, fazendo-o encarar o menino.

- Olhe como se parece com Alejandro... Seria belo, não fosse pela fisionomia de idiota. Quanto orgulho de ter filhos fortes e perfeitos! Mas este imbecil também é seu filho, fruto de sua impiedosa agressão à minha irmã. Francisco foi criado por mim com o único propósito de puni-lo. Não permiti que ninguém se aproximasse dele, nunca lhe dirigi uma palavra. Não desenvolveu o raciocínio nem a fala, passou a vida toda trancado sem nenhuma atenção. Hoje lhe trago o filho idiota, pois os sádios não tem mais!

Fernão encerrou a última frase com uma sonora gargalhada.

- Estou deixando suas terras e voltando para meu povo, porque não me sobrou nada a fazer neste lugar que tanto odeio. Consumei minha vingança. Arranquei-lhe o coração.

Fitou o conde com o olhar do mais intenso ódio e sentenciou:

Agora, sua dor é igual à minha.

- Diga-me, dom Fernão, por que perseguiu o velho Jacó. Foi só por ter criado Raquel? - o conde ainda tentava compreender a situação.

O outro chegou mais perto para dar a resposta:

- Não. Aquele cretino descobriu que sou mouro e associou minha origem com meus planos. Esperava o seu retorno para me trair. Estragaria meus planos e me impediria de consumir a vingança que me fez viver todos esses anos.

Dom Felipe já não se movia, não falava, não pensava; apenas sentia uma dor indescritível, como se uma espada lhe tivesse aberto o peito, arrastando-o num turbilhão de sentimentos descontrolados, como um tufão que destrói, sem deixar nada de pé.

Fernão e seus homens tinham dominado toda a guarda do castelo e se retiraram sem que ninguém os impedisse, cavalgando horas sem olhar para trás. Ele terminara o que levava anos para realizar, porém não sentia ainda o sabor que, segundo imaginara, a vingança deveria trazer. Para alcançar seus objetivos destruíra inocentes,

cortara vidas jovens, e nesse momento todas as vítimas pareciam persegui-lo em sua mente, tirando-lhe o brilho da vitória. As duas entidades que o manipulavam - sua irmã e seu pai - se achegaram mais, tentando usufruir a vingança.

Já estava tudo pronto para ele em Granada: um cargo importante junto do sultão, uma fortuna e boa posição social. Tudo de que necessitava para recomeçar a vida, pensava. Viver com seu povo, suas crenças e seus costumes. Tantos anos de sacrifício tivera, passando-se por cristão... Tantos anos fingindo o que não era, no meio de seus inimigos!

Quantas vezes fora obrigado a mudar seus planos... E se Jacó não tivesse atravessado seu caminho, há muito teria concretizado a vingança. Mas agora tudo parecia ganhar distância, ia ficando para trás como o castelo da Mota. Enterrara o passado junto com seus mortos queridos. Afinal estavam vingados e poderiam ficar em paz, depois de tantos anos de tormento.

No castelo, o conde ordenou que sepultassem Raquel ao lado do filho. Não tentara perseguir dom Fernão, pois sabia que mais derramamento de sangue não iria trazer-lhe consolo.

Mandou um emissário a Toledo para constatar a verdade sobre o envenenamento de Augusto e da família do cunhado. Tinha esperança de serem meras mentiras para desequilibrá-lo. Ao chegar seu enviado notou uma movimentação exagerada na casa de dom Júlio. Entrou e comprovou a tragédia; realmente, a família havia ingerido veneno na comida e estavam todos mortos, até os servos. Houve grande tumulto na cidade e logo as suspeitas recaíram sobre uma serva jovem de nome Marta, que sumira sem deixar vestígio. O mensageiro providenciou o transporte dos corpos para o castelo.

Anete não se perdoava por ter traído a irmã e o cunhado. Falara demais, confiara num traidor, e estaria perdida se alguém descobrisse sua contribuição na tragédia.

Os pais de Constância estavam inconsoláveis com a morte do filho, da nora e dos netos. Dolores não resistiu à dor de perder mais um filho, caindo seriamente enferma.

Logo após a partida de dom Fernão, Maria se deu conta da presença do rapaz que fora deixado no canto do salão. Assustado, ele vira uma sucessão de fatos muito ruins e, cheio de medo, procurara ficar quieto para não ser notado. Maria aproximou-se com gentileza, levando-o para a cozinha.

- Venha, meu rapaz, você deve estar com fome! Ele a seguiu sem opor obstáculo. Na cozinha a serva lhe deu um pedaço de pão e uma caneca de chá.

- Qual é o seu nome?

Com grande dificuldade ele respondeu.

- Francisco.

- Tem um bonito nome. O meu é Maria. O rapaz abaixou a cabeça. Carinhosamente a serva ergueu queixo e tornou a dizer:

- Meu nome é Maria. Com esforço Francisco o repetiu, o que foi recebido com um sorriso.

- Vou ensinar a você muitas coisas. Dom Fernão não conseguiu destruir a sua inteligência. Eu e meu marido nunca tivemos filhos. Agora Deus mandou você para que possamos dar o amor que lhe foi negado.

Sem que Maria pudesse ver, Isabel, a mãe de Fernão, em espírito presente entre eles, chorava emocionada porque finalmente seu neto encontrara alguém que iria ampará-lo.

Isabel era um espírito bom, e desde que tomara consciência de haver desencarnado quisera voltar para o lado de Fernão e da filha. Logo percebera que o filho não lhe ouvia os conselhos e que a filha, junto do pai, incentivava o irmão na vingança, até contra o próprio Francisco. A avó, que estivera ao lado dele todos aqueles anos, encontrou em Maria uma aliada.

A serva foi procurar Carlos, pois queria que conhecesse o meio irmão. O garoto estivera no salão e assistira a todo o desenrolar do drama. Não o achando em seus aposentos nem nas demais dependências do castelo, e não querendo trazer mais um motivo de inquietação a seus senhores, pediu ajuda a outros empregados para localizá-lo na área externa. A princípio pensaram estar escondido; o desespero da família frente ao relato de Fernão era tal que ninguém prestara atenção no menino. No entanto, as horas passavam e a fiel servidora mais se preocupava. Por fim, achou que teria de informar dom Felipe.

- Senhor conde, Carlos desapareceu. Já procuramos em todos os lugares onde costuma estar e não o encontramos. Não quero desgostá-lo ainda mais, porém temo que o nosso garoto tenha sido raptado pelo mouro.

Como se tivesse levado uma bofetada, o castelão saiu da posição estática em que permanecera durante as últimas horas. Imediatamente mobilizou a guarda do castelo e ordenou que investigasse as cercanias palmo a palmo. Depois de busca minuciosa, mas infrutífera, os homens retornaram sem trazer sequer uma pista. Diante disso, o conde só pôde concluir que a suspeita de Maria tinha fundamento.

- Meu Deus! - exclamou desesperado. - Aquele maldito raptou meu filho e o levou para Granada. Se chegar lá, não poderemos mais resgatá-lo.

Mandou chamar o comandante da tropa e determinou que fosse iniciada a perseguição a Fernão e seus homens. Reunidos rapidamente no pátio, todos os soldados saíram em disparada no calço do mouro. Depois de vários dias de busca, não conseguiram alcançar o grupo, que havia atravessado as fronteiras, entrando em domínio mulçumano.

Constância, quando soube do desaparecimento do único filho que lhe restara, quase enlouqueceu. Já não era capaz de se alimentar sozinha, perdera totalmente a noção de si própria. A mãe, dona

Dolores, desencarnara sob o peso da tristeza. O pai e a irmã, desolados com os trágicos acontecimentos, voltaram para casa. Anete queria esquecer tudo e criar os filhos longe de tanta infelicidade.

O único objetivo na vida de dom Felipe passou a ser recuperar o filho. Os anos seguiram seu curso e, mesmo usando toda a influência que tinha junto ao rei, não descobriu uma única pista. Só sabia, para seu maior desconsolo, que o garoto havia sido escravizado.

Olhava para a pobre esposa e lamentava ter sido tão rude com ela em outros tempos. Procurava compensar com atenção e carinho os momentos dolorosos e as perdas que Constância sofrera. No entanto, nada parecia alterar seu estado de alienação.

Por outro lado, a vida infeliz fez aumentar cada vez mais o ódio que o conde nutria por dom Fernão, ódio que se arrastaria por séculos e renderia muito sofrimento para os dois espíritos perturbados pelo desejo de vingança e pelos impulsos violentos.

### **33. RESGATE PELO AMOR**

MADRE VITÓRIA E AS outras freiras prosseguiram com seu trabalho junto aos necessitados da região. As abnegadas irmãs conservavam grande carinho por Raquel, a quem chamavam de irmã Rosária, e nunca deixaram de orar por ela.

No momento do desencarne a jovem sentiu a ferida se abrir no peito numa dor infinita. Sabia que ia perdendo a vida física, e não conseguia falar. Em seguida desmaiou, desligando-se do que ocorria ao redor; quando voltou a si o sangue lhe jorrava do peito, faltava-lhe o ar. Ainda presa ao corpo, tinha muita sede e o frio a

invadia da cabeça aos pés. Desesperada, procurou a ajuda das irmãs Filomena e Vitória, que intuíam sua presença angustiada e com orações lhe proporcionavam algum alívio.

Raquel perambulou pelo convento e pela trilha do vale, revivendo toda a dor até chegar de novo ao desmaio. Passadas algumas horas nesse sofrimento, começou a ter noção de que desencarnara e aquelas sensações eram do espírito. Lutava para se defender de criaturas que insistiam em atacá-la, encostando-se ao corpo frio na tentativa de se esconder, mas sentia estar sendo devorada.

Ficou apavorada quando percebeu que dom Fernão estava à espera na estrada para Toledo. Entidades assustadoras acompanhavam a tropa, lançando-lhe pesadas acusações. Muitas vezes perdeu os sentidos, e ao se recobrar constatava que permanecia ali. Queria fugir daquele homem e das criaturas horríveis que lhe causavam enorme tormento.

A visão do castelo ao longe era aterradora; sombras negras penduradas nas torres gritavam seu nome num coro sinistro e repetiam as acusações:

-Assassina, assassina! Bruxa maldita!

Ao ver a condessa desesperada e descobrir toda a história de seu nascimento, a dor aumentou. Apesar de atormentada, aos poucos se conscientizou da tragédia que acreditava ter provocado. Arrependeu-se de haver tomado a atitude extrema contra a própria vida; sim, não tivera fé suficiente para enfrentar um momento tão difícil. A ferida não parava de sangrar e ainda sentia o punhal cravado no peito, impedindo-a de respirar. Pelas convicções religiosas que possuía, pensava que não merecia salvação, estando condenada ao fogo do inferno.

Sucederam-se dias intermináveis, sem que pudesse desligar-se do corpo físico. O cheiro putrefato lhe dava náuseas e por mais que tentasse era incapaz de se afastar. A ideia da condenação eterna ao fogo do inferno a intimidava de orar pela ajuda de Deus. O ferimento continuava aberto no peito e as vestes estavam rasgadas.

A sede lhe queimava as entranhas. Esgotada, sentava-se junto ao túmulo e chorava.

Frei Bernardo e Jacó ficaram perto dela desde o prematuro desencarne, impedindo que criaturas inferiores a arrastassem a lugares mais infelizes, o que lhe causaria maiores sofrimentos. O primeiro explicou:

- Jacó, o ato contra a vida nunca pode ser justificado. Raquel sofre agora terríveis consequências. Contudo, tem méritos espirituais e atenuantes na atitude que tomou. Sua bondade e seu amor ao próximo têm permitido que receba nossa assistência. Ela teve um ato precipitado porque se sentiu acuada. Não pensava somente em si; também estava, a seu modo de ver, defendendo as irmãs. Pobre Raquel! Agora passará por muitos sofrimentos. Assim que tiver condição de elevar a mente, buscando consolo na oração, poderemos recolhê-la. Se houvesse resistido e enfrentado a provação, teria feito um resgate importante e evitado grandes dores para o futuro.

A jovem percebeu que seu corpo físico apodrecia. Sentiu que, embora enterrada, permanecia viva. Refletiu muito e arrependeu-se do ato arrebatado que lhe tirara a vida física. Todas as vezes em que se lembrava de dom Fernão com a faca no pescoço de irmã Vitória, sentia pavor. Era como se a cena voltasse e ela revivesse todas as sensações e toda a dor da tragédia.

Influenciada por frei Bernardo, acabou por se recordar do meigo Jesus e das passagens do Evangelho lidas e explicadas com tanta clareza pela madre superiora, quando estava no convento. A partir de então, emocionava-se muito pedindo ajuda ao Mestre. Seu coração ia se acalmando e ela alcançava um pouco de paz quando pensava nas reuniões do convento. As crises de desespero foram diminuindo com o tempo. Até que em uma tarde, com o coração cansado de sofrer, orou pedindo a Jesus que não a desamparasse.

"Vinde a mim, todos os que estais em sofrimento e vos achais carregados, e eu vos aliviarei."<sup>13</sup> As palavras do Mestre lhe vinham à

mente e ela as repetia no coração. Frei Bernardo tornou-se visível aos seus olhos e segurou-lhe as mãos. Emocionada, ajoelhou-se a seus pés, beijando-os e implorando perdão. O amigo espiritual a levantou, abraçando-a.

- Venha, minha querida, eu e seu pai Jacó esperamos meses por este momento para podermos tirá-la daqui.

- Meu frei - disse a moça, comovida -, sei que estou condenada ao fogo do inferno, mas por misericórdia de Deus obtive a graça de sua presença.

- Minha querida, não existe esse inferno em que acredita. Deus em sua infinita bondade, não admitiria um castigo eterno para seus filhos. Venha, agora precisamos tirá-la daqui para descansar.

Jacó, que a comoção levava às lágrimas, abraçava a filha.

Raquel estava tão frágil que não conseguia caminhar. Frei Bernardo pediu a alguns auxiliares espirituais que os acompanhavam para colocá-la numa maca, a fim de poderem recolhê-la.

Naquela tarde irmã Vitória sentia o coração mais leve. Algo lhe dizia que sua filha amada de tantas encarnações ficaria melhor depois de um período de muito sofrimento.

A madre demorou poucos dias a ter conhecimento dos fatos nefastos ocorridos no castelo da Mota e de toda a tragédia que envolvera os familiares do conde. Tocada de imensa piedade, em nenhuma situação deixou de orar por eles e por dom Fernão.

<sup>3</sup> Mateus, capítulo 11, versículos 28 a 30.

## 4. UMA RAZÃO DE VIDA

OS MULÇUMANOS FORAM PERDENDO território e no século XIV estavam restritos ao sul, no reino de Granada. Lá conseguiram resistir aos ataques dos cristãos graças à configuração geográfica e à sua estrutura defensiva composta por castelos refúgio, torres de vigia e muralhas urbanas. Os sultões contavam com o apoio de um exército combativo e de uma marinha eficaz, que impediam os avanços dos cristãos.

A cidade de mesmo nome, capital do reino, na época era a mais populosa da Europa, com 50 mil habitantes. Capital fortaleza, cercada de montanhas e muros, era bastante agradável e muito semelhante a Damasco. Tendo sido fundada por mulçumanos, Granada apresentava aspectos típicos de uma cidade islâmica. A grande mesquita era rodeada de uma série de ruas estreitas.

Dom Fernão tinha todo o esquema da fuga preparado quando saiu do castelo da Mota. Levava Carlos consigo, mesmo que tivesse de fazê-lo diante do conde e de sua família. Porém foi mais simples do que imaginava, já que todos estavam distraídos; um de seus homens retirou o garoto com facilidade. A vítima do rapto ficou amarrada e amordaçada por toda a viagem. Ao avistar a cidade de Granada, aquele homem de coração duro sentiu-se aliviado. Finalmente iria reconstruir sua vida. O sultão o aguardava de braços abertos. Foi recebido como herói, após ter passado anos planejando uma vingança bem-sucedida.

O conde Felipe, por sua vez, não se conformou com a situação, sabedor de que seu filho permanecia como escravo junto aos mouros. Jurou que o traria de volta, ainda que fosse a última coisa a realizar na vida. Abandonou os cuidados com as terras e o castelo; perdera o interesse por tudo. A ideia fixa de encontrar o filho era a única motivação que lhe restava para viver. Não tinha dúvida: no

dia em que Carlos voltasse para casa, Constância sairia do estado de letargia em que mergulhara e suas vidas iriam melhorar.

Em algumas ocasiões sentia ódio de dom Fernão; em outras transferia tal sentimento para a guerra da qual eram obrigados a participar, arrependendo-se do ato que praticara contra a irmã de seu inimigo. Não obstante o progresso de Francisco, que aos poucos se desenvolvia, o conde não podia aproximar-se do rapaz sem que o desafeto lhe viesse ao pensamento.

O sofrimento o transformara. Sua cabeça não se mantinha mais altiva e orgulhosa dos títulos de nobreza. Já era capaz de falar com alguma humildade.

O bispo de Toledo ficou furioso ao saber da tragédia. Sentiu-se enganado por um herege e resolveu também ajudar dom Felipe a tirar o garoto das mãos dos muçulmanos. Houve diversas buscas e vários espões foram colocados em Granada para tentar encontrar o garoto.

Dom Fernão tinha certeza de que o conde procuraria resgatar o filho. Por isso, num derradeiro ato destrutivo contra a família que odiava, e desejoso de apagar o passado, dera Carlos de presente, como escravo, a uma família que vivia no campo, afastada da cidade, dificultando assim qualquer informação efetiva.

O próprio rei, sensibilizado pelo caso, quis negociar com o sultão. Ofereceu alguns prisioneiros de guerra em troca do menino. Todavia, dom Fernão tivera o cuidado de ocultar do próprio sultão o paradeiro do garoto, dizendo que ele morrera durante a viagem.

O tempo passava e dom Felipe não perdia a esperança. Por fim, decidiu ir pessoalmente até Granada. Já haviam transcorrido dois anos e a falta de notícias o deixava cada dia mais inconformado.

Constância vinha apresentando alguns momentos de lucidez, que a tiravam da apatia que tomara conta de sua vida. O marido tinha certeza de que o regresso do filho a faria sair definitivamente daquele estado.

Para acompanhá-lo na viagem ele escolheu dois homens de sua confiança, que tinham grande habilidade em lidar com os mouros e conheciam muito bem a região de Granada. Visto que também tinha familiaridade com os hábitos dos muçulmanos, achou que não seria difícil passar pela fronteira e instalar-se na cidade. Possuía razoáveis noções da língua árabe e alguns castelhanos de suas antigas relações viviam lá. Uma vez que teria de adotar um disfarce, iria como mercador de tecidos e vinhos. Sabia onde adquirir os produtos para comercializar.

Na véspera da partida, a expectativa fez dom Felipe passar a noite em claro. Constância teve a percepção de que havia uma movimentação diferente no castelo e passou a se interessar. Ele entrou em seus aposentos, mas, apesar da hora tardia e dos ruídos decorrentes da sua presença, a esposa manteve os olhos cerrados. O conde se ajoelhou ao lado do leito, pegando-lhe a mão e prendendo-a entre as dele.

A condessa estava longe de ser a bela mulher de anos atrás. Tinha o corpo magro e o rosto pálido, com profundas olheiras. O cabelo todo embranquecido dava-lhe um aspecto de idade avançada. Já o castelão, a despeito do rosto emagrecido, ainda exibia traços de juventude. Ele chorou ao contemplar a figura da esposa e falou com emoção:

- Constância, sei que não fui um bom marido durante os anos de nossa convivência, e que todo o seu sofrimento foi ocasionado por meus desatinos. Não mereci o sacrifício que fez por mim. Quero pedir perdão por essa dor e por todo o tempo em que a obrigaram a guardar um grave segredo, sem poder partilhá-lo com ninguém devido à minha ignorância. Estou de partida e não sei se terei novas oportunidades para me desculpar com você. Quero neste instante de joelhos e em nome de Deus, prometer que moverei o céu e a terra para trazer nosso Carlos de volta ao nosso convívio.

Notando que algumas lágrimas corriam pela face da condessa, continuou comovido:

- Eu sinto que pode me ouvir e entender. Peço que se esforce para sair desse estado de tristeza e apatia em que mergulhou. Tenho confiança em Deus de que regressarei com nosso filho, e ele não gostará de vê-la nessa situação. Minha querida, tive informação de que Carlos está vivo, perto de Granada, e isso me motivou a ir lá buscá-lo.

Ela abriu os olhos e fitou-o, porém seu semblante permanecia vazio de expressão. O conde deu um sorriso.

- Sei que é uma notícia muito vaga, mas é a primeira em dois anos! Irei com dois homens até Granada, onde passarei por mercador, para assim ter liberdade de pesquisar tudo a fim de descobrir o paradeiro de Carlos. Se realmente ele estiver em alguma pequena vila ou em uma propriedade rural, será ainda mais fácil localizá-lo e trazê-lo para casa.

Apesar da imobilidade, a esposa lhe dava a impressão de estar atenta.

- Minha querida, eu sei que me entende. Vamos nos agarrar à única esperança de vida que nos resta. Tenhamos fé em Deus de que logo estaremos sorrindo com nosso filho.

A mulher teve uma crise de choro. Era a primeira vez, desde a tragédia, que conseguia chorar.

Aquelas duas criaturas curvadas pelo sofrimento choraram juntas, abraçadas.

- Constância, cuide-se. E prepare o castelo para o regresso de nosso filho. Não quero essa tristeza toda para recebê-lo. Abra as cortinas e ponha um vestido bonito. Mandarei um mensageiro na frente para dar tempo de se organizar a recepção. Este lar finalmente voltará a ter vida!

À medida que ele falava, a mulher, em pranto, sacudia a cabeça em sinal afirmativo.

Depois da partida do marido, a condessa voltou a se alimentar e a sair na varanda para tomar sol. Queria ficar bem para aguardar a

chegada de Carlos. Tal mudança encheu de alegria os servos fiéis, que tinham verdadeira adoração por sua senhora.

A princípio, muito fraca, ela precisava de ajuda para se locomover, mas aos poucos as cores voltaram à sua face e seu corpo adquiriu vigor, em virtude da esperança de rever o filho.

### **35. PROMESSA CUMPRIDA**

AUGUSTO, O FILHO DO meio, que sempre fora o mais equilibrado, logo tomara consciência de sua condição de desencarnado. De coração bondoso, rogava a Jesus misericórdia para os pais e para o irmão no cativeiro. Ele e frei Bernardo acompanhariam o pequeno grupo nas buscas.

Com muita dedicação, conseguiu reverter os pensamentos negativos dos pais, inspirando-lhes fé e esperança. Espírito amadurecido, com tarefas evolutivas, não somente perdoou dom Fernão pela vingança e pelo assassinato de seu corpo físico, como se viu movido de grande compaixão pelo inimigo do conde, procurando inspirá-lo ao arrependimento para devolver Carlos ao convívio familiar.

Todavia, envolvido em ódio e influenciado por criaturas que nele alimentavam esse sentimento, o homem não percebia a presença benfazeja de Augusto. Mesmo tendo destruído a família de dom Felipe, ainda se sentia insatisfeito. Às vezes considerava que o devia ter castigado com a morte. Sofria pesadelos, e a irmã e o pai, desencarnados, continuavam a cobrar-lhe vingança. Isso o impedia de desfrutar o cargo de honra que ocupava junto ao sultão e toda a fortuna que acumulara. Sempre cabisbaixo e carrancudo, fizera-se

uma figura sinistra, o que provocava muitos comentários maledicentes na corte.

Não conquistava simpatias. Recebia honras unicamente por pertencer a uma família ilustre. Seu pai tinha sangue nobre, era árabe descendente da tribo de Maomé, o fundador da religião muçulmana o que lhe conferia elevado prestígio. Dom Fernão, que na verdade tinha nome islâmico, desenvolvera uma cultura privilegiada. Falava o mais puro árabe e também o espanhol, aprendido com a mãe, que era cristã. Tinha conhecimentos de matemática e astronomia.

Com tudo isso, não sabia cultivar amigos. Seu caráter frio e vingativo afastava todas as pessoas. Estava sempre fazendo inimigos não se importando em delatar quem quer que fosse ao sultão, ainda que isso custasse a vida do acusado. Seus servos não eram bem tratados e por isso não tinham com ele nenhum vínculo positivo. Vivia num ambiente hostil.

A viagem de dom Felipe e seus homens foi longa e cansativa, mas o grupo ia com o coração cheio de esperança. O cansaço parecia não se abater sobre eles, que passariam pela fronteira disfarçados de mercadores e usando nomes falsos.

O conde sabia como lidar com os mouros. Após tantos anos de luta e contato com muitos prisioneiros, conhecia seus hábitos, costumes e religião. A medida que se aproximavam de Granada, crescia o temor de serem identificados. Luís, que fazia parte do grupo, era totalmente estranho para dom Fernão. O outro, Pedro, já deparara uma vez com ele, mas era noite e dificilmente seria reconhecido.

Chegaram exaustos à cidade, e não foi difícil encontrarem uma pousada perto do centro comercial. Um judeu simpático de nome David, dono do local, arrumou um quarto com boas camas. Depois de se alimentar e de acomodar seus pertences e as mercadorias que seriam comercializadas, o grupo foi circular pela cidade para conhecê-la e se familiarizar.

Muita gente na rua agitava o comércio; contudo, ninguém parecia notar os três homens, que aliviados se convenceram de que poderiam agir à vontade. Voltando para a hospedaria, procuraram iniciar uma boa amizade com o senhor David, que falava muito bem o espanhol.

O conde, que adotou o nome José, direcionava a conversa no sentido de obter informações sobre a corte e sua movimentação.

- Senhor David, como o sultão costuma dar festas, eu gostaria muito de ofertar meus produtos para a corte de Mohamed.

- É muito difícil o acesso ao sultão ou a seus protegidos. Seria necessária uma indicação de alguém próximo à corte.

- Eu poderia oferecer minhas finas mercadorias aos ricos da cidade.

- Tenho certeza, senhor José, de que se cair na simpatia de alguém poderoso e influente e fizer a primeira venda, outras se abrirão. Não existem ricos só aqui na cidade; há também prósperos senhores de terras, e posso até indicar onde moram alguns.

- Ficaria muito agradecido, senhor David.

Em poucos dias o grupo descobriu onde morava dom Fernão e verificou os horários de suas saídas, os lugares que costumava frequentar e os dias em que ia à mesquita.

Luís, jovem e simpático, seguiu várias vezes uma serva dele e acabou fazendo amizade com a moça. Fátima, em sua simplicidade, começou a passar muitas informações sobre a vida na casa. Logo Luís ficou sabendo que nenhum servo gostava do patrão.

Decorrido quase um mês de encontros "casuais", surgiu-lhe uma oportunidade para ser colocado na guarda pessoal de dom Fernão. O chefe da guarda, irmão de Fátima, vendo seu interesse pelo rapaz, resolveu dar-lhe uma chance. O amo nem reparou no ingresso de alguém diferente. Luís, muito discreto, conhecedor da língua árabe, tudo fazia para se enquadrar na rotina da casa.

O conde e Pedro não se continham de tanto entusiasmo. Afinal, em um mês haviam realizado grande progresso. Agora era preciso paciência para esperar a hora do passo seguinte.

Dom Felipe, a seu turno, conseguira vender algumas peças de tecidos e fazer contatos importantes.

Luís procurava estar perto de dom Fernão e acompanhá-lo a todos os locais possíveis, ouvir as conversas da casa e ficar sempre à disposição para qualquer serviço, ganhando assim a simpatia do irmão de Fátima. Nas horas de folga ia se inteirando dos assuntos através da serva. Bastava um pequeno incentivo para a moça soltar a língua.

- Fátima, você está aqui há muito?

- Não, há apenas seis meses. Os mais antigos na casa são dona Antônia, o senhor Joaquim e meu irmão.

- Ouvi dizer que dom Fernão chegou a Granada há pouco mais de dois anos, tendo passado muito tempo fora...

- Sim, vivia no reino de Castela, ao norte. O fidalgo dono daquelas terras assassinou sua família e ele ficou muitos anos por lá, para se vingar. E executou sua tarefa com sucesso. E um homem muito vingativo, de péssimo caráter, e todos dizem que Alá o castigou merecidamente quando perdeu a família. Quem conhece a fundo essa história é dona Antônia; ela sabe tudo e tem prazer em contar. Se quiser saber, vou chamá-la - às últimas palavras a moça sorriu.

- Não, acho que não devemos incomodá-la - respondeu de forma a disfarçar a curiosidade.

- Nem pense nisso! Antônia gosta de contar casos. E hoje então, que nosso amo não está... Foi até a mesquita e vai demorar.

Foi logo falar com a velha, que veio resmungando.

- Senhor Luís - disse a mulher -, Fátima adora essas histórias e parece que o senhor também. Pensei que só as mulheres fossem assim curiosas sobre a vida dos amos!

O rapaz ficou rubro.

- Senhora, não gosto de conversar sobre a vida dos outros. E Fátima quem quer saber.

A moça sentou-se junto de Antônia.

- Vamos, conte para a gente, com detalhes, a vingança de dom Fernão. Dizem que foi terrível.

A mulher diminuiu o tom de voz para narrar o que Luís já sabia, até chegar ao ponto que mais lhe interessava.

- Na noite fatídica, dom Fernão aproveitou-se do desespero do conde e raptou seu filho caçula, de onze anos, que trouxe para cá.

- Meu Deus, que história incrível! - o jovem sentou-se mais perto das duas. - Ele matou a criança?

- Não. Depois de maltratar por alguns dias o pobrezinho, que parecia uma avezinha fora do ninho, entregou-o a um amigo que mora no campo.

- Esse homem aceitou o menino como presente?

- Lógico que sim, transformou o garoto em escravo. Esse tal de Yosef aparece por aqui de vez em quando. Eu já o ouvi falando do tal garoto várias vezes. Cultiva os campos junto de outros escravos. O rosto do rapaz assumiu uma expressão de quase incredulidade.

- Este mundo é muito esquisito... O filho de um conde virar escravo! A noite ia alta quando todos se recolheram para o repouso. Luís aguardou a madrugada para sair. Certificou-se de que todos dormiam e foi até a hospedaria. O conde e Pedro dormiam quando escutaram pedras na janela. Abriram e ele entrou com cuidado para não ser visto.

- Tenho boas notícias! - disse eufórico. - Consegui descobrir o homem que mantém Carlos como escravo. Seu nome é Yosef e tem uma propriedade a leste de Granada, a mais ou menos trinta minutos a cavalo.

Dom Felipe ficou tão emocionado que chorou. Não era mais nem sombra do homem altivo que fora. Tinha a fisionomia abatida pelo sofrimento, só avivada pelo desejo ardente de recuperar o filho que lhe restava.

-Ai, meu Deus, que alegria! Choro só de pensar na felicidade de encontrar o meu filho vivo. Luís, quero que retorne para a guarda, por enquanto. Eu e Pedro tentaremos localizar essa propriedade ao

amanhecer. Se não for possível, precisaremos ser pacientes e esperar que o tal homem apareça na casa de dom Fernão, tendo montado um esquema para o seguirmos. Só teremos de saber das características dele.

Pedro e o conde andaram por muitas propriedades a leste, durante longos dias de busca, sem nada descobrir. Luís, por sua vez, obteve da jovem Fátima a descrição da aparência do homem, com todos os pormenores.

- Não entendo por que você mostra tanto interesse pelo senhor Yosef - falou a moça depois de muita conversa.

- Não é nada de mais. Apenas achei que esse senhor poderia ser um velho amigo de meu pai. Infelizmente, por tudo o que me contou, tenho de concluir que não é.

Mais dois meses passaram, até que numa manhã de sol Yosef, que viera fazer compras na cidade, enfim apareceu na casa de dom Fernão.

Luís saiu sorrateiramente para avisar os amigos da novidade.

O homem fez uma refeição com o amigo, dialogaram sobre alguns assuntos e ele logo partiu, levando suas compras numa carroça. Dom Felipe e Pedro não tiveram dificuldade em segui-lo a distância pela estrada, sem ser notados, até sua propriedade. Aquela altura, faltava armarem um plano para tirar Carlos do local. Evidentemente, como todos os outros escravos, o garoto vivia sob vigilância.

No dia seguinte o conde pegou suas mercadorias e cavalgou até a propriedade de Yosef. A despeito de algumas nuvens, o céu estava claro e o sol brilhava com intensidade. Ao chegar, ele se apresentou citando alguns conhecidos, entre os quais dom Fernão, que o teria indicado. Declarou que seus produtos eram de alta qualidade e bom preço. Disse ter recebido as melhores referências do possível cliente,

bem como de sua esposa e suas filhas, que segundo constava tinham ótimo gosto.

Yosef gostou das maneiras do suposto mercador, convidando-o a entrar. Como o dia estava quente, ordenou que uma serva lhes trouxesse um refresco.

Dom Felipe abriu o cesto, expondo os finos tecidos, o que deixou encantadas a senhora e suas filhas. Enquanto as mulheres olhavam, procurou entrar em conversação com o chefe da família.

-Apreciei muito suas terras; vê-se que estão bem cuidadas, são produtivas. O senhor tem muitos escravos?

- Sim, venho obtendo boas colheitas e possuo muitos escravos. Alguns foram capturados na guerra com os cristãos.

A dona da casa chamou novamente a serva para trazer mais refrescos e, para surpresa do conde, quem entrou foi seu filho Carlos.

O garoto, antes mirrado e pálido, transformara-se num rapazinho de treze anos. Ganhara altura e, apesar de magro, o rosto queimado de sol lhe dava um aspecto saudável. O trabalho no campo propiciara o desenvolvimento do seu físico. Entretanto, o olhar denunciava a tristeza do cativo e a saudade do lar.

Carlos também foi pego de surpresa. Mesmo com o disfarce, reconheceu-o facilmente. Dom Felipe fez um sinal para conter o filho, que serviu Yosef e depois, muito nervoso, encaminhou-se para o pai - que estava igualmente inquieto, temeroso de que o garoto estragasse todo o plano.

Os espíritos de frei Bernardo e Augusto haviam sido os responsáveis pela vinda de Carlos à sala. O primeiro ficou junto de Yosef, enquanto o outro buscava intuir o pai nas palavras. O frei procurou afastar a influência de entidades que pudessem prejudicar o diálogo e impôs a destra na frente de Yosef, clareando seu raciocínio.

Uma vez servidos os refrescos, Carlos afastou-se, voltando para a cozinha.

O conde, lutando para dominar o nervosismo, iniciou o diálogo:

- O senhor tem um belo garoto. É prisioneiro de guerra? O homem alisou o bigode com um sorriso.

- Não, foi presente de um amigo. Esse garoto já me deu muito trabalho; só continuo com ele por ter prometido isso.

- E que tipo de trabalho lhe deu, senhor?

- Veio mirrado e frágil, chorava todos os dias, sentia falta da família. É filho de um conde de Castela, dono de muitas terras. Foi difícil fazê-lo alimentar-se e controlar suas fugas. Minhas filhas caíram de amores por ele, e quando faltam servos para o atendimento da casa o colocamos no lugar. Não é muito produtivo nos campos; na verdade, mais dá trabalho do que ajuda.

- Mas parece inteligente, está falando bem o árabe.

- Sim, aprendeu depressa. Minhas filhas acharam que deviam ensinar-lhe o idioma. Para mim não faz diferença. Preciso de braços fortes para lidar com a terra, não de um escravo que me dê despesas. Terei de gastar muito com comida para torná-lo aproveitável.

- Acho que tem toda a razão. Na verdade, senhor, acredito que ele seria mais útil para mim do que aqui na sua propriedade. Eu tenho enorme dificuldade com sua língua, e o menino poderia ajudar-me a vender meus produtos e também me fazer companhia, já que viajo tão só por este mundo.

Yosef ficou pensativo, a coçar a barba.

-Acontece que ele não está à venda. Como já disse, eu o recebi como presente.

- Sim, um presente de grego. Garanto que seu amigo nem notará a ausência do rapaz, já que o presenteou para igualmente se livrar dele. Dar-lhe-ei todas as mercadorias que carrego no baú e mais vinte moedas de ouro.

A esposa de Yosef, que escutava a proposta, entusiasmou-se e falou-lhe em particular:

- Senhor meu marido, permita que dê minha opinião. As raridades que o mercador oferece pagam muito por esse garoto inútil; além do

mais, dom Fernão não aparece por aqui há dois anos, desde que o trouxe. Nem irá desconfiar. Acho que faremos um grande negócio. E o mais importante é que será bom para ambas as partes!

O homem ainda estava hesitante.

- Se ele descobrir, não sei do que será capaz. Dom Fernão é de temperamento violento.

A filha mais velha entrou no assunto.

- Acho que seria bom para Carlos ganhar novos ares e talvez superar a tristeza que sente de viver em cativo. Diremos a dom Fernão que ele não suportou a saudade e a carga de serviço no campo, e acabou morrendo.

Yosef levantou-se, andando de um lado para outro. A sugestão da filha lhe pareceu bem interessante. Além disso, ele gostava de fazer bons negócios, e a perspectiva de se livrar do peso que Carlos representava o atraía muito. Por outro lado, os dois espíritos amigos que vinham auxiliando dom Felipe o influenciavam cada vez mais, fazendo com que a ideia se lhe mostrasse, afinal, irrecusável.

- Está bem, eu aceito as mercadorias e quero mais trinta moedas em troca de meu escravo. Porém há uma condição: dom Fernão nunca poderá saber que fizemos essa transação. Em Granada você não deverá ser visto pelo homem e seus conhecidos. Terá de me dar a sua palavra de que manterá o nosso acordo em segredo, ou tomarei imediatamente o menino de volta; pior ainda, se ele descobrir direi que fui roubado. Está claro?

Nesse instante o conde descontraíu o semblante num sorriso.

- Eu prometo, em nome de minha honra, levá-lo para bem longe de dom Fernão. Por mim jamais descobrirá. Esse garoto é inútil aqui, mas me será de grande valia, e tenho certeza de que nos daremos muito bem.

Yosef sentiu-se satisfeito. Fizera um grande negócio, pois o garoto constituía um problema; vivia chorando e não tinha bom desempenho em nenhum serviço. E estava cansado de ver sua cara triste.

- Senhor, há mais um detalhe: eu não costumo desfazer nenhum acordo. Se o tirar desta casa não aceitarei que o devolva. Caso seja questionado por dom Fernão, direi que ele morreu, livrando-me desse compromisso.

Dom Felipe continuava sorrindo, certo de haver celebrado o maior negócio de sua vida.

- Tenho absoluta convicção de que não haverá arrependimento. Não o devolverei em hipótese nenhuma. O senhor fez um excelente negócio; esses tecidos são caríssimos, artigo para vestir princesas.

Yosef contemplava a alegria da esposa e das filhas mexendo com os tecidos. Elas nunca haviam visto peças tão bonitas. Embora abastadas, eram pessoas simples, que viviam no campo. Gozavam de razoável conforto, sem luxo.

A moça que recomendara a troca correu e trouxe o garoto pela mão.

- Mesmo sabendo que sentiremos a sua falta, Carlos, acho que será mais feliz acompanhando este mercador pelo mundo. Acredito que por estar mais livre terá menos saudade de sua terra. Pediremos em orações que Alá o abençoe.

O rapazinho mantinha a cabeça baixa para que os outros não percebessem sua emoção. Yosef pegou sua mão direita e a colocou sobre a esquerda do conde.

- Carlos, este é seu novo senhor, a ele deve obediência e dedicação.

O menino permanecia com os olhos baixos, enquanto algumas lágrimas lhe rolavam pela face. O conde parecia calmo e frio, como convinha.

- Senhor Yosef, já que terminamos nossos negócios, devo partir, porque tenho uma boa distância a percorrer até Granada.

- Teremos muita honra em que faça a refeição conosco - o homem convidou com um sorriso. - Se rejeitar o convite ficaremos ofendidos.

Dom Felipe experimentou ligeira irritação, pois queria sair o mais rápido possível.

- Por favor, não se ofenda... É que não conheço bem a estrada e o sol começa a se esconder entre as nuvens; é provável que chova.

Olhando com atenção pela janela, o senhor da propriedade concordou.

- Acho que tem razão. Deverá chover no fim da tarde. Não quero segurá-lo e prejudicar seu retorno. Da próxima vez que vier teremos uma refeição juntos.

- Não faltarão oportunidades, senhor - disse o conde a sorrir. O homem pediu a um servo que trouxesse os cavalos do mercador.

- Deixo também os meus baús e o rapaz vai no outro cavalo.

- Sem dúvida o cavalo vai mais contente com menos peso! -brincou Yosef.

Todos riram. As negociações haviam resultado em satisfação geral. No plano invisível, frei Bernardo e Augusto estavam comovidos.

Com um largo sorriso, dom Felipe acenou em despedida. Montou um dos cavalos, Carlos o outro, e pegaram o caminho de regresso.

Pai e filho cavalgaram quinze minutos em silêncio, emocionados e cabisbaixos. O conde virou a cabeça para verificar se alguém os seguia. A estrada estava deserta, somente o som dos pássaros brindava os ouvidos. Ele olhou para Carlos e gritou bem alto:

- Seja bem-vindo, meu filho, de volta ao lar.

O garoto sorriu por entre as lágrimas que brotavam abundantes dos olhos azuis e falou cheio de emoção:

- Pai, eu não tinha mais esperança de rever o senhor e mamãe. Dom Felipe desceu do cavalo, tirou o filho do outro e lhe deu um forte abraço, entre muitas lágrimas.

- Você é o único filho que nos restou. As nossas esperanças estão no seu retorno. E como poderíamos continuar a viver sabendo que nosso filho era escravo numa terra distante, na casa de nosso inimigo? Eu e sua mãe temos sofrido muito nesses dois anos. Agora, meu filho, sua presença trará vida nova e imensa alegria a todos nós. Vamos, Carlos, a viagem é longa e exaustiva. Teremos de caval-

gar sem descanso; esperamos que não tenhamos nenhuma surpresa desagradável.

Pedro e Luís esperavam o conde nos arredores da cidade. Não imaginavam que ele conseguisse tirar o filho assim, na primeira visita. Todos se abraçaram comovidos.

Luís, mais expansivo, girava Carlos nos braços gritando:

- Louvado seja o Senhor Jesus, que ouviu nossas orações. A condessa não vai acreditar no presente que estamos levando para ela!

Todos sorriam e se abraçavam.

- Pedro - disse o conde -, você terá de comprar mantimentos e alguns agasalhos para a viagem. Eu não esperava tirar meu filho de lá com tanta rapidez; parece que a mão de Deus facilitou tudo. Não devemos entrar com Carlos na cidade, para evitar qualquer suspeita. Dom Fernão é um homem muito esperto e temo que descubra o que fizemos antes de sairmos dos domínios muçulmanos. Quanto a você, Luís, é melhor ir para a casa dele a fim de não despertar suspeitas. Logo cedo dê uma desculpa a Fátima e ao irmão, peça uma licença para visitar sua mãe enferma e venha encontrar-nos aqui para seguirmos viagem.

- Senhor conde, conheço uma taberna com estalagem fora da cidade, a caminho de Toledo - foi Pedro quem falou. - Poderemos passar a noite lá sem chamar a atenção.

Todos os planos foram postos em execução e bem-sucedidos; logo os três e o garoto, vestidos de mercadores, tomaram o rumo do castelo. Procuravam viajar durante o dia, pelas estradas principais. Granada foi ficando para trás, e em algumas horas saíram do território muçulmano. Tudo correu bem, não houve nenhum obstáculo. A chegada a Toledo foi igualmente emocionante.

O drama da família do senhor do castelo da Mota comovera a cidade. Na época dos dolorosos acontecimentos, o povo se revoltara e formara grupos para perseguir dom Fernão; o próprio bispo, indignado, reunira a tropa para ir ao encalço dele.

O conde decidiu pernoitar em Toledo; o dia findava e estavam todos cansados. Luís, sempre prestativo, sugeriu:

- Dom Felipe, não seria adequado mandar um mensageiro na frente? Assim a condessa ficaria mais preparada para a emoção do reencontro.

- Acho que tem razão. Farei isso ainda hoje. Amanhã, quando chegarmos, Constância já estará à nossa espera.

Um rapaz alto e magro foi encarregado de levar a boa notícia ao castelo. Já anoitecera quando alcançou o destino. O guarda do portão pediu que se identificasse.

- Sou Juan, venho de Toledo com notícias do senhor conde. O portão foi aberto e o mensageiro entrou.

Constância se recolhera a seus aposentos. Havia cinco meses que o castelão partira e a mulher quase perdera as esperanças. Muitas vezes achava que o marido não voltaria vivo da tarefa tão arriscada e perigosa que se propusera.

A boa serva Maria abriu a porta para o rapaz, que trazia uma mensagem e um amplo sorriso.

- Tenho notícias do conde. Ele voltou são e salvo, trazendo o filho que estava escravizado.

Maria nem tentava conter-se; chorava de alegria, erguendo as mãos para o céu.

- Graças! Deus ouviu as minhas preces e as de minha senhora. Os outros servos, ouvindo o barulho que vinha do salão principal, puderam participar do momento tão esperado.

- Nosso menino está vivo e chegará logo. Nosso bom e querido Carlos vem trazer novamente a alegria para este castelo!

A condessa notou o burburinho que vinha do salão, porém não teve coragem de se levantar. Maria subiu até o seu quarto, batendo de leve na porta. Com a voz frágil, ela ordenou que entrasse.

- Senhora, acaba de chegar um mensageiro de Toledo com notícias do senhor conde.

- Vamos, mulher, fale, se não quer que eu morra de aflição! -já sentada na cama, nervosamente esfregava as mãos.

Maria ajoelhou-se ao lado do leito.

- O conde, Pedro e Luís estão em Toledo, e amanhã virão para cá com o nosso menino.

A serva foi obrigada a repetir a informação por três vezes.

- Ai, meu bom Jesus e sua mãe, Maria de Nazaré, se compadeceram de mim e trouxeram meu filho de volta! - virou-se para a dedicada serva e pediu - Maria, minha boa amiga, ajude-me. Quero me vestir para ouvir isso de novo, da boca do mensageiro de meu marido.

No salão estavam os servos e os homens da guarda, que haviam deixado seus postos. A alegria era tanta, quando Constância desceu a escada apoiada na serva, que todos choravam e batiam palmas. A emoção dominara inteiramente aqueles corações.

Juan, o mensageiro, não conseguia responder às inúmeras perguntas que eram feitas ao mesmo tempo. Quando viram a condessa, todos silenciaram. O rapaz esperou por ela no final da escada.

- Senhora, trago-lhe a notícia que deseja ouvir há mais de dois anos - com um gesto expressivo, entregou-lhe a carta.

Constância o abriu com as mãos trêmulas e tinha a voz embargada ao ler:

*Minha cara esposa*

*Depois de muitos dias tristes e intermináveis de solidão e insegurança, este é o momento mais feliz de nossas vidas. Cumpro hoje a promessa que lhe fiz há cinco meses. Com muita paciência e a dedicação de Pedro e Luís, afinal trazemos Carlos de volta; nosso filho goza de boa saúde e sente enorme saudade. Prepare nosso castelo para uma grande festa amanhã, quando estaremos aí.*

*Seu esposo,  
Conde de Rubio.*

Não houve quem não ficasse comovido naquela hora. Ansiosa, a condessa quis saber se Juan vira Carlos e como ele estava.

- Senhora, está um rapazinho. É magro, mas tem aparência de boa saúde. Toledo está em festa com o retorno de seu filho; há comemoração até nas ruas.

Maria não parava de agradecer pelo que chamava de milagre.

Na manhã seguinte, bem cedo, os servos do castelo já se mobilizavam nos preparativos para a recepção. Constância revelava uma animação que há muito não sentia. Depois de tanto tempo de tristeza, conseguia sorrir. Desde o alvorecer ficara na torre, de olhar atento na planície. Quase ao meio-dia, quatro cavalos apontaram. Todos, até os aldeões, reuniram-se no pátio para dar boas-vindas ao garoto. À medida que os cavalos se aproximavam, maior era o entusiasmo.

Carlos avistou o vulto suntuoso do castelo na pequena colina. De longe, suas torres majestosas e os muros altos, intransponíveis pareciam sombrios. Recordou a infância, os irmãos, Raquel e suas brincadeiras, as noites frias quando ficava doente, o carinho e os cuidados da mãe. A saudade aumentava no peito e seu coração batia descompassado.

Lembrou-se da dor de ver o irmão morto no salão e daquele dia fatídico: a morte de Raquel, a desolação da mãe, a fúria e indignação do pai e principalmente o sadismo de dom Fernão. Fora raptado, sem entender bem o porquê de tanto ódio. Pensava nos dias de solidão e fome na casa do raptor e na convivência difícil numa terra estranha, com costumes e idioma desconhecidos.

Carlos estava amadurecido. Ao partir era uma criança mimada pela mãe, agora voltava um rapazinho que sabia o que realmente queria. Os maus-tratos e as decepções não haviam feito dele um revoltado, e sim alguém muito consciente da brutalidade da vida.

A planície parecia interminável e a viagem longa demais, até que finalmente pararam diante do grande portão. Todos estavam presentes para compartilhar a felicidade dos castelões. Os pobres e malvestidos aldeões gritavam vivas à passagem do grupo, muitos

choravam de alegria. A condessa, trêmula, aguardava na porta principal do salão. O filho correu e se jogou em seus braços. Era uma cena que apenas um dia atrás ela pensava que jamais ocorreria; suas esperanças estavam então praticamente perdidas.

Quando o conde abraçou ao mesmo tempo a esposa e o filho, o gesto foi recebido com aplausos gerais.

- Constância - disse ele, fitando-a -, cumpri a promessa que lhe fiz há cinco meses. Trago nosso filho vivo.

- Meu marido, nunca esquecerei o que fez por mim e pelo nosso Carlos.

- Também o fiz por mim. Sem ele estávamos mortos; só nos restou Carlos para tentarmos ter um pouco de felicidade e paz.

Foram dois dias de muita festa, comida, bebida e música para todos. Dom Felipe retomou a preocupação por suas propriedades, que voltou a administrar zelosamente. Constância reassumiu os cuidados com o marido e o filho, e passou a fazer as refeições no salão principal, como antes. Sua saúde, entretanto, ficara muito abalada e ela não mais a recuperou totalmente.

Carlos queria ajudar o pai, interessava-se por tudo, o que enchia o conde de orgulho e satisfação. Francisco também se desenvolvera física e mentalmente, e a cada dia mais se assemelhava a Alejandro. Dom Felipe foi se habituando à sua presença e aprendeu a aceitá-lo e por fim a amá-lo.

Em Granada, dom Fernão notou o afastamento de Yosef, que não viera mais visitá-lo, como fazia com frequência. Sempre muito desconfiado, resolveu ir até as terras do amigo. Não demorou a perceber que a família e o próprio Yosef escondiam alguma coisa.

- Onde está o garoto que lhe dei de presente?

Cabisbaixo, o homem respondeu:

- Era frágil demais, infelizmente morreu há uns três meses.

- É mentira! - dom Fernão ficou raivoso. - Se isso acontecesse você iria correndo me avisar, pois eu deixei bem claro que queria saber tudo sobre aquele menino. Ele fugiu?

O outro corou e coçou a barba, sem dar resposta.

- Ele fugiu? Tenho certeza que sim.

- Não! Como um garoto sozinho poderia fugir por essas terras? Já disse, ele morreu.

- Quero ver onde está enterrado, agora! Vamos desenterrá-lo.

- Senhor, por que iríamos mentir? - a esposa de Yosef interferiu. - O rapazinho teve febre alta, outros servos também caíram doentes. No caso de Carlos a doença só durou três dias, em seguida ele morreu. Aceitamos seu presente de bom grado, e achamos que saber do que lhe aconteceu o aborreceria, por isso preferimos não importuná-lo com o acontecimento.

À medida que ele se acalmava, a mulher continuou em tom brando:

- O menino foi enterrado no campo, longe da casa. Temíamos que a febre se espalhasse, matando todos nós. Os outros servos que haviam adoecido melhoraram aos poucos; se quiser posso **chama»** - los e eles confirmarão os fatos.

Sob forte influência de Augusto e frei Bernardo, Fernão foi refletindo e observando todos atentamente; mais calmo, acabou por admitir:

- Não parece que a senhora mente.

Fez longa pausa, andou até a janela e, virando-se para os dois, completou:

- E acho que foi mesmo melhor assim... Aquele infeliz juntou--se aos irmãos no inferno.

Para alívio de todos, montou seu cavalo e sumiu na estrada para não mais voltar.

## 36. RECUPERAÇÃO

DEPOIS DE SE CERTIFICAREM de que dom Fernão acreditara na morte de Carlos, Augusto e frei Bernardo foram até a colônia onde Raquel permanecia hospitalizada no plano espiritual. Muito tempo se passara e Augusto queria notícias da irmã.

O hospital era um casarão com altas portas de madeira e largas janelas; o chão muito asseado lembrava assoalho. Na frente havia um amplo jardim com muitas flores coloridas e a parte de trás era coberta por árvores frondosas. O lugar trazia tranquilidade e bem-estar. Sentia-se o perfume das flores e o suave rumor das folhas tocadas pelo vento.

O sol batia forte nas janelas com seus raios dourados. No interior se movimentavam freiras usando hábitos azuis. Elas iam e vinham pelo corredor num labor constante.

Na entrada principal, um senhor de longas barbas brancas e olhos brilhantes esperava nossos amigos. Com a chegada dos dois, o doutor Epaminondas sorriu, pondo à mostra dentes alvos e bem alinhados. Estendeu a mão cordialmente:

- Meu querido irmão Bernardo! É enorme a satisfação de revê-lo aqui em nosso hospital.

- A satisfação é minha também! - o frei retribuiu o gesto com gentileza. - Quero apresentar-lhe meu pupilo Augusto, que foi irmão de nossa Raquel.

Com um sorriso Epaminondas estendeu a mão para o rapaz. De imediato Augusto sentiu enorme simpatia por aquele ancião de pequena estatura, olhar lúcido e inteligente.

- Senhor, como vai minha irmã?

- Raquel lesou seu perispírito com o ato contrário às leis de Deus, e agora está sofrendo os efeitos.

- Doutor, ela agiu pensando não só em si mesma. Apavorou-se diante do agressor, teve medo da desonra e da morte na fogueira,

porém foi coagida pelo temor do que poderia suceder às companheiras; achou que seu ato protegeria as irmãs do convento.

A resposta foi calma e pausada:

- Sim, meu jovem, Raquel tem várias atenuantes; por isso recebeu proteção desde o instante do suicídio. Não permitimos que fosse levada a lugares infelizes por espíritos malfeitores, o que aumentaria seu sofrimento, dificultando a recuperação. Está recebendo a misericórdia de Deus neste hospital. Temos recorrido a todas as técnicas que conhecemos para aliviar sua dor. Devido ao profundo abalo emocional, apresenta forte desequilíbrio psíquico. A figura do agressor, gravada em seu subconsciente, provoca pesadelos constantes em que se vê perseguida. A moça tem consciência de que dom Fernão não poderá alcançá-la aqui, mas o medo que se instalou parece maior e a está deixando tão desequilibrada que sua condição tem ficado aquém do esperado.

Augusto ouviu as explicações cabisbaixo e com ar preocupado.

- Não há nada que possamos fazer?

- Sim, orar e persistir nos tratamentos iniciados. Certamente Raquel deve melhorar. E uma criatura corajosa, não obstante os fatos trágicos que se abateram sobre ela. E não podemos esquecer que a misericórdia de Deus jamais abandona seus filhos.

- Doutor, posso vê-la?

- Claro, foi para isso que veio. Vamos até seu quarto, onde a mantemos adormecida para amainar seu sofrimento.

- E ela nunca volta à realidade?

- Sim, tem momentos de lucidez, mas de repente parece mergulhar em pesadelos, mesmo acordada. Um de nossos médicos, de nome Lucas, especializou-se em casos como o dela e vem obtendo algum progresso com a jovem; quando a internamos os lapsos de alienação eram maiores. O médico tenta despertá-la para a realidade, que já não é de perseguição.

Epaminondas abriu a porta do quarto, muito limpo, onde se viam camas cobertas com lençóis alvos. Eram quatro leitos, todos

ocupados por mulheres. O de Raquel ficava próximo à ampla janela de onde se avistava todo o parque florido.

Seu aspecto era de grande abatimento. Augusto aproximou-se emocionado, segurou-lhe a mão entre as suas e deu-lhe um beijo. Lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Lembrou-se da infância feliz, das brincadeiras, da bela menina, meiga e doce, que todos na vila amavam, sempre prestativa, querendo ajudar o pai a aliviar algum pobre doente. Crescera assim, delicada e gentil, e lhe conquistara o coração para sempre.

Augusto sentiu enorme compaixão ao constatar o estado de Raquel. Seus acompanhantes perceberam a emoção e o carinho que habitavam o coração daquele jovem sensível.

Doutor Epaminondas quebrou o silêncio:

-Augusto, procure despertá-la; chame-a suavemente.

O rapaz passou a mão pelos cabelos da moça, sussurrando o seu nome. Ela abriu levemente os belos olhos azuis, sensibilizada pelo calor do afeto do amigo de infância. A princípio parecia alienada, porém aos poucos o reconheceu.

- Augusto! - exclamou. - Que bom vê-lo novamente ao meu lado! Sua presença sempre me fez tão bem...

- Raquel, minha irmãzinha querida, a misericórdia de Deus permitiu que eu viesse vê-la.

Através dos olhos se podia avaliar a dor que habitava aquela alma. Augusto sentiu-se ainda mais comovido.

- Veja, minha filha - Epaminondas fitou alternadamente os dois jovens -, Augusto veio de muito longe para revê-la. Portanto, espero que demonstre a felicidade que esta visita lhe traz.

Ela abriu um sorriso que iluminou seu rosto de menina-moça. Augusto também sorria ao dizer:

- Olhe que lindo dia está lá fora! Sinta o cheiro das flores, ouça o cantar dos pássaros.

Raquel voltou o rosto para a janela e conseguiu seguir com atenção as palavras de Augusto.

- Sim, o dia está muito bonito. Nunca vi flores tão belas e coloridas nem ouvi tantos pássaros cantando juntos!

Todos riram e Augusto propôs:

- Se você quiser posso apanhar algumas, as mais bonitas, e trazê-las aqui para você sentir o perfume e deslumbrar-se com elas.

Raquel acenou com a cabeça afirmativamente.

Obtido o consentimento de frei Bernardo para que as flores fossem apanhadas, ele pulou a janela, de parapeito baixo, e com muito entusiasmo formou um lindo buquê.

Doutor Epaminondas sorria, alertando:

- Rapaz, não apanhe todas, ou ficaremos sem nenhuma no jardim; além do mais, não vão caber aqui no quarto.

Augusto retornou com um ramalhete belíssimo. A moça, encantada, aspirava o perfume, sob a observação do amigo.

- Lembra-se, Raquel, de quando caminhávamos juntos pelo campo e eu sempre lhe colhia flores?

- Sim, Augusto! Flores delicadas que enfeitavam minha casa. Meu pai e minha mãe adoravam flores e sempre diziam que Deus as criou para alegrarem nossa vida.

Aproveitando o enlevo do momento e contando com os benefícios que daí adviriam para a enferma, frei Bernardo considerou, em tom afetuoso, a necessidade de se retirarem e a deixarem repousar.

- Augusto, não vá embora - ela reagiu. - Tenho muito medo, e parece que com você aqui isso passa.

Em seguida, sob o efeito calmante da proximidade do amigo querido, recostou a cabeça e fechou os olhos.

- Estou muito cansada e preciso dormir.

Augusto estendeu a mão, cerrando-lhe os olhos, e sussurrou uma canção que costumava cantar quando eram pequenos, para afastar o medo das tempestades.

Raquel adormeceu como uma criança protegida no colo da mãe.

Quando os três saíram do quarto, Augusto ia chorando. Epaminondas colocou a mão no ombro do rapaz.

- Não podemos desanimar. Pela misericórdia de Deus, que sempre está presente, Raquel melhorará. Tudo é evolução, Augusto. Caminhamos para a perfeição, a despeito de estarmos ainda muito distantes dela. Não se esqueça de que Deus, nosso Pai, nos deu a eternidade.

A partir de então foi concedida a Augusto permissão para visitar Raquel frequentemente. A alegria e o amor fraterno que demonstrava em todas essas ocasiões devolveram o ânimo à moça. Ela melhorava a olhos vistos, voltando em breve a ser a mesma jovem cheia de vivacidade e doçura.

## **37. APRENDIZADO QUE SEGUE**

PASSARAM ALGUNS ANOS E Carlos tornou-se um belo rapaz. Tinha os traços de Constância, aliados à austera fisionomia do pai.

Dom Felipe sentia orgulho do filho, que assumira com muita determinação os encargos das terras que herdara. Não temia o trabalho, estava sempre atento a todos os detalhes. A condessa, apesar da saúde frágil, sentia-se confortada por ver o filho tão jovem e tão responsável. Carlos fez de Francisco seu braço direito, emocionando Maria com a amizade entre os dois. As terras e a vila progrediam. Os servos não padeciam mais fome e ainda podiam vender nas vilas próximas alguma coisa que produziam.

O conde ansiava por ver o filho casado. O jovem, contudo, teimava em não aceitar um casamento de interesse. Sua recusa acabrunhava o pai, a quem Constância sempre pedia paciência. Ele era ótimo

filho, carinhoso e compreensivo, a alegria daquele imenso castelo. Por que não deixá-lo escolher a futura esposa, uma jovem que o fizesse feliz? Ante esses argumentos o marido ficava pensativo e saía resmungando. Essa maneira romântica de Carlos ver a vida o aborrecia. Muitas eram as moças que poderiam trazer-lhe felicidade, além de dar belos netos ao casal. No entanto, vendo que seria inútil insistir, o castelão capitulou.

Até que um dia Carlos conheceu Rafaela, moça simples de uma vila vizinha. Na troca dos primeiros olhares já se apaixonaram. Constância foi a primeira a saber do amor correspondido.

- Mãe, Rafaela é saudável, bonita e meiga. Mas é pobre, filha de lavradores; está acostumada à dureza de uma vida difícil. Eu a amo com todo o coração, quero-a como esposa, e não permitirei que papai crie objeções ao meu casamento.

A condessa procurou esconder num sorriso a inevitável apreensão. Sabia que o marido esperava uma nora oriunda da nobreza.

- Tenho certeza de que seu pai irá concordar. Ele só deseja a sua felicidade, e mudou muito depois do que passamos! Às vezes temos de afastar o orgulho da riqueza e dos títulos para que não domine nossa vida. Vamos conversar com o conde na hora do jantar, para que ele vá pedir a mão da jovem Rafaela.

Carlos respirou aliviado com a posição adotada pela mãe. As horas pareciam não passar para o jovem, temeroso da reação do pai.

O jantar transcorreu calmo, até o instante em que Constância resolveu entrar no assunto do namoro do filho com a jovem aldeã. Dom Felipe ficou vermelho, dava a impressão de que ia explodir num acesso de raiva. Foi aí que Carlos tomou a palavra, realçando as qualidades da moça e seu grande amor por ela.

- Pai, Rafaela representa minha felicidade! Não existe no reino donzela igual. Seu único defeito é ser pobre, porém o que tenho é suficiente para nós dois e todos os filhos que Deus nos mandar. Pai, vamos encher esse castelo de netos felizes e barulhentos!

O argumento de Carlos vencera as resistências do pai. Dom Felipe não conseguiu conter o sorriso. Finalmente poderia ver sua família crescer e continuar sua descendência.

- Meu filho, vou confiar em você e seu julgamento; se acha que é uma boa moça e que o fará feliz, iremos amanhã mesmo pedi-la em casamento e marcaremos a data.

lodos ficaram exultantes. Constância não cabia em si de ventura, só de pensar em ter nos braços netos que alegrariam seus dias.

Foram tomadas todas as providências. O conde alegou para as famílias nobres da redondeza que Rafaela era parente distante, filha de seus primos da nobreza já falecidos, e promoveu uma festa que durou vários dias. Os dois jovens pareciam feitos um para o outro.

Desde o casamento do irmão Augusto se preparava para voltar às vestes físicas. Retornaria como herdeiro daquelas terras. Queria ser médico e curar o sofrimento de muitas criaturas, aplicando a fortuna em prol do próximo. Era espírito com maturidade suficiente, e capacitado para tais tarefas evolutivas.

Raquel pedia uma oportunidade de retorno junto de Augusto, já que a Alejandro fora concedido o ensejo de renascer como segundo filho de Carlos e Rafaela.

- Augusto, quero também ser sua irmã; tenho certeza de que isso nos favorecerá na busca da evolução. Poderei auxiliá-lo na tarefa que escolheu.

O amigo prendeu-lhe as mãos entre as suas, beijando-as.

- Minha querida, conheço de muitos séculos seu coração meigo e afável, mas nesta encarnação não poderemos ficar próximos. Eu e Alejandro a amamos e gostaríamos de estar perto para protegê-la. Todavia, o seu caminho é outro, terá de prosseguir de onde parou. Deverá reencarnar junto daquele que lhe provocou a queda e superar sua fragilidade.

- Como poderei enfrentar tamanha dificuldade se não tiver o apoio de quem amo? - ela chorava baixinho.

- Temos a eternidade para ficar juntos - Augusto falou com ternura.

- Agora é importante que se prepare para as lutas e se fortaleça. Estaremos separados temporariamente. Os impasses da vida deram vigor ao seu espírito, e os nossos amigos e protetores têm explicado suas necessidades evolutivas. É preciso que esteja ao lado de dom Fernão para trazê-lo à razão e, com sua doçura, transformar--lhe o coração.

Raquel o escutava cabisbaixa, seu rosto empalidecera. Embora ciente de seus compromissos e da impossibilidade de adiá-los, temia não conseguir vencer os obstáculos, caindo de novo. Conhecia a hostilidade de dom Fernão para com ela e sabia quanto sofrimento esse convívio implicaria.

Com delicadeza, Augusto levantou o rosto da moça.

- Sabe que terá de esperar o regresso de dom Fernão. Vai ser difícil. Ele está muito comprometido, tem grandes inimigos que o aguardam ansiosamente para se vingar. Você terá tempo para se preparar. Poderá adquirir conhecimentos e, se for sua vontade, trabalhar junto de leprosos e outros doentes. Esse serviço fortalecerá o seu espírito.

Tal perspectiva a fez sentir-se mais animada.

- Gostaria tanto de receber permissão para continuar auxiliando no convento, perto de irmã Vitória! Talvez frei Bernardo me aceite no grupo.

Decorridos alguns dias, Augusto acompanhou-a até o convento da colina. Raquel estava radiante pela possibilidade de estar outra vez com madre Vitória e as outras irmãs. Visto a distância, o convento parecia um farol iluminando as trevas densas que se acumulavam ao redor. As irmãs, atarefadas, corriam de um lado para outro atendendo os doentes que aumentavam a cada dia. Irmã Vitória já mostrava no rosto os sinais do tempo e da vida dura que levava. Os

cabelos, apesar de cobertos pelo manto de freira, começavam a branquear. Uma luz clara e suave envolvia seu corpo físico.

Ao pressentir a presença da filha querida, interrompeu por um momento seus afazeres, tentando identificar o que acontecia de diferente em seu coração. A jovem achegou-se, beijou-lhe o rosto e a abraçou com inefável carinho.

A mãe estremeceu, feliz, agradecendo a Deus pela misericórdia de Ihe propiciar tão grande felicidade. Uma sensação de paz espalhou-se pelo salão e todas as outras irmãs pareciam compartilhar a alegria pela proximidade da amiga - sentimento no qual também se uniram frei Bernardo e a fraternidade espiritual que colaborava no convento.

Ali Raquel iria fortalecer o espírito com trabalho e dedicação para, no futuro, reencarnar ao lado de dom Fernão. Tendo a companhia de tantos amigos e de seu pai Jacó, sentia-se protegida e renovada para as dificuldades que teria pela frente.

Augusto despediu-se entre lágrimas, pois logo estaria de volta às vestes físicas. Raquel prometeu que quando possível iria visitá-lo para matar a saudade. Alejandro ainda ficaria algum tempo, mas também não demoraria a reencarnar.

O nascimento do filho de Carlos e Rafaela foi recebido com imensa alegria pelos moradores do castelo. Foi Constância quem mais se encantou com o bebê. Logo percebeu sua enorme semelhança com Augusto e tanto insistiu que o casal deu à criança o nome Luís Augusto.

Rafaela era boa mãe e dava muito amor ao pequeno. Já para a condessa, era como se o tempo tivesse recuado e seu coração fosse de novo presenteado com o convívio do filho.

Quando Luís Augusto começou a andar, Rafaela sentiu que outro pequeno ser crescia em seu ventre. Todos ficaram radiantes com a notícia: mais uma criatura vinha abençoar o casamento de Carlos com a fertilidade de Rafaela. Chegou outro bonito garoto: Alejandro retornava cheio de vigor à vida física.

Dom Felipe ficou encantado com o neto, presentindo que assim recuperava a companhia do filho mais querido.

Os dois meninos cresceram fortes e belos. Alejandro, que recebera o nome de Henrique, amava o avô, e ainda bem pequeno esticava os bracinhos em direção ao conde, que não conseguia disfarçar a preferência por ele.

## **38. A DOR DO REMORSO**

APESAR DA FALTA QUE Constância ainda sentia dos filhos, os netos enchiam seus dias de alegria. A felicidade parecia enfim reconquistada naquele castelo. Entretanto, quando se lembrava de Raquel, além da saudade, seu coração via-se mergulhado no remorso. Não poderia ter abandonado a filha, pensava; deveria tê-la criado com o mesmo conforto que fora dado aos outros. Tudo acontecera tão rápido, e logo após o nascimento da menina haviam surgido tantas dúvidas em seu coração... Raquel nascera nove meses após a partida do conde, mas dom Fernão assegurava que era filha dele, fruto da noite em que maculara sua honra.

Quando recordava aquele homem vil entrando em seus aposentos na calada da noite, sentia o corpo trêmulo de ódio. Tivera de permanecer em silêncio por tantos anos...

A condessa chegara a odiar a criança em seu ventre. Ao dar à luz, não quisera nem ver a pequena e formosa menina. Sara e Jacó, por piedade, tinham levado a criança para a casa pobre em que moravam. A mãe não pretendia vê-la nunca mais, queria apagar o fato mais triste de sua vida. Aquela criatura só lhe trazia lembranças amargas.

Jacó sabia o quanto a menina era indesejada, mas os anos foram passando e a pequena Raquel crescia como uma flor. Augusto e Alejandro sentiam-se encantados pela menina e quando podiam estavam com ela. Jacó e Sara não achavam justo privá-la do amor dos irmãos, já que a mãe a rejeitava.

Certa tarde Augusto e Alejandro entraram nos aposentos da mãe puxando Raquel pelas mãos.

- Mamãe, queremos que conheça nossa amiguinha - falou o mais velho.

Constância, que estava bordando, levantou os olhos e encarou a pequena. Com seis anos, Raquel parecia um anjo. Os cabelos loiros emolduravam o rosto de pele alva e rosada, e os grandes olhos azuis tinham o brilho da inocência própria da idade. Mostrava uma graciosidade que a condessa não vira em nenhuma criança da região.

Encantada, abriu os braços chamando a criança para si.

-Venha aqui, pequena. Que beleza de criança, tão meiga!...

Alejandro, o mais falante, foi logo se encostando na cadeira.

- Não é linda? Parece uma princesinha. Sempre que vêm ao castelo, dona Sara e o senhor Jacó trazem Raquel.

A mãe empalideceu ao ouvir aqueles nomes. Afastou a menina, empurrando-a.

- Levem-na daqui, não quero essa criança no meu quarto. Vão entregá-la agora mesmo aos pais.

A garota assustou-se com a atitude brusca e começou a chorar. Augusto pegou sua mãozinha, obedecendo à dura ordem.

Alejandro correu em busca de Jacó, que entrou pálido no aposento.

- Desculpe senhora, não foi minha intenção aborrecê-la com a presença de Raquel. Os meninos a trouxeram sem que eu visse.

Constância tremia, muito pálida.

- Não quero que sua filha tenha amizade com os meus filhos. Não admito que essa menina entre no meu castelo. Se não seguir minhas

ordens, serei obrigada a mandá-los embora de minhas terras, senhor Jacó.

O homem tentava explicar, sem que lhe fosse dada oportunidade. O encontro com a pequena abalou os sentimentos da condessa. Quando a vira aproximar-se, sem saber quem era, fora tomada de enorme carinho. Uma vez sozinha, procurou analisar seus traços físicos e não achou nenhuma semelhança com dom Fernão. A menina era muito parecida com seu caçula, Carlos, ainda bebê. Por mais que tentasse afugentar essas ideias, a toda hora a imagem da garota maltrapilha lhe vinha à mente.

Depois de muito tempo e de tanto Alejandro e Augusto pedirem, a mãe aceitou que ela frequentasse o jardim do castelo, desde que nunca a trouxessem até sua presença.

Numa tarde muito quente de verão, todas as crianças brincavam no jardim e, sem notar que Raquel estava entre elas, a condessa sentou-se debaixo de uma árvore, aproveitando a sombra. Ela e a serva Maria bordavam e tomavam refresco quando foram assustadas pelos gritos da menina. Augusto, apavorado, tentava tirar um graveto que penetrara em seu pezinho, o qual sangrava muito.

As duas mulheres se aproximaram a fim de verificar o que ocorria. Constância abaixou-se, segurando a menina para tirar o graveto e estancar o sangue com um lenço. Ficou branca e quase teve um desmaio. O pezinho entre suas mãos era igualzinho ao de dom Felipe. Todos os seus filhos tinham o mesmo formato dos dedos: os dois menores eram grudados, formando um só. Era uma característica de família que atravessava as gerações. Raquel era comprovadamente filha do conde.

Maria correu para socorrer sua senhora, imaginando, como os demais, que o mal-estar fora ocasionado pelo ferimento da pequena. Refeita, a condessa pediu que lhe trouxessem a menina. Sentando-a no colo, observou seus dois pés. Realmente, não havia dúvida. Abraçou-a tão fortemente que, amedrontada, ela se pôs a chamar por sua mãe Sara.

Depois dessa tarde, Constância não teve mais paz de espírito. Sua consciência não a deixava tranquila. Desprezara a filha e a condenara a viver em extrema pobreza, sem o amor dos pais verdadeiros. Dom Felipe sempre quisera criar uma menina entre os três filhos homens.

Seu ódio por dom Fernão a cegara e acabara prejudicando uma criatura inocente, que nascera legítima e fora rejeitada como órfã. Não fosse a bondade de Sara e Jacó, onde estaria Raquel? Poderia até ter morrido!

As provas que tinha eram suficientes para convencer o marido. Porém, após tantos anos, como trazer a terrível história à tona? O conde não a perdoaria, acharia que tinha sido infiel. Só lhe restava silenciar, amargando a tristeza e o arrependimento.

A partir da descoberta a condessa mudou de atitude em relação à menina. Nas ausências de dom Felipe fazia a garota ficar no castelo, muitas vezes até dormindo em seu quarto; enchia-a de mimos, na tentativa de compensar os anos que vivera longe dela. Embora todos percebessem a semelhança de Raquel e Carlos, mantinham-se discretamente calados; ninguém ousaria levantar uma calúnia contra sua senhora. À noite, quando a menina ia para casa, a mãe chorava de remorso

Mesmo sabendo do amor que Sara e Jacó dedicavam à pequena, achava não ser o bastante. Sua filha vivia numa pobreza extrema e ela muito pouco podia fazer para remediar isso.

A medida que Raquel crescia e se tornava uma bonita jovem, para maior angústia Constância notava o interesse que despertava em seus filhos. Temia que a moça também se interessasse por um deles. Se isso viesse a acontecer, seria forçada a revelar a verdade, que era um fardo difícil de carregar.

Maria conhecia a história do nascimento de Raquel; só não sabia que era filha de dom Felipe. A mãe não tivera coragem de contar isso nem à sua fiel serva.

O conde passava muitos meses fora. Constância, a princípio com vergonha e medo da reação do marido ao ultraje que sofrera, interiorizara todo o sofrimento. Mais tarde viera o remorso por ter rejeitado a filha, negando-lhe a oportunidade de viver no castelo e usufruir o amor dos pais e irmãos. Assim, transformara-se em uma pessoa triste e amarga, incapaz de conviver naturalmente com o marido.

Muitas vezes o castelão via Raquel junto de seus filhos, sentindo simpatia e carinho pela pequena. No entanto, seu caráter fechado o impedia de lhe fazer um agrado, ou de se preocupar em saber quem eram seus pais.

Em sua inocência, a menina jamais questionou os pais adotivos por sua aparência física tão diferente. Amava muito as duas pessoas que a criavam com tanto afeto, e era esse convívio harmonioso o que mais importava.

Mesmo depois de tantos anos e de toda a tragédia, Raquel continuou na mente de Constância. Lembrando a vida pobre que a garota levava, a fuga e o fim trágico, seu ódio por dom Fernão aumentava. Se não fosse aquele homem, todos os seus filhos poderiam estar reunidos e encher o castelo de netos, para alegria de sua velhice. Acreditava que Raquel morrera sem saber ser ela sua mãe, e que se soubesse nunca a perdoaria. Por tudo isso, permanecia com os olhos tristes e o coração amargurado pelas recordações.

## **39. TEMPO DE REFLEXÃO**

FERNÃO CONTINUAVA SOLITÁRIO. CONVERSAVA pouco e só saía de

casa para ir rezar na mesquita nos dias consagrados a orações. Tinha poucos amigos.

Procurara enterrar o passado, certo de ter vingado seus mortos queridos. Às vezes seu pensamento voltava para o conde e ele sentia um tremor de raiva. A chama do ódio continuava acesa e, se fosse necessário, faria tudo de novo.

Numa tarde de verão muito quente, estava sentado na varanda de sua residência enquanto um servo o abanava. Leonardo, um velho conhecido, veio visitá-lo. Logo que reconheceu o amigo de seu amo, o servo pediu que entrasse. Alto e magro, de olhar matreiro, o homem era um rico mercador que comercializava azeite e azeitonas por toda a península. Fazia muitos negócios, principalmente ao norte.

Levantando-se, Fernão recebeu o amigo de infância com um sorriso pálido. Leonardo aproximou-se para um abraço.

- Meu caro amigo, estive tanto tempo fora de casa... Como retornei há dois dias, resolvi fazer-lhe uma visita.

- Fico contente por ter se lembrado de mim - falou retribuindo o abraço.

- Quais as novidades que vão pelo mundo afora?

- Muitas! Estive em Veneza, em Roma, e nos últimos meses andei em Toledo negociando azeite e azeitonas. Passei por Medina do Campo.

Fernão estremeceu ao ouvir o nome da vila.

- Talvez tenha notícias de meu velho amigo, o conde dom Felipe.

O visitante alisou a barba por uns segundos, antes de responder:

- Sim, estive bem perto das terras do conde e fiquei meses na capital. Seu nome, meu amigo dom Fernão, é muito malquisto na redondeza. Acho que se aparecesse por lá acabariam com sua vida. O irmão da condessa e sua família eram queridos e respeitados por todos; eram boas pessoas, segundo os comentários. O povo não esqueceu o massacre. Além disso, o bispo sentiu-se traído. Como sou muçulmano, não pude perguntar nada abertamente; limitei-me

a ouvir o que disseram. O senhor é considerado uma pessoa maldita.

O outro ficou impaciente, a conversa o estava desagradando.

- Eu preferiria ouvir notícias sobre o senhor conde e a esposa. Apesar de tudo, ainda estão vivos? A última informação que recebi foi que Constância enlouquecera.

- Acho que o que tenho para contar não lhe agradará. A condessa está bem, o filho Carlos tornou-se um belo rapaz, competente, e tem sido o braço direito do pai. Até o seu sobrinho Francisco vive bem com a família. Suas terras progridem a olhos vistos. Carlos casou-se com uma boa moça que lhe deu dois filhos saudáveis. Dom Felipe só tem alegria com os netos.

As novidades estouraram como uma bomba na cabeça de Fernão, que mal conseguia manter-se em pé. O servo e o amigo correram para ampará-lo, evitando que desabasse no chão.

Leonardo não esperava provocar reação tão forte. O dono da casa foi levado para o leito e chamaram um médico. Leonardo abanava o amigo, que parecia sufocar, com os olhos muito abertos.

-Vamos, acalme-se! Não vale a pena tanta aflição por criaturas que não merecem.

O doutor chegou, examinou-o e lhe receitou um remédio tranquilizante, já que seu problema era a agitação excessiva.

- Dom Fernão, já lhe recomendei que evitasse emoções fortes; seus nervos e seu coração não aguentam. Agora deve manter-se em repouso; o remédio o acalmará e o fará dormir.

Após a saída do médico, que antes de se despedir passou algumas instruções à serva que cuidaria do paciente, Leonardo falou:

- Meu amigo, preciso retirar-me, pois deve descansar. Fazendo um sinal com a cabeça, Fernão indicou-lhe que ficasse e se sentasse perto do leito.

- Como soube de tais notícias? Serão verdadeiras? Pelo que me disseram, o filho caçula, Carlos, morreu de febre há muitos anos na casa de um amigo onde era escravo.

Preocupado com seu estado emocional, o amigo respondeu de modo vago:

- Talvez haja engano, porque somente ouvi conversas ali e acolá; como queria trazer-lhe notícias, acho que acabei entendendo erroneamente.

Quando se levantou para sair, o vingativo homem segurou-lhe o braço.

- Preciso que me traga informações sérias, nas quais eu possa confiar. Se for verdade o que me contou, terei de voltar a Medina do Campo e terminar o que comecei. Não deveria ter deixado vivos nem o filho nem a esposa daquele infeliz. Vou reunir alguns homens e montar uma nova emboscada para o filho e os netos que tiver. Acabarei até com meu sobrinho Francisco.

Leonardo afastou-lhe a mão, aconselhando:

- Não deve ficar inquieto assim, pense em sua saúde. Pode haver muito engano nessas informações, porque as pessoas falam demais. Esqueça esse assunto e viva sua vida. A morte dos filhos mais velhos e o rapto do garoto constituíram um castigo merecido e duro; acho que ele já expiou suas culpas. Agora, passados tantos anos, convém pensar em você e não mais no conde dom Felipe, que deve viver com suas amarguras. E esqueça os demais, que decerto são inocentes.

Fernão arregalou os olhos ao objetar:

- Os meus também eram inocentes e eles não tiveram complacência. Por mais que o castigue, o conde não chegará a reparar o que me deve. Ele tem de pagar por toda a tropa que invadiu minhas terras. Quero que sinta eternamente meu ódio pairando sobre sua cabeça.

- Esqueça, tente perdoar - o amigo insistiu. - Já teve sua vingança, é hora de seu coração sossegar. O ódio não é bom companheiro, fere nosso coração como espinho.

Sem dar resposta, ele fechou os olhos e dormiu, sob o efeito do remédio que tomara.

Quando amanheceu, o sol quente e o céu muito azul indicavam que seria mais um dia sem chuvas. Logo cedo a serva Fátima levou algum alimento para o amo, que parecia mais calmo.

Depois de um curto período de sono, por efeito do medicamento, passara o resto da noite articulando um novo plano para destruir a família do inimigo. O homem a quem mais odiava não poderia deixar nenhuma descendência nem ter uma vida feliz e tranquila. Já que ele próprio não teria condições de voltar a Medina do Campo, conhecia gente eficiente que se encarregaria de fazer o que era preciso, caso o que ouvira se confirmasse.

Quando tentou erguer-se da cama, as tonturas o impediram. Mandou chamar o chefe da guarda, determinando que fosse imediatamente até Medina, com mais dois homens, à cata de informações. Dependendo do resultado da investigação, sua mente doentia já articulava um plano perfeito. Não sobraria nada para dom Felipe. Estava disposto a arrasar as terras, os animais, as pessoas e as plantações do conde. Nada ficaria em pé.

O pequeno grupo partiu duas horas depois da conversa. Fernão sentiu-se aliviado; só restava aguardar seu regresso para colocar o plano em ação. Sua vingança ficaria conhecida em toda a península. À medida que transcorriam os dias, via-se que o abalo nervoso não o deixara ileso. Sentia fortes tonturas ao levantar-se, a cabeça pesava e doía permanentemente. O doutor foi chamado outra vez. Foram receitados novos remédios e passadas outras recomendações, que ele não levava a sério. Só tinha um objetivo: consumir sua vingança até o final.

Certa manhã, estranhando o avançado da hora sem que seu senhor deixasse o leito, Fátima foi até seus aposentos para verificar o que estava acontecendo. Dom Fernão parecia dormir profundamente; não acordava mesmo ao ser chamado pela serva, que apavorada tornou a chamá-lo médico. Durante a noite o homem sofrera um derrame cerebral, perdendo os movimentos do lado direito do corpo. Não conseguia mais falar e perdera parte da visão. Apenas

escutava, sem poder responder, mais parecia um vegetal. Precisaria ser alimentado e inteiramente cuidado pelos servos.

Ao retornarem o chefe da guarda e os dois soldados, Fernão ouviu a confirmação, com detalhes, das notícias que o amigo Leonardo lhe dera. O conde Felipe superara em parte a dor que lhe impusera, enquanto ele, preso a uma cama, já não era capaz de coordenar a própria vida nem de pôr em prática sua vingança. Não tinha mais como dar ordens para a execução de seus planos, não obstante estar totalmente lúcido. Restava-lhe amargar muitos anos numa cama, no mais absoluto silêncio.

Era cuidado e alimentado pela piedade de alguns servos, que não tiveram coragem de abandoná-lo. Às vezes via-se uma lágrima molhar a face daquele homem. Quem visse, sem saber o que lhe ia na alma, talvez acreditasse ser de arrependimento.

Era impossível, para ele, dobrar o orgulho ferido, mesmo diante dos sofrimentos da vida. Expiava suas faltas, a misericórdia de Deus dava-lhe um tempo para reflexão e arrependimento, porém seu coração mergulhava mais e mais no ódio que nutria por aqueles que julgava seus inimigos.

O ódio daquele que se considerava ultrajado seria carregado durante séculos, movendo-o a uma perseguição terrível e cruel. Sob o domínio dos sentimentos inferiores que o cegavam, perderia oportunidades benditas de reconciliação com seus inimigos e, como consequência, angariaria muito sofrimento.

Quanto ao conde, não sofreria passivamente os repetidos ataques de seu inimigo. Muitas vezes se debateriam em lutas sangrentas, destruindo as vestes físicas. Entretanto, o espírito não se destrói, é eterno. Essa sucessão de violências acarretaria a ambos muitas dívidas e expiações.

Hoje, como espíritos encarnados, trabalham pela reconciliação e pelo perdão dentro de um núcleo da seara espírita. Como humildes trabalhadores de Jesus, tentam reconstruir e seguir pela vida rumo

ao Pai celeste. Aprenderam à custa de muito sofrimento que o único caminho para a paz interior é o perdão.

Constância, depois de carregar uma vida de remorso, no leito de morte confessou a dom Felipe que Raquel era sua filha legítima, a qual, pelo ódio a dom Fernão, relegara a uma vida miserável. O conde chorou muito diante das revelações e em seu coração cresceu ainda mais o ódio pelo algoz de sua família. Sentiu pena da esposa por sua grande infelicidade.

A boa jovem aguardava a condessa no seu desenlace do corpo físico, para recebê-la com carinho e amor de filha e com o perdão de que tanto precisava.

Raquel voltou a reencarnar junto do homem que ocasionara a sua queda. Seu coração bondoso e meigo se empenhou fielmente em diluir o ódio que dom Fernão sentia por dom Felipe. Foram necessários muitos séculos de coragem e resignação, com testemunhos de abnegação incansável, para que ela se afeiçoasse ao inimigo e o colocasse na senda do bem e da verdade. Jacó e irmã Vitória, espíritos amigos de Raquel há longo tempo, sempre a ampararam e muitas vezes voltaram ao cenário da vida na terra para auxiliá-la na árdua tarefa de resgate de todos os envolvidos nessa história de lutas e desatinos.

Augusto, espírito esclarecido, cumpriu suas tarefas evolutivas. Adiantou-se e assumiu novas missões na senda do Senhor, sempre caminhando no bem e na verdade.

Alejandra, espírito bélico, sofreu alguns desajustes. Contudo, depois de algumas encarnações proveitosas, agora está alistado nas fileiras de Jesus, tentando dominar sua tendência guerreira e transformá-la para o bem do próximo.

Somos criados para evoluir, crescer, caminhar para sermos perfeitos como nosso Pai, conforme ensinou Jesus. Que o façamos agradecendo sempre a misericórdia de Deus e de nosso irmão maior e Mestre, que desceu dos planos superiores para nos ensinar o caminho do bem e da verdade.

"Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim..." <sup>1</sup>

## **GRUPO ESPÍRITA CASA DO CAMINHO**

O GRUPO ESPÍRITA CASA DO CAMINHO é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 11 de abril de 1972. Tem por finalidade dedicar-se ao estudo e à prática da Doutrina Espírita, divulgando-a no seu tríplice aspecto - científico, filosófico e religioso -, com base nas obras codificadas por Allan Kardec. Procura contribuir para a vivência do Evangelho de Jesus Cristo pelos homens, de maneira voluntária, consciente e permanente. Para tanto, desenvolve intensivo e abrangente trabalho, que inclui escola para adultos, jovens e crianças, assistência espiritual e coral, entre outras atividades.

Venha Participar com a gente.

Grupo Espirita Casa do Caminho

Rua Francisco Bueno, 204 - Tatuapé

São Paulo SP 03077-020

---

<sup>1</sup> João, capítulo 14, versículo 6.



Este e-book representa uma contribuição para aqueles que necessitam de obras digitais, como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos.

É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.